

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2013 - 2014



2014

## Agricultura Familiar em **Santa Catarina**

Ano Internacional da Agricultura Familiar



Governo do Estado de Santa Catarina  
Secretaria do Estado da Agricultura e da Pesca  
Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina





**Governador do Estado**  
João Raimundo Colombo

**Vice-Governador do Estado**  
Eduardo Pinho Moreira

**Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca**  
Airton Spies

**Presidente da Epagri**  
Luiz Ademir Hessmann

**Diretores**

Ditmar Alfonso Zimath  
Extensão Rural

Luiz Antonio Palladini  
Ciência, Tecnologia e Inovação

Neiva Dalla Vecchia  
Desenvolvimento Institucional

Paulo Roberto Lisboa Arruda  
Administração e Finanças



***Síntese Anual da Agricultura de  
Santa Catarina  
2013-2014***

***Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri***



## Estado de Santa Catarina

Governador do Estado - João Raimundo Colombo

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca - Airton Spies

Presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri - Luiz Ademir Hessmann

Diretores da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri

Extensão Rural - Ditmar Alfonso Zimath

Ciência, Tecnologia e Inovação - Luiz Antônio Palladini

Administração e Finanças - Paulo Roberto Lisboa

Desenvolvimento Institucional - Neiva Dalla Vecchia

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa - Ilmar Borchardt

### Coordenação

Luiz Marcelino Vieira

### Elaboração

Alvaro Afonso Simon

Alex Alves dos Santos

Angelo Mendes Massignam

Cristina Pandolfo

Daniel Rogério Schmitt

Evandro Uberdan Anater

Fabiano Müller Silva

Fernando Soares Silveira

Francisco Carlos Heiden

Glaucia Padrão

Gilnei Bruno Fachin

Hugo José Braga

Irceu Agostini

Jorge de Matos Casaca

José Graziano da Silva

Luiz Marcelino Vieira

Luiz Toresan

Márcia J. Freitas da Cunha Varaschin

Marco Antônio Lucini

Reney Dorow

Tabajara Marcondes

Vinícius Caliarí

Wilian da Silva Ricce

### Colaboração

Cléverson Buratto

Édila Gonçalves Botelho

Eugênio Moretti Garcia

Getúlio Tadeo Tonet

Gilberto Luiz Curti

Saturnino Claudino dos Santos

Valdir Cembranel

### Editoração

Sidaura Lessa Graciosa

### Revisão de texto

Laertes Rebelo

### Revisão técnica

Tabajara Marcondes

Tiragem: 1.000 exemplares

Impressão: Alternativa Gráfica Ltda

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina. v.1 1976 -  
Florianópolis: Epagri/Cepa, 1976-  
Anual

Título anterior: Síntese Informativa sobre a Agricultura  
Catarinense, 1976-1981.

Publicada em 2 volumes de 1984 a 1991.

Publicação interrompida em 1992.

Editada pela Epagri-Cepa (2005 - )

1. Agropecuária - Brasil SC - Periódico. I. Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina, Florianópolis, SC. II. Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina/Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa, Florianópolis, SC.

ISSN 1677-5953

Epagri/Cepa - Rod. Admar Gonzaga, 1.486 - Itacorubi - 88034-000 - Florianópolis - SC  
Tel. (48) 3665.5078 - <http://cepa.epagri.sc.gov.br>



## Apresentação

*Essa é a trigésima quinta edição da Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina. A primeira foi publicada em 1976 com o nome de Síntese Informativa da Agricultura Catarinense, que perdurou até a edição de 1980/81. Na edição de 1981 foi adotada a denominação atual e, entre 1984 e 1991, foi publicada em dois volumes.*

*De 1976 para cá, portanto, a sociedade sempre teve a sua disposição um conjunto de dados e informações que contextualizam a situação socioeconômica da agricultura catarinense, com foco nos aspectos relacionados à produção e ao mercado das suas principais cadeias produtivas. Mesmo sendo um documento caracteristicamente conjuntural, a simples comparação entre as edições mais recentes e as de anos mais longínquos permite conhecer muito das mudanças estruturais na agricultura estadual nesses 38 anos.*

*Entre as principais mudanças estruturais podem ser citadas a intensificação das relações de mercado e o maior controle dos segmentos à jusante e à montante sobre a produção/comercialização dos produtos da agricultura; a evolução das tecnologias de produção; a concentração da produção e a redução do número de produtores de várias cadeias produtivas; a “internacionalização” de várias cadeias produtivas; a redução da população rural e do número de pessoas ocupadas na agricultura; a redução do número de sucessores hereditários em boa parte dos estabelecimentos agropecuários; a mudança na forma de ocupação das terras agrícolas, com redução da área de lavouras temporárias e pastagens e aumento de áreas florestadas/reflorestadas; o aumento da especialização produtiva; a diversificação das formas de organização entre outros pontos.*

*Nesse período houve também muitas mudanças no aparato público e na forma de apoio ao desenvolvimento rural catarinense. A fusão de várias organizações para a formação da Epagri é uma delas. Vinculada à Secretaria da Agricultura e da Pesca, a Empresa trabalha de maneira articulada com a Cidasc e outras organizações públicas e privadas estaduais e federais. Tendo, ainda, como grandes parceiros as famílias do meio rural catarinense, a Epagri tem como missão gerar “Conhecimento, tecnologia e extensão para o desenvolvimento sustentável do meio rural, em benefício da sociedade”.*

*Nesse sentido temos a satisfação de publicar a Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2013-2014. Como 2014 foi definido pelas Nações Unidas como o Ano Internacional da Agricultura Familiar, a capa da publicação se inspira e procura homenagear a agricultura familiar de Santa Catarina. Aproveitamos também para agradecer a todas as pessoas e entidades que colaboraram para a sua realização e informar que, além da versão impressa, a publicação está disponível em arquivo eletrônico no site <http://cepa.epagri.sc.gov.br>.*

Luiz Ademir Hessmann  
Presidente da Epagri

## Convenções

= números entre parênteses em tabela, tão somente, não em texto, significam números negativos.

... o dado é desconhecido, podendo o fenômeno existir ou não existir.

– o fenômeno não existe.

0; 0,0; 0,00: o dado existe, mas seu valor é inferior à metade da unidade adotada na tabela.

**Nota:** As diferenças porventura apresentadas entre soma de parcelas e totais são provenientes de arredondamento de dados.

## Sumário

### Parte I

Resenha da Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2013-2014 .....	7
A Atualidade da Agricultura Familiar.....	11
Políticas Públicas para o Meio Rural Catarinense .....	13
Crédito Rural: Plano Agrícola e Pecuário (PAP) e Plano Safra da Agricultura Familiar.....	21

### Desempenho da produção vegetal

Alho .....	25
Arroz.....	31
Banana.....	37
Cebola .....	46
Feijão .....	52
Fumo .....	60
Maçã.....	67
Mandioca .....	73
Milho .....	79
Soja .....	87
Tomate .....	95
Trigo .....	100
Uva e vinho.....	108

### Desempenho da produção animal

Carne bovina .....	113
Carne de frango.....	123
Carne suína.....	131
Leite.....	141

<b>Desempenho da aquicultura catarinense</b>	
Piscicultura de água doce.....	153
Maricultura.....	156
<b>Desempenho do setor florestal.....</b>	<b>157</b>
<b>Análise climática do Estado de Santa Catarina no período de janeiro de 2013 a junho de 2014 .....</b>	<b>174</b>
<b>Parte II</b>	
Divisão territorial e população de Santa Catarina.....	179
Informações econômicas da agropecuária.....	188
Preços agrícolas.....	194

# Resenha da Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2013-2014

Tabajara Marcondes  
Eng. Agr. Epagri/Cepa  
tabajara@epagri.sc.gov.br

Descrever em forma de resenha a Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina não é tarefa simples. Além da diversidade de produtos analisados e das múltiplas variáveis que influenciam o comportamento produtivo e mercadológico de cada um deles, o documento contempla aspectos mais gerais do que os das cadeias produtivas. Na presente edição, em particular, é reproduzido artigo do Diretor Geral da FAO, José Graziano da Silva, uma vez que 2014 foi declarado pela ONU como o “Ano Internacional da Agricultura Familiar”.

Nessa resenha, portanto, apenas serão destacados aspectos referentes aos grandes itens/produtos analisados (“Desempenho da produção vegetal”, “Desempenho da produção animal”, “Desempenho da aquicultura catarinense”, “Desempenho do setor florestal”, “Políticas públicas dirigidas ao meio rural catarinense”, “A atualidade da agricultura familiar”). Para isso, circunstancialmente, serão levadas em conta informações registradas em edições anteriores da própria Síntese e/ou outras fontes.

Com relação aos produtos contemplados no “**Desempenho da produção vegetal**”, uma primeira constatação é a de que houve redução no total da área estadual plantada com feijão, milho grão e soja, com variações importantes entre eles. Entre 2000 e 2012, a área plantada com esses grãos diminuiu de 1,25 milhão para 1,06 milhão de hectares: a de feijão caiu de 215 mil para 85 mil hectares, a de milho grão de 826 mil para 525 mil hectares e a de soja foi ampliada de 212 mil para 452 mil hectares. Parte dessas áreas, particularmente a de milho, foi destinada ao plantio de soja, parte passou a ser usada para o plantio de milho silagem e parte simplesmente deixou de ser utilizada para a produção de grãos. Houve variações importantes também entre as mesorregiões geográficas do Estado. Neste caso, o que mais chama a atenção é que, paralelamente ao decréscimo de área das demais mesorregiões, houve expansão da área total de plantio nas mesorregiões Norte e Serrana, o que se explica exclusivamente pela expansão do plantio da área de soja, já que as áreas de milho e feijão também decresceram nessas regiões (Tabela 1).

No caso do milho grão, mesmo com todo o crescimento da produtividade, a redução de área contribuiu para o aumento do déficit estadual, já que o consumo continuou aumentando por conta da expansão produtiva da pecuária, especialmente da avicultura, suinocultura e bovinocultura de leite, atividades grandes consumidoras.

Em relação aos demais produtos analisados no “**Desempenho da produção vegetal**”, destaca-se o seguinte: **Alho** - a safra catarinense 2014/15 mostra um cenário muito bom em preços e excelente previsões de produção. **Arroz** - a se confirmar o comportamento histórico, deveremos ter preços internos em queda por um bom período. **Banana** - em 2012 e 2013 as exportações catarinenses tiveram desempenho bem pior que o de anos anteriores. **Cebola** - a safra catarinense 2013/14 mostrou excelente resultado quanto à produção e à qualidade. **Fumo** - Brasil é o maior exportador e representa 22% do comércio mundial de fumo em folha. **Maçã** - continua a erradicação de pomares em alguns municípios de Santa Catarina. **Mandioca** - em 2013, os preços da raiz e derivados atin-



giram as maiores valorizações dos últimos anos. **Tomate** - ótimo desempenho econômico da safra 2012/13 explica o sensível aumento da área de plantio da safra catarinense 2013/14. **Trigo** - a safra catarinense de 2014 tem a maior área de plantio dos últimos cinco anos. **Uva e vinho** - a área plantada com videiras em Santa Catarina é decrescente, mas algumas regiões implantam novos vinhedos.

**Tabela 1/I. Participação das mesorregiões na área de feijão, milho e soja - Santa Catarina - 2000 e 2012**

Mesorregião/lavoura	2000				2012			
	Feijão	Milho (grão)	Soja	Total	Feijão	Milho (grão)	Soja	Total
<b>Área plantada (mil hectares)</b>								
Oeste Catarinense	112,2	557,1	131,3	800,6	28,4	294,3	258,0	580,6
Norte Catarinense	19,2	80,1	49,2	148,5	10,6	75,1	96,0	181,7
Serrana	52,9	93,6	31,9	178,5	32,4	80,8	96,4	209,6
Vale do Itajaí	7,7	54,0	0,0	61,7	4,4	39,0	2,0	45,3
Grande Florianópolis	4,1	11,5	0,0	15,6	1,5	9,3	0,0	10,9
Sul Catarinense	19,0	29,6	0,0	48,6	8,1	26,8	0,0	34,8
<b>Santa Catarina</b>	<b>215,1</b>	<b>826,0</b>	<b>212,4</b>	<b>1.253,5</b>	<b>85,3</b>	<b>525,3</b>	<b>452,3</b>	<b>1.062,9</b>
<b>Participação % da região na área plantada no Estado</b>								
Oeste Catarinense	52,2	67,4	61,8	63,9	33,2	56,0	57,0	54,6
Norte Catarinense	8,9	9,7	23,2	11,8	12,4	14,3	21,2	17,1
Serrana	24,6	11,3	15,0	14,2	38,0	15,4	21,3	19,7
Vale do Itajaí	3,6	6,5	0,0	4,9	5,1	7,4	0,4	4,3
Grande Florianópolis	1,9	1,4	0,0	1,2	1,8	1,8	0,0	1,0
Sul Catarinense	8,8	3,6	0,0	3,9	9,4	5,1	0,0	3,3
<b>Santa Catarina</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal.

No que diz respeito ao “**Desempenho da produção animal**”, nos casos das produções de **carne bovina e leite** houve expansões de produção. Entre 2000 e 2012, o rebanho bovino passou de 3,05 milhões para 4,07 milhões de cabeças (aumento de 33%) e a produção catarinense de leite de vaca cresceu de 1,003 bilhão para 2,717 bilhões de litros (aumento de 171%). Nos dois casos, dada a significativa redução na área de pastagens do Estado, muito do crescimento é explicado pela melhoria nos indicadores de produtividade (cabeça/hectare; litros/vaca/ano ou em litros de leite/hectare/ano), o que decorre da melhoria dos pastos e sistemas de produção. De qualquer maneira, dado ao aumento populacional, Santa Catarina continua fortemente dependente da entrada de carne bovina de outros estados e países para o atendimento do consumo local. Por outro lado, o Estado aumentou ainda mais seus excedentes de produção de leite, destinados, sobretudo, ao mercado de outros estados. No caso da **carne de frango**, a Síntese destaca que duas microrregiões catarinenses (Chapecó e Joaçaba) estão entre as oito que concentram a produção brasileira de frango de corte e que Santa Catarina participou com quase 38% da receita das exportações de 2013. Na **carne suína**, fica claro que, mesmo sem repetir o crescimento de produção observado em outros estados importantes produtores, Santa Catarina permanece como principal produtor brasileiro. Em 2013 o Estado respondeu por quase 25% da produção e por 33% das exportações brasileiras.

Com relação ao **“Desempenho da aquicultura catarinense”**, na **piscicultura de água-doce** destacam-se o constante crescimento da produção estadual e a classificação pelo Ministério da Pesca e Aquicultura do estado catarinense como um dos principais produtores de peixes de água-doce do Brasil. Na **Maricultura**, embora em 2013 tenha havido redução da produção total de moluscos (que decorreu exclusivamente da queda da produção de mexilhões, já que as produções de ostras e vieiras aumentaram) existe uma crescente demanda por moluscos no mercado interno, o que sinaliza boas perspectivas para o setor.

A análise do **“Desempenho do setor florestal”**, além de detalhar a situação internacional e nacional, no caso de Santa Catarina informa que: as exportações de produtos florestais mostram sinais de recuperação; 80% das florestas comerciais do Estado ainda são de pinus, mas está havendo expansão da área de eucalipto; intensificou-se a substituição da utilização de madeira e lenha das florestas nativas pelo uso pela de florestas plantadas; a indústria de móveis de madeira se aproveita do crescimento do mercado brasileiro e vem se recuperando da forte queda vivenciada em 2008 e 2009; o valor exportado pela indústria catarinense de base florestal cresceu de 2012 para 2013 e deve crescer ainda mais de 2013 para 2014.

Mesmo que de forma superficial, essa pequena resenha descritiva dos grandes itens/produtos analisados na Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2013-2014 indica que, fora algumas adversidades climáticas, a agricultura catarinense tem passado por um período relativamente favorável. Esse bom desempenho não pode ser atribuído ao acaso.

Primeiramente destaca-se que, mesmo com crise econômica internacional de respeitável monta e alguns momentos críticos para a exportação de um ou outro produto ou para um ou outro país, o fato é que o mercado internacional está em expansão e as exportações do agronegócio brasileiro e catarinense têm sido crescentes (ver os dados na Parte II dessa Síntese).

O mais importante para a maioria das cadeias produtivas catarinenses, entretanto, é o que tem ocorrido em âmbito nacional. A conjugação de ativas políticas econômicas e sociais do Estado brasileiro com ações do setor privado tem dado resultados (crescimento da renda domiciliar per capita, crescimento do nível de emprego, elevação do valor real do salário-mínimo, ampliação e a democratização do crédito, crescimento da massa salarial, melhor distribuição da renda, redução da pobreza, entre outros) que ampliaram significativamente o mercado interno e as condições de crescimento para a agricultura catarinense nos últimos anos.

Também de âmbito interno, o crescimento da agricultura estadual tem sido favorecido pelas **“Políticas públicas dirigidas ao meio rural catarinense”**, algumas descritas num item específico dessa Síntese, onde é possível conhecer as principais ações setoriais dos governos federal e estadual. Além do Plano Agrícola e Pecuário (PAP) e do Plano Safra da Agricultura Familiar (ver o item “Crédito Rural”, que mostra o crescimento dos valores financiados através desses dois planos), várias outras políticas têm contribuído para a geração e garantia de renda para a agricultura. Entre elas, vale destacar: o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Seguro da Agricultura Familiar (SEAF). No caso das políticas implementadas via Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca de SC, juntamente com programas já tradicionais (como o que disponibiliza calcário e o que incentiva a aquisição de sementes de milho), existem outras ações que também estimulam o crescimento da agricultura estadual, entre as quais o Programa Juro Zero e o Programa SC Rural.

Finalmente destaca-se o artigo do Diretor Geral da FAO, José Graziano da Silva, “**A atualidade da agricultura familiar**”, que praticamente “abre” a Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2013-2014, evidenciando a emergência de uma época em que a segurança alimentar e a sustentabilidade devem se encontrar, sendo a agricultura familiar um protagonista estratégico desse encontro no Ano Internacional da Agricultura Familiar.

# A Atualidade da Agricultura Familiar<sup>1</sup>

José Graziano da Silva  
Diretor-geral da Organização das Nações Unidas  
para Alimentação e Agricultura (FAO)

A emergência de uma época quase sempre rejeita as respostas da rotina.

Na década de 1960, a fome ameaçava o sul da Ásia.

Variedades de alto rendimento de trigo e arroz, desenvolvidas sob a liderança de Norman Borlaug, contribuíram para formular uma nova resposta, a chamada Revolução Verde, que ajudou a salvar a vida de centenas de milhões de pessoas.

Essas novas variedades impulsionaram a produção de alimentos com o uso intensivo de insumos agrícolas e recursos naturais. Em que pese seu impacto na biodiversidade e no meio ambiente, as novas ferramentas foram importantes para enfrentar a crise alimentar de meio século atrás.

Hoje, a natureza da encruzilhada contra a fome é diferente.

Uma população com renda em ascensão e a transição para dietas mais ricas em proteína animal demandam novo salto na produção de alimentos. Ao mesmo tempo, a mudança climática e a pressão sobre os recursos que formam as bases da vida na terra, evidenciam os limites da lógica intensiva em uso de insumos.

Segurança alimentar e sustentabilidade não podem mais trilhar caminhos opostos. E não há nada mais próximo de um matrimônio nesse horizonte do que o potencial, ainda não plenamente acionado em escala mundial, da agricultura familiar.

Agricultores familiares – e esse grupo inclui produtores de pequeno e médio porte, camponeses, povos indígenas, comunidades tradicionais, pescadores artesanais e muitos outros – detêm boa parte da experiência mundial em sustentabilidade, transmitida de geração em geração e aperfeiçoada a ponto de, muitas vezes, conseguir manter a produção mesmo em terras marginais.

Foi com base nesse divisor estratégico que as Nações Unidas declararam 2014 o Ano Internacional da Agricultura Familiar.

Trata-se de resgatar o duplo potencial que ela encerra de erradicação da fome e conservação dos recursos naturais – elementos centrais do futuro sustentável que se impôs à agenda do século XXI.

Não estamos falando de um nicho exótico, mas de um patrimônio de práticas sustentáveis incorporadas à rotina de mais de 500 milhões de pequenas propriedades no mundo. Em 93 países, segundo levantamento feito pela FAO, esse universo representa, em média, mais de 80% das propriedades agrícolas.

A preservação dos recursos naturais está enraizada na lógica da agricultura familiar. Salvaguardar a biodiversidade, contribuir para a adoção de dietas mais saudáveis e equilibradas e preservar cultivos tradicionais descartados pela grande escala, constituem no seu caso não propriamente um recurso de marketing, mas um acervo de sobrevivência secular.

<sup>(1)</sup> Artigo originalmente publicado no jornal Valor Econômico em 16/12/2013.

Os agricultores familiares desempenham um papel crucial nos circuitos locais de produção e comercialização, sendo indispensáveis à diversificação das economias regionais.

Em muitos países em desenvolvimento e desenvolvidos, a agricultura familiar costuma ser o principal provedor da dieta popular. No Brasil, por exemplo, ela produz 87% da mandioca, 70% do feijão, cerca de 60% de leite e 50% da carne de porco utilizando apenas 24,3% das terras agrícolas.

Essa riqueza está marmorizada de paradoxos que desenham a agenda política do seu pleno aproveitamento em nosso tempo: cerca de 70% da miséria e da insegurança alimentar no século XXI concentram-se justamente na área rural dos países em desenvolvimento; a maioria dos produtores de subsistência não possui mais do que a própria força muscular para extrair os frutos da terra; seu acesso a recursos terrestres e hídricos é cada vez mais limitado e frequentemente circunscrito a áreas degradadas.

Esse conjunto torna particularmente vulneráveis aqueles que, estruturalmente, não têm condições de mitigar choques externos, não só de preços, mas também decorrentes da nova regularidade dos eventos climáticos extremos.

Estamos diante de uma escolha. Equacionar esses desafios ou ignorar o potencial de uma singular alavanca produtiva espalhada por todo o planeta?

A partir dos anos 70 prevaleceu a segunda hipótese. A agricultura familiar passou a ser encarada como sinônimo de fome e miséria, sendo incluída apenas no alvo das políticas sociais mitigatórias. Ela passou a ser vista, por muitos, como parte do problema da fome e sua participação na produção de alimentos e geração de postos de trabalho foi ignorada.

A crise mundial de 2007/2008, com a explosão dos preços e dos circuitos de oferta, evidenciou o erro de se terceirizar aos mercados globais o abastecimento das nações e a segurança alimentar da sociedade.

Tornou-se crescente, desde então, a percepção de que a agricultura familiar, antes de ser um problema, constitui um pedaço da solução para desenvolvimento justo e sustentável de nosso tempo.

Há requisitos de políticas públicas para que isso se materialize.

As linhas de passagem se assemelham em quase todo o mundo: um fomento que leve em conta os conhecimentos próprios do produtor; insumos de qualidade correspondentes; atenção às mulheres e aos agricultores jovens; fortalecimento das organizações cooperativas; e acesso à terra, à água e ao crédito fazem parte das políticas que ajudarão essas famílias a alcançar seu potencial.

Fazer de 2014 o Ano Internacional da Agricultura Familiar não significa, portanto, dar um colorido burocrático ao calendário. O que se elegeu foi um protagonista.

Aos olhos do mundo, cada vez mais, crescer, incluir e preservar a natureza deixam de ser metas opcionais para se transformar em uma convergência imperativa de interesse de toda a humanidade.

A agricultura familiar se oferece como um ativo estratégico dessa travessia.



# Políticas Públicas para o Meio Rural Catarinense

Alvaro Afonso Simon  
Eng.-Agr. - Epagri/Cepa  
simon@epagri.sc.gov.br

Para a safra 2014/2015 foram ampliadas, em número e quantidade de recursos, as ações dos governos federal e estadual que formam o conjunto de algumas Políticas Públicas que contribuem para o desenvolvimento rural sustentável de Santa Catarina. Além dos programas da Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca de Santa Catarina (SAR), essa Síntese apresenta resumidamente o Plano Agrícola e Pecuário (PAP), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa); o Plano Safra da Agricultura Familiar, do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA); o Plano Safra da Pesca, do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), que está sendo executado e, portanto, continua com os mesmos valores da safra anterior.

## 1. Ações do Governo Federal

### 1.1 Plano Agrícola e Pecuário (PAP) - Mapa

O PAP 2014/2015 foi anunciado em junho de 2014 com R\$156,1 bilhões de reais, valor 14,7% maior que o do PAP 2013/14. São R\$112 bilhões para custeio e comercialização e R\$ 44,1 bilhões para investimento. Os principais eixos desse PAP, que vai de 01//07/2014 a 30/06/2015, baseiam-se no apoio estratégico aos médios produtores, à inovação tecnológica, ao fortalecimento do setor de florestas comerciais e à pecuária de corte, além de ajustes no seguro rural.

Algumas novidades observadas nesse PAP são:

Aumento da taxa de juros de custeio de 5,5% para 6,5% para o agricultor.

Aumento de 26,5% dos recursos destinados ao Programa de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp), que disponibilizará R\$ 16,7 bilhões para as modalidades de custeio, comercialização e investimento.

Aumento dos limites de empréstimo para custeio e investimento, que passaram, respectivamente, de R\$ 600 mil para R\$ 660 mil e de R\$ 350 mil para R\$ 400 mil.

Instituição da Política Nacional de Florestas Plantadas no âmbito do Mapa, com investimentos em pesquisa, ações de assistência técnica e extensão rural, além de crédito específico.

Financiamento da aquisição de animais para engorda em regime de confinamento, com o intuito de aumentar a oferta de carne - retenção de matrizes (com até três anos para pagamento) e a aquisição de matrizes e reprodutores (limite de R\$ 1 milhão por beneficiário com até cinco anos para pagamento e dois de carência).

Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR), com recursos mantidos em R\$ 700 milhões, no qual o governo atua por meio da redução de custos no momento da contratação da apólice. Neste ano serão feitos ajustes no zoneamento agroclimatológico para o programa tornar-se o mais aderente possível à realidade dos cultivos agrícolas.

Programa Inovagro, que busca incentivar a inovação tecnológica no campo, com aperfeiçoamento das condições de financiamento para avicultura, suinocultura, agricultura de precisão, hortigranjeiros e pecuária de leite. Estão programados R\$ 1,7 bilhão em recursos (alta de 70%), sendo R\$ 1 milhão por beneficiário com até dez anos para pagamento e três anos de carência.

Revitalização do Moderfrota, com redução da taxa de juro de 5,5% para 4,5% e volta do financiamento da aquisição de máquinas agrícolas novas. Além disso, o Moderinfra teve aumento dos limites de crédito individuais de R\$ 1,3 milhão para R\$ 2 milhões e coletivos de R\$ 4 milhões para R\$ 6 milhões, para projetos de infraestrutura elétrica e para a reservação de água, além dos sistemas de irrigação na(s) propriedade(s).

## Limites e taxas de juros

Ampliação de 10% do limite de financiamento por produtor: o de custeio foi ampliado de R\$ 1 milhão para R\$ 1,1 milhão e o de comercialização de R\$ 2 milhões para R\$ 2,2 milhões.

Para temporada 2014/15 estão programados R\$ 132,6 bilhões com juros inferiores aos praticados no mercado, um crescimento de 14,7% sobre os R\$ 115,6 bilhões disponibilizados na safra 2013/14. As taxas de juros mais baixas são as das seguintes modalidades: 4% para armazenagem, irrigação e inovação tecnológica (5% no crédito de armazenagem para cerealistas); 5% para práticas sustentáveis; 5,5% aos médios produtores; 4,5% a 6% para financiar a aquisição de máquinas e equipamentos agrícolas.

## 1.2 Plano Safra da Agricultura Familiar – MDA

O Plano Safra da Agricultura Familiar 2014/2015 disponibilizará R\$ 24,1 bilhões para as finalidades de custeio e investimento, um acréscimo de 14,7% em relação ao Plano 2013/2014. Esse é o maior volume de recursos desde o início do Plano Safra da Agricultura Familiar.

Na safra 2013/14, agricultores familiares de 98% dos municípios brasileiros acessaram as linhas de créditos do Pronaf. Em números absolutos são agricultores familiares de 5.462 dos 5.570 municípios brasileiros. Os dados analisados pelo MDA mostram que nas últimas três safras (2011/12 a 2013/14) agricultores de 98% dos municípios brasileiros acessaram as linhas do Pronaf. Nesse período, apenas 28 municípios de dez estados não tiveram registro de acesso aos créditos do programa; dois deles de Santa Catarina.

Além de disponibilizar cada vez mais recursos para o meio rural, desde o início dos anos de 2000 o Pronaf ampliou substancialmente o número de agricultores atendidos, o que está diretamente relacionado com a ampliação de recursos. Em muitos municípios, os recursos do Pronaf são maiores que o valor recebido pelo Fundo de Participação dos Municípios (FPM) e impulsionam a economia local.

Nos seus 12 anos de vigência também foram incorporados importantes avanços do Plano Safra como o Mais Alimentos, o Seguro da Agricultura Familiar (SEAF), o Programa de Garantia de Preços para a Agricultura Familiar (PGPAF), o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa de Alimentação Escolar (PNAE), regionalização de medidas, como o Plano Safra Semiárido, ao qual foram adicionadas medidas estruturantes de convivência com a seca.

A considerável ampliação da utilização dos recursos disponibilizados pelos Plano Agrícola e Pecuário (PAP) e Plano Safra da Agricultura Familiar pode ser vista após o final desse item sobre as Políticas Públicas para o Meio Rural Catarinense, no item relativo ao crédito rural.

### 1.3 Ministério da Pesca e Aquicultura – MPA

Em 2014, o MPA continuou executando o Plano Safra lançado em 2013, que disponibilizou mais de R\$ 4 bilhões para tornar o setor pesqueiro mais produtivo, competitivo, inclusivo e sustentável. A meta é produzir dois milhões de toneladas de pescado anuais até o final de 2014, beneficiando cerca de 330 mil famílias. Para isso, o MPA incentiva o aprimoramento das técnicas de cultivo e manuseio, a ampliação da assistência técnica, a modernização de equipamentos, os investimentos em pesquisa, além de garantir mais estrutura à cadeia produtiva. O Plano Safra da pesca e aquicultura é destinado a todos os envolvidos nos processos de pesca, exploração, cultivo, conservação, processamento, transporte, comercialização e pesquisa dos recursos pesqueiros. As linhas de crédito são oferecidas a pequenos, médios e grandes pescadores e aquicultores, com benefícios exclusivos para cada tipo de produtor: familiares, cooperativas, pescadoras, jovens, marisqueiras.

### 1.4 Descrição resumida das principais políticas públicas federais que se articulam com as instituições estaduais

Pnater - Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura familiar e Reforma Agrária e Pronater - Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária<sup>1</sup>

Segundo dados do Censo Agropecuário de 2006, a Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater) impacta positivamente o Valor Bruto da Produção (VBP) de todos os segmentos da agropecuária. Na agricultura familiar, quem conta com o serviço de Ater regularmente tem um VBP 3,6 vezes maior do que quem não recebe Ater.

Além de levar tecnologia, qualificação e conhecimento para agricultores familiares, a Ater permite o acesso a políticas públicas como o Pronaf, PAA, PNAE, entre outras. Segundo a Secretaria da Agricultura Familiar do MDA, atualmente 673 mil famílias estão sendo atendidas com Ater. O Plano Safra da Agricultura Familiar 2014/2015 apresenta maior comprometimento com a política de Ater e visa atender aproximadamente 900 mil famílias de agricultores e assentados da reforma agrária. Prevê também Ater para um crédito orientado nas regiões do Semiárido.

### Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Anater)

No lançamento do Plano Safra 2014/2015, foi assinado pela presidenta Dilma o Decreto nº 8.252, de 26 de maio de 2014, que regulamenta e institui a Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – Anater. A Anater é um serviço social, autônomo de direito privado, sem fins lucrativos e de interesse coletivo. A atuação será por contrato de gestão com o poder público. A Anater deve organizar as diretrizes de gestão do sistema em todos os estados brasileiros e o seu objetivo

<sup>(1)</sup> Detalhes sobre conceito e objetivos do serviço de Ater são encontrados na Lei 12.188 de 12 de janeiro de 2010 que instituiu a Pnater e o Pronater.

é garantir que um maior número de produtores rurais tenha acesso às tecnologias e pesquisas desenvolvidas para o setor agropecuário brasileiro, com prioridade para os agricultores familiares e médios produtores.

### **Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Pnapo)**

Instituída pelo decreto presidencial nº 7.794, de 20 agosto de 2012, a Pnapo objetiva integrar, articular e adequar políticas, programas e ações indutoras da transição agroecológica e da produção orgânica e de base agroecológica. Essa política redundou no Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo), que tem quatro eixos: produção; uso e conservação dos recursos naturais; conhecimento; e consumo e comercialização. O primeiro Planapo, baseado nas diretrizes estabelecidas no Decreto 7.794/2012, terá duração de três anos, vinculando suas iniciativas às ações orçamentárias já aprovadas no Plano Plurianual (PPA) 2012/2015.

### **Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN)**

A PNSAN, determinação legal da Lei Orgânica da Segurança Alimentar e Nutricional (Losan – Lei 11.346/06) apoia a distribuição de renda e riqueza e também busca fazer valer os direitos à terra, à água, aos serviços sociais e ao trabalho com remuneração justa. Nesse sentido implica planejar, coordenar, definir estratégias e monitorar em conjunto:

- a) ações estruturantes-empoderadoras – para formar cidadãos aptos a trabalhar as causas políticas, culturais, ambientais, sociais e econômicas do abastecimento agroalimentar;
- b) ações emergenciais – para atender grupos que carecem de imediato suprimento alimentar por parte do Estado. Essas ações não devem ser confundidas com práticas clientelistas que dariam continuidade à histórica dependência e subalternidade das populações pobres.

### **Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)**

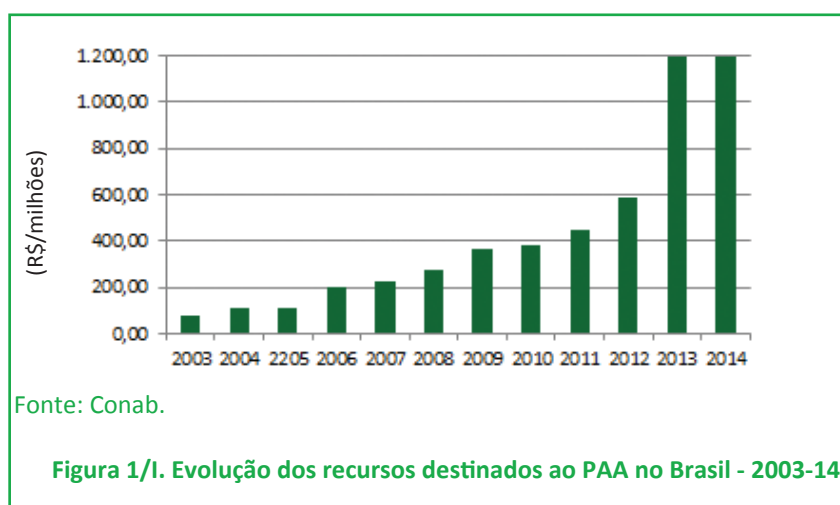
O PNAE, com quase meio século de existência, passou por sucessivas mudanças e um contínuo processo de aprimoramento. Adotando diferentes denominações, estruturas institucionais e modalidades de gestão, o Programa manteve uma continuidade pouco usual entre as políticas sociais do País.

Criado em 1979, com a constituição de 1988 o PNAE passou a ter o objetivo de oferecer alimentação saudável a todos os alunos de escolas públicas do Brasil. Com a Lei nº 11.947/2009 passou a ter, simultaneamente, o objetivo de estimular a agricultura familiar. Essa lei determina que no mínimo 30% dos recursos repassados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para alimentação escolar sejam utilizados para compra de produtos da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações. Prioriza os assentamentos de reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e comunidades quilombolas. No ano de 2012 o FNDE repassou R\$ 89,4 milhões para Santa Catarina, beneficiando 1,3 milhão de alunos. Os empreendimentos coletivos rurais e suas organizações podem participar do programa por meio de chamadas públicas.

## Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)

Criado em 2003, o PAA é uma ação do governo federal para colaborar com o enfrentamento da fome e da pobreza no Brasil e, ao mesmo tempo, fortalecer a agricultura familiar. Para isso, o programa utiliza mecanismos de comercialização que favorecem a aquisição direta de produtos de agricultores familiares ou de suas organizações. Em 2012, o repasse de recursos do FNDE para a compra direta beneficiou 1.411 agricultores familiares em Santa Catarina.

Até 2013, o governo federal já tinha investido um total de R\$ 5,3 bilhões para a compra de 4 milhões de toneladas de produtos da agricultura familiar. Em todo o País foram mais de 1,3 milhão de operações de compra de alimentos de 388 mil agricultores familiares. Para a safra 2014/15 o governo fixou o mesmo valor de 1,2 bilhão disponibilizado na safra anterior para o programa (Figura 1).



Os alimentos adquiridos pelo programa são destinados à formação de estoques estratégicos ou ao atendimento de pessoas em situação de vulnerabilidade econômica e social. O PAA propicia o fornecimento de alimentos a centros de convivência de idosos, comunidades terapêuticas, associações beneficentes, creches públicas, hospitais e restaurantes populares. Anualmente são atendidas mais de 23 mil entidades socioassistenciais. De 2003 a 2013, o PAA já beneficiou 3.915 municípios brasileiros.

O PAA também se caracteriza por incentivar a participação das mulheres agricultoras como fornecedoras do programa, em grupos ou individualmente. Atualmente, 37% dos fornecedores do PAA são mulheres. Da mesma forma, jovens têm sido incentivados a permanecer no meio rural em função das oportunidades geradas pelo programa.

Também faz parte da estratégia do programa promover compras de alimentos agroecológicos, orgânicos e da sociobiodiversidade. O objetivo é aumentar a participação desses produtos nas compras governamentais. A meta do MDA em relação aos orgânicos é chegar a pelo menos 5% do total adquirido.

O Brasil tem servido de referência para os países como gerador e articulador de esforços públicos na implementação das diversas políticas públicas para a redução da pobreza. Isso explica por que a experiência brasileira com o PAA está sendo adaptada em outros continentes. Na África, está pre-



sente em cinco países (Etiópia, Níger, Moçambique, Malauí e Senegal) e na América Latina e Caribe está sendo adaptado em 10 países (Antígua e Barbuda, Bolívia, Colômbia, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Paraguai e Peru).

## Programa de Garantia de Preços para a Agricultura Familiar (PGPAF)

O PGPAF assegura desconto no pagamento do financiamento às famílias agricultoras que acessam o Pronaf (custeio ou investimento) em caso de baixa de preços no mercado. O acesso ao PGPAF é automático. Na safra 2013/14, o governo federal ampliou a proteção de preço do PGPAF de determinadas culturas. A medida estimulou a produção da agricultura familiar, ampliando a oferta de alimentos com estabilidade de preços para o consumidor. Para 2014/15 o PGPAF foi estendido para a produção de sementes e mudas e para produção agroecológica, conforme segue:

- PGPAF mais Agroecologia: acréscimo no preço de garantia de 30% para produtos orgânicos ou agroecológicos;
- Agroecologia investimento: taxa de juros fixos em 1% a.a para qualquer valor financiado até R\$150 mil e bônus de adimplência de 15%;
- Agroecologia custeio: possibilidade de financiar o custeio de despesas para sistemas agroecológicos para o período de 1 ano, com a identificação de 3 culturas principais.

## Seguro da Agricultura Familiar (SEAF)

Dirigido exclusivamente aos agricultores familiares que contratam financiamentos de custeio agrícola no Pronaf, o SEAF foi instituído no âmbito do Proagro. Não se limita a cobrir todo o valor financiado e garante 65% da receita líquida esperada pelo empreendimento financiado.

## Formação e Pronatec Campo

Outra novidade do Plano Safra 2014/2015 foi o anúncio da articulação e da continuação de outras políticas públicas que passam a ser desenvolvidas no meio rural, como o Pronatec Campo, para a formação de técnicos de Ater, e o Pronatec Conviver, voltado para a capacitação de técnicos de Ater para convivência com o Semiárido e a Amazônia.

## Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais

Este programa nasceu em 2004, juntamente com a Secretaria de Desenvolvimento Territorial do MDA. Contempla investimentos em serviços e infraestrutura nos territórios e apoio às iniciativas da sociedade civil e dos poderes públicos para a redução das desigualdades regionais e sociais e a integração das dinâmicas territoriais ao processo de desenvolvimento nacional. Destaca-se até aqui o apoio na Região Sul do Brasil, com 4.133 contratos.

Em agosto de 2014, na sua 58ª reunião ordinária, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável (Condraf) aprovou a resolução nº100, que implementa o Plano Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PNDRSS), e debateu a proposta de criação da Política de Desenvolvimento Territorial para o Brasil. Em todo o País, são 239 territórios em 3.568 municípios que promovem o desenvolvimento econômico e a universalização de programas básicos de cidadania.

## Programa Territórios da Cidadania (PTC)

O PTC foi criado em 2008, envolve 22 ministérios e conta com a participação de gestores municipais, estaduais e da sociedade civil. Para a safra 2014/2015 o PTC irá desenvolver 60 ações totalizando R\$ 8,45 bilhões em recursos. Em Santa Catarina estão contemplados dois territórios: o Território Planalto Norte, composto por 14 municípios e população de 357.082 habitantes (23,6% no meio rural), e o Território Meio-Oeste Contestado, composto de 29 municípios e população de 271.996 habitantes (26,7% no meio rural). Para o Território Planalto Norte estão previstas 16 ações no valor de R\$ 24,8 milhões e, para o Território Meio-Oeste Contestado, 20 ações no valor de R\$ 27 milhões. O programa definiu e orçou mais 18 ações ainda não territorializadas que poderão ser desenvolvidas nos dois territórios num montante que ultrapassa dois bilhões de reais.

## Programa Nacional de Sementes e Mudanças para Agricultura Familiar

Objetiva ampliar o acesso às sementes e mudas de reconhecida qualidade, por meio do apoio a programas e ações destinados à produção, melhoramento, conservação, multiplicação e distribuição, fortalecendo sistemas agroalimentares de base agroecológica.

## 2. Ações do Governo de Santa Catarina

### 2.1 Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca de SC - SAR

A SAR tem como empresas vinculadas a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) e a Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc). A Epagri executa a Política de Assistência Técnica e Extensão Rural e a Política de Pesquisa Agrícola e Tecnológica. Em 2013 a Epagri teve um orçamento aproximado de R\$ 280 milhões e atendeu cerca de 120 mil famílias. A Cidasc tem como missão executar ações de sanidade animal e vegetal, preservar a saúde pública, promover o agronegócio e o desenvolvimento sustentável de Santa Catarina.

A SAR executa diretamente e/ou com apoio dessas vinculadas uma série de políticas conforme demonstrado na tabela 1.

**Tabela 1/I. Resumo das ações da SAR em execução em 2014**

<b>Programa/Projeto</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Metas/ Beneficiários</b>
Projeto Terra Boa - Calcário Dolomítico e Calcítico	Melhorar a produtividade da agricultura	Disponibilizar 350 mil toneladas, beneficiando os Agricultores do Pronaf, outros produtores e entidades sem fim lucrativo
Projeto Terra Boa – Sementes de Milho	Dar suporte à autossuficiência de milho	Incentivo à aquisição de até 220 mil sacas de sementes de milho, beneficiando agricultores familiares e entidades sem fim lucrativo
Projeto Terra Boa – Forrageiras	Melhorar a produtividade de leite e carne a base de pasto	Incentivo à aquisição de até 3,5 mil kits de sementes de forrageiras e insumos para agricultores catarinenses
Projeto Terra Boa – Apicultura.	Melhorar a produtividade e a qualidade do mel catarinense	Incentivo à aquisição de 490 kits voltados à produção apícola em Santa Catarina
Programa Água para o Campo <sup>1</sup>	Construção de cisternas para captação e distribuição da água da chuva	Disponibilização de R\$ 47 milhões para a execução de 1.632 cisternas para proprietários rurais nos municípios listados no anexo desta resolução
Programa de Fomento à Produção Agropecuária, de Desenvolvimento da Pesca e Aquicultura, Saneamento Rural e Florestal Catarinense	Apoiar o desenvolvimento regional pelo Fundo Estadual de Desenvolvimento Rural (FDR)	Regionalizar o atendimento pelo Fundo Estadual de Desenvolvimento Rural (FDR) para os produtores rurais e suas associações e cooperativas exclusivamente para os profissionais habilitados do Programa Florestal Catarinense, bem como pescadores artesanais e aquicultores, suas associações, colônias e cooperativas
Programa de Desenvolvimento da Pecuária de Corte	Melhorar as pastagens nativas	Aumentar a produtividade e a produção de carne à base de pasto, buscando a autossuficiência
Programa Armazenar	Ampliar a capacidade estática de armazenagem em SC	Ampliar a capacidade estática de armazenagem de SC em um milhão de toneladas em cinco anos
Programa Juro Zero – Agricultura/ Piscicultura	Incentivar projetos de investimento em propriedades rurais	Beneficiar 6 mil agricultores familiares e piscicultores que se enquadrem no Pronaf
Projeto Jovem Rural - nas Asas da Inclusão Digital - SC Rural	Aquisição Kit de informática para adolescentes e jovens do meio rural	Municípios interessados na internet e na telefonia fixa no meio rural, beneficiando adolescentes e jovens enquadrados no Pronaf ou na condição de filho de produtor rural
Programa de Aquisição de Alimentos - PAA	Promover a articulação entre a produção e o mercado	Consolidar ações estruturantes emancipadoras, beneficiando agricultores familiares e assentados da reforma agrária
Programa Nacional do Crédito Fundiário - PNCF	Financiamento para compra de imóvel rural	Contratar 500 novos projetos com financiamento no valor de R\$ 80.000,00 cada um, beneficiando os trabalhadores rurais familiares sem terra ou com pouca terra
PRONAF "A" Programa Nacional da Agricultura Familiar	Investimento produtivo para beneficiários do PNCF	Contratar 500 projetos no valor de R\$ 25.000,00 cada um totalizando R\$ 12.500.000,00
Programa de Regularização Fundiária	Regularização do imóvel rural	Legalização de 3 mil propriedades de agricultores familiares
Programa Aquicultura e Pesca	Elaborar e implementar o Plano de Desenvolvimento da Maricultura.	Demarcação de 23 Parques Aquícolas e Áreas Aquícolas de 5 a 4 hectares para cada aquicultor em 15 municípios do estado com ações de pesquisa e extensão
Programa SC Rural - Microbacias 3	Aumentar a competitividade da agricultura familiar	382 projetos estruturantes até 2014 e um total de 500 projetos envolvendo 20 mil famílias de agricultores, jovens rurais e povos indígenas até 2016
Fundo Estadual de Sanidade Animal - FUNDESA	Indenização de produtores pelo abate sanitário	Indenizar 460 agricultores e pecuaristas catarinenses pelo abate de 1.900 bovinos num valor estimado de R\$ 2.660.000,00

<sup>(1)</sup> Não está sendo executado em 2014.

# Crédito Rural: Plano Agrícola e Pecuário (PAP) e Plano Safra da Agricultura Familiar

Tabajara Marcondes  
Eng. Agr. Epagri/Cepa  
tabajara@epagri.sc.gov.br

No mês de junho de 2014, o governo federal divulgou o Plano Agrícola e Pecuário (PAP) e o Plano Safra da Agricultura Familiar relativos à safra 2014/15. Os dois planos foram divulgados com ampliação da disponibilidade de recursos e alterações nas linhas de crédito e taxas de juros (ver o item dessa Síntese sobre as Políticas Públicas Dirigidas ao Meio Rural Catarinense).

A efetiva aplicação desses recursos só será conhecida ao final do ano agrícola 2014/15 (que vai de 01/07/2014 a 30/06/2015), mas uma boa indicação dessa utilização poderá ser conhecida caso o Banco Central divulgue o Anuário Estatístico do Crédito Rural 2014 de maneira antecipada, como ocorreu com o Anuário 2012 (publicado na Internet em 31/12/2012), que permitiu saber antecipadamente o que ocorria com os planos relativos à safra 2012/13. Infelizmente isso não se repetiu em 2013 e até agora (agosto/2014) nada se sabe sobre o crédito da safra 2013/14. Assim, a exemplo da Síntese Anual 2012/13, a abordagem sobre o crédito rural nessa Síntese Anual 2013/14 se concentrará no que ocorreu até 2012.

Antes de analisar os dados, é importante destacar que são errôneas as divulgações de informações sobre o crédito rural para agricultura brasileira considerando que os recursos do PAP são destinados exclusivamente aos agricultores não familiares. Na realidade, o PAP pode ser acessado também pelos agricultores familiares, desde que isso lhes seja necessário ou conveniente. Um exemplo bem ilustrativo dessa utilização é o caso dos fumicultores que são agricultores familiares. Como os recursos do Pronaf não são disponibilizados para a fumicultura, eles tomam crédito via recursos do PAP, particularmente para a finalidade de custeio.

Em relação à participação do Pronaf no crédito oficial destinado à agricultura, ao se analisar os dados históricos sobre o Brasil, o que se observa é que, mesmo com algumas variações importantes na participação do número de contratos (por exemplo, saltando de 47% em 2003 para 72,4% em 2006), a participação do Pronaf no que diz respeito ao valor total aplicado permaneceu bastante discreta ao longo do tempo (Tabela 1).

**Tabela 1/I. Aplicação do crédito rural total e via Pronaf – Brasil - 2003-12**

Ano	Número de contratos (mil unidades)			Valor dos contratos (bilhões de R\$)		
	Total	Pronaf	(% do Pronaf)	Total	Pronaf	(% do Pronaf)
2003	2.100	988	47,0	31,1	3,1	10,0
2004	2.746	1.346	49,0	40,4	4,4	10,9
2005	3.243	2.208	68,1	42,0	5,8	13,8
2006	3.523	2.551	72,4	43,8	7,2	16,4
2007	2.965	1.923	64,9	51,2	7,1	13,9
2008	2.435	1.551	63,7	66,2	8,7	13,1
2009	2.506	1.705	68,0	75,2	11,2	14,9
2010	2.336	1.585	67,9	82,1	12,0	14,6
2011	2.318	1.540	66,4	94,1	13,3	14,1
2012	2.647	1.823	68,9	114,8	16,4	14,2

Fonte: Banco Central do Brasil/Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Em Santa Catarina, pelo fato de a participação da agricultura familiar nas atividades tradicionalmente mais bem-aquinhoadas com o crédito rural ser relativamente mais significativa que no Brasil, a participação no Pronaf no valor total aplicado é maior que a observada no País (Tabela 2).

**Tabela 2/I. Aplicação do crédito rural total e via Pronaf – Santa Catarina - 2003-12**

Ano	Número de contratos (mil unidades)			Valor dos contratos (bilhões de R\$)		
	Total	Pronaf	(% do Pronaf)	Total	Pronaf	(% do Pronaf)
2003	220,0	98,5	44,8	2,36	0,39	16,3
2004	241,5	103,6	42,9	2,71	0,52	19,1
2005	244,3	102,7	42,0	2,81	0,63	22,5
2006	221,3	116,7	52,7	3,22	0,75	23,4
2007	203,4	114,1	56,1	3,54	0,79	22,4
2008	215,8	113,4	52,5	4,64	1,07	23,1
2009	231,0	136,6	59,1	5,54	1,48	26,7
2010	206,4	121,3	58,8	5,78	1,59	27,5
2011	185,9	114,5	61,6	6,57	1,75	26,6
2012	211,4	142,3	67,3	7,78	2,00	25,7

Fonte: Banco Central do Brasil/Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Em relação à aplicação do crédito rural entre as atividades e finalidades, são evidentes as mudanças ocorridas nos anos recentes. No que diz respeito às atividades (agrícola e pecuária), o que mais chama a atenção em relação aos dados do Brasil é a expansão da participação da pecuária no total do crédito; de maneira especial no número de contratos que saltou de 31% em 2003 para 47% em 2012 (Tabela 3).

**Tabela 3/I. Aplicação do crédito rural por atividade – Brasil - 2003-12**

Ano	Número de contratos (mil unidades)			Valor dos contratos (bilhões de R\$)		
	Agrícola	Pecuária	Total	Agrícola	Pecuária	Total
2003	1.449	652	2.100	24,4	6,7	31,1
2004	1.701	1.044	2.746	32,2	8,3	40,4
2005	1.747	1.496	3.243	31,5	10,4	42,0
2006	1.646	1.876	3.523	31,7	12,1	43,8
2007	1.533	1.432	2.965	37,4	13,8	51,2
2008	1.475	960	2.435	49,8	16,4	66,2
2009	1.480	1.025	2.506	54,3	20,9	75,2
2010	1.291	1.046	2.336	56,9	25,1	82,1
2011	1.237	1.081	2.318	64,9	29,2	94,1
2012	1.405	1.242	2.647	77,5	37,3	114,8

Fonte: Banco Central do Brasil/Anuário Estatístico do Crédito Rural.



Em Santa Catarina também houve expansão da participação da pecuária no total do crédito concedido, a ponto de em 2012 o seu valor superar o destinado à atividade agrícola (Tabela 4).

**Tabela 4/I. Aplicação do crédito rural por atividade – Santa Catarina - 2003-12**

Ano	Número de contratos (mil unidades)			Valor dos contratos (bilhões de R\$)		
	Agrícola	Pecuária	Total	Agrícola	Pecuária	Total
2003	201,8	18,2	220,0	1,76	0,60	2,36
2004	225,1	16,4	241,5	2,10	0,62	2,71
2005	223,4	20,9	244,3	2,12	0,69	2,81
2006	193,6	27,7	221,3	2,28	0,93	3,22
2007	174,3	29,1	203,4	2,54	0,99	3,54
2008	187,7	28,1	215,8	3,51	1,13	4,64
2009	187,4	43,5	231,0	3,77	1,77	5,54
2010	164,4	41,9	206,4	3,62	2,15	5,78
2011	139,4	46,6	185,9	3,76	2,81	6,57
2012	146,0	65,3	211,4	3,84	3,94	7,78

Fonte: Banco Central do Brasil/Anuário Estatístico do Crédito Rural.

No que diz respeito às finalidades (custeio, investimento e comercialização), o que mais chama a atenção é a significativa trajetória de crescimento do número de contratos de investimento, que em alguns anos recentes chegou a superar o número de contratos de custeio (Tabela 5), fato praticamente impensável em anos anteriores com contratos de custeio em número substancialmente maior que os de investimento.

**Tabela 5/I. Aplicação do crédito rural por finalidade – Brasil - 2003-12**

Ano	Número de contratos (mil unidades)				Valor dos contratos (bilhões de R\$)			
	Custeio	Investimento	Comercialização	Total	Custeio	Investimento	Comercialização	Total
2003	1.440	634	27	2.100	19,0	7,1	5,0	31,1
2004	1.606	1.075	65	2.746	23,3	8,9	8,2	40,4
2005	1.635	1.520	88	3.243	23,3	9,3	9,4	42,0
2006	1.480	1.982	61	3.523	24,4	10,1	9,3	43,8
2007	1.415	1.505	45	2.965	30,6	10,9	9,7	51,2
2008	1.388	998	50	2.435	39,3	14,3	12,6	66,2
2009	1.414	1.025	67	2.506	42,8	17,5	14,8	75,2
2010	1.232	1.038	66	2.336	45,8	20,9	15,3	82,1
2011	1.154	1.066	97	2.318	53,1	24,6	16,4	94,1
2012	1.159	1.443	45	2.647	62,9	35,1	16,8	114,8

Fonte: Banco Central do Brasil/Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Em Santa Catarina repete-se a trajetória brasileira de crescimento da participação do crédito de investimento, mas se observa também redução na participação do crédito destinado à comercialização (Tabela 6).

**Tabela 6/I. Aplicação do crédito rural por finalidade – Santa Catarina - 2003-12**

Ano	Número de contratos (mil unidades)				Valor dos contratos (bilhões de R\$)			
	Custeio	Investi- mento	Comer- cialização	Total geral	Custeio	Investi- mento	Comer- cialização	Total geral
2003	180,8	38,1	1,1	220,0	1,55	0,42	0,40	2,36
2004	201,4	37,7	2,4	241,5	1,75	0,49	0,48	2,71
2005	208,1	32,8	3,4	244,3	1,88	0,55	0,38	2,81
2006	181,6	35,2	4,5	221,3	2,08	0,53	0,61	3,22
2007	168,0	32,3	3,1	203,4	2,29	0,56	0,69	3,54
2008	176,5	36,3	3,0	215,8	2,76	0,91	0,96	4,64
2009	176,1	51,1	3,8	231,0	3,02	1,40	1,13	5,54
2010	154,7	47,6	4,1	206,4	3,28	1,45	1,05	5,78
2011	139,3	43,5	3,1	185,9	3,97	1,70	0,90	6,57
2012	134,2	74,8	2,3	211,4	5,07	1,90	0,81	7,78

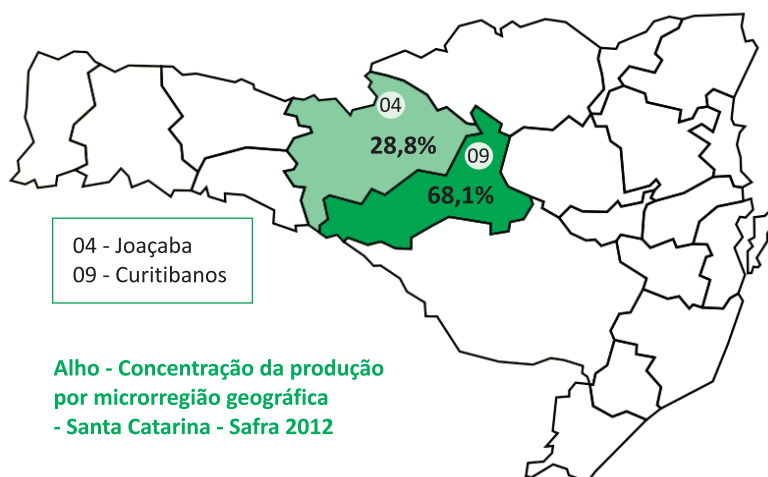
Fonte: Banco Central do Brasil/Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Na somatória desse período de 2003 a 2012, Santa Catarina respondeu por 8,1% do número de contratos e por 7,0% do valor do crédito rural aplicado na agricultura brasileira, percentuais estes que colocam o Estado entre os principais tomadores de crédito rural do Brasil. No que diz respeito especificamente ao Pronaf, a participação catarinense foi de 6,8% do número de contratos e de 12,3% do valor do crédito rural, o que coloca Santa Catarina em posição ainda mais privilegiada que no crédito total.

# Desempenho da produção vegetal

## Alho

Marco Antônio Lucini  
Eng. Agr. - Epagri/Curitibanos  
marcolucini@epagri.sc.gov.br



## Produção e mercado mundiais

As informações oficiais sobre a produção mundial de alho são da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e estão sempre atrasadas, no mínimo dois anos. Para 2012 indicam crescimento da área e da produção (Tabela 1).

Tabela 1/I. Alho - Mundo e principais países - Área e produção - Safras 2008/12

País	Área colhida (mil ha)					Quantidade produzida (mil t)				
	2008	2009	2010	2011	2012	2008	2009	2010	2011	2012
Mundo	1.405,8	1.319,8	1.334,9	1.422,3	1.465,8	22.790,5	22.033,9	22.541,4	23.710,8	24.836,9
China	822,1	779,2	804,1	833,1	856,5	18.357,0	17.967,9	18.548,7	19.234,1	20.082,0
Índia	206,1	166,2	164,9	200,6	202,0	1.068,5	831,1	834,0	1.057,8	1.150,0
Fed. Russa	25,5	27,2	26,8	26,8	27,7	226,7	227,3	213,5	233,9	239,3
Coreia, Rep.	28,4	26,3	22,4	24,0	28,3	375,5	357,3	271,6	295,0	339,1
Bangladesh	33,6	34,3	37,1	42,0	44,3	144,8	154,8	164,4	209,2	233,6
Myanmar	28,7	26,0	28,2	29,2	29,3	197,3	181,0	200,7	212,6	213,0
Espanha	15,5	15,9	14,9	15,8	16,9	133,6	154,6	136,6	140,8	151,9
Ucrânia	17,3	18,9	19,5	21,2	22,5	136,8	150,1	157,4	171,9	171,4
Argentina	14,1	14,4	14,4	15,0	16,0	125,1	121,7	129,5	120,0	135,0
Turquia	11,0	12,0	9,5	9,7	9,6	105,0	105,4	76,9	79,2	77,7
Tailândia	13,8	11,1	10,8	11,9	12,0	85,6	71,4	68,1	75,6	77,0
Brasil	10,2	10,1	10,5	12,9	10,1	91,7	86,8	104,1	143,3	107,0

Fonte: FAO (julho de 2014).

Além de maior produtor a China domina também o mercado mundial, com exportações anuais na casa de 180 milhões de caixas de 10 quilos. Com o aumento de 30% da produção chinesa na safra de 2013 (comercializada até junho de 2014) e com os baixos preços praticados por esse país, os mercados do Brasil e da Argentina operaram em baixa no primeiro semestre. Os preços praticados pela China de janeiro a junho de 2014 foram de US\$ 7,70/caixa de dez quilos/FOB. Nesse mesmo período a Argentina comercializou alho para o Brasil também por um preço muito baixo após uma desvalorização no peso. A média de janeiro a junho de 2014 foi de US\$ 15,25/caixa/FOB. Após pagar todos os impostos para internalização do alho, o custo para o importador ficou abaixo dos R\$ 50,00 por caixa tanto para o alho chinês como o argentino.

Para 2014, as informações extraoficiais são de que a China e a Argentina (segundo principal exportador mundial) diminuíram a produção em 12% e 20%, respectivamente. O alho chinês plantado em setembro e outubro de 2013 foi colhido nos meses de maio e junho de 2014 e será comercializado até maio de 2015. O alho argentino foi plantado nos meses de março, abril e maio e será colhido em novembro e dezembro de 2014 e comercializado até julho de 2015.

Na América do Sul, a produção de alho está presente em dez países, mas concentrada na Argentina, no Brasil e no Peru (Tabela 2). Exceto a Argentina, que é o segundo exportador mundial, a produção dos demais países é basicamente para o mercado interno, com eventuais exportações de excedentes, como são os casos do Chile e mais recentemente do Peru.

**Tabela 2/I. Alho - Área colhida e quantidade produzida - América do Sul - Safras 2008/12**

País	Área colhida (ha)					Quantidade produzida (t)				
	2008	2009	2010	2011	2012	2008	2009	2010	2011	2012
<b>Total</b>	<b>35.794</b>	<b>36.525</b>	<b>37.156</b>	<b>43.389</b>	<b>40.709</b>	<b>314.535</b>	<b>303.569</b>	<b>334.625</b>	<b>398.905</b>	<b>375.313</b>
Argentina	14.147	14.407	14.392	15.000	16.000	125.139	121.701	129.494	120.000	135.000
Brasil	10.228	10.063	10.450	12.928	10.064	91.714	86.752	104.124	143.293	107.009
Perú	6.711	5.916	6.360	8.590	7.657	67.597	57.989	62.962	88.468	82.129
Chile	1.000	1.252	1.257	1.463	1.500	6.800	11.914	12.000	14.000	15.000
Venezuela	1.440	1.500	1.498	1.846	1.850	11.991	12.000	12.768	17.192	18.500
Bolívia	745	1.576	1.539	1.515	1.530	5.199	7.420	7.278	7.237	8.000
Equador	850	1.179	1.054	1.299	1.300	1.382	1.400	1.631	1.475	1.500
Paraguai	151	155	154	158	160	590	211	222	222	250
Colômbia	348	342	321	429	479	3.372	3.594	3.516	6.170	7.025
Uruguai	174	135	131	161	169	751	588	630	848	900

Fonte: FAO (julho de 2014).

## Produção e mercado nacionais

No Brasil, há duas regiões produtoras de alho bem distintas. No sul do País, destacam-se os Campos de Curitibanos (Santa Catarina) e a Serra Gaúcha. A outra região é a do “Cerrado” de Goiás, Minas Gerais e Bahia, que, por ser de clima quente, produzem o alho que necessita de choque frio em câmaras frigoríficas. Nesta região se destacam Cristalina (Goiás), Alto Paranaíba e São Gotardo (Minas Gerais) e Chapada Diamantina (Bahia).

As maiores áreas plantadas em 2014 são as dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Goiás e Minas Gerais, respectivamente. A área média cultivada no Brasil nos últimos cinco anos foi de 10.500 hectares. O que cresceu mesmo foi a produtividade média, que passou de 9,9 t/ha em 2010 para 10,8 t/ha em 2014 (Tabela 3).

**Tabela 3/I. Alho - Área plantada e produção - Brasil e por estado - Safras 2010/14**

Brasil/Estado	Área plantada (ha)					Quantidade produzida (t)				
	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>
Brasil	10.543	12.838	10.213	9.516	9.430	104.586	142.494	108.393	102.087	101.595
Goiás	2.671	3.096	2.392	2.045	2.045	39.252	46.700	41.134	30.680	30.000
Minas Gerais	1.635	3.075	1.456	1.525	1.507	19.120	40.960	18.093	20.464	20.469
Santa Catarina	1.767	1.875	1.908	2.031	2.155	16.442	18.791	17.737	19.129	19.646
Rio Grande do Sul	2.626	2.684	2.542	2.383	2.383	17.739	17.742	17.933	18.268	18.268
Bahia	729	886	635	640	573	5.478	9.394	6.146	6.740	6.959
Distrito Federal	146	443	472	354	354	1.592	4.951	1.247	3.688	3.688
Paraná	679	617	565	439	439	2.924	2.773	2.855	2.084	2.084
Espírito Santo	93	143	84	86	89	301	1.061	965	951	923
São Paulo	197	19	13	13	13	1.738	122	977	83	83

<sup>(1)</sup> Dados preliminares sujeitos a confirmação.

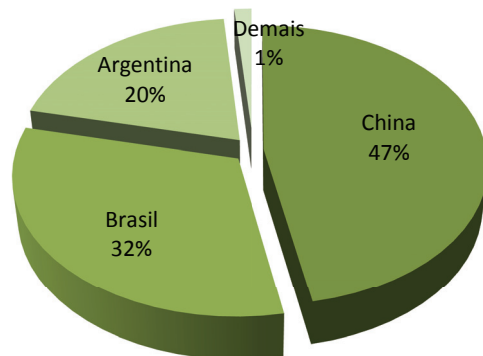
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2010-2013) e LSPA-maio/2014.

A safra de 2014 do Centro-Oeste e do Sudeste foi similar à safra de 2013, devido ao clima favorável com noites frias. Na Região Sul todo o alho foi plantado de maio a julho e as lavouras estão em estado bem melhor que na safra anterior. O inverno foi com pouco frio, mas os produtores colocaram o alho semente nas câmaras frias para compensar. Assim, a previsão é que haja uma safra com muito boa qualidade, o que, aliado às reduções nas produções da China e da Argentina já previstas, cria perspectivas de comercialização muito boas para os produtores nacionais.

O consumo de alho no Brasil em 2013 foi de 258.415 toneladas (2,15 milhões de caixas de 10 quilos/mês): 176.745 toneladas de alho importado (68% do consumo) e 81.670 toneladas de alho nacional<sup>1</sup> (32% do consumo) (Figura 1).

Desde 2005, a principal origem das importações brasileiras é a China. Em 2013, esse país respondeu por 68% das importações brasileiras. A segunda origem é a Argentina, que em 2013 respondeu por 29,3% do total importado pelo Brasil. As 176.745 toneladas importadas no ano de 2013 equivalem a 1,47 milhão de caixas de 10 quilos/mês, com custo FOB ao importador de mais de 219 milhões de dólares. O preço médio declarado foi de US\$ 12,43/caixa (Tabela 4).

<sup>(1)</sup> O restante da produção nacional foi para semente.



Fonte: Mdic/Secex-Sistema Aliceweb, IBGE – LSPA/maio 2014.

**Figura 1/I. Alho - Consumo aparente no Brasil, % conforme a origem – 2013**

**Tabela 4/I. Alho - Importação brasileira segundo os principais fornecedores - 2009-13**

Ano	Quantidade (t)			Milhões de U\$S
	Total	China	Argentina	
2009	151.720	91.915	54.898	118.168
2010	153.141	97.189	54.083	251.691
2011	163.670	100.578	60.544	249.366
2012	157.830	88.323	61.835	187.068
2013	176.745	121.403	51.714	219.673

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

## Produção e mercado estaduais

Para a safra de 2014, as estimativas iniciais indicam Santa Catarina com a segunda área plantada e a terceira produção no ranking nacional. Houve incremento de 4,9% na área plantada no Estado, com os maiores aumentos ocorrendo nos municípios de Fraiburgo e Lebon Régis. O maior produtor individual de Santa Catarina é o município de Curitibanos, seguido por Frei Rogério, Fraiburgo e Lebon Régis (Tabela 5).

**Tabela 5/I. Alho - Área plantada e quantidade produzida - Santa Catarina e principais municípios - Safras 2010/14**

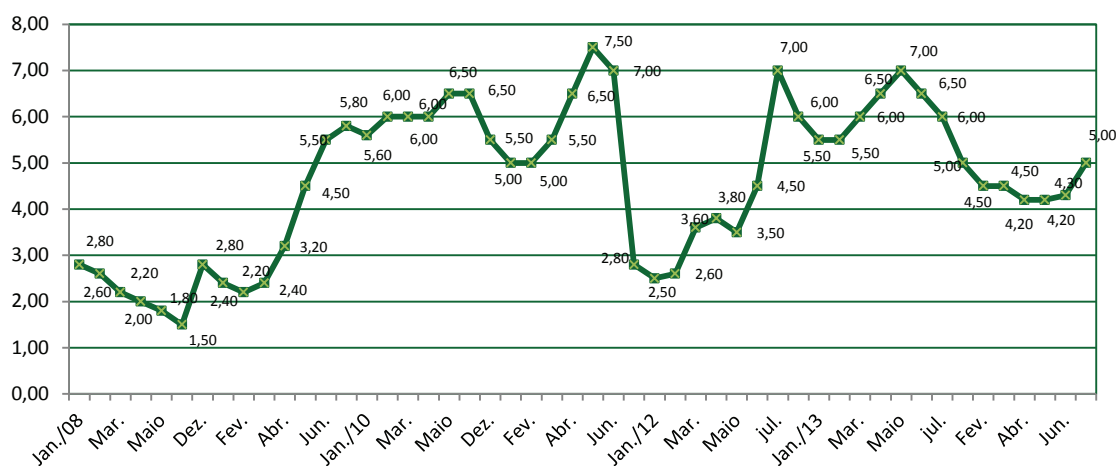
Estado/ Município	Área plantada (ha)					Quantidade produzida (t)				
	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>
<b>Santa Catarina</b>	<b>1.767</b>	<b>1.875</b>	<b>1.858</b>	<b>2.055</b>	<b>2.155</b>	<b>16.442</b>	<b>18.791</b>	<b>18.669</b>	<b>19.224</b>	<b>19.646</b>
Curitibanos	800	800	800	900	900	8.000	8.000	8.000	9.000	9.000
Frei Rogério	330	260	285	350	350	2.640	1.820	2.280	2.800	2.800
Fraiburgo	180	240	240	240	300	1.800	3.600	3.600	2.000	2.400
Lebon Régis	85	150	150	180	220	850	1.500	1.500	1.800	2.200
Brunópolis	100	130	130	160	170	1.000	1.300	1.300	1.600	1.700
Campos Novos	80	80	60	60	60	800	800	480	480	480
Caçador	20	55	55	40	40	160	550	550	320	320
Lages	24	24	10	10	10	288	388	120	120	120
Ponte Alta	30	20	20	10	10	249	240	200	100	100
Correia Pinto	10	10	5	5	5	100	100	50	50	50

<sup>(1)</sup> Dados preliminares sujeitos a confirmação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2010-2013), LSPA e projeções de maio/2014.

O alho é uma cultura de inverno/primavera já consolidada na região e viabiliza setecentas propriedades, na sua grande maioria de pequenos e médios produtores. A oferta do alho catarinense inicia-se no mês de dezembro, com um volume de 5% e os meses de maiores ofertas são janeiro, fevereiro e março, com 15% a 20% a cada mês, diminuindo em abril, maio e junho.

Os preços recebidos pelos produtores de Santa Catarina oscilaram bastante nas últimas safras. O ano de 2008 e o primeiro trimestre de 2012 foram os períodos com os piores valores. Na safra de 2013/14 o mercado do alho foi bom e, mesmo com algumas oscilações, o preço médio permaneceu na casa de R\$ 4,50/Kg (Figura 2).



Fonte: Epagri/Curitibanos.

**Figura 2/I. Alhos das classes 5, 6 e 7 - Preços médios nominais recebidos pelos produtores de Santa Catarina - Jan/08 a jul/14**

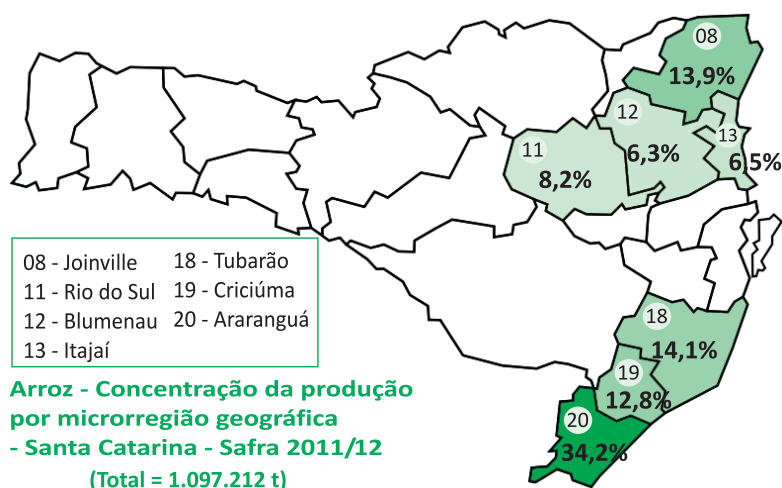


Tendo em vista a diminuição da produção e o aumento nos preços praticados no início da safra nova de 2014 pela China, que dita os preços no mercado internacional, a safra catarinense 2014/15 mostra um cenário muito bom. A tendência são preços médios superiores à safra de 2013/14.

Além de uma expectativa de mercado favorável, a safra de 2014/15 apresenta lavouras em excelente estado e as previsões de produção devem ser confirmadas na época da colheita nos meses de novembro e dezembro. A exemplo da safra 2012/13, o resultado econômico da safra 2014/15 tende a ser remunerador ao produtor de Santa Catarina e do Brasil e, a permanecerem assim, aos poucos Santa Catarina retomará parte do mercado nacional, o que já está parcialmente refletido nas previsões da safra de 2014/15 (Tabela 3).

# Arroz

Irceu Agostini  
Eng. Agr. - Epagri/EEI  
irceu@epagri.sc.gov.br  
Luiz Marcelino Vieira  
Economista - Epagri/Cepa  
marcelino@epagri.sc.gov.br



## Produção e mercado mundiais

O arroz é segundo cereal mais produzido no mundo, superado apenas pelo milho. É cultivado em todos os continentes, mas a produção é concentrada na Ásia, com destaque para a China e a Índia, responsáveis respectivamente por 30,0% e 21,7% da produção mundial. O Brasil ocupa o 8º lugar, com 1,8% da produção mundial (Tabela 1).

**Tabela 1/I. Arroz beneficiado – Produção e principais países produtores – Safras 2010/11-2014/15**

(milhões de t)

Discriminação	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15
Mundo	449,50	465,83	471,66	477,46	479,43
China	137,00	140,70	143,00	142,30	144,00
Índia	95,98	105,31	105,24	106,29	104,00
Indonésia	35,50	36,50	36,55	37,36	37,70
Vietnã	26,37	27,15	27,54	28,00	28,20
Tailândia	20,26	20,46	20,20	20,50	20,50
Burma	10,53	10,82	11,72	11,96	12,15
Filipinas	10,54	10,71	11,43	11,81	12,20
Brasil	9,30	7,89	8,04	8,50	8,50
Japão	7,72	7,65	7,76	7,83	7,70
USA	7,59	5,87	6,34	6,12	7,23

Fonte: USDA – Agosto/13 e Julho/14.

Segundo a FAO, o consumo per capita mundial de arroz é de 58 kg/hab/ano, com demanda crescente. Os maiores consumos per capita são na China, Birmânia e Indonésia, com média de 80kg/hab/ano. No Brasil, na Colômbia e no Senegal o consumo per capita é de nível intermediário, variando entre 40 e 60 kg/hab/ano. Estados Unidos, Espanha e França têm consumo per capita bem baixo, com menos de 10kg/hab/ano.

Embora seja o segundo cereal mais produzido no mundo, como existe estreita relação entre produção e consumo (mais de 90% da produção é consumida no próprio país produtor), o comércio internacional de arroz é pouco expressivo. Na safra 2014/15 as exportações mundiais devem representar menos de 9% da produção mundial (Tabela 2).

**Tabela 2/I. Arroz beneficiado – Balanço de oferta e demanda mundial – Safras 2010/11-2014/15**

Discriminação	(milhões de t)				
	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15
Estoque inicial	95,17	98,73	106,76	109,90	111,52
Produção	449,50	465,83	471,66	477,46	479,43
Importação	32,71	35,50	36,38	38,35	38,30
Consumo	445,96	457,80	468,52	475,84	482,40
Exportação	34,84	39,08	39,29	40,70	41,56
Estoque final	98,73	106,76	109,90	111,52	108,55

Fonte: USDA – Agosto/13 e Julho/14.

Além de não ser significativa, de maneira geral, a comercialização internacional de arroz está segmentada da seguinte forma: a Tailândia comercializa principalmente para os países da África e da Ásia; o Vietnã para os países asiáticos; os Estados Unidos para os países da América Central e Caribe, Ásia (Japão) e Europa; o Paquistão e a Índia para os países do Oriente Médio, Egito e Leste Europeu; a Austrália para o Japão; a Argentina e o Uruguai para o Brasil; a Itália e a Espanha para os países da União Europeia.

## Produção e mercado nacionais

A área total de arroz no Brasil pouco se alterou na última safra (2013/14). Contudo, a área de arroz irrigado do Rio Grande do Sul aumentou, o que explica os crescimentos esperados do rendimento médio e da produção brasileira. Na safra 2012/13 já ocorrera praticamente a mesma coisa. Apesar da pequena queda na área total, a produção brasileira aumentou devido ao aumento da área do arroz irrigado gaúcho. Mesmo com apenas 53,5% da área brasileira, como produzem quase exclusivamente na forma irrigada, cujas produtividades são bem superiores às do arroz sequeiro, a produção do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina representam 76,9% da produção do País (Tabela 3).

Essa modesta alta na produção do país foi suficiente para que o estoque final da safra 2013/14 subisse ligeiramente, de 1.082 mil toneladas na safra anterior para 1.164 mil toneladas na safra atual, segundo o levantamento de agosto/2014 da Conab. Isso se deveu ao menor estoque inicial comparado com o estoque inicial da safra anterior. Esse estoque final atual está entre os menores das últimas cinco safras (Tabela 4).

**Tabela 3/I. Arroz em casca – Brasil e principais estados produtores – Safras 2009/10 -2013/14**

<b>Discriminação</b>	<b>2009/10</b>	<b>2010/11</b>	<b>2011/12</b>	<b>2012/13<sup>1</sup></b>	<b>2013/14<sup>1</sup></b>
<b>Área plantada (mil ha)</b>					
Brasil	2.778,2	2.855,3	2.443,2	2.376,8	2.361,9
Rio Grande Sul	1.101,3	1.169,8	1.042,6	1.085,5	1.114,9
Santa Catarina	150,5	151,1	149,1	149,8	149,8
Maranhão	481,5	469,1	431,5	403,7	389,4
Mato Grosso	235,3	205,6	141,7	157,9	185,1
Tocantins	137,9	132,5	111,2	110,4	105,9
<b>Produção (mil t)</b>					
Brasil	11.236,0	13.477,0	11.549,9	11.758,7	12.258,6
Rio Grande Sul	6.875,1	8.940,4	7.692,2	8.097,9	8.342,7
Santa Catarina	1.041,6	980,5	1.097,2	1.021,4	1.088,4
Maranhão	589,9	707,8	439,1	481,4	588,0
Mato Grosso	687,1	654,7	456,5	497,3	592,3
Tocantins	447,3	467,7	348,2	441,7	496,4
<b>Rendimento médio (kg/ha)</b>					
Brasil	4.044,3	4.720,0	4.747,4	4.947,3	5.190,1
Rio Grande Sul	6.242,7	7.642,7	7.377,9	7.460,0	7.482,9
Santa Catarina	6.920,9	6.489,1	7.358,8	6.818,4	7.265,7
Maranhão	1.225,1	1.508,8	1.017,6	1.192,5	1.510,0
Mato Grosso	2.920,1	3.184,3	3.221,6	3.149,5	3.199,9
Tocantins	3.243,7	3.529,8	3.058,1	4.000,9	4.687,4

<sup>(1)</sup> Dados preliminares e sujeitos a retificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2010-2013) e LSPA - junho/2014.

**Tabela 4/I – Arroz em casca – Balanço da oferta e demanda - Brasil – Safras 2009/10-2013/14**

<b>Discriminação</b>	<b>2009/10</b>	<b>2010/11</b>	<b>2011/12</b>	<b>2012/13</b>	<b>2013/14</b>
(mil t)					
Estoque inicial	2.532	2.457	2.570	2.125	1.082
Produção	11.661	13.613	11.600	11.820	12.182
Importação	1.045	825	1.068	966	1.000
Suprimento	15.237	16.896	15.237	15.911	14.264
Consumo	12.153	12.237	11.657	12.618	12.000
Exportação	627	2.090	1.455	1.211	1.100
Estoque final	2.457	2.570	2.125	1.082	1.164

Fonte: Conab – Agosto de 2014.

Quanto ao comércio internacional do Brasil, a maior parte das importações de arroz do país é proveniente de três países do Mercosul (Uruguai, Argentina e Paraguai). Em alguns anos quase a totalidade de nossas importações é oriunda destes países. No fluxo inverso, as exportações do arroz brasileiro são dirigidas numa proporção de três quartos para a África do Sul, Nigéria, Senegal, Benin, Suíça, Gâmbia e Camarões e de um quarto para Venezuela e Cuba.

## Produção e mercado estaduais

Praticamente todo o arroz é cultivado no Estado na forma irrigada. Mesmo com área bem inferior à de vários outros estados, Santa Catarina é o segundo maior produtor nacional de arroz (Tabela 3). A mesorregião Sul Catarinense (formada pelas microrregiões de Araranguá, Tubarão e Criciúma) responde por 63% da área e 61% da produção estadual (safra 2013/14). Em Santa Catarina, destaca-se a microrregião de Araranguá, responsável por 35% da área e 33% da produção estadual (Tabela 5).

**Tabela 5/I. Arroz - Área plantada e produção, por microrregião geográfica - Santa Catarina – Safras 2009/10–2013/14**

Discriminação	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14
<b>Área plantada (ha)</b>					
Santa Catarina	150.473	151.130	149.317	148.584	148.114
Araranguá	49.480	50.092	51.370	50.910	51.650
Joinville	20.552	20.539	20.002	20.002	19.783
Tubarão	22.057	21.133	21.219	20.917	21.138
Criciúma	20.847	20.883	20.864	20.934	20.773
Rio do Sul	10.913	10.972	10.810	10.782	10.898
Itajaí	8.900	10.290	9.965	9.965	9.283
Blumenau	8.987	8.874	8.566	8.566	8.235
Tijucas	2.713	2.713	2.690	2.690	2.690
Florianópolis	3.410	3.410	3.210	3.210	3.210
Outras MRG <sup>1</sup>	2.614	2.224	621	608	454
<b>Produção (mil t)</b>					
Santa Catarina	1.042	984	1.101	1.020	1.087
Araranguá	334	319	378	322	362
Joinville	151	147	152	154	159
Tubarão	156	129	154	153	152
Criciúma	135	132	143	128	146
Rio do Sul	91	64	90	80	89
Itajaí	62	74	72	72	69
Blumenau	66	69	69	69	66
Tijucas	20	21	21	21	21
Florianópolis	19	19	18	18	19
Outras MRG <sup>1</sup>	8	10	4	3	4
<b>Rendimento médio (kg/ha)</b>					
Santa Catarina	6.925	6.511	7.374	6.865	7.339
Araranguá	6.750	6.368	7.358	6.325	7.009
Joinville	7.347	7.157	7.599	7.699	8.037
Tubarão	7.073	6.104	7.258	7.315	7.191
Criciúma	6.476	6.321	6.854	6.114	7.028
Rio do Sul	8.339	5.833	8.326	7.420	8.167
Itajaí	6.966	7.191	7.225	7.225	7.433
Blumenau	7.344	7.776	8.055	8.055	8.015
Tijucas	7.372	7.741	7.807	7.807	7.807
Florianópolis	5.572	5.572	5.607	5.607	5.919
Outras MRG <sup>1</sup>	3.060	4.496	6.441	4.934	8.811

<sup>(1)</sup> São outras 11 MRG com área de arroz inferior a 1.000 hectares.

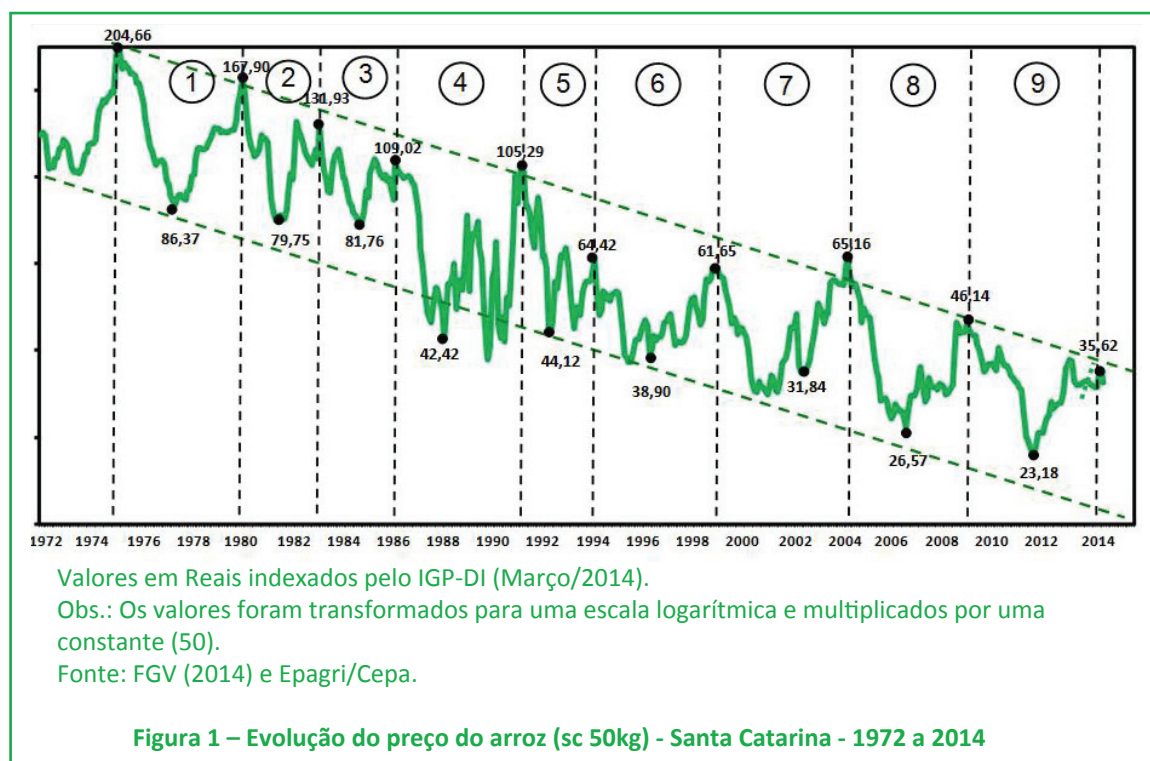
Fonte: IBGE.

## Preço versus custo

Em 2013, o preço médio nominal aos produtores catarinenses foi R\$31,34. Nos sete primeiros meses de 2014 alcançou R\$33,85. Por outro lado, segundo a Epagri/Cepa, o custo médio de produção (no sistema pré-germinado) na safra 2013/14 foi de R\$ 36,00. Portanto, o preço não cobriu todos os custos da cultura.

## Comportamento histórico do preço

Numa avaliação do período de 1975 a 2014 (Figura 1), constata-se que o preço do arroz caiu, em média, cerca de 4% ao ano, considerando-se o preço médio de cada ciclo. Nesse longo período de queda é possível identificar duas grandes tendências gráficas: a queda na forma de um canal de baixa e, dentro do canal, a queda toma a forma de ciclos. Entende-se por ciclo a trajetória do preço entre um pico e o pico seguinte. Assim, do início de 1975 até o início de 2014, formaram-se nove ciclos de preço. Dos nove ciclos, seis duraram cinco anos e três duraram três anos. Em todos eles o mínimo de um ciclo sempre se formou próximo da metade do período entre o seu pico inicial e o seu pico final.



De 1994 para cá todos os ciclos foram de cinco anos. A duração dos ciclos decorre do tempo necessário para a formação de um estoque excedente e o consumo posterior deste excedente. O mercado responde a preços mais altos com um aumento nas importações e com duas safras cheias, o que é suficiente para elevar o estoque do mínimo ao máximo dentro do mesmo ciclo. Com o estoque no máximo são necessárias três safras com produções entre 10% e 20% menores do que as de anos de safras cheias para que o estoque excedente seja consumido e volte ao mínimo do ciclo. No total, portanto, são cinco safras para fechar um ciclo.

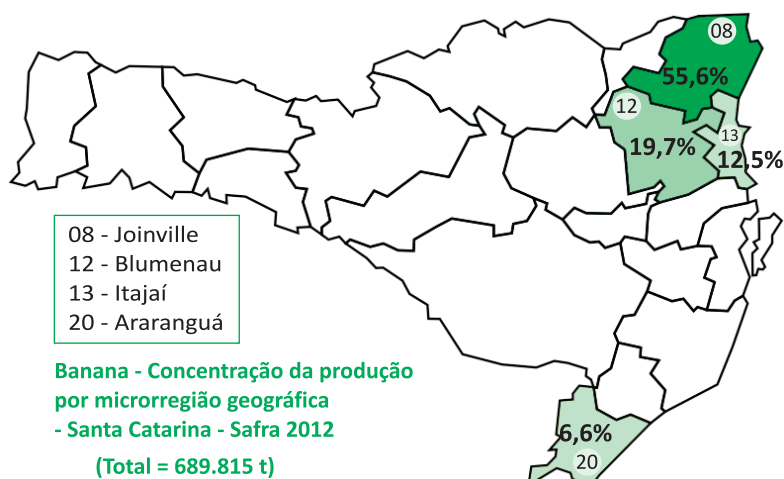
Supondo que o comportamento histórico do preço do arroz dos últimos 42 anos (e, em especial, após 1994) se mantenha, é possível estabelecer as seguintes projeções para Santa Catarina:

- Graficamente, os primeiros meses de 2014 marcam o início de um novo ciclo (que seria o ciclo 10 da Figura 1). O preço no pico inicial desse novo ciclo (que corresponde ao pico final do ciclo 9) ficou 19% abaixo do seu máximo possível do ponto de vista gráfico, onde o limite superior é a linha superior do canal de baixa. Em grande parte isso se deveu à atuação firme da Conab nesse período através do escoamento de quase meio milhão de toneladas do seu estoque.
- Após esse pico do início de 2014, o preço deve entrar em queda até meados de 2016. O preço se igualará ao do último fundo, o de meados de 2011, de R\$23,18, ou, então, poderá cair até a linha inferior do canal de baixa da Figura 1, em R\$ 19,90. Como esses são valores indexados para março de 2014, deve-se acrescentar a inflação que ocorrer entre março/2014 e maio/2016 (época estimada para ocorrer o fundo). Supondo uma inflação anual de 6% ao ano para esse período (totalizando 13,5% no período), isso resultaria num fundo em R\$ 22,60 ou em R\$ 26,30, respectivamente, com valores correntes de maio/2016. Como tem acontecido historicamente, não se trata de uma queda linear, pois sempre foram duas safras com o preço em queda (geralmente as duas primeiras do ciclo) e uma safra com relativa estabilidade no preço. Mas como o pico do início de 2014 ficou abaixo do máximo previsto (R\$ 42,00) é possível que baste só mais um ano de queda para o preço chegar ao fundo. Da mesma forma como aconteceu no ciclo 9 (safras 2009/10 a 2013/14), onde o efeito El Niño afetou a produção do Rio Grande do Sul na safra 2009/10 e o preço se estabilizou nesta safra, a previsão é que o efeito climático se faça mais uma vez presente nesse ciclo, o que também pode provocar uma relativa estabilidade no preço da safra 2014/15.
- Depois que o preço atingir o fundo (menor preço do ciclo) em meados de 2016, ele deverá reagir, subindo até o início de 2019. Se conseguir avançar até o seu máximo gráfico, que é a linha superior do canal na Figura 1, o preço pode chegar até próximo de R\$ 36,00.



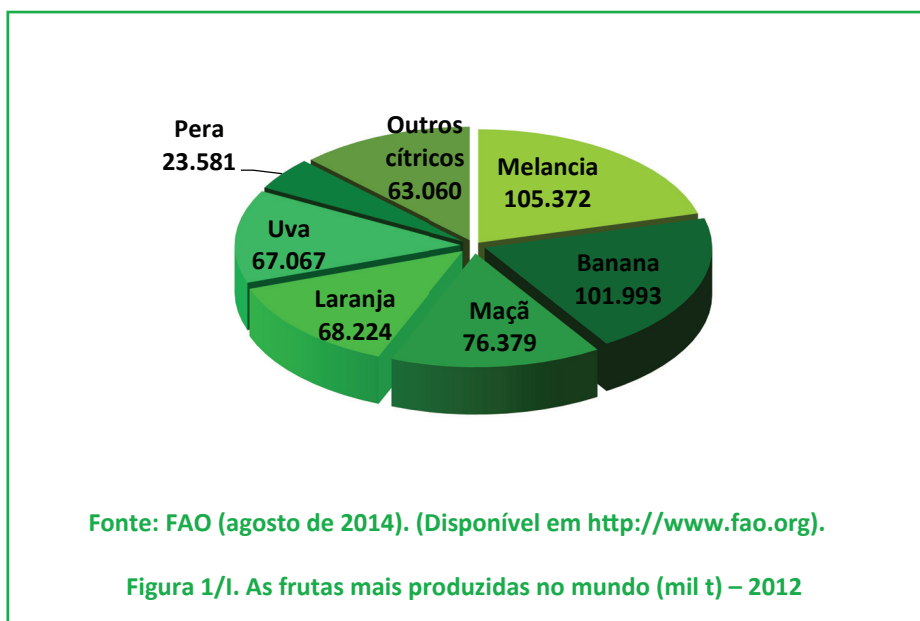
# Banana

Luiz Marcelino Vieira  
Economista - Epagri/Cepa  
marcelino@epagri.sc.gov.br



## Produção e mercado mundiais

A banana é a segunda fruta mais produzida no mundo (Figura 1). É cultivada em mais de 130 países, sendo o continente asiático o que lidera a produção. O continente americano vem em segundo lugar.



Nas últimas décadas, a produção de banana se expandiu na maioria dos países produtores; passou de 35 milhões para 102 milhões de toneladas entre as safras 1978 e de 2012. Isso decorreu especialmente do uso mais intensivo de tecnologia, que resultou em melhores níveis de produtividade.

Apenas seis países são responsáveis por quase 65% da produção mundial. A Índia lidera a produção mundial (24,4%), seguida pela China (10,3%), Filipinas (9,1%), Equador (6,9%), Brasil (6,8%) e Indonésia (6,1%). De 2008 para 2012, entre os dez maiores produtores mundiais, apenas a Índia e o Brasil tiveram decréscimo de produção. Angola e China apresentaram, respectivamente, os maiores crescimentos (Tabela 1).

**Tabela 1/I. Banana – Quantidade produzida – Mundo e principais países – Safras 2008/12**

(mil t)

País	Produção							Exportação			Importação		
	2008	2009	2010	2011	2012	Part. % 2012	Cresc. anual % 2008 a 2012	2011	Part. %	Rank	2011	Part. %	Rank
Mundo	96.223	100.224	105.726	106.058	101.993	100	1,47	18.721	100	-	18.919	100	-
Índia	26.217	26.470	29.780	28.455	24.869	24,38	1,31	61	0,32	28	-	-	138
China	7.835	8.834	9.561	10.400	10.550	10,34	7,72	9	0,05	45	665	3,52	7
Filipinas	8.688	9.013	9.101	9.165	9.226	9,05	1,51	1.590	8,49	2	-	-	150
Equador	6.701	7.637	7.931	7.428	7.012	6,88	1,14	5.156	27,54	1	-	-	125
Brasil	6.998	6.783	6.969	7.329	6.902	6,77	0,34	140	0,75	17	0	0,00	129
Indonésia	6.005	6.374	5.755	6.133	6.189	6,07	0,76	0	0,00	64	3	0,02	102
Angola	1.723	1.985	2.048	2.646	2.991	2,93	14,80	-	-	112	-	-	-
Guatemala	2.448	2.544	2.637	2.680	2.700	2,65	2,48	1.388	7,41	5	2	0,01	82
Tanzânia	2.447	3.006	3.156	3.144	2.525	2,48	0,78	0	0,00	75	-	-	162
México	2.151	2.232	2.103	2.139	2.204	2,16	0,61	176	0,94	15	0	0,00	118
Costa Rica	2.127	1.795	2.020	2.125	2.136	2,09	0,11	1.914	10,22	3	65	0,34	35
Colômbia	1.988	1.994	2.020	2.043	1.983	1,94	0,06	1.828	9,77	4	5	0,02	86
Bélgica	-	-	-	-	-	-	-	1.272	6,80	6	1.340	7,08	2
USA	8	8	8	8	8	0,01	0,35	516	2,76	7	4.123	21,79	1
Honduras	691	719	751	755	765	0,75	2,59	489	2,61	8	12	0,07	66
Alemanha	-	-	-	-	-	-	-	367	1,96	9	1.288	6,81	4
Rússia	-	-	-	-	-	-	-	13	0,07	41	1.307	6,91	3
Japão	0	0	0	0	0	0,00	0,49	0	0,00	102	1.064	5,62	5
Reino Unido	-	-	-	-	-	-	-	13	0,07	42	1.019	5,39	6
Itália	0	0	0	0	0	0,00	0,72	63	0,34	22	662	3,50	8
Irã	113	110	123	125	130	0,13	3,48	6	0,03	55	616	3,26	9
Outros	46.301	46.592	47.297	46.683	46.671	45,76	20,96	2.645	14,13	-	6.592	34,84	-

Fonte: FAO (agosto de 2014). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Na safra de 2012, o maior rendimento médio foi alcançado pela Indonésia (56,8 t/ha, em 2012), praticamente três vezes mais que as 20,1 t/ha da média mundial (Tabela 2).

**Tabela 2/I. Banana - Os maiores rendimentos mundiais – 2008-12**

País	(kg/ha)				
	2008	2009	2010	2011	2012
<b>Mundo</b>	<b>19.658</b>	<b>19.543</b>	<b>20.481</b>	<b>20.182</b>	<b>20.591</b>
Indonésia	55.706	53.551	56.826	58.880	58.943
Nicarágua	49.570	65.535	47.200	51.155	53.846
Costa Rica	48.000	42.141	46.939	50.581	51.572
África do Sul	49.452	49.441	49.468	51.293	50.879
Israel	42.593	46.755	44.817	48.999	49.816
Síria	38.333	33.333	31.500	36.600	49.800
Turquia	46.490	47.189	47.466	45.818	45.936
Egito	44.767	46.799	45.398	44.871	45.060
Suriname	47.985	41.909	45.301	41.790	41.346
<b>Brasil</b>	<b>13.639</b>	<b>14.144</b>	<b>14.288</b>	<b>14.561</b>	<b>14.346</b>

Fonte: FAO (agosto de 2014). (Disponível em <http://www.fao.org>).

O consumo de banana é habitual em boa parte dos países do mundo. É a segunda fruta mais consumida no planeta, com 11,9 kg/hab/ano; abaixo apenas da laranja, com 12,2 kg/hab/ano. O continente americano é o maior consumidor, com 16,7 kg/habitantes/ano, destacando-se a América do Sul, com 22,6 kg/habitantes/ano. Na América Central, o consumo é de 12,5 kg/habitantes/ano (Tabela 3).

**Tabela 3/I. Banana - Consumo per capita por Continente - 2008-11**

Continente/Ano	(kg/hab/ano)			
	2008	2009	2010	2011
<b>Mundo</b>	<b>11,20</b>	<b>11,30</b>	<b>11,90</b>	<b>11,90</b>
África	10,60	10,80	10,90	10,60
Américas	15,90	15,50	16,40	16,70
-América do Norte	10,90	9,70	11,20	11,10
-América Central	13,10	13,30	12,60	12,50
-América do Sul	21,10	21,00	22,10	22,60
Ásia	10,80	11,10	11,90	11,80
Europa	8,30	7,70	7,70	8,30
Oceania	10,70	12,40	13,50	9,40

Fonte: FAO (agosto de 2014).

O comércio mundial de banana cresceu nos anos recentes. Em 2007 foram exportadas 17,1 milhões de toneladas e, em 2011, 18,7 milhões de toneladas. Em 2011, o Equador foi responsável por boa parte das exportações mundiais, seguido pela Costa Rica, Colômbia, Filipinas e Guatemala. Ressalta-se que a Bélgica, sem ser produtora, aparece como exportadora por ser importante intermediária na comercialização internacional de banana. Quanto às importações, os Estados Unidos foram os que mais compraram, com 21,8% do total mundial, seguidos por Bélgica, Rússia, Alemanha e Japão (Tabela 1).

## Produção e mercado nacionais

O Brasil é o 5º maior produtor mundial de banana. Pelo clima favorável, a banana é cultivada em praticamente todos os estados brasileiros. Isso permite produção e comercialização escalonadas durante todo o ano, atendendo de forma regular as necessidades de consumo.

### As safras brasileiras de 2013 e 2014

A safra brasileira 2013 apresentou pouca variação em relação à de 2012. Durante a safra, os bananais sofreram com a falta de chuva (com maior incidência em estados nordestinos) e também com o excesso que causou inundação das lavouras em estados do Sul e do Sudeste. As temperaturas negativas ou próximas de zero, bem como a queda de neve na Região Sul, também afetaram a qualidade e a produtividade da fruta. Na safra, os melhores rendimentos pertencem ao Rio Grande do Norte (29,3 t/ha), representando o dobro da média nacional, seguido pelo Paraná e por Santa Catarina (Tabela 4).

Em 2013, embora bastante ofertado e ainda pressionado pela diminuição das vendas externas em 2012, o mercado nacional apresentou melhores preços nos diferentes segmentos, particularmente a partir do segundo trimestre. As exportações brasileiras aumentaram um pouco em relação às de 2012 e essa reação de mercado poderia ser melhor se os preços das exportações estivessem mais favoráveis; principalmente para os mercados argentino e uruguaio, para onde o volume exportado é mais expressivo.

Para 2014, as estimativas da safra nacional são de área a ser colhida de 490,1 mil hectares e produção de 7,18 milhões de toneladas (Tabela 4). Como ao longo dos sete primeiros meses de 2014 houve falta ou excesso de chuvas, com inundações, temperaturas negativas ou extremamente altas, queda de granizo, vendavais, haverá prejuízo no desempenho dos bananais, tanto no rendimento médio quanto na qualidade da fruta. Ainda assim, as vendas da banana transcorrem dentro do programado, atendendo as expectativas dos segmentos de produção e comercialização.

No que diz respeito às exportações brasileiras, de janeiro a julho de 2014, no período alcançou-se um volume de 55.100 toneladas no valor de US\$ 21,6 milhões. Mesmo com queda de 12% na quantidade, devido aos preços médios maiores, o valor foi muito próximo ao do mesmo período de 2013. Os principais mercados foram Uruguai, Reino Unido, Argentina e Holanda (Tabela 5).

Uma peculiaridade das exportações brasileiras é que os estados das regiões Sul e Sudeste destinam a produção, principalmente, para os mercados argentino e uruguaio, enquanto o Rio Grande do Norte e o Ceará preferem o mercado europeu, destacando-se a Alemanha, o Reino Unido, a Espanha e a Holanda. Esses mercados, além de mais seguros, garantem ao setor melhores resultados financeiros.

**Tabela 4/I. Banana – Área colhida, produção e rendimento – Brasil e principais estados produtores – Safras 2010/14**

<b>Discriminação</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013<sup>1</sup></b>	<b>2014<sup>1</sup></b>
<b>Área colhida (ha)</b>					
Brasil	487.790	503.354	481.116	485.559	490.602
São Paulo	56.678	59.157	53.696	54.563	54.563
Bahia	66.623	74.965	72.379	73.797	78.797
Minas Gerais	40.472	41.409	41.765	41.341	41.070
Santa Catarina	30.419	30.427	29.559	29.132	29.154
Pará	41.711	40.710	41.384	43.458	44.211
Ceará	46.220	47.745	47.413	49.255	49.515
Pernambuco	45.538	51.028	40.805	36.544	38.677
Paraná	10.281	10.684	11.551	11.450	11.700
Espírito Santo	19.409	21.035	21.350	21.793	21.976
Goiás	14.026	12.640	12.549	11.789	10.457
Demais estados	116.413	113.554	108.665	112.437	110.482
<b>Quantidade produzida (t)</b>					
Brasil	6.969.306	7.329.471	6.902.184	6.947.786	7.179.595
São Paulo	1.238.243	1.354.528	1.215.435	1.191.547	1.191.547
Bahia	1.079.050	1.239.650	1.083.346	1.113.304	1.195.610
Minas Gerais	654.444	654.566	687.293	736.038	687.767
Santa Catarina	664.012	650.518	689.815	665.468	649.609
Pará	539.979	545.493	547.098	586.619	578.122
Ceará	445.169	494.250	415.763	375.531	508.462
Pernambuco	517.285	545.707	407.574	368.999	401.072
Paraná	237.267	243.595	276.890	269.075	280.800
Espírito Santo	187.544	218.016	241.997	248.653	264.146
Goiás	183.757	173.602	197.990	193.880	163.434
Demais estados	1.222.556	1.209.546	1.138.983	1.198.672	1.259.026
<b>Os seis maiores rendimentos estaduais (kg/ha)</b>					
Brasil	14.288	14.561	14.346	14.309	14.634
Rio G do Norte	26.002	25.767	27.734	28.597	29.293
Paraná	23.078	22.800	23.971	23.500	24.000
Santa Catarina	21.829	21.380	23.337	22.843	22.282
São Paulo	21.847	22.897	22.635	21.838	21.838
Distrito Federal	21.630	28.057	26.801	20.436	20.436
Piauí	15.125	18.262	17.968	19.171	19.773

<sup>(1)</sup> Safras 2013 e 2014 dados preliminares sujeitos a retificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2010 a 2012) e LSPA-junho/14 (2013 e 2014).

**Tabela 5/I. Banana – Principais mercados compradores – Brasil – 2009-14**

País	2009		2010		2011		2012	
	US\$ 1.000	(t)	US\$ 1.000	(t)	US\$ 1.000	(t)	US\$ 1.000	(t)
Uruguai	9.118	36.437	9.547	37.175	9.795	33.789	7.975	27.126
Alemanha	2.795	6.938	8.771	19.970	12.188	27.741	7.091	16.134
Argentina	7.684	52.229	7.410	38.544	5.702	23.118	4.442	16.892
Reino Unido	7.632	18.989	5.267	11.995	6.213	14.035	4.574	10.493
Holanda	6.567	15.864	3.673	8.333	2.955	6.667	2.929	6.653
Espanha	813	2.142	4.207	9.587	261	606	4.028	9.139
Itália	3.515	8.615	3.147	6.974	0	0	0	0
Polônia	0	0	0	0	1.580	3.519	3.545	7.859
Subtotal	38.124	141.214	42.022	132.578	38.694	109.475	34.584	94.296
Outros países	1.271	2.658	3.376	6.975	554	579	821	1.403
<b>Total</b>	<b>39.395</b>	<b>143.872</b>	<b>45.398</b>	<b>139.553</b>	<b>39.248</b>	<b>110.054</b>	<b>35.405</b>	<b>95.699</b>

(Continua)

(continuação)

País	2013		Até jul/2014		Acumulado no período	
	US\$ 1.000	(t)	US\$ 1.000	US\$ 1.000	US\$ 1.000	(t)
Uruguai	8.621	31.872	5.972	16.775	51.028	183.174
Alemanha	3.332	7.521	3.808	8.469	37.985	86.773
Argentina	4.438	17.541	3.508	7.952	33.184	156.276
Reino Unido	3.685	8.284	3.591	11.398	30.962	75.194
Holanda	4.244	9.698	836	1.811	21.204	49.026
Espanha	5.460	12.608	1.787	4.058	16.556	38.140
Itália	2.214	4.832	0	0	8.876	20.421
Polônia	0	0	1.155	2.571	6.280	13.949
Subtotal	31.994	92.356	20.657	53.034	206.075	622.953
Outros países	3.582	6.860	940	2.066	10.544	20.540
<b>Total</b>	<b>35.576</b>	<b>99.216</b>	<b>21.597</b>	<b>55.100</b>	<b>216.619</b>	<b>643.493</b>

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

## Produção e mercado estaduais

Em Santa Catarina a produção de banana se concentra em duas regiões. No Litoral Norte Catarinense, com 85% da produção estadual, concentram-se os cultivares Nanica e Nanicão (tipo Caturra). No Litoral Sul, com 9% da produção, os cultivares mais usados são a Enxerto e a Branca de Santa Catarina (tipo Prata). Dez municípios respondem por mais de 80% da produção estadual, sendo nove do Litoral Norte Catarinense: Corupá (24% da produção estadual), Luiz Alves (18,4%), Massaranduba (8,2%), Jaraguá do Sul (6,9%), São João do Itaperiú (5,4%), Schroeder (4,6%), Garuva (3,8%), Guaramirim (3,7%), Joinville (3%) e apenas Jacinto Machado (3,3%) do Litoral Sul.

## As safras catarinenses de 2013 e 2014

A safra catarinense de 2013 teve desempenho abaixo da expectativa, registrando decréscimo na área colhida, no rendimento e no volume produzido (Tabela 4). Esse comportamento decorreu do excesso de chuva, temperaturas próximas de zero grau na maioria dos municípios produtores, queda de granizo e vendavais que afetaram a qualidade e o rendimento do produto.

Da produção do Litoral Norte Catarinense, 43% foi absorvido pelo mercado interno (26% para consumo “in natura” e 17% pelas indústrias de processamento), 25% destinado aos mercados do Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Grande Belo Horizonte e 15% para o Uruguai e Argentina. Da Região Sul Catarinense, 60% foi comercializado na própria região, parte “in natura” e parte para as indústrias que produzem balas, doces, dentre outros itens. A preferência desse mercado pela banana-prata ocorre em função do seu maior rendimento e do melhor sabor do produto final. Os demais 40% da produção destinam-se basicamente para o Rio Grande do Sul.

Em 2013, os preços da banana-caturra permaneceram aviltados no primeiro trimestre, recuperaram-se a partir de abril e atingiram as cotações máximas nos meses de setembro e outubro. Na média do ano o preço foi 8,6% maior que o do ano anterior. Na banana-prata, a média anual foi 12,9% acima da de 2012 (Tabela 6). No mercado atacadista o comportamento dos preços foi bastante semelhante aos dos produtores (Tabela 7).

**Tabela 6/I. Banana – Preço mensal no produtor – Santa Catarina – 2009-14**

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
<b>Banana-caturra – R\$/cx 18 a 22 kg</b>												
2009	3,00	3,23	3,92	7,68	7,25	6,03	6,90	8,86	8,68	9,00	7,66	4,20
2010	3,75	3,29	6,36	7,56	6,17	6,81	7,03	7,00	7,55	8,85	7,29	7,00
2011	5,65	4,29	5,08	7,42	6,83	6,40	6,84	8,35	9,00	9,00	6,97	6,50
2012	8,89	8,92	8,84	12,07	13,00	11,74	9,60	7,89	6,86	4,15	3,39	3,00
2013	3,00	3,00	4,16	9,23	8,72	8,58	10,43	9,18	14,02	15,76	11,75	10,00
2014	9,29	6,05	13,14	18,50	15,00	9,56	9,80					
<b>Banana-prata – R\$/cx 18 a 22 kg</b>												
2009	10,00	10,00	10,00	10,61	12,00	12,00	12,07	12,35	11,48	10,15	10,00	9,96
2010	7,55	5,14	10,43	11,43	11,80	12,17	12,24	11,90	11,93	10,69	9,18	8,29
2011	9,25	10,20	11,14	12,00	12,50	12,62	13,00	11,97	10,48	10,00	9,60	9,38
2012	11,53	13,68	14,07	14,90	15,16	14,00	14,91	16,00	16,00	14,11	9,95	9,50
2013	10,78	12,06	14,58	16,50	17,00	17,89	19,00	19,00	17,90	16,80	14,45	9,00
2014	14,00	17,55	18,05	19,85	20,15	20,32	21,00					

Fonte: Epagri/Cepa.



**Tabela 7/I. Banana – Preço mensal no atacado – Santa Catarina – 2009-14**

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
<b>Banana-caturra – R\$/cx 18 a 22 kg</b>												
2009	6,50	4,93	5,42	9,82	9,93	8,29	9,39	12,33	12,47	12,00	10,61	7,00
2010	6,50	6,00	8,17	9,56	9,00	9,00	9,90	10,00	10,10	11,00	9,55	9,00
2011	7,90	6,84	7,36	9,79	9,36	8,50	8,50	10,76	11,19	12,00	9,44	8,75
2012	11,56	12,00	12,00	14,00	15,00	14,16	11,93	10,17	8,53	6,57	5,74	6,29
2013	5,71	6,00	7,89	12,55	11,22	10,75	13,14	11,45	15,19	16,59	14,80	12,14
2014	11,00	8,85	17,33	22,00	19,45	15,22	14,80					
<b>Banana-prata – R\$/cx 18 a 22 kg</b>												
2009	19,32	18,77	20,00	20,00	20,90	21,00	21,60	21,30	19,24	19,70	20,00	20,00
2010	20,00	20,00	20,75	21,00	22,00	22,69	22,93	22,35	23,65	22,61	20,63	19,75
2011	20,30	20,80	21,07	21,50	21,82	20,97	21,00	21,16	21,00	21,00	20,65	19,69
2012	21,64	23,58	23,73	24,00	24,73	25,00	25,91	26,70	26,00	24,11	21,63	21,00
2013	21,74	22,47	24,42	27,14	27,25	28,58	28,96	27,09	26,52	26,25	25,80	24,67
2014	25,00	26,70	27,53	31,30	33,85	35,05	35,00					

Fonte: Epagri/Cepa.

No Estado, o comportamento negativo de preços no produtor e atacado da banana-caturra no primeiro semestre foi ocasionado pela retração das vendas para o mercado externo, acarretando um aumento da oferta no mercado interno, além de uma maior concorrência da banana vinda de outros estados.

Os dados preliminares da safra catarinense de 2014 indicam área praticamente inalterada e pequeno decréscimo de produção (Tabela 4). Durante a safra houve excesso de calor nos meses de janeiro e fevereiro, excesso de chuva (com alagamento de alguns bananais) que acabaram afetando parcialmente a produção e a qualidade do produto.

Os preços ao produtor da banana-caturra variaram sensivelmente no primeiro semestre de 2014, alcançando a sua maior valorização (R\$ 18,50) no mês de abril, o que decorreu da escassez do produto no mercado interno, bem como da diminuição de concorrentes nacionais. Quanto aos preços da banana-prata, foram crescentes durante todo o primeiro semestre (Tabela 6). No mercado atacadista, os preços da banana-caturra e da banana-prata apresentaram comportamento bastante semelhantes àqueles pagos aos produtores (Tabela 7).

No primeiro trimestre de 2014 a comercialização de banana catarinense esteve mais voltada para o mercado estadual. No segundo trimestre, a falta do produto em alguns mercados propiciou mais espaço no mercado nacional. Para o segundo semestre, a expectativa do setor é de manutenção do volume de vendas no mercado local e interestadual, e possibilidade de expansão das exportações para o Uruguai e Argentina. Em Santa Catarina, os preços da fruta no produtor e atacado deverão estar mais valorizados que os do segundo semestre de 2013.

Em 2012 e 2013 as exportações catarinenses tiveram desempenho bem pior que os dos anos imediatamente anteriores. Com isso, entre 2012 e 2013, o Estado caiu de primeiro para terceiro estado em valor exportado. Embora Santa Catarina continuasse com a maior quantidade exportada, Rio Grande do Norte e Ceará lideraram os valores das vendas internacionais (Tabela 8). Em boa parte, isso se explica pelo fato de as exportações catarinenses destinarem-se, principalmente, para o Uruguai e a Argentina. Em geral, as exportações para esses países alcançam preços mais baixos que aquelas destinadas para o mercado europeu (principalmente Reino Unido, Alemanha e Itália), onde se concentram as vendas do Rio Grande do Norte e do Ceará.

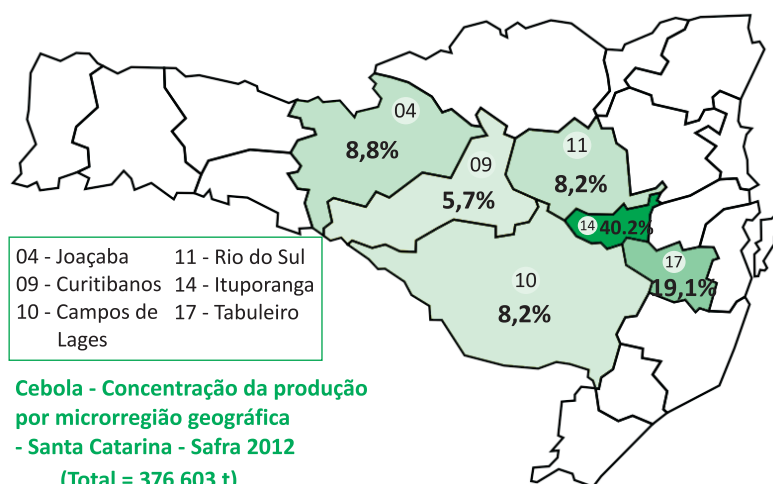
**Tabela 8/I. Banana – Exportação por estado da Federação – 2009-14**

Estado	2009		2010		2011		2012		2013		Até julho/2014	
	US\$ 1.000	(t)	US\$ 1.000	(t)	US\$ 1.000	(t)	US\$ 1.000	(t)	US\$ 1.000	(t)	US\$ 1.000	(t)
Rio G. do Norte	13.907	34.204	17.645	40.269	13.621	31.097	13.510	30.397	11.437	25.277	5.530	12.332
Ceará	8.256	20.927	11.199	25.382	10.366	23.109	9.846	22.234	10.863	24.540	6.984	15.411
Santa Catarina	16.522	85.556	16.253	72.564	14.715	54.278	9.283	34.393	8.730	34.840	5.668	18.744
Rio G. do Sul	464	2.720	236	1.280	511	1.563	2.742	8.606	4.313	13.964	3.136	7.773
Demais estados	238	446	52	33	34	7	23	69	232	595	279	840

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

## Cebola

Daniel Rogério Schmitt  
Eng. Agr. - Epagri/Ituporanga  
danielschmitt@epagri.sc.gov.br



## Produção e mercado mundiais

A cebola é uma hortaliça produzida em praticamente todos os países. Segundo os dados da FAO, em 2012, a área cultivada mundialmente foi de aproximadamente 4,2 milhões de hectares e a produção de 82,8 milhões de toneladas. Na última década, o crescimento da produção foi de 47%, pois em 2003 era de 56,4 milhões de toneladas. Isso se explica principalmente pelo aumento de 33% na área cultivada, uma vez que o rendimento médio cresceu apenas 10%, passando de 17,9 para 19,7 t/ha durante esta década.

Segundo a FAO, em 2011, as exportações mundiais de cebola alcançaram 6,8 milhões de toneladas, significando 8,2% da produção mundial. O comércio internacional do bulbo cresce de forma contínua, sendo que em 1990 somava apenas 2,2 milhões de toneladas. O maior exportador é a Holanda, com 1,32 milhões de toneladas, seguido da Índia, com 1,11 milhões de toneladas e da China com 742 mil toneladas. Os principais países exportadores podem ser classificados em dois grupos: o primeiro, composto por Estados Unidos, Espanha e Argentina, cujas exportações estão estabilizadas nos últimos anos; e o segundo, composto por Holanda, Índia, Egito, México e Peru, que apresentaram crescimento constante nas vendas externas na última década.

Em 2011, os principais importadores foram Malásia, com 454 mil toneladas, seguida da Federação Russa, com 453 mil toneladas, e dos Estados Unidos, com 373 mil toneladas. Outros países importadores são o Japão, a Alemanha e o Reino Unido. Países como os Estados Unidos e a Holanda apareceram tanto como importadores, como exportadores. No primeiro caso é resultado do comércio com o México e o Canadá, no âmbito do Nafta. Já a Holanda importa cebolas para abastecer os demais países da União Europeia em função da sua avançada logística de transportes e armazenamento.

O Brasil importou em 2011, 195,2 mil toneladas, se posicionando como décimo maior importador mundial. Deste total, 173 mil toneladas (82,6%) vieram da Argentina, tradicional fornecedor brasileiro. No mesmo ano, na América do Sul, além da Argentina, que exportou um volume total de 212 mil toneladas, se destacaram as exportações do Peru (177 mil t) e do Chile (86 mil t), cujas vendas foram direcionadas principalmente para os Estados Unidos e o Reino Unido.

## Produção e mercado nacionais

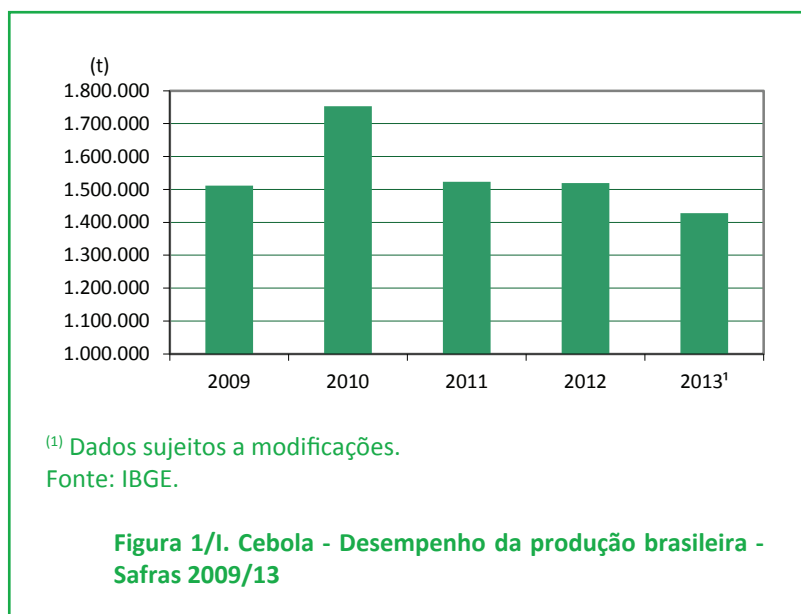
Segundo os dados do IBGE, em 2013, a produção dos sete principais estados brasileiros produtores de cebola alcançou 1,428 milhão de toneladas, com área cultivada de 55.094 hectares e rendimento médio de 25.921 kg/ha. Com a consolidação dos dados dos demais estados produtores, estima-se que a área cultivada e a produção devam permanecer similares a 2012, quando a produção nacional atingiu 1,519 milhão de toneladas em uma área colhida de 60.931 mil hectares (Tabela 1).

**Tabela 1/I. Cebola – Área colhida, produção e rendimento dos principais estados produtores – Safras 2011/13**

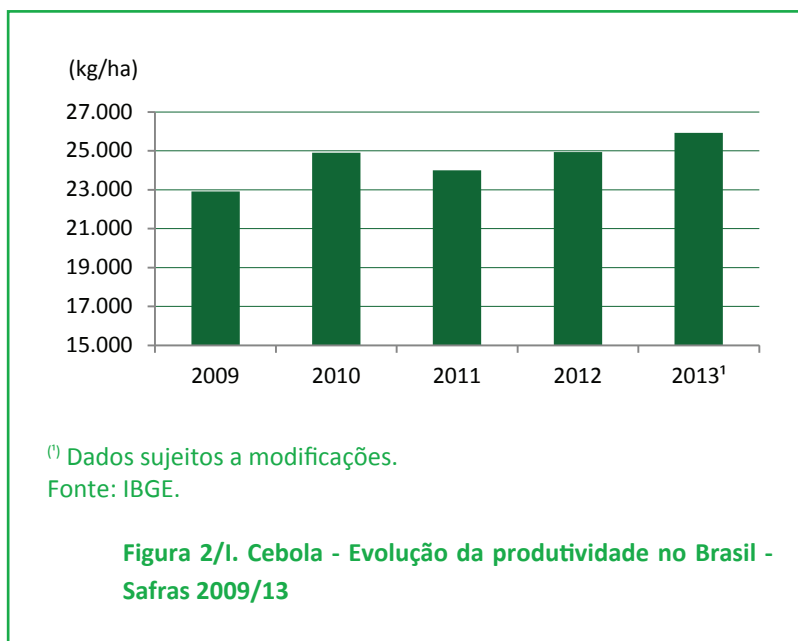
Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2011	2012	2013 <sup>1</sup>	2011	2012	2013 <sup>1</sup>	2011	2012	2013 <sup>1</sup>
Santa Catarina	19.682	18.799	18.897	395.135	376.603	493.967	20.076	20.033	26.140
São Paulo	4.874	6.710	6.710	133.238	238.300	238.300	27.336	35.514	35.514
Minas Gerais	2.401	2.746	3.145	138.233	145.455	172.461	57.573	52.970	54.837
Rio G. do Sul	11.682	10.622	9.963	225.017	207.089	159.735	19.262	19.496	16.033
Paraná	8.172	7.449	6.964	162.787	163.441	154.715	19.920	21.941	22.216
Bahia	8.885	7.474	4.958	190.278	217.352	112.858	21.416	29.081	22.763
Pernambuco	4.610	4.696	4.457	93.491	95.906	96.076	20.280	20.423	21.556
Outros estados	3.175	2.435	-	185.137	74.876	-	58.311	30.750	-
<b>Brasil</b>	<b>63.481</b>	<b>60.931</b>	<b>55.094</b>	<b>1.523.316</b>	<b>1.519.022</b>	<b>1.428.112</b>	<b>23.996</b>	<b>24.930</b>	<b>25.921</b>

<sup>(1)</sup> Dados incompletos.  
Fonte: IBGE.

A área de produção de cebola no Brasil recua gradativamente desde 2010, quando foram cultivados 70.429 hectares. Na época houve superprodução (Figura 1) e baixos preços fazendo com que os produtores diminuíssem o cultivo dessa hortaliça.



Nos últimos anos a área colhida se estabilizou em torno de 60 mil hectares, significando uma redução de 15%. Todavia, o crescimento da produtividade média brasileira é praticamente constante (Figura 2), o que compensa parcialmente a redução da área.



Em função disso, os preços nas últimas três safras se mantiveram relativamente atraentes para os cebolicultores nacionais. As exceções ficam por conta de curtos intervalos de tempo de oferta excessiva de bulbos, como no período de setembro a novembro de 2013.

Quando se analisa a evolução da produção nos principais estados produtores, percebe-se o crescimento nas áreas do cerrado brasileiro, notadamente Minas Gerais e Goiás, onde as produtividades médias ultrapassam 55 t/ha nos últimos anos. Isso é resultado da adoção de tecnologias como irrigação, semeadura direta e sementes híbridas, além de condições climáticas favoráveis.

Nas últimas quatro temporadas a grande oferta dessa região nos meses de setembro a novembro tem se acumulado com a produção de cebolas precoces do sul do Brasil e com o aumento da oferta no nordeste por conta da produção no Rio Grande do Norte, provocando queda nos preços.

Em outubro de 2013 houve até mesmo a destruição de algumas lavouras em fase final de desenvolvimento, no estado de São Paulo, em função da baixíssima remuneração, que não justificava sequer a colheita dos bulbos.

Essa situação se torna mais crítica, uma vez que a produção de Goiás, do sudeste e do nordeste normalmente não é armazenada por períodos mais longos, sendo destinada da lavoura diretamente para o mercado consumidor.

No sul do Brasil, notadamente em Santa Catarina, a estrutura de armazenagem permite o escalonamento das vendas por até cinco meses, garantindo preços médios mais remuneradores no primeiro semestre.

Para os produtores da região central do Brasil, que não possuem estrutura de armazenamento, resta planejar a semeadura das áreas de cultivo em etapas e com cultivares diferentes para escalonar a colheita. Mas as condições climáticas, em muitos anos, prejudicam esse planejamento, promovendo oscilação entre períodos de muita oferta e outros de falta de cebola no mercado nacional.

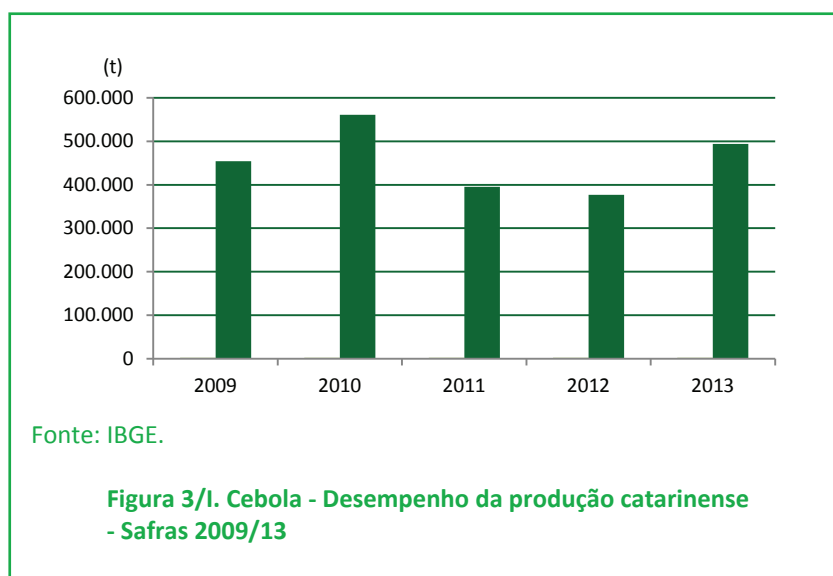
Se a produção cresceu no Cerrado Brasileiro, no Rio Grande do Sul houve redução de cultivo nas últimas safras. A quebra na área cultivada ocorre na região do litoral sul, de forma específica nos municípios de São José do Norte, Tavares e Mostardas, tradicionais no cultivo de cebola. As justificativas são a estagnação tecnológica da produção, os transtornos climáticos e as dificuldades de obtenção de mão de obra, devido ao êxodo rural.

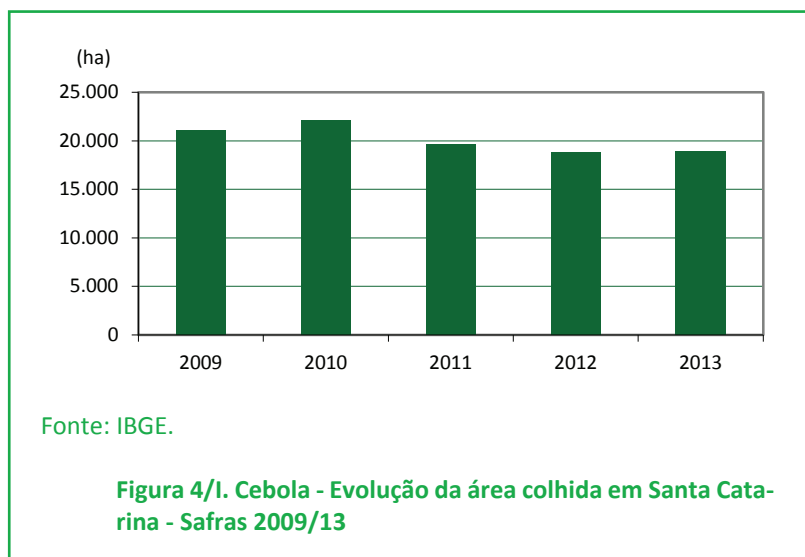
Os preços recebidos pelos produtores dessa região são mais baixos que os valores recebidos pelos demais produtores sulistas, em função da qualidade inferior dos bulbos e do elevado custo de transporte para os grandes centros consumidores devido à distância. Em 2013 a estimativa é de redução de 30% na oferta de cebola do estado gaúcho em relação ao ano anterior.

Nas demais regiões produtoras de cebola no Brasil houve leve redução ou manutenção da área cultivada na última década, porém com gradual crescimento da produtividade, o que tem compensado eventuais declínios na área cultivada.

## Produção e mercado estaduais

A safra catarinense de cebola 2013/14 mostrou excelente resultado quanto à produção bruta. Segundo o IBGE foram colhidas 496 mil toneladas, significando um acréscimo de 31,2% em relação ao ano anterior, que teve uma produção estimada em 376,6 mil toneladas. Os dados iniciais eram de área cultivada de 18,9 mil hectares, rendimento médio de 24,4 mil kg/ha e produção de 460 mil toneladas. Todavia, as condições climáticas favoráveis ao longo do segundo semestre de 2013, com poucos períodos de estiagem ou de excesso de chuvas, permitiram a realização das atividades de manejo nas épocas adequadas, resultando no aumento da produtividade média para 26.140 kg/ha. Com isso, mesmo com praticamente a mesma área plantada da safra anterior, Santa Catarina teve a segunda maior produção da sua história (Figuras 3 e 4).





Além disso, o clima mais seco durante as fases de bulbificação e colheita garantiu cebolas de boa qualidade, mais firmes e apropriadas para armazenamento por um período de tempo longo.

A ocorrência de neve em julho 2013, e principalmente de baixas temperaturas no início da primavera, que provocaram o florescimento em algumas lavouras, comprovou o dito popular: em ano de frio tardio, há atraso na colheita, mas a produção é de boa qualidade. Desse modo, segundo os dados da Epagri/Cepa, foram comercializadas 395 mil toneladas das 496 mil toneladas colhidas, o que significou um recorde em termos de oferta líquida para o mercado consumidor. Houve, portanto, aumento de 26,4% nas vendas do Estado, uma vez que em 2012/13 elas se limitaram a 312,6 mil toneladas.

O baixo índice de perda pós-colheita, estimado em 20%, foi decorrência principalmente da perda natural de peso no processo de armazenagem. Somente em casos específicos houve perdas mais severas por podridões ou falso carvão, relacionados em parte com as altas temperaturas que ocorreram no verão em janeiro e fevereiro de 2014.

A comercialização da produção de 2013/14 seguiu a tendência das últimas safras, iniciando em novembro com preços muito baixos (R\$ 0,30/kg – classe 3) e crescendo gradualmente até janeiro, quando os preços se estabilizaram em cerca de R\$ 0,80/quilo. Como relatado anteriormente, a super oferta de cebola na primavera foi a justificativa para esta queda.

Com o mercado operando com valores abaixo do custo de produção (estimado em R\$ 0,48/kg), os produtores de cebolas precoces do Alto Vale do Itajaí retardaram ainda mais a colheita, já atrasada por causa do frio. Procuraram fazer a cura mais adequada e aguardar a melhoria dos preços, armazenando o produto na lavoura ou em galpões improvisados.

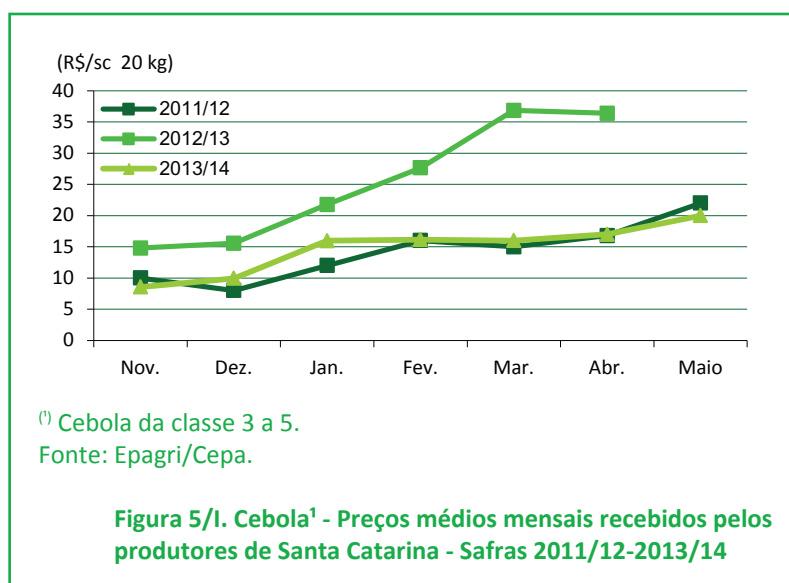
Com o encerramento das vendas de cebola mineira e paulista em dezembro e a quebra na safra gaúcha, a estratégia surtiu efeito. As cebolas precoces foram comercializadas já em fevereiro/2014 com preços mais compensadores, de R\$ 0,80/quilo. Houve, por consequência, atraso nas vendas das variedades de ciclo médio ou tardio, que representam cerca de dois terços do volume produzido. Mas, apesar da oferta recorde de Santa Catarina, o escalonamento das vendas no primeiro semestre de 2014 foi garantido pela boa conservação dos bulbos.

A superoferta catarinense, aliada à produção normal do Paraná, fez com que os preços recebidos pelos produtores se estabilizassem em torno de R\$ 0,80/quilo no primeiro quadrimestre de 2014. O preço médio ponderado de toda a safra foi de R\$ 0,75/quilo, considerado satisfatório, uma vez que



os custos de produção foram estimados em média em R\$ 0,48/quilo. O encerramento efetivo da comercialização somente ocorreu em junho. Mas nesse mês, bem como em maio, as vendas foram pequenas.

Da oferta líquida de 395 mil toneladas estimou-se que 80% eram da classe 3 (5 a 7cm de diâmetro), ou, em pequena escala, das classes maiores, 4 e 5. Os 20% remanescentes foram classificados como classe 2, ou menor (classe 1). Para o primeiro grupo o preço médio calculado foi de R\$ 0,75/quilo e, para o segundo grupo, pagou-se na safra apenas 50% desse valor. Assim, o valor bruto da safra catarinense de cebola de 2013/14 foi estimado em R\$ 266,7 milhões. Esses números, mesmo que representem recorde de volume vendido, significam uma queda de 28% em relação ao ano anterior, quando o preço médio ponderado foi de R\$ 1,22/quilo (Figura 5).



O grande volume ofertado causou atraso e redução na importação brasileira de cebola da Argentina. Nos primeiros sete meses de 2014 foram apenas 120 mil toneladas, contra 180 mil do ano passado. Para o mesmo período, também houve redução nos valores pagos pelo bulbo argentino, que decresceram em média 35%.

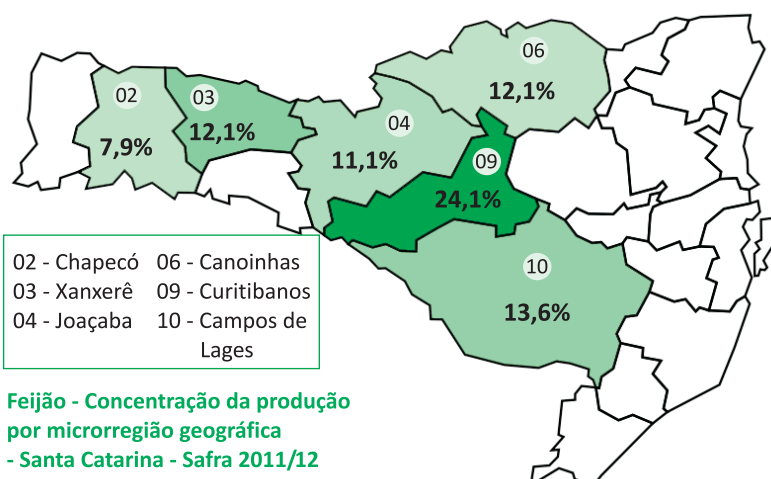
Em relação à safra 2014/15, dados preliminares do IBGE mostram uma área cultivada praticamente similar ao ano anterior em Santa Catarina, cerca de 19 mil hectares. Os preços recebidos na última safra foram suficientes para garantir um retorno financeiro de aproximadamente 50% sobre o capital investido para a maioria dos produtores tradicionais, o que justifica a manutenção da área cultivada, mesmo que persistam as dificuldades com a falta e o alto custo da mão de obra.

Nesse caso, os maiores entraves no Alto Vale do Itajaí são a competição com a indústria e a construção civil e a informalidade na relação de trabalho, combatida pela fiscalização do Ministério do Trabalho, criando insegurança na produção. Desse modo, para diminuir as contratações eventuais de trabalhadores, muitos produtores optaram pela semeadura direta da cebola, abolindo a fase de produção de mudas em canteiros e o transplante. Estima-se que a área com semeadura direta no Estado já ultrapasse um terço do total. Todavia, com o excesso de chuva de junho e julho, muitas lavouras implantadas com essa técnica tiveram perdas com a mortalidade de sementes ou plântulas, resultando em lavouras com baixa população ou exigindo novas semeaduras.

Dados preliminares mostram leve redução no cultivo de cebola no Paraná (5%) e redução mais intensa no Rio Grande do Sul (15%). Essas informações, somadas ao bom escalonamento de vendas das safras de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, permitem antever um período de comercialização favorável para a cebola catarinense no próximo verão.

# FEIJÃO<sup>1</sup>

Márcia J. F. Cunha Varaschin  
Economista - Epagri/Cepa  
marciacunha@epagri.sc.gov.br



02 - Chapecó 06 - Canoinhas  
03 - Xanxerê 09 - Curitibanos  
04 - Joaçaba 10 - Campos de Lages

**Feijão - Concentração da produção por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safra 2011/12**  
(Total = 115.719 t)

## Produção e mercado mundiais

O Brasil ocupa a terceira posição na produção mundial de feijão, atrás do Myanmar e da Índia. Em 2012, quase metade (49,9%) da produção mundial foi proveniente de apenas quatro países. (Tabela 1).

Tabela 1/I. Feijão - Produção mundial - Safras 2007/08-2011/12

País	Área colhida (mil ha)					Produção (mil t)				
	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12
Myanmar	2.725,0	2.719,0	2.710,0	2.712,0	2.750,0	3.218,0	3.375,0	3.530,0	3.750,0	3.900,0
Índia	8.000,0	6.000,0	11.000,0	11.000,0	9.100,0	3.010,0	2.430,0	4.890,0	4.330,0	3.630,0
Brasil	3.781,9	4.100,0	3.423,6	3.673,2	2.709,5	3.461,2	3.486,8	3.158,9	3.435,4	2.794,9
China	1.000,0	900,0	907,0	908,5	965,0	1.700,0	1.480,0	1.330,0	1.572,0	1.450,0
Estados Unidos	584,9	592,1	745,7	467,8	684,1	1.159,3	1.150,3	1.442,5	899,6	1.448,1
Tanzânia	749,5	868,3	1.208,7	737,7	1.330,0	570,8	773,7	867,5	675,9	1.199,3
México	1.505,7	1.205,3	1.630,2	895,0	1.559,0	1.122,7	1.041,4	1.156,3	567,8	1.080,9
Quênia	641,9	960,7	689,4	1.036,7	1.058,9	265,0	465,4	390,6	577,7	613,9
Etiópia	231,4	244,0	237,4	331,7	366,9	241,4	362,9	340,3	387,8	463,0
Ruanda	336,6	345,9	319,3	341,8	479,9	308,0	326,5	327,5	331,2	432,9
Outros países	7.212,8	7.785,3	7.978,7	8.327,4	8.287,6	5.914,8	6.257,1	6.339,2	6.650,3	6.585,3
Mundo	26.769,7	25.720,6	30.850,0	30.431,7	29.290,9	20.971,2	21.149,0	23.772,7	23.177,7	23.598,1

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2014. 30 Maio 2014.

<sup>(1)</sup> Para este artigo, além de informações da autora, foram utilizadas as seguintes fontes:  
IBGE – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – diversos períodos.  
[www.fao.org](http://www.fao.org)  
[www.cna.org.br](http://www.cna.org.br)  
[www.conab.gov.br](http://www.conab.gov.br)  
Jornais diversos e internet.

No mercado mundial de feijão circulam, anualmente, cerca de 24 milhões de toneladas da leguminosa. O maior consumidor é a Índia, seguida pelo Brasil, que também é o segundo maior importador mundial do produto (Tabelas 2 e 4). A China é o principal exportador de feijão e a Índia o maior importador (Tabelas 3 e 4). Ademais, o Brasil é o terceiro maior consumidor per capita, com 16,4 kg/per capita/ano (dados da FAO, de 2011). A primeira posição é ocupada por Ruanda, com um consumo de 27,1 kg/per capita/ano.

**Tabela 2/I. Feijão - Maiores países consumidores - 2007-11**

(t)

País	2007	2008	2009	2010	2011
Índia	3.772.224	3.108.568	2.819.550	4.515.868	4.190.691
Brasil	3.075.112	3.137.684	3.154.548	3.176.246	3.230.414
Estados Unidos	910.000	920.000	920.000	920.000	928.500
México	1.145.540	1.132.076	1.136.350	1.220.101	893.384
Tanzânia	621.822	582.529	676.344	632.979	557.611
Quênia	378.337	360.530	429.297	354.033	515.114
Indonésia	287.810	256.901	275.035	281.708	347.490
Uganda	360.098	349.523	353.231	372.261	344.886
Coreia do Norte	276.428	292.156	296.315	264.418	308.830
Ruanda	302.855	287.161	301.790	300.835	302.337
Subtotal	11.130.226	10.427.128	10.362.460	12.038.449	11.619.257
Outros países	4.972.019	4.849.374	5.020.799	5.226.505	5.472.440
<b>Total mundial</b>	<b>16.102.245</b>	<b>15.276.502</b>	<b>15.383.259</b>	<b>17.264.954</b>	<b>17.091.697</b>

Fonte: FAOSTAT. FAO Statistics Division 2014. 9 Junho 2014.

**Tabela 3/I. Feijão - Principais países exportadores e total mundial - 2007-11**

(t)

País	2007	2008	2009	2010	2011
China	794.366	959.552	1.045.859	950.004	948.492
Mianmar	1.370.000	1.770.000	1.500.000	1.400.000	572.087
Estados Unidos	309.331	415.321	433.553	406.957	385.860
Argentina	280.905	229.199	290.105	326.549	350.824
Canadá	325.171	293.595	257.012	255.619	217.909
Subtotal	3.079.773	3.667.667	3.526.529	3.339.129	2.475.172
Outros países	749.298	742.529	912.428	787.714	918.723
<b>Total mundial</b>	<b>3.829.071</b>	<b>4.410.196</b>	<b>4.438.957</b>	<b>4.126.843</b>	<b>3.393.895</b>

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2014. 30 Maio 2014.

**Tabela 4/I. Feijão - Principais países importadores e total mundial - 2007-11**

(t)

País	2007	2008	2009	2010	2011
Índia	486.159	604.518	1.031.324	495.368	630.677
<b>Brasil</b>	<b>96.269</b>	<b>209.690</b>	<b>109.921</b>	<b>181.162</b>	<b>207.092</b>
Estados Unidos	171.151	166.783	154.998	141.942	172.017
Japão	122.838	119.113	115.715	106.973	128.733
Reino Unido	122.920	148.055	136.974	124.964	128.190
Itália	104.908	109.875	96.003	107.775	117.799
México	91.712	95.038	174.822	117.470	104.897
Paquistão	84.114	57.243	61.188	53.712	90.316
África do Sul	86.642	70.040	93.887	87.567	85.552
Árgélia	54.030	64.785	51.220	50.421	81.621
Subtotal	1.420.743	1.645.140	2.026.052	1.467.354	1.746.894
Outros países	1.607.504	1.681.351	1.646.107	1.622.903	1.574.832
<b>Total mundial</b>	<b>3.028.247</b>	<b>3.326.491</b>	<b>3.672.159</b>	<b>3.090.257</b>	<b>3.321.726</b>

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2014. 30 Maio 2014.

## Produção e mercado nacionais

A safra 2013/14 deve aumentar em relação à safra anterior, tanto em área plantada como em produção. As estimativas de aumento são de 8,8% para a área e de 25,7% para a produção (Tabela 5). Essa diferença entre o crescimento da área e da produção é por conta da elevação significativa na produtividade na safra atual, já que na safra anterior houve perdas por excesso de chuvas, incidência de doenças, frio e geada nas principais regiões produtoras.

**Tabela 5/I. Feijão - Área plantada, produção e rendimento médio - Brasil - Safras 2009/10-2013/14**

Safra	Área plantada	Produção	Rendimento médio
	(ha)	(t)	(kg/ha)
2009/10	3.526.759	2.923.725	829
2010/11	3.907.926	3.435.366	879
2011/12	3.182.815	2.794.854	878
2012/13 <sup>1</sup>	3.040.202	2.936.444	966
2013/14 <sup>2</sup>	3.308.056	3.690.340	1.116

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações.

<sup>(2)</sup> Estimativa.

Fonte: IBGE (LSPA em maio/2014 e PAM em 11/06/2014).

O feijão é cultivado em quase todo o território nacional, porém dez estados são responsáveis por 87% da produção nacional. Os principais estados produtores de feijão, em 2014, são apresentados na Tabela 6.

**Tabela 6/I. Feijão - Principais estados produtores - Safras 2009/10-2013/14**

Estado	Área (mil ha)					Produção (mil t)				
	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 <sup>1</sup>	2013/14 <sup>2</sup>	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 <sup>1</sup>	2013/14 <sup>2</sup>
Paraná	520,8	521,2	478,2	485,7	508,0	792,0	815,3	700,4	690,8	917,4
Minas Gerais	422,7	399,3	419,3	418,8	393,1	623,8	583,0	633,8	564,3	600,2
Goiás	119,0	134,4	140,5	129,8	140,6	288,8	311,8	336,3	289,9	331,4
Bahia	615,9	551,2	319,5	460,2	485,6	316,4	222,4	106,7	248,0	320,4
Mato Grosso	107,8	169,9	181,4	207,2	196,0	133,8	196,0	243,4	280,3	276,1
Ceará	464,6	600,1	456,8	319,0	451,5	83,3	264,2	52,7	55,6	237,2
São Paulo	195,6	131,5	111,9	116,1	105,3	325,9	216,8	206,7	236,6	226,6
Santa Catarina	110,7	105,7	85,3	80,3	86,3	167,9	156,7	115,7	135,9	145,7
Rio Grande Sul	103,6	89,4	81,8	72,3	74,7	112,5	119,1	85,6	94,5	110,1
Pernambuco	290,1	320,5	264,9	85,1	135,7	68,7	107,4	18,2	41,1	54,1
Outros estados	771,5	884,7	643,2	665,7	731,3	336,5	442,6	295,3	299,4	471,1
<b>Brasil</b>	<b>3.722,4</b>	<b>3.907,9</b>	<b>3.182,8</b>	<b>3.040,2</b>	<b>3.308,1</b>	<b>3.249,6</b>	<b>3.435,4</b>	<b>2.794,9</b>	<b>2.936,4</b>	<b>3.690,3</b>

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações.

<sup>(2)</sup> Estimativa.

Fonte: IBGE (PAM em 12/06/2014 e LSPA em Abril/2014).

Da produção brasileira, 63% são de feijão-cores, 18% de feijão-preto e 19% de macaçar (caupi). O feijão-carioca está distribuído de forma uniforme nas três safras anuais, o feijão-preto concentra-se no Sul do País e 70% de sua produção origina-se da primeira safra. A variedade macaçar, cultivada na Região Nordeste, concentra-se na segunda safra, à exceção da produção do estado da Bahia.

Na safra 2013/14, a produção deverá ter a seguinte distribuição: 46% da primeira safra, 40,3% da segunda safra e 13,7% da terceira safra.

Nos últimos anos as importações brasileiras de feijão seguem em ritmo ascendente, mas no ano passado houve um leve arrefecimento. Até junho de 2014 foram importadas apenas 19,8 mil toneladas, mas vale lembrar que a maior parte das importações ocorre no segundo semestre, quando o produto nacional entra na entressafra. China, Argentina e Bolívia são, respectivamente, nossos principais fornecedores (Tabela 7).

**Tabela 7/I - Feijão - Importação brasileira por país de origem - 2010-14**

(t)

País de Origem	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>
China	50.255	63.320	147.916	226.539	3.027
Argentina	97.487	121.181	134.351	46.387	9.497
Bolívia	29.806	20.899	27.352	28.962	6.680
Países Baixos	0	2	8	499	0
Suíça	0	0	0	480	0
Paraguai	1.979	418	777	237	296
Outros países	853	46	1.284	58	269
<b>Total</b>	<b>180.379</b>	<b>205.866</b>	<b>311.687</b>	<b>303.162</b>	<b>19.768</b>

<sup>(1)</sup> Até Junho.

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Em virtude do crescimento na produção nacional nesta safra, acredita-se que o volume importado este ano venha a ser menor que em anos anteriores, muito embora os estoques iniciais de 129,2 mil toneladas sejam os menores dos últimos oito anos (Tabela 8).

**Tabela 8/I. Feijão – Balanço de oferta/demanda - Brasil - Safras 2009/10-2013/14**

(mil t)

Discriminação	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14
Estoque inicial	317,7	366,9	686,4	373,8	129,2
Produção	3.322,5	3.732,8	2.918,4	2.806,3	3.530,4
Importação	181,2	207,1	312,3	304,4	300,0
Suprimento	3.821,4	4.306,8	3.917,1	3.484,5	3.959,6
Consumo	3.450,0	3.600,0	3.500,0	3.320,0	3.450,0
Exportação	4,5	20,4	43,3	35,3	45,0
Estoque final	366,9	686,4	373,8	129,2	464,6

Fonte: Conab (Julho/14 - 10º. levantamento).

A baixa produção da safra 2012/13 acarretou elevação nos preços e contribuiu para que o governo aumentasse significativamente os preços mínimos governamentais para incentivar o plantio na safra 2013/14 e regularizar o abastecimento. O preço mínimo do feijão-preto foi reajustado em 41,6% alcançando o valor de R\$ 105,00/saca. As variedades cores aumentaram 28,1%, chegando a R\$ 95,00/saca. Esses valores superaram até mesmo os indicados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a qual, tendo por base os custos de produção, propunha R\$ 100,00 para o feijão-preto e R\$ 80,00 para o cores.

Esses novos preços mínimos vigoram de novembro de 2013 até outubro de 2014 nas regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e sul da Bahia. Nas regiões Norte e Nordeste (exceto sul da Bahia), a vigência vai de janeiro a dezembro de 2014.

## Produção e mercado estaduais

A safra catarinense de 2013/14 deve aumentar 8,5% a área semeada e 5,6% a produção (Tabela 9). O crescimento foi estimulado pelos aumentos nos preços aos produtores no início do plantio da safra (que estavam em R\$140,00/sc de 60kg), bem como dos preços mínimos governamentais.

**Tabela 9/I. Feijão - Área plantada, produção e rendimento médio - Santa Catarina - Safras 2009/10-2013/14**

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (kg/ha)
2009/10	110.685	167.903	1.517
2010/11	105.661	156.744	1.483
2011/12	85.321	115.719	1.356
2012/13 <sup>1</sup>	80.348	135.868	1.691
2013/14 <sup>2</sup>	87.187	143.427	1.645

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações.

<sup>(2)</sup> Estimativa.

Fonte: IBGE (LSPA em maio/2014 e PAM em 11/06/2014).

O aumento de área ocorre apenas na primeira safra (12,6% em comparação com a safra 2012/13). A produção, por sua vez, deverá crescer 6% na primeira safra e 4,3% na segunda safra. O aumento seria maior se a ausência de chuvas em alguns períodos e o excesso em outros não tivessem afetado as lavouras do Estado. Vale lembrar que na primeira safra algumas regiões também sofreram com as adversidades climáticas. O Meio-Oeste é um exemplo: o calor e a seca afetaram a germinação e o desenvolvimento dos grãos na região e, durante a colheita, as chuvas intensas prejudicaram a qualidade da produção. Tais fenômenos também aconteceram nas demais regiões de Santa Catarina, com maior ou menor intensidade, dependendo do local e do andamento das lavouras.

A primeira safra deverá ser responsável por 74,9% e a segunda safra por 25,1% da produção total da safra 2013/14 estadual de feijão. As Microrregiões de Curitibanos, Campos de Lages e Canoinhas são as principais produtoras catarinenses (Tabela 10).

Em relação aos preços, em função da menor quantidade de produto no mercado, o ano de 2013 foi excepcionalmente bom para os produtores. A saca do feijão-preto atingiu uma média de R\$ 142,50 em junho e a do feijão-carioca R\$ 195,50 em maio. O feijão-preto manteve-se com preços elevados ao longo de 2013 e também em 2014. No mês de junho (quando este artigo foi escrito), entretanto, teve uma forte queda, chegando a R\$ 85,94. Os preços do feijão carioca, por sua vez, começaram a cair a partir de outubro de 2013, deixando os produtores bastante insatisfeitos (Tabelas 11 e 12).

Como a produção aumentou e existe bastante produto no mercado, a comercialização dos próximos meses dependerá da participação do governo na compra de parte da produção, via Aquisições do Governo Federal (AGF). Desse modo os produtores não teriam tanto prejuízo, uma vez que o valor atual da leguminosa no mercado dificilmente cobrirá seu custo de produção.



**Tabela 10/I. Feijão - Área, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras 2010/11-2012/13**

Microrregião Geográfica	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2010/11	2011/12	2012/13 <sup>(1)</sup>	2010/11	2011/12	2012/13 <sup>1</sup>	2010/11	2011/12	2012/13 <sup>1</sup>
Araranguá	1.330	1.050	1.005	1.267	606	1.007	953	577	1.002
Blumenau	348	273	273	278	325	341	799	1.190	1.249
Campos de Lages	17.056	11.430	10.770	19.805	15.518	19.773	1.161	1.358	1.836
Canoinhas	9.835	9.360	9.500	12.368	13.994	16.817	1.258	1.495	1.770
Chapecó	8.888	7.022	5.752	12.452	9.093	8.835	1.401	1.295	1.536
Concórdia	851	612	707	1.128	992	698	1.325	1.621	987
Criciúma	3.584	3.373	3.342	3.832	3.481	4.506	1.069	1.032	1.348
Curitibanos	26.350	20.980	19.430	47.384	27.864	36.112	1.798	1.328	1.859
Florianópolis	231	166	160	212	152	185	918	916	1.156
Itajaí	46	23	15	38	30	23	826	1.304	1.533
Ituporanga	2.740	2.420	2.375	3.592	3.307	3.942	1.311	1.367	1.660
Joaçaba	9.136	6.640	5.797	15.166	12.808	10.720	1.660	1.929	1.849
Joinville	35	28	36	28	23	27	800	821	750
Rio do Sul	1.722	1.654	1.683	2.072	2.196	2.689	1.203	1.328	1.598
Sao Bento do Sul	2.205	1.190	575	3.686	1.892	1.025	1.672	1.590	1.783
Sao Miguel do Oeste	3.585	3.900	3.565	4.722	4.543	5.172	1.317	1.165	1.451
Tabuleiro	1.010	910	617	1.321	1.309	1.044	1.308	1.438	1.692
Tijucas	553	469	458	617	504	555	1.116	1.075	1.212
Tubarão	4.011	3.636	3.588	4.540	3.061	4.002	1.132	842	1.115
Xanxerê	12.145	10.185	10.700	22.236	14.021	18.395	1.831	1.377	1.719
<b>Santa Catarina</b>	<b>105.661</b>	<b>85.321</b>	<b>80.348</b>	<b>156.744</b>	<b>115.719</b>	<b>135.868</b>	<b>1.483</b>	<b>1.356</b>	<b>1.691</b>

<sup>(1)</sup> Informações sujeitas a alterações.

Fonte: IBGE.

**Tabela 11/I. Feijão-preto<sup>(1)</sup> - Preço médio mensal - Santa Catarina - 2010-14**

(R\$/saco 60kg)

Mês	2010	2011	2012	2013	2014
Janeiro	65,00	65,00	105,83	122,65	127,39
Fevereiro	61,47	60,50	93,89	127,81	120,00
Março	68,65	67,71	86,59	130,00	127,22
Abril	79,21	74,83	90,00	130,23	134,71
Maio	74,76	73,33	98,33	141,00	112,25
Junho	71,00	72,50	115,79	142,50	85,94
Julho	70,00	70,00	110,45	140,00	
Agosto	70,00	65,43	110,00	140,00	
Setembro	82,50	65,00	110,00	140,00	
Outubro	90,00	68,68	110,00	140,00	
Novembro	86,00	70,00	110,00	127,62	
Dezembro	70,00	73,13	117,50	120,00	

<sup>(1)</sup> Produtor Chapecó.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Tabela 12/I. Feijão-carioca<sup>1</sup> - Preço médio mensal - Santa Catarina - 2010-14**

(R\$/saco 60 kg)

Mês	2010	2011	2012	2013	2014
Janeiro	55,67	65,00	139,15	145,88	74,74
Fevereiro	55,00	59,00	126,11	165,00	74,85
Março	67,35	67,71	127,27	152,11	80,00
Abril	85,79	72,00	160,00	169,55	75,59
Mai	84,76	69,33	146,67	195,50	70,56
Junho	84,00	70,50	142,11	145,00	70,00
Julho	80,23	70,00	100,00	140,00	
Agosto	80,00	65,43	100,00	121,36	
Setembro	90,00	65,00	100,00	103,33	
Outubro	100,00	68,68	100,00	94,50	
Novembro	96,00	70,00	100,00	85,24	
Dezembro	71,67	85,00	121,43	76,88	

<sup>(1)</sup> Produtor Chapecó.

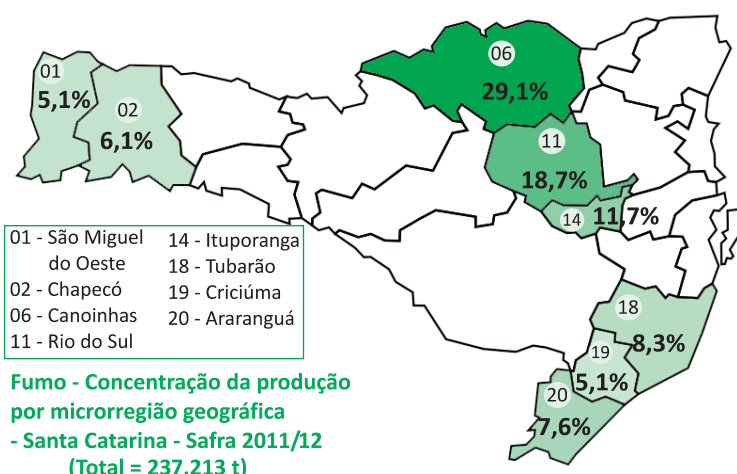
Fonte: Epagri/Cepa.

## Perspectivas para a próxima safra

Ainda que os números do IBGE apontem para um aumento de área e produção na safra 2014/15, na prática, o que se vê – uma vez que o plantio da safrinha já teve início no Estado – é que a mesma deve ter uma queda de pelo menos 10% em relação a temporada anterior. A principal razão é o preço que está em queda já há algum tempo. E mais, os estoques internos estão altos, o que indica que não há uma perspectiva de recuperação dos preços a curto prazo. Na principal região produtora do Estado estima-se uma queda de 20% na área semeada.

## Fumo<sup>1</sup>

Márcia J. F. Cunha Varaschin  
Economista - Epagri/Cepa  
marciacunha@epagri.sc.gov.br



## Produção e mercado mundiais

A produção mundial de fumo está concentrada em dez países, os quais juntos detêm 81,3% do total produzido. A China, o maior produtor, é responsável por 42,7% dessa produção. Em 2012 a produção bateu recorde: 7.491 mil toneladas. O Brasil é o terceiro maior produtor (Tabela 1).

**Tabela 1/I. Fumo - Principais países produtores e total mundial - 2008-12**

País	Área (mil ha)					Produção (mil t)				
	2008	2009	2010	2011	2012	2008	2009	2010	2011	2012
China	1.326,0	1.391,0	1.345,0	1.461,4	1.480,0	2.838,2	3.066,0	3.004,0	3.157,0	3.200,0
Índia	350,0	390,7	444,3	490,0	495,0	490,0	622,8	690,0	830,0	875,0
<b>Brasil</b>	<b>432,2</b>	<b>442,4</b>	<b>449,6</b>	<b>454,5</b>	<b>410,2</b>	<b>851,1</b>	<b>863,1</b>	<b>787,8</b>	<b>951,9</b>	<b>810,6</b>
EUA	143,5	143,3	136,6	131,5	136,1	363,1	373,1	325,8	271,4	345,8
Indonésia	196,6	204,5	216,3	228,8	249,8	168,0	176,5	135,7	214,6	226,7
Malawi	161,6	183,1	165,6	162,7	160,0	160,2	208,2	172,9	174,9	151,5
Argentina	67,5	74,5	75,5	76,4	77,0	130,4	135,5	137,0	145,0	148,0
Tanzânia	47,0	55,2	78,9	168,5	155,5	50,8	58,7	60,9	130,0	120,0
Zimbabué	70,6	101,8	94,2	92,6	93,0	82,0	85,1	109,7	111,6	115,0
Paquistão	51,4	49,7	55,8	51,3	46,0	107,8	105,0	119,3	102,8	98,0
Outros países	943,5	912,5	901,3	894,2	988,4	1.381,6	1.362,4	1.349,6	1.372,8	1.400,1
<b>Mundo</b>	<b>3.789,9</b>	<b>3.948,6</b>	<b>3.963,1</b>	<b>4.211,9</b>	<b>4.291,0</b>	<b>6.623,2</b>	<b>7.056,4</b>	<b>6.892,8</b>	<b>7.462,0</b>	<b>7.490,7</b>

Obs: Fumo não manufaturado.

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2014. 18 July 2014.

<sup>(1)</sup> Para este artigo, além de informações da autora, foram utilizadas as seguintes fontes:  
IBGE – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – Vários.  
[www.fao.org](http://www.fao.org)  
[www.afubra.com.br](http://www.afubra.com.br)  
Jornais diversos e internet.

O Brasil é o maior exportador mundial de fumo, participando com 21,6% do total exportado em 2011 (Tabela 2).

**Tabela 2/I. Fumo - Principais países exportadores - 2007-11**

(mil t)

País	2007	2008	2009	2010	2011
Brasil	694,3	677,9	661,7	493,0	533,6
China	167,8	198,6	207,8	251,3	223,8
Índia	173,3	208,3	230,8	218,9	188,2
EUA	187,9	169,2	172,2	180,9	187,0
Malawi	130,2	138,9	183,6	144,7	159,8
Zimbabwe	65,5	59,1	54,3	90,2	134,5
Argentina	100,4	104,3	89,1	65,5	80,6
Bélgica	47,6	63,6	81,2	74,1	78,6
Tanzânia	40,7	45,9	43,6	69,1	74,0
Turquia	111,2	151,7	99,1	78,9	68,0
Subtotal	1.718,9	1.817,6	1.823,4	1.666,6	1.728,2
Outros	903,7	834,0	813,8	806,9	737,0
<b>Total mundial</b>	<b>2.622,7</b>	<b>2.651,5</b>	<b>2.637,2</b>	<b>2.473,5</b>	<b>2.465,2</b>

Obs: Fumo não manufaturado.

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2014. 18 July 2014.

Rússia, Alemanha e Estados Unidos, por sua vez, são os principais importadores (Tabela 3).

**Tabela 3/I. Fumo - Principais países importadores - 2007-11**

(mil t)

País	2007	2008	2009	2010	2011
Rússia	309,9	304,8	256,4	241,9	238,4
Alemanha	212,2	178,3	175,8	175,7	182,9
Estados Unidos	229,2	214,0	197,8	159,2	171,9
Países Baixos	119,9	107,6	142,6	140,5	147,4
China	84,4	104,8	105,0	89,6	130,5
Indonésia	61,7	77,3	53,2	65,7	106,6
Bélgica	83,7	98,2	121,5	105,0	104,9
França	92,0	117,2	120,5	101,7	104,0
Polônia	77,2	67,2	69,5	81,4	80,4
Reino Unido	64,1	62,7	67,7	65,0	57,2
Subtotal	1.334,4	1.332,3	1.310,1	1.225,8	1.324,2
Outros países	1.194,4	1.231,0	1.126,7	1.281,7	1.110,2
<b>Total mundial</b>	<b>2.528,8</b>	<b>2.563,3</b>	<b>2.436,8</b>	<b>2.507,5</b>	<b>2.434,4</b>

Obs: Fumo não manufaturado.

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2014. 18 July 2014.

## Produção e mercado nacionais

A fumicultura é uma atividade cuja importância social é irrefutável. Segundo informações da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), verifica-se que a atividade gera 746 mil de empregos diretos, considerando-se o total de pessoas que trabalham na lavoura e na indústria, além de 1,44 milhão de empregos indiretos. Somando ambos, tem-se 2,19 milhões de pessoas trabalhando com a atividade no País. Trata-se de uma extensa rede que envolve fábricas (de agroquímicos, materiais de construção, máquinas e implementos), transportadores, postos de distribuição, usinas de processamento, exportadores, fábricas de cigarros, varejistas, além dos próprios fumicultores, cerca de 160 mil famílias, segundo a Afubra (Tabela 4). A grande maioria são pequenos agricultores.

**Tabela 4/I. Número de fumicultores - Brasil - Safras 2009/10-2013/14**

Estado/Região	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14 <sup>1</sup>
Paraná	35.210	36.110	31.470	30.455	30.970
Santa Catarina	55.170	55.810	48.140	46.400	47.280
Rio Grande do Sul	94.780	94.890	85.560	82.740	84.160
Região Sul	185.160	186.810	165.170	159.595	162.410
Outros estados	36.950	21.720	21.620	19.510	20.560
<b>Brasil</b>	<b>222.110</b>	<b>208.530</b>	<b>186.790</b>	<b>179.105</b>	<b>182.970</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa Afubra.

Fonte: Afubra.

Na safra 2013, em virtude de uma melhora no rendimento médio, a produção brasileira cresceu 5%, ainda que a área tenha diminuído 1,3% (Tabela 5).

**Tabela 5/I. Fumo - Área, produção e rendimento - Brasil - Safras 2009/10-2013/14**

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2009/10	450.076	787.817	1.750
2010/11	454.521	951.933	2.094
2011/12	410.675	810.550	1.974
2012/13	405.146	851.133	2.101
2013/14 <sup>1</sup>	415.005	857.267	2.066

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE (PAM em 18/07/2014 e LSPA Julho/2014).

Sua comercialização é que atrasou em relação aos outros anos. Dessa forma, aqueles produtores que deixaram para vender por último acabaram obtendo preços mais altos pelo seu produto. Como ficaram satisfeitos com os resultados financeiros da safra, a tendência foi plantar mais. Por isso, a safra 2013/14 teve aumento de área.

A Região Sul é responsável por 98% da produção da produção brasileira (Tabela 6). Nesses três estados, a produção de fumo é realizada em regime de integração com a indústria e, assim, o dimensionamento do plantio se dá de acordo com as necessidades internas e de exportação.

**Tabela 6/I. Fumo - Comparativo das safras dos estados da Região Sul do Brasil - Safras 2011/14**

Estado	Área Plantada (mil ha)				Produção (mil t)				Rendimento médio (kg/ha)			
	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>
Rio Grande do Sul	223,9	202,7	203,8	205,3	499,5	396,9	430,9	412,6	2.231	1.958	2.114	2.010
Santa Catarina	134,2	118,3	117,1	120,6	261,8	237,2	244,5	258,2	1.950	2.006	2.088	2.140
Paraná	80,2	70,4	71,2	76,1	171,8	156,8	161,0	171,7	2.142	2.229	2.262	2.255
Região Sul	438,3	391,4	392,1	402,1	933,1	790,9	836,3	842,5	2.129	2.021	2.133	2.095

<sup>(1)</sup> Dados preliminares.

Fonte: IBGE.

O fumo brasileiro é de excelente qualidade e bastante apreciado no mercado internacional. A maior parte da produção brasileira de fumo tem como destino o mercado internacional (Tabela 7).

**Tabela 7/I. Fumo - Quantidade produzida e exportada - Brasil - 2009-14**

Ano	Produção (t)	Exportação (t)	(%) Exp./Prod.
2009	862.355	674.731	78
2010	780.942	505.620	65
2011	949.216	545.603	57
2012	806.685	637.776	79
2013	851.133	627.226	74
2014 <sup>1</sup>	857.267	271.889	
Média (2009 a 2013)	850.066	598.191	71

<sup>(1)</sup> Dado de produção sujeito a alterações e de exportação até agosto/2014.

Fonte: IBGE e MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

## Produção e mercado estaduais

A safra 2012/13, em Santa Catarina, apresentou um recuo de 1% na área semeada. Mas, por conta do resultado acima do esperado no rendimento médio, devido às condições climáticas favoráveis, a produção cresceu 3%. Em virtude de a comercialização da safra 2012/13 ter sido muito boa para os fumicultores (venderam seu produto acima da tabela), a safra 2013/14 está projetada com 3% maior que a de 2012/13. Para a produção estima-se aumento de 6% (Tabela 8).

**Tabela 8/I. Fumo - Área, produção e rendimento - Santa Catarina - Safras 2009/10-2013/14**

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2009/10	130.196	252.771	1.941
2010/11	134.248	261.776	1.950
2011/12	118.280	237.213	2.006
2012/13	117.060	244.458	2.088
2013/14 <sup>1</sup>	120.649	258.249	2.140

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Na tabela 9 pode-se verificar a safra estadual segundo as regiões. Nas tabelas 10 e 11 podem ser verificados os comportamentos dos preços dos tipos de fumo nas últimas safras. Na tabela 12 têm-se as exportações brasileiras e catarinenses e na tabela 13 os dez principais países compradores de Santa Catarina, tomando por base o valor das exportações de 2013.

**Tabela 9/I. Fumo - Comparativo de safras, segundo as micro e mesorregiões de Santa Catarina - Safras 2011/12-2013/14**

Micro/Mesorregião	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2011/12	2012/13	2013/14 <sup>1</sup>	2011/12	2012/13	2013/14 <sup>1</sup>	2011/12	2012/13	2013/14 <sup>1</sup>
São Miguel do Oeste	8.012	7.795	7.120	12.088	14.584	14.357	1.509	1.820	1.842
Chapecó	8.618	8.458	7.425	14.355	15.362	15.152	1.666	1.783	1.791
Xanxerê	1.556	1.501	1.333	2.592	2.912	2.784	1.666	1.871	1.855
Joaçaba	1.173	932	916	1.782	1.527	1.439	1.519	1.302	1.544
Concórdia	277	238	234	496	392	426	1.791	1.415	1.790
<b>Oeste Catarinense</b>	<b>19.636</b>	<b>18.924</b>	<b>17.028</b>	<b>31.313</b>	<b>34.777</b>	<b>34.158</b>	<b>1.595</b>	<b>1.771</b>	<b>1.805</b>
Canoinhas	30.039	32.420	37.535	68.953	74.644	85.036	2.295	2.485	2.623
São Bento do Sul	765	825	887	1.537	1.577	1.813	2.009	2.061	2.198
Joinville	5	0	0	9	0	0	1.800	0	0
<b>Norte Catarinense</b>	<b>30.809</b>	<b>33.245</b>	<b>38.422</b>	<b>70.499</b>	<b>76.221</b>	<b>86.849</b>	<b>2.288</b>	<b>2.474</b>	<b>2.612</b>
Curitibanos	689	652	623	1.059	1.180	1.193	1.537	1.713	1.830
Campos de Lages	978	910	906	1.801	1.602	1.651	1.842	1.638	1.814
<b>Serrana</b>	<b>1.667</b>	<b>1.562</b>	<b>1.529</b>	<b>2.860</b>	<b>2.782</b>	<b>2.844</b>	<b>1.716</b>	<b>1.669</b>	<b>1.821</b>
Rio do Sul	21.198	20.568	20.042	44.324	42.724	43.084	2.091	2.015	2.095
Blumenau	791	571	691	1.611	1.277	1.517	2.037	1.614	2.657
Itajaí	1	0	0	2	0	0	2.000	0	0
Ituporanga	13.140	12.600	13.200	27.840	25.455	27.160	2.119	1.937	2.156
<b>Vale do Itajaí</b>	<b>35.130</b>	<b>33.739</b>	<b>33.933</b>	<b>73.777</b>	<b>69.456</b>	<b>71.761</b>	<b>2.100</b>	<b>1.977</b>	<b>2.127</b>
Tijucas	2.931	2.926	3.266	6.031	6.789	6.533	2.058	2.316	2.233
Tabuleiro	1.372	1.359	1.369	3.004	2.995	2.486	2.190	2.183	1.829
<b>Grande Florianópolis</b>	<b>4.303</b>	<b>4.285</b>	<b>4.635</b>	<b>9.035</b>	<b>9.784</b>	<b>9.019</b>	<b>2.100</b>	<b>2.274</b>	<b>2.105</b>
Tubarão	9.450	9.160	9.008	19.773	20.155	20.399	2.092	2.133	2.227
Criciúma	6.365	6.268	6.356	11.996	12.136	13.565	1.885	1.907	2.164
Araranguá	10.920	9.900	9.730	17.960	19.202	19.650	1.645	1.758	1.985
<b>Sul Catarinense</b>	<b>26.735</b>	<b>25.328</b>	<b>25.094</b>	<b>49.729</b>	<b>51.493</b>	<b>53.614</b>	<b>1.860</b>	<b>1.926</b>	<b>2.117</b>
<b>Total</b>	<b>118.280</b>	<b>117.083</b>	<b>120.641</b>	<b>237.213</b>	<b>244.513</b>	<b>258.245</b>	<b>2.006</b>	<b>2.067</b>	<b>2.206</b>

<sup>(1)</sup> Dados preliminares, sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.



**Tabela 10/I. Fumo - Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil, por tipo - Safras 2009/10- 2013/14**

Safratipo	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	Virgínia	Burley	Comum	Média	Virgínia	Burley	Comum	Média
2009/10	6,49	5,72	4,00	6,35	3,60	3,17	2,22	3,52
2010/11	5,01	4,62	3,64	4,93	3,12	2,88	2,27	3,07
2011/12	6,37	6,22	3,89	6,30	3,37	3,29	2,06	3,33
2012/13	7,51	7,35	4,58	7,45	3,60	3,52	2,19	3,57
2013/14 <sup>1</sup>	7,47	6,76	5,14	7,34	3,13	2,84	2,15	3,08

<sup>(1)</sup> Dados preliminares, sujeitos a alterações.  
Fonte: Afubra.

**Tabela 11/I. Fumo - Preço médio recebido pelos produtores dos estados do Sul do Brasil - Safras 2009/10-2013/14**

Safratestado	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	RS	SC	PR	Região Sul	RS	SC	PR	Região Sul
2009/10	6,46	6,38	6,04	6,35	3,58	3,54	3,35	3,52
2010/11	4,87	5,03	4,92	4,93	3,03	3,13	3,07	3,07
2011/12	6,29	6,48	6,01	6,30	3,33	3,43	3,18	3,33
2012/13	7,59	7,49	7,03	7,45	3,63	3,59	3,37	3,57
2013/14 <sup>1</sup>	7,38	7,45	7,05	7,34	3,10	3,12	2,96	3,08

<sup>(1)</sup> Dados preliminares, sujeitos a alterações.  
Fonte: Afubra.

**Tabela 12/I. Fumo - Exportações brasileira e catarinense - 2009-14**

Ano	Brasil		Santa Catarina	
	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)
2009	674.731	3.046.032	181.943	813.660
2010	505.620	2.762.246	155.974	873.880
2011	545.603	2.935.187	155.901	898.886
2012	637.776	3.256.987	176.573	961.398
2013	627.226	3.272.138	170.193	882.723
2014 <sup>1</sup>	271.889	1.381.065	75.533	386.327

<sup>(1)</sup> Até Agosto.  
Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

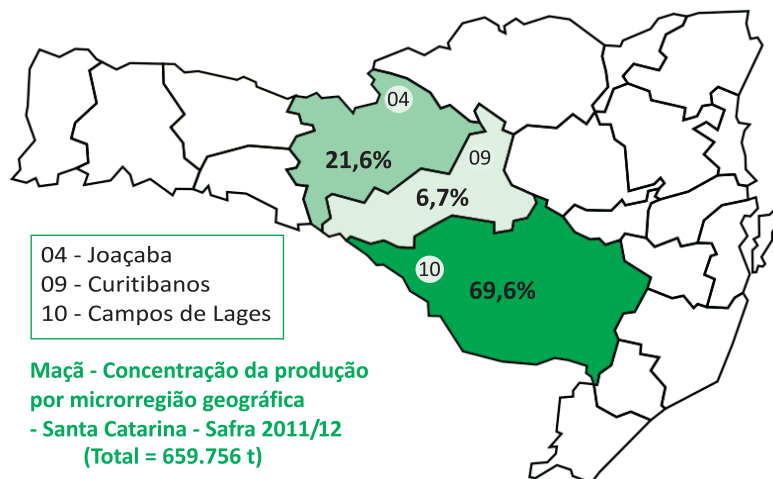
**Tabela 13/I. Fumo - Exportações catarinenses, por país de destino - 2010-13**

País de destino	(t)				(US\$ 1.000)			
	2010	2011	2012	2013	2010	2011	2012	2013
Bélgica	11.600	18.162	28.704	33.359	76.123	94.089	173.117	206.280
Países Baixos (Holanda)	22.488	15.465	17.474	18.585	111.428	99.825	96.630	92.582
Rússia	15.508	17.054	19.531	17.536	64.687	90.811	95.014	80.034
Estados Unidos	9.340	10.290	11.599	14.762	47.468	52.677	58.842	78.933
Alemanha	9.156	10.171	11.524	8.722	64.077	63.459	55.068	47.911
Polônia	10.358	8.343	10.383	7.378	62.871	52.881	57.462	37.307
Turquia	6.073	2.813	5.594	6.501	40.020	18.600	34.191	31.880
Reino Unido	4.406	4.398	4.954	5.514	28.159	29.439	27.814	28.093
Malásia	1.631	4.073	3.715	3.991	10.868	29.425	25.833	24.816
Coreia do Sul	3.896	4.852	5.673	3.464	23.452	30.105	35.424	23.995
Outros países	61.519	60.279	57.422	50.383	344.725	337.574	302.003	230.891
<b>Total</b>	<b>155.974</b>	<b>155.901</b>	<b>176.573</b>	<b>170.193</b>	<b>873.880</b>	<b>898.886</b>	<b>961.398</b>	<b>882.723</b>

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

# Maçã

Luiz Marcelino Vieira  
Economista - Epagri/Cepa  
marcelino@epagri.sc.gov.br



## Produção e mercado mundiais

A atividade macieira é explorada em cerca de 90 países. A maioria deles produz para o consumo interno. Na safra 2011/12 foram produzidas 76,4 milhões de toneladas. A China é responsável por quase metade da produção mundial. O Brasil está na 11ª posição do ranking mundial. Poucos países concentram quase 70% da produção no mundo. Em 2011, o comércio mundial movimentou pouco mais de 8,0 milhões de toneladas durante essa safra. Enquanto os maiores exportadores foram China, Itália, Estados Unidos e Chile, os maiores importadores foram a Rússia, a Alemanha, o Reino Unido e a Holanda (Tabela 1).

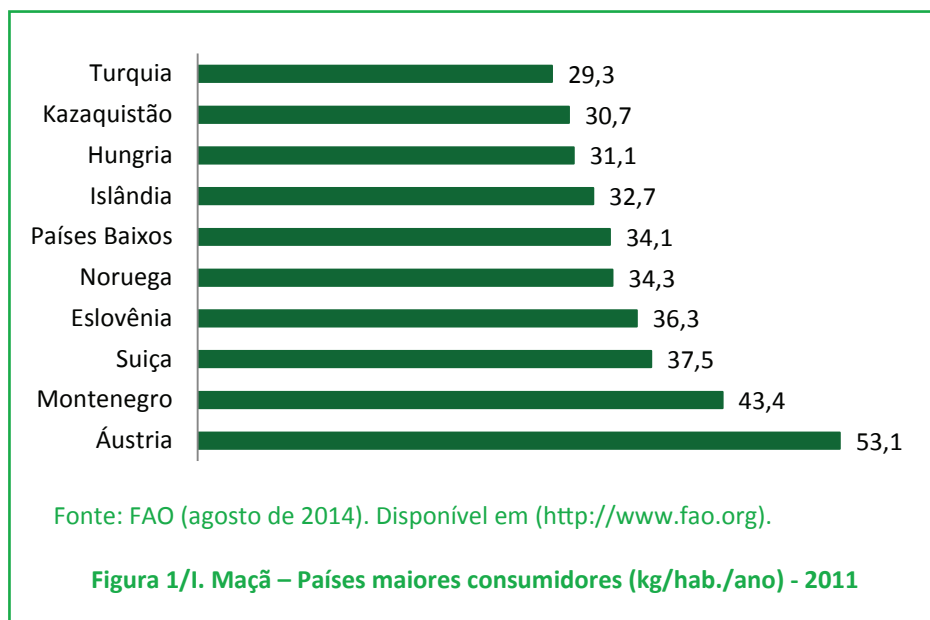
**Tabela 1/I. Maçã – Produção, exportação e importação – Mundial e principais países – 2011 e 2012**

País	Produção (mil t)			Exportação (mil t)			Importação (mil t)		
	2012	Partic. %	Posição	2011	Partic. %	Posição	2011	Partic. %	Posição
China	37.000	48,4	1	1.035	12,5	1	77	1,0	-
USA	4.110	5,4	2	833	10,1	3	148	1,8	-
Turquia	2.889	3,8	3	87	1,1	-	6	0,1	-
Polônia	2.877	3,8	4	532	6,4	6	62	0,8	-
Índia	2.203	2,9	5	26	0,3	-	179	2,2	10
Itália	1.991	2,6	6	976	11,8	2	37	0,5	-
Irã	1.700	2,2	7	133	1,6	-	28	0,3	-
Chile	1.625	2,1	8	801	9,7	4	1	0,0	-
Rússia	1.403	1,8	9	0	0,0	-	1.158	14,4	1
França	1.383	1,8	10	727	8,8	5	138	1,7	-
Holanda	281	0,4	-	341	4,1	7	311	3,9	4
África do Sul	796	1,0	-	333	4,0	8	0	0,0	-
Nova Zelândia	448	0,6	-	297	3,6	9	0	0,0	-
Bélgica	220	0,3	-	269	3,3	10	166	2,1	-
Alemanha	972	1,3	-	103	1,2	-	666	8,3	2
Reino Unido	203	0,3	-	30	0,4	-	459	5,7	3
Espanha	559	0,7	-	144	1,7	-	253	3,1	5
Indonésia	-	-	-	-	-	-	213	2,6	6
Canadá	270	0,4	-	24	0,3	-	199	2,5	7
México	375	0,5	-	1	0,0	-	198	2,5	8
Arábia Saudita	-	-	-	5	0,1	-	181	2,2	9
<b>Mundo</b>	<b>76.379</b>	<b>100</b>	<b>-</b>	<b>8.263</b>	<b>100</b>	<b>-</b>	<b>8.058</b>	<b>100</b>	<b>-</b>

Fonte: FAO (agosto de 2014). Disponível em (<http://www.fao.org>).

Os maiores produtores não têm necessariamente os melhores rendimentos por área cultivada. Graças ao maior uso de tecnologia, os melhores índices são obtidos por Áustria, Israel, Suíça, Nova Zelândia e Chile.

O consumo mundial de maçã é crescente e apresenta enorme variação entre os países. Enquanto em alguns as médias alcançam até 54 kg/hab./ano, em outros praticamente inexistente o hábito de consumo. Em parte isso é explicado pela falta de conhecimento quanto ao valor nutritivo da maçã e sua importância como fonte complementar de alimento (Figura 1).



## Produção e mercado nacionais

### Safra 2012/13

A safra nacional 2012/13 apresenta decréscimo de produção de 8,5% em relação à safra 2011/12. Isso é consequência da diminuição de 1,8% na área colhida e de 6,8% no rendimento médio (Tabela 2).

Ao se analisar o desempenho da safra de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, onde se concentra mais de 95% da produção nacional, observa-se que no Rio Grande do Sul houve aumento de 0,8% na área colhida, de 2,7% no rendimento médio e de 3,6% na produção.

Em Santa Catarina, a ocorrência da geada negra (fenômeno que aconteceu no final de setembro de 2012 na região dos Campos de Lages, que queimou parte expressiva dos frutos e das flores das macieiras), o forte calor em pleno inverno, as quedas bruscas nas temperaturas e as chuvas de granizo redundaram em queda 17,1% no rendimento médio. Aliado à redução de 3% na área colhida (continua a erradicação de pomares em alguns municípios) isso provocou decréscimo de 19,6% na produção, fazendo com que o Estado perdesse a condição de 1º produtor nacional.

Apesar dessas adversidades climáticas, a safra estadual foi de frutas de boa coloração, tamanho normal e resistente à frigorificação, com boa aceitação no mercado.

**Tabela 2/I. Maçã – Safra do Brasil e dos principais estados – 2009/10-2013/14**

Discriminação	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 <sup>1</sup>	2013/14 <sup>1</sup>
<b>Área colhida (ha)</b>					
Brasil	38.723	38.077	38.688	37.986	37.137
Santa Catarina	20.014	18.785	18.708	18.155	17.762
Rio G. do Sul	16.293	17.124	17.839	17.981	17.433
Paraná	2.118	1.846	1.764	1.700	1.730
Demais estados	298	322	377	150	212
<b>Quantidade produzida (t)</b>					
Brasil	1.279.124	1.338.995	1.339.771	1.226.555	1.373.633
Santa Catarina	680.000	640.676	659.756	530.601	629.437
Rio G. do Sul	537.507	634.436	620.841	642.989	690.422
Paraná	56.562	58.537	50.975	49.300	48.786
Demais estados	5.055	5.346	8.199	3.665	4.988
<b>Rendimento médio (kg/ha)</b>					
Brasil	33.033	35.165	34.630	32.290	36.988
Santa Catarina	33.976	34.106	35.266	29.226	35.437
Rio G. do Sul	32.990	37.050	34.802	35.759	39.604
Paraná	26.705	31.710	28.897	29.000	28.200
Demais estados	16.963	16.602	21.748	24.433	23.528

<sup>(1)</sup> Safras 2012/13 e 2013/14 dados preliminares sujeitos a retificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2010-2012) e LSPA (2013-2014/jul/14).

Nos pomares catarinenses predomina a exploração dos cultivares Gala e Fuji. O cultivar Gala, colhido entre fevereiro e abril, é responsável por 54% da produção. A colheita do cultivar Fuji vai de abril a meados de maio e representa 43% da produção. Os demais cultivares representam 3% da produção e são colhidos entre os meses de janeiro e maio.

A comercialização no mercado nacional é realizada durante todo o ano. Em 2013, as vendas de maçã nesse mercado atingiram as metas estabelecidas pelos agentes do setor e movimentaram entre 55 e 60 mil toneladas mensais.

Os preços no mercado atacadista nacional foram estimulantes, apresentando crescimento médio de 39,8%, em relação a 2012 (Figura 2), com melhor remuneração ao produtor, principalmente a partir do terceiro trimestre, quando são comercializados frutos de melhor qualidade e de maior calibre. Mesmo com os preços favoráveis, parcela significativa dos produtores catarinenses permanece desestimulada e descapitalizada e em busca de novas alternativas de renda.

De 2012 para 2013 as exportações brasileiras decresceram 4,6% em valor e aumentaram menos de 1% em quantidade, com diferenças importantes entre as exportações de maçã “in natura” e de sucos. Enquanto as exportações de maçã “in natura” aumentaram 29,6% em dólares e 18,2% em toneladas, as de suco caíram 36,8% em dólares e 33,2% em toneladas. De janeiro a julho de 2014, as exportações brasileiras caíram quase pela metade em relação ao mesmo período de 2013 (Tabela 3).

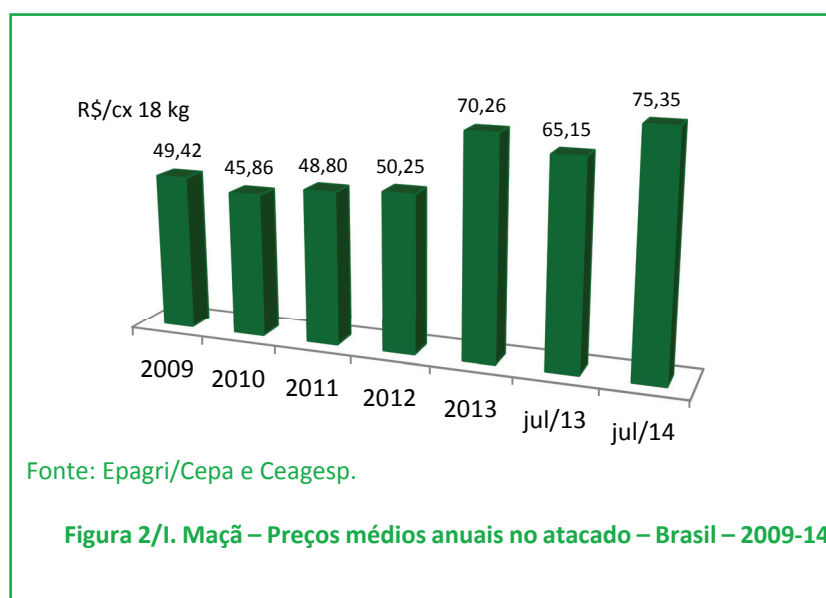


Tabela 3/I. Maçã e sucos - Exportações brasileiras – 2009-Jul./2014

Ano	Maçã “in natura”		Suco de maçã		Maçã seca		Total geral	
	US\$ 1.000	(t)	US\$ 1.000	(t)	US\$ 1.000	(t)	US\$ 1.000	(t)
2009	56.328	98.264	19.443	22.070	22	5	75.793	120.339
2010	55.366	90.839	32.917	38.406	135	7	88.418	129.252
2011	36.059	48.666	41.932	31.609	90	9	78.081	80.284
2012	48.560	72.253	51.671	37.069	56	8	100.287	109.330
2013	62.942	85.429	32.667	24.774	102	8	95.711	110.211
Até julho/2013	62.844	85.369	22.592	17.259	80	5	85.516	102.633
Até julho/2014	31.848	44.251	11.811	8.752	28	4	43.687	53.007

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Os dados mostram que as exportações brasileiras, tanto de maçã “in natura” quanto de suco, estão concentradas num número reduzido de países, entre os quais poucos concentram as maiores compras, o que é sempre um problema em potencial para as exportações. O caso mais significativo é a concentração da exportação de suco para os Estados Unidos (Tabela 4).

Santa Catarina lidera as vendas de suco, com 77%, enquanto o Rio Grande do Sul responde por 82% da maçã “in natura” exportada.

No que diz respeito à balança comercial da maçã, embora na maioria dos anos as quantidades exportadas superem as importadas, o mesmo não acontece com os valores, o que mostra que os preços de venda têm sido inferiores aos de compra nas operações do mercado externo. Também em 2013 os valores das importações superaram os das exportações. A Argentina, com 51,2% e o Chile, com 37,7% do valor são as principais origens das importações brasileiras de maçã, também provenientes da Espanha, da França e da Itália, com participação entre 3% e 3,5% (Tabela 5 e Figura 3).

**Tabela 4/I. Maçã. Principais destinos das exportações brasileiras –2009-Jul./2014**

País	2009	2010	2011	2012	2013	Até jul./2014
<b>Maçã “in natura” (% do valor)</b>						
Holanda	35,8	28,0	29,0	18,4	25,6	25,1
Reino Unido	9,0	8,9	-	14,9	25,2	10,9
Bangladesh	7,7	6,9	12,0	15,2	14,1	21,6
Alemanha	-	-	-	-	6,1	-
Irlanda	-	-	9,3	8,2	5,5	7,5
França	8,7	-	-	7,4	-	-
Portugal	7,2	7,4	8,4	-	-	6,0
Espanha	6,0	-	9,2	-	-	-
<b>Sucos de maçã % (% do valor)</b>						
Estados Unidos	72,7	76,4	55,9	62,4	61,5	70,3
Japão	21,7	10,1	20,2	16,1	23,4	26,3
África do Sul	-	4,8	3,9	9,3	12,6	-
Trinidad e Tobago	-	-	-	-	1,2	-
Holanda	-	4,2	15,3	-	-	-
Alemanha	-	-	-	5,7	-	-
México	3,6	-	-	-	-	-
Porto Rico	1,1	-	-	-	-	-

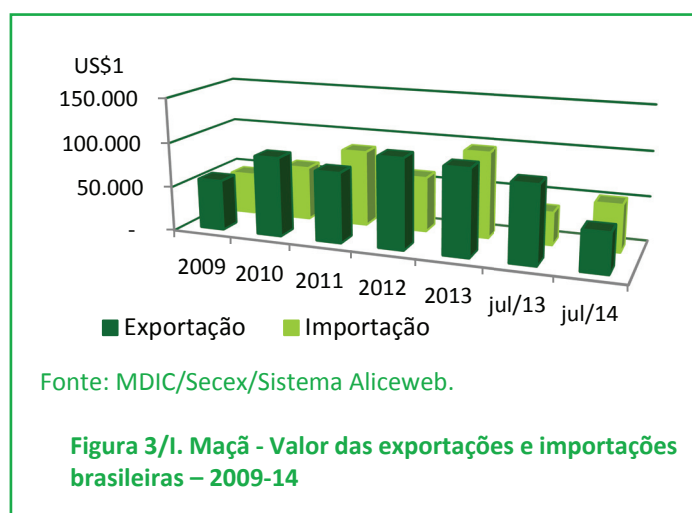
Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

**Tabela 5/I. Maçã e sucos - Importações brasileiras – 2009-Jul./2014**

Ano	Maçã “in natura”		Suco de maçã		Maçã seca		Total geral	
	US\$ 1.000	(t)	US\$ 1.000	(t)	US\$ 1.000	(t)	US\$ 1.000	(t)
2009	46.187	61.343	45	62	100	19	46.331	61.424
2010	60.047	76.879	140	158	126	21	60.313	77.058
2011	84.487	96.565	201	222	180	22	84.868	96.808
2012	60.854	57.920	227	271	206	26	61.287	58.217
2013	95.427	93.964	402	273	61	8	95.891	94.245
Até jul./2013	35.907	32.922	93	69	27	3	36.026	32.995
Até jul./2014	51.623	53.036	106	85	77	9	51.805	53.129

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.





## Safra 2013/14

As estimativas da safra nacional 2013/14, comparada com a safra 2012/13, indicam redução de 2,4% na área colhida e aumentos 14,6% e 11,9% no rendimento médio e na produção, respectivamente. As áreas de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul encolheram 2,2% e 3% e as produções cresceram 18,6% e 7,4%, respectivamente (Tabela 2).

No caso de Santa Catarina<sup>1</sup>, mesmo com o rendimento médio alcançando o maior patamar dos últimos anos, dada a erradicação dos pomares/redução de área, a produção não alcançará o patamar de alguns anos anteriores.

Durante a safra, o inverno teve o número de horas de frio necessário para a fruta e houve casos isolados de geada “negra”, com algum prejuízo de produtividade. No verão, o forte calor, que prevaleceu da última semana de dezembro de 2013 até meados de fevereiro de 2014, acelerou a maturação do cultivar Gala e chegou a ocasionar queda de frutos por escassez de mão de obra para a colheita.

Embora de tamanho normal, os frutos apresentam pouca coloração (as frutas necessitam de amplitude térmica para colorir) e são menos resistentes à frigidificação, necessitando antecipar, em alguns casos, a comercialização da produção estocada.

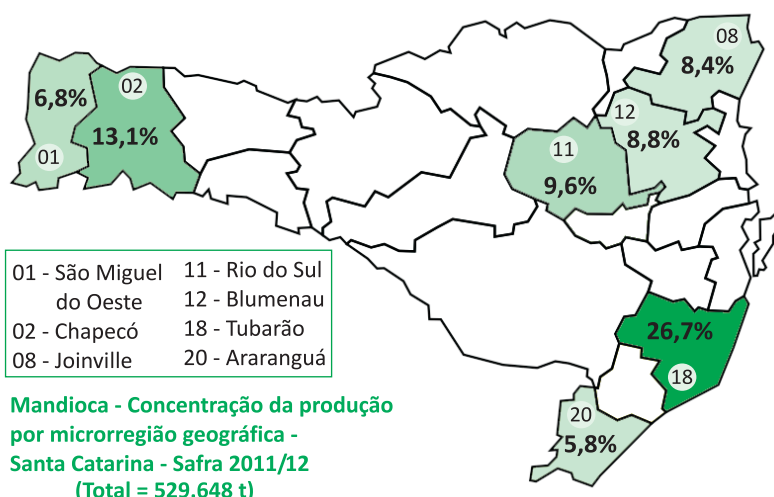
No período de janeiro a agosto de 2014 as vendas de maçã no mercado nacional oscilaram entre 58 e 61 mil toneladas mensais, levemente acima do previsto pelos agentes do setor. De janeiro a julho, os preços nesse mercado foram crescentes, sendo 15,8% maior que o mesmo período de 2013, o que se refletiu em melhor remuneração aos produtores.

As cotações devem continuar atrativas nos próximos meses, quando são comercializados frutos de melhor qualidade e de maior calibre. Não se pode perder de vista que a partir de setembro há uma maior entrada de maçã originária dos mercados argentino e chileno, aumentando a concorrência com o produto importado.

<sup>(1)</sup> Sete municípios representam quase 85% da produção catarinense. Na safra 2012/13, a situação foi a seguinte: São Joaquim, 291,4 mil toneladas, 44,2%; Fraiburgo, 98,9 mil toneladas, 15%; Bom Jardim da Serra, 52,9 mil toneladas, 8%; Monte Carlo, 32,2 mil toneladas, 4,9%; Bom Retiro, 30 mil toneladas, 4,5%; Urubici, 24 mil toneladas, 3,6% e Urupema, 18,2 mil toneladas, 2,8%.

# Mandioca

Luiz Marcelino Vieira  
Economista - Epagri/Cepa  
marcelino@epagri.sc.gov.br



## Produção e mercado mundiais

A mandioca é cultivada por uma centena de países, na sua maioria como atividade de subsistência. O continente africano concentra 57% da produção, seguido pelo asiático, com 31%, e pelo americano, com 12%. Apenas cinco países respondem por 54% da produção mundial. Os melhores rendimentos médios não necessariamente estão entre os países com as maiores produções (Tabela 1).

**Tabela 1/I. Mandioca – Safra mundial e principais países – 2007/08-2011/12**

País	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12
<b>Área colhida (mil ha)</b>					
Mundo	19.109	19.402	19.627	20.617	20.385
Nigéria	3.778	3.129	3.482	3.737	3.850
Indonésia	1.193	1.176	1.183	1.183	1.120
Brasil	1.889	1.761	1.790	1.734	1.693
Tailândia	1.184	1.327	1.168	1.135	1.250
Rep. Dem. Do Congo	1.851	1.853	1.855	2.171	2.200
Demais países	9.214	10.157	10.149	10.657	10.272
<b>Quantidade produzida (mil t)</b>					
Mundo	233.083	237.985	243.489	262.753	262.586
Nigéria	44.582	36.822	42.533	52.403	54.000
Indonésia	21.593	22.039	23.918	24.010	23.922
Brasil	26.703	24.404	24.967	25.349	23.045
Tailândia	25.156	30.088	22.006	21.912	22.500
Rep. Dem. do Congo	15.013	15.054	15.014	15.024	16.000
Demais países	100.036	109.577	115.052	124.055	123.119
<b>Maiores rendimentos mundiais (kg/ha)</b>					
Índia	33.541	34.343	34.756	36.477	36.413
Ilhas Cook	23.500	27.973	27.317	27.472	26.316
Taiwan	21.360	20.403	20.898	23.443	24.167
Rep. Dem. Popular Lao	17.471	14.708	25.080	23.870	24.125
Suriname	25.165	27.683	25.256	22.836	23.333

Fonte: FAO - agosto de 2014. (Disponível em <http://www.fao.org>).

O modelo de exploração difere entre os continentes. No continente africano, o uso de tecnologia na produção é mínimo e parte significativa do produto é alimento básico de parcela expressiva da população. Nos continentes asiático e americano existe maior uso de tecnologia e é crescente o avanço da industrialização do produto.

Os derivados da mandioca (farinha, fécula e tapioca) têm tido valorização importante no mercado internacional. Entre 2007 e 2011, embora a quantidade comercializada tenha crescido apenas 8,5%, o valor das exportações de fécula e farinha aumentou 133,7% (Tabela 2). A Tailândia lidera as vendas com 89% para a fécula e 47% para a farinha.

**Tabela 2/I. Mandioca – Exportações mundiais de fécula e farinha – 2007-11**

Discriminação	2007	2008	2009	2010	2011
Quantidade (mil t)					
Total	8.052	5.482	9.782	8.101	8.737
Fécula	1.572	1.330	1.822	1.810	2.055
Farinha	6.480	4.152	7.960	6.291	6.682
Valor (US\$ mil)					
Total	1.329	1.282	1.803	2.314	3.106
Fécula	449	488	520	813	1.035
Farinha	880	794	1.283	1.501	2.071

Fonte: FAO (agosto de 2014). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Nas importações o destaque é a China, responsável por 86% da aquisição de farinha e 36% da fécula comercializadas no mercado mundial. No mercado de fécula a Indonésia desembolsou 16,8% e Taiwan 13,6% do total (Tabela 3).

**Tabela 3/I. Mandioca – Importações mundiais de fécula e farinha – 2007-11**

Produto	2007	2008	2009	2010	2011
Quantidade (mil t)					
Total	8.753	5.583	9.283	8.334	8.210
Fécula	1.967	1.573	2.094	1.954	2.355
Farinha	6.786	4.010	7.189	6.380	5.855
Valor (US\$ mil)					
Total	1.656	1.550	1.722	2.265	2.870
Fécula	586	627	622	909	1.255
Farinha	1.070	923	1.100	1.356	1.615

Fonte: FAO (agosto de 2014). (Disponível em <http://www.fao.org>).

## Produção e mercado nacionais

### Safra 2012/13

Na safra nacional 2012/13, em comparação a safra 2011/12, houve um decréscimo de 9,9% na área e de 7,9% na produção (Tabela 4).

**Tabela 4/I. Raiz de mandioca – Safra do Brasil e principais estados – 2009/10 - 2013/14**

Discriminação	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13 <sup>1</sup>	2013/14 <sup>1</sup>
<b>Área colhida (mil ha)</b>					
Brasil	1.790	1.734	1.693	1.525	1.592
Pará	297	294	301	298	332
Paraná	172	184	159	162	177
Bahia	262	253	222	178	178
Maranhão	210	208	197	190	188
Rio Grande do Sul	82	80	79	71	70
São Paulo	52	56	58	58	53
Acre	41	48	45	44	46
Amazonas	68	82	79	83	93
Minas Gerais	55	57	60	59	60
Mato Grosso do Sul	27	30	31	33	40
Ceará	109	85	89	66	62
Rondônia	29	30	27	28	26
<b>Santa Catarina</b>	<b>30</b>	<b>27</b>	<b>29</b>	<b>29</b>	<b>28</b>
<b>Quantidade produzida (mil t)</b>					
Brasil	24.967	25.350	23.045	21.226	23.474
Pará	4.596	4.648	4.618	4.681	4.798
Paraná	4.013	4.180	3.869	3.866	4.076
Bahia	3.211	2.966	2.201	1.852	2.088
Maranhão	1.541	1.780	1.530	1.325	1.631
São Paulo	1.169	1.321	1.355	1.054	1.308
Rio Grande do Sul	1.276	1.303	1.191	1.166	1.191
Acre	850	939	897	891	1.021
Amazonas	778	966	926	965	924
Minas Gerais	795	816	824	816	861
Mato Grosso do Sul	543	630	635	722	840
Ceará	621	837	469	300	585
Rondônia	505	514	472	446	554
<b>Santa Catarina</b>	<b>541</b>	<b>506</b>	<b>530</b>	<b>551</b>	<b>532</b>

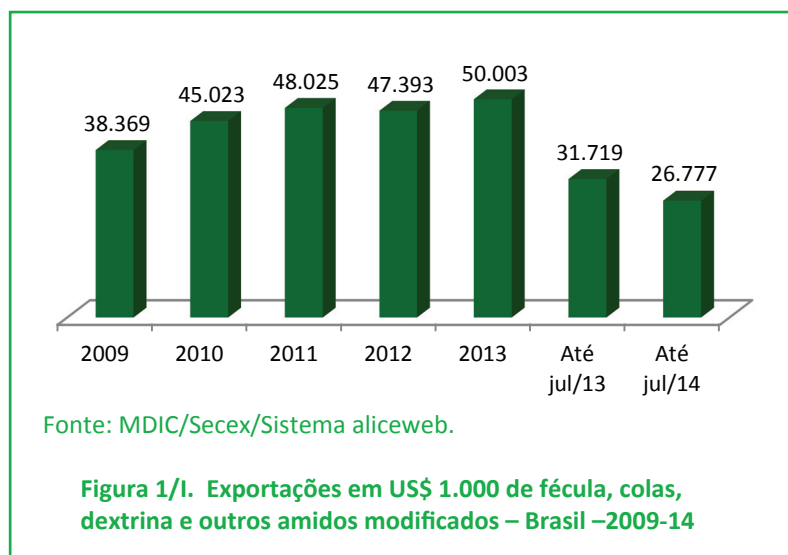
<sup>(1)</sup> Safras 20012/13 e 2013/14 dados preliminares sujeitos a retificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2009-12) e LSPA-julho/2014.

O excesso ou falta de chuvas trouxe problemas para as lavouras de alguns estados, sendo a região do Nordeste a que registrou as maiores perdas pelo efeito da seca, que teve início em 2012 e permaneceu até 2013. Além disso, houve também baixo uso de tecnologia e de práticas de manejo, principalmente nas regiões Norte e Nordeste, contribuindo para redução do rendimento médio.

Em 2013, as vendas de farinha e fécula no mercado interno estiveram bastante movimentadas. No segmento das farinhas, os estados das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, além de suprir as demandas regionais, comercializam o excedente principalmente para o Nordeste. Na fécula, os paranaenses lideram a produção e possuem estrutura de comercialização, o que lhes permite vendas escalonadas de acordo com a demanda e a barganha de melhores preços.

As exportações brasileiras para o mercado internacional, mesmo apresentando diminuição na quantidade de alguns derivados, tiveram maior valor por tonelada de produto, o que contribuiu para o aumento dos valores observados de 2009 a 2013. O valor total exportado em 2013 foi 5,5% acima do de 2012. No período de janeiro a julho de 2014, entretanto, se observa um decréscimo de 15,6% em relação ao valor exportado em igual período de 2013. O valor das vendas da fécula, por sua vez, caiu 21,6% e o da dextrina 14,6%, enquanto as colas cresceram 12,7% (Figura 1).



Em 2013, os principais mercados para a dextrina foram a Argentina, os Estados Unidos e a Alemanha. Para a fécula, os Estados Unidos, a Venezuela e a Bolívia. Para as colas, a Venezuela, a Argentina e o Uruguai.

### Safra 2013/14

A safra brasileira de mandioca 2013/14 encontra-se em fase de colheita na maioria dos estados produtores (agosto de 2014). Em relação à safra 2012/13, as estimativas são de incremento de 4,4% na área e de 10,6% na produção (Tabela 4).

As agroindústrias de farinha, fécula e polvilho azedo prosseguem processando a matéria-prima com vistas à comercialização imediata da produção ou para a formação de estoques para venda futura. Em alguns estados é bastante comum a disputa pela aquisição da matéria-prima, o que repercute na remuneração aos produtores.

No primeiro semestre de 2014, o volume de negócios se manteve dentro do programado, com os agentes de mercado comprando o estritamente necessário, apostando em preços mais acessíveis. Para o segundo semestre não deverá ocorrer mudanças sensíveis.

Nos primeiros meses do ano, os preços ao produtor e atacado da raiz e derivados seguiram em ritmo ascendente. À medida que a colheita se intensifica e aumenta a oferta os preços perdem um pouco de força, sem deixar de remunerar os produtores bem acima dos custos de produção.

## Produção e mercado estaduais

### Safra catarinense 2012/13

A safra catarinense 2012/13 apresentou, em relação à safra 2011/12, decréscimo de 1,7% na área e aumento de 4,1% na produção, consequência de um ganho de 5,9% no rendimento médio (Tabela 5).

Tabela 5/I. Raiz de mandioca – Safra de Santa Catarina por microrregião geográfica – 2009/10-2012/13

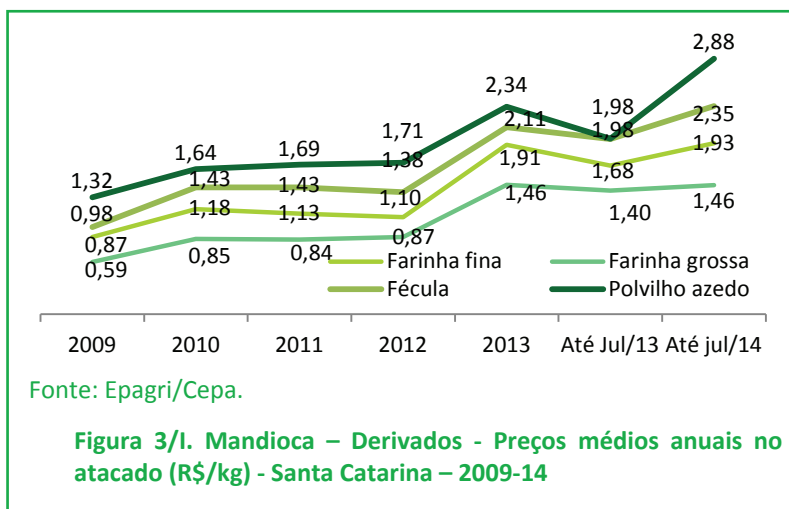
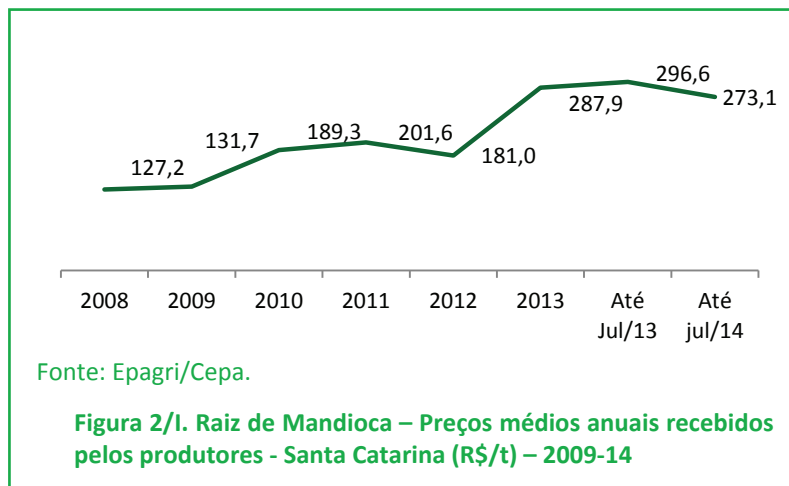
SC/MRG	Área colhida (ha)				Quantidade produzida (t)			
	2009/10	2010/11	2011/12	2012/2013 <sup>1</sup>	2009/10	2010/11	2011/12	2012/2013 <sup>1</sup>
Santa Catarina	29.929	27.478	29.055	28.564	540.626	506.280	529.648	551.349
Tubarão	8.430	8.130	7.942	8.091	150.527	147.708	141.575	147.930
Chapecó	4.123	3.773	3.638	4.273	81.076	72.571	69.416	85.251
Rio do Sul	2.495	2.030	2.180	2.045	57.595	47.965	50.715	47.445
Blumenau	1.865	1.750	2.537	2.254	26.635	28.000	46.548	43.201
São Miguel do Oeste	2.890	1.948	1.715	2.035	54.805	41.195	35.885	42.815
Joinville	1.831	1.763	2.394	1.804	28.289	27.902	44.590	35.834
Araranguá	1.563	1.917	1.917	2.080	24.545	30.460	30.460	34.795
Tijucas	1.160	1.021	1.365	1.435	19.334	17.425	23.850	25.650
Florianópolis	1.210	1.010	1.085	1.010	14.975	12.450	15.535	21.415
Concórdia	689	653	1.153	599	15.058	13.390	13.518	12.890
Ituporanga	540	540	460	425	13.975	13.975	11.775	10.825
Xanxerê	536	543	545	525	8.985	10.022	8.794	8.794
Itajaí	305	427	449	389	4.108	8.235	8.544	7.994
Tabuleiro	780	680	380	380	15.350	13.500	7.300	7.300
Criciúma	510	515	505	459	9.380	8.870	8.525	6.978
Joaçaba	607	357	340	338	10.048	5.998	5.569	5.625
Canoinhas	200	200	200	200	3.200	3.200	3.200	3.200
Curitibanos	79	90	94	92	1.100	1.528	1.563	1.537
São Bento do Sul	50	65	90	64	775	1.020	1.420	1.004
Campos de Lages	66	66	66	66	866	866	866	866

<sup>(1)</sup> Estimativas.

Fonte: IBGE/PAM/LSPA.

O cultivo para fins comerciais concentra-se nas regiões Sul Catarinense, Vale do Itajaí e em alguns municípios da Grande Florianópolis. Na maioria dos casos, as processadoras de matéria-prima remuneram a raiz pela quantidade de teor de amido. Esse procedimento tem estimulado o produtor a utilizar práticas de manejo adequadas, bem como variedades mais produtivas, resultando em mais ganho por área cultivada e, conseqüente, valorização da produção e aumento de renda.

Nos últimos anos, tanto os preços aos produtores quanto do atacado catarinense têm sido crescentes. Em 2013, por exemplo, os preços da raiz e derivados atingiram as maiores valorizações dos últimos anos. Em comparação com 2012, os preços da raiz cresceram 59,1%; da farinha fina, 74,3%; da farinha grossa, 67,5%; da fécula, 53,3%, e do polvilho azedo, 37,1% (Figuras 2 e 3).



## Safra catarinense 2013/14

Para a safra catarinense em andamento (2013/14), as estimativas do IBGE indicam redução de 3,4% na área de plantio e na produção (Tabela 4).

Estimulados pela valorização da farinha e também devido ao baixo estoque do produto, as farinheiras iniciaram a aquisição da raiz mais cedo este ano (meados de março), tanto no Sul Catarinense como no Vale do Itajaí. A compra de matéria-prima está prevista para ocorrer até meados de agosto na Mesorregião Sul Catarinense e no final de setembro no Vale do Itajaí.

As avaliações preliminares das agroindústrias indicaram que para cada tonelada de mandioca esmagada foram obtidas entre 335 e 340 quilos de farinha e de 250 e 275 quilos de fécula e polvilho azedo, valores considerados bons.

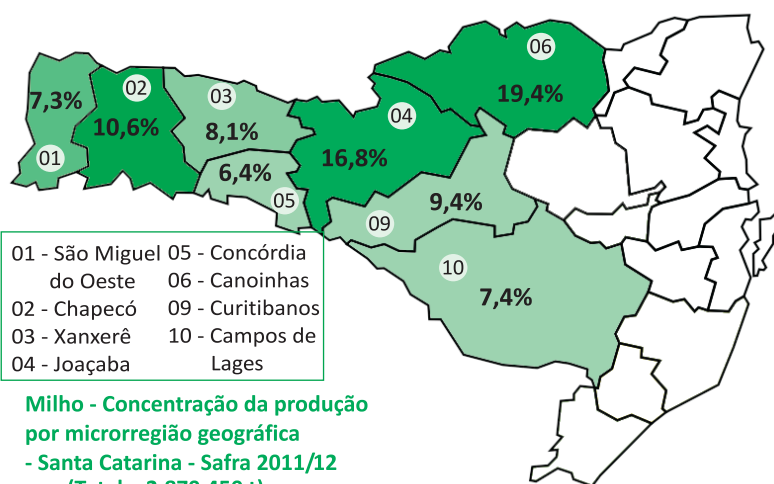
Nos sete primeiros meses de 2014, as vendas catarinenses de farinha, fécula e polvilho azedo mantiveram o volume de negócios no mercado estadual, bem como nos principais centros consumidores do País. Nesse período, os preços médios estaduais, quando comparados com igual período de 2013, apresentaram-se crescentes para as farinhas, a fécula e o polvilho azedo. Os preços da raiz entretanto decresceram (Figuras 2 e 3).

No cenário de preços atual, menos estimulante, os indicativos são de que muitos produtores catarinenses decidam diminuir a área a ser plantada na safra 2014/15.



# Milho

Glaucia Padrão  
Economista- Epagri/Cepa  
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



**Milho - Concentração da produção por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safra 2011/12 (Total = 2.870.450 t)**

## Produção e mercado mundiais

O mercado internacional do milho nos últimos anos tem sido marcado pela forte oscilação dos preços, com valores mais baixos para os preços internacionais. A baixa dos preços pode ser explicada pela capacidade das safras de suplantarem as necessidades mundiais de consumo. Na atual safra foi de 2,42%, enquanto na safra anterior (2012/13) foi de 0,18%. Isso se deve à quebra da safra americana ocorrida em 2012/13, que reduziu significativamente a produção mundial, e à produção na safra 2013/14, que ocorreu sem problemas substanciais que levassem à outra quebra de safra.

A redução dos preços, que ocorreu a partir de novembro de 2012 e se manteve em queda até janeiro de 2014, ocasionou uma expectativa de redução da produção na safra 2013/14. Essa tendência não foi verificada, tendo a produção de milho crescido comparativamente à safra anterior, aproximadamente 11%, de acordo com relatórios da FAO (2014).

Entre os principais produtores, o Brasil ocupa o terceiro lugar, com 80,54 milhões de toneladas produzidas na safra. Os primeiro e segundo lugares no ranking são ocupados por Estados Unidos e China, cujas participações giram em torno de 35% e 22% da produção mundial, respectivamente. Comparando o histórico das safras de 2009/10 a 2013/14, observa-se que o crescimento médio anual da produção mundial de milho foi de 5,13% (Tabela 1).

Contudo, em paralelo à União Europeia, Ucrânia e Estados Unidos, que apresentaram aumento da produção entre as safras de 2012/13 e 2013/14 de 47,14%, 36,85% e 29,17%, respectivamente, o Brasil apresentou uma variação positiva de 12,97% na safra 2013/14, o que proporcionou uma safra recorde no ano, porém menor do que a variação mundial.

Por outro lado, as exportações mundiais aumentaram em 16,28%, o que sinaliza uma recuperação do mercado internacional e o bom momento para as vendas externas, diante da tendência de aumento dos preços a partir de meados de janeiro de 2014. Entre os principais exportadores, destacaram-se Estados Unidos, Brasil, Argentina e Ucrânia, que perfizeram um total de 81,33% das exportações mundiais de milho. Entre os importadores, o Japão permanece como principal, responsável por 14% das importações mundiais do produto. No entanto, o país vem apresentando tendência de redução no período de 2009 a 2013 (Tabelas 2 e 3).

**Tabela 1/I. Milho – Principais países produtores e exportadores – Safras 2009/10-2012/13**

(milhões de t)

País	Produção							Exportações		
	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14			2013/14		Rank
					Quant.	Part. %	Cresc. (2010/14)	Quant.	Part. %	
Total	824,72	855,25	889,19	873,62	1.007,33	100,00	5,13	119,03	100,00	-
EUA	332,54	316,16	313,94	273,83	353,71	35,11	1,55	36,00	30,24	1
China	164,02	177,29	192,82	205,66	217,78	21,62	7,34	0,20	0,17	7
Brasil	51,23	56,06	56,27	71,29	80,51	7,99	11,96	23,50	19,74	2
U. Europeia	58,23	56,8	67,75	57,33	63,30	6,28	2,11	3,00	2,52	5
Ucrânia	10,48	11,00	22,30	21,00	30,90	3,07	31,04	20,00	16,80	3
Argentina	13,12	22,67	23,80	21,19	29,00	2,88	21,93	14,00	11,76	4
Índia	16,72	21,73	21,76	22,26	24,19	2,40	9,67	3,00	2,52	5
México	20,14	23,30	17,63	22,06	22,40	2,22	2,69	0,10	0,08	9
Indonésia	17,62	18,32	17,64	19,38	18,50	1,84	1,23	0,12	0,10	8
Canadá	9,56	12,04	11,35	13,06	14,19	1,41	10,38	1,50	1,26	6
Outros países	54,85	54,04	55,81	59,49	63,95	6,35	3,91	17,61	14,79	-

Fonte: FAO/AMIS (jul./2014).

**Tabela 2/I. Milho – Principais importadores mundiais – Safras 2009/10-2013/14**

(milhões de t)

País	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	Part. % 2013/14	Cresc. Médio 2010/14	Varição 2013/12
Total	86,81	94,49	99,39	101,36	116,79	100,00	7,70	15,22
Japão	16,17	15,79	15,26	14,27	15,50	13,27	-1,05	8,62
EU	2,45	7,60	6,37	10,97	14,50	12,42	55,97	32,18
México	8,40	7,65	11,33	5,66	11,00	9,42	6,97	94,35
Coreia do Sul	8,01	8,49	7,57	8,39	9,50	8,13	4,36	13,23
China	4,74	5,90	8,50	8,70	8,58	7,35	15,99	-1,38
Egito	5,50	5,80	6,70	5,70	7,00	5,99	6,21	22,81
Indonésia	0,40	3,00	1,80	2,30	2,80	2,40	62,66	21,74
Arábia Saudita	1,90	2,00	2,00	2,10	2,50	2,14	7,10	19,05
Vietnã	1,10	1,30	1,00	1,20	1,50	1,28	8,06	25,00
EUA	0,18	0,71	0,60	3,73	1,40	1,20	67,00	-62,47
Brasil	0,88	0,37	0,94	0,76	1,00	0,86	3,25	31,58
Outros países	3,45	2,15	2,77	2,47	2,90	2,48	-4,28	17,29

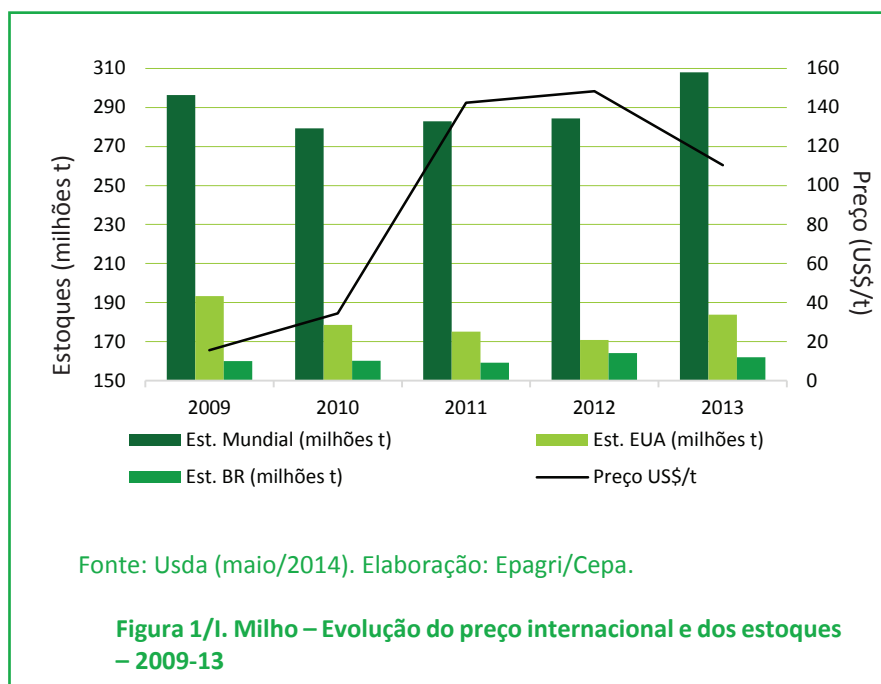
Fonte: FAO/AMIS (jul./2014).

Tabela 3/I. Milho – Oferta e demanda mundial e de países selecionados - Safras 2012/13-2013/14

(milhões de t)

Países	Estoque Inicial		Produção		Importação		Exportações		Estoque Final	
	2012/13	2013/14	2012/13	2013/14	2012/13	2013/14	2012/13	2013/14	2012/13	2013/14
Total Mundial	134,63	138,19	868,80	979,02	99,40	115,29	95,15	121,86	138,19	168,42
Exportadores	13,79	18,56	120,87	113,00	0,94	0,84	45,64	36,5	18,56	21,39
Estados Unidos	25,12	20,86	273,83	353,72	4,13	0,89	18,58	48,26	20,86	29,12
Argentina	0,90	1,32	27,00	24,00	0,00	0,01	18,69	14,00	1,32	3,03
Brasil	9,21	14,15	81,50	75,00	0,89	0,80	24,95	20,00	14,15	14,95
África do Sul	3,68	3,09	12,37	14,00	0,05	0,03	2,00	2,50	3,09	3,42
Importadores	15,34	12,50	111,62	119,41	56,86	69,60	2,82	3,70	12,50	16,09
Egito	2,22	1,37	5,80	5,80	5,06	6,50	0,01	0,01	1,37	1,76
União Européia	6,67	5,09	58,87	64,57	11,35	13,00	2,19	2,00	5,09	6,16
Japão	0,61	0,52	0,00	0,00	14,41	15,50	0,00	0,00	0,52	0,52
México	1,32	1,06	21,59	21,90	5,68	11,50	0,52	0,50	1,06	2,46
Sud. Asiático	2,64	2,82	25,22	26,96	7,96	9,40	0,09	1,19	2,82	3,59
Coreia do Sul	1,48	1,26	0,08	0,08	8,17	9,50	0,00	0,00	1,26	1,24
<b>Outros</b>										
Canadá	1,37	1,55	13,06	14,2	0,48	0,40	1,75	1,20	1,55	2,75
China	59,34	67,57	205,61	217,73	2,70	4,50	0,08	0,10	67,57	77,70
FSU-12	2,45	2,05	32,36	47,01	0,34	0,39	15,00	22,94	2,05	4,38
Ucrânia	1,05	1,19	20,92	30,90	0,04	0,05	12,73	19,00	1,19	3,24

Fonte: Usda (abr./2014).



## Produção e mercado nacionais

No Brasil, a safra 2013/14 foi a maior da história, tanto em área quanto em quantidade, superando a safra anterior, que também havia sido recorde. No período de 2009 a 2013, a quantidade produzida foi incrementada em média em 14,36% ao ano, enquanto a área plantada cresceu 4,05% ao ano. Desde 2011, o país é o terceiro maior produtor, quando superou a União Europeia em quantidade produzida. Os principais estados produtores são Mato Grosso, Paraná, Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, que totalizaram, em 2013/14, 75% da produção nacional, equivalente a 60,39 milhões de toneladas (Tabela 4).

**Tabela 4/I. Milho – Área plantada e quantidade produzida do Brasil e dos principais estados produtores – Safras 2008/09-2012/13**

País/ UF	Área plantada (mil ha)					Quantidade produzida (milhões t)					Part. % 2012/13
	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	
Brasil	13.373	12.186	13.605	15.065	15.675	47,07	51,42	55,66	71,07	80,52	-
MT	1.665	2.014	1.923	2.741	3.417	8,18	8,16	7,76	15,65	20,19	25,07
PR	2.806	2.257	2.470	3.012	3.033	11,29	13,57	12,47	16,56	17,49	21,72
GO	906	856	961	1.221	1.231	4,98	4,76	5,74	8,23	7,69	9,55
MS	937	874	1.000	1.245	1.544	2,18	3,78	3,63	6,48	7,57	9,41
MG	1.288	1.191	1.197	1.273	1.278	6,54	6,09	6,54	7,63	7,44	9,24
RS	1.386	1.151	1.100	1.119	1.013	4,19	5,63	5,77	3,16	5,35	6,64
SP	-	-	805	839	880	-	-	3,36	4,48	4,77	5,93
SC	649	582	542	525	484	3,24	3,65	3,65	2,87	3,33	4,13
BA	2.488	2.067	2.427	2.049	1.612	2,16	2,22	2,05	1,88	2,11	2,63
MA	890	810	799	590	678	0,52	0,54	0,65	0,78	1,32	1,64
Outros	357	383	381	452	506	3,79	3,01	4,03	3,37	3,26	4,04

Fonte: PAM e LSPA (abr./2014).

No que tange ao mercado externo, de acordo com as estatísticas do MDIC (sistema Aliceweb), cerca de 33% (26,61 milhões de toneladas) do que foi produzido em 2013 foi exportado, totalizando US\$6,25 bilhões. Os principais países de destino no ano foram Japão, Coreia do Sul, Taiwan, Irã e Egito, os quais representaram juntos 50% do valor das importações com origem no Brasil (Tabela 5).

Do volume restante, 85% foi destinado ao consumo animal (45,74 milhões de toneladas), cujos principais segmentos consumidores foram a avicultura de corte e a suinocultura, que representaram 77% do consumo (34,91 milhões de toneladas). O valor estimado para o estoque na safra 2013/14 foi de 9,12 milhões de toneladas, demonstrando uma tendência de decréscimo à taxa de 5,73% ao ano no período de 2009 a 2013 (Tabela 6).

**Tabela 5/I. Milho – Valor das exportações brasileiras por países de destino - 2010-13**

(bilhões de US\$)

País	2010	2011	2012	2013	
				Valor	Part. (%)
<b>Total</b>	<b>2,12</b>	<b>2,62</b>	<b>5,28</b>	<b>6,25</b>	<b>100,00</b>
Japão	0,11	0,23	0,81	0,90	14,05
Coreia do Sul	0,04	0,04	0,70	0,86	13,10
Taiwan (Formosa)	0,22	0,33	0,52	0,51	8,46
Irã	0,27	0,53	0,80	0,50	8,15
Egito	0,06	0,13	0,49	0,38	5,98
Indonésia	0,09	0,05	0,03	0,29	5,06
Vietnã	0,03	0,03	0,02	0,25	4,49
Arábia Saudita	0,17	0,11	0,20	0,25	4,26
Estados Unidos	0,00	0,00	0,19	0,30	3,90
Malásia	0,19	0,16	0,17	0,22	3,77
Marrocos	0,19	0,16	0,26	0,22	3,69
Colômbia	0,15	0,11	0,12	0,18	3,10
Espanha	0,15	0,10	0,11	0,19	2,95
Argélia	0,06	0,19	0,06	0,16	2,88
Países Baixos (Holanda)	0,06	0,11	0,01	0,19	2,78
Outros países	0,34	0,35	0,79	0,86	13,39

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

**Tabela 6/I. Milho – Consumo no Brasil – Safras 2009/10-2013/14**

(mil t)

Discriminação	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13		2013/14	
				Mar.	Abr.	Mar.	Abr.
Consumo animal	36.868	38.828	40.298	43.453	43.453	45.737	45.737
Aves de corte	16.758	19.127	19.796	21.479	21.479	22.768	22.768
Suinocultura	10.902	10.670	10.937	11.648	11.648	12.137	12.137
Bovinocultura	4.033	3.188	3.427	3.684	3.684	3.868	3.868
Aves de postura	3.221	3.275	3.390	3.661	3.661	3.789	3.789
Outros animais	1.954	2.568	2.748	2.981	2.981	3.175	3.175
Consumo industrial	4.415	4.636	4.868	5.209	5.209	5.703	5.703
Consumo humano	1.854	1.873	1.892	1.882	1.882	1.873	1.873
Outros usos	2.986	2.849	3.545	4.257	4.257	3.785	3.800
Perdas	1.052	1.075	1.418	1.669	1.669	1.561	1.567
Sementes	325	393	404	425	425	430	430
Exportação	10.819	9.486	19.802	26.625	26.625	27.000	27.000
Demanda total	58.320	59.139	72.226	83.519	83.519	86.089	86.110
Estoque Final	11.547	9.212	10.893	14.077	14.077	8.826	9.116

Fonte: Abimilho (abr./2014).

## Produção e mercado estaduais

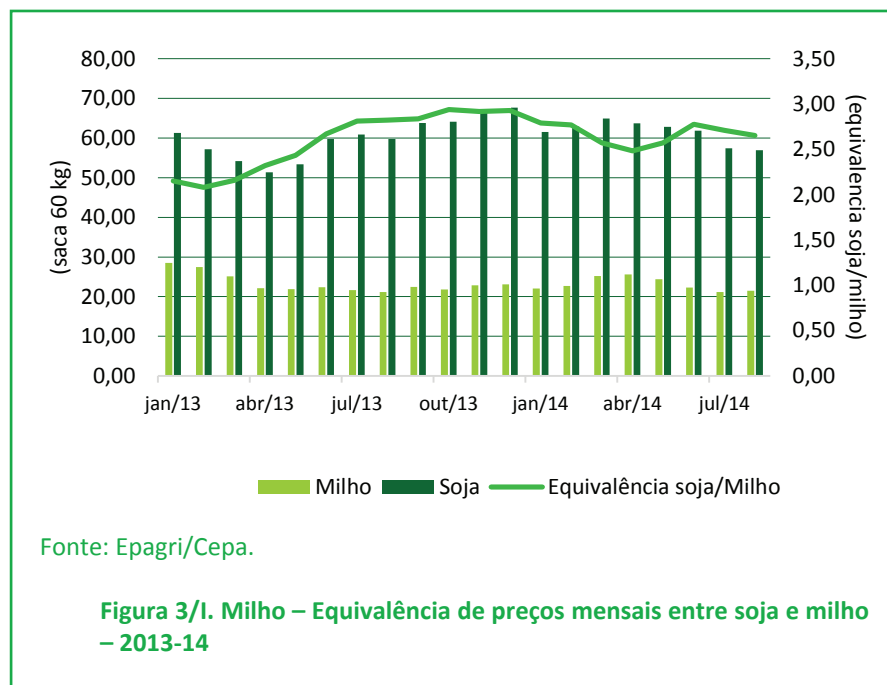
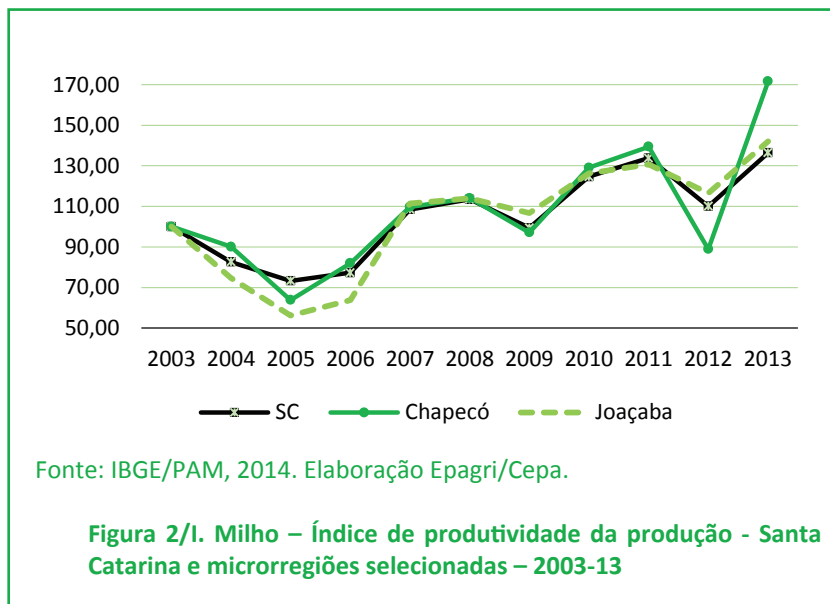
Em âmbito estadual, a safra 2013/14 seguiu a trajetória de decréscimo na área plantada dos anos anteriores. Em relação à safra 2012/13 a área plantada de milho no estado foi reduzida em 15,43%, o equivalente a 81 mil hectares. As principais microrregiões responsáveis por essa redução no período foram Canoinhas (-30,3%), Curitibanos (-27,5%) e Concórdia (-17,5%). A redução da área plantada, mesmo nas principais regiões produtoras do grão, deve-se principalmente aos maiores ganhos potenciais na cultura da soja, o que faz com que o produtor, sempre que possível, troque áreas antes destinadas à produção de milho pela produção de soja. Além disso, a destinação de áreas de produção de milho para grãos para silagem, mudanças na localização geográfica da produção de suínos e aves, considerados importantes consumidores de milho, bem como alterações estruturais no sistema produtivo destas cadeias (suínos e aves) são fatores responsáveis pela redução da área plantada. Na cadeia de suínos, destaca-se a produção pelos próprios suinocultores de grande parte do milho consumido na alimentação dos animais. Já no caso da avicultura, a maior parte da produção é integrada, de forma que os produtores recebem a ração diretamente das granjas. Assim, não há necessidade que a produção do grão esteja localizada próxima da produção de aves (Tabela 7).

**Tabela 7/I. Milho – Área plantada e quantidade produzida de Santa Catarina e microrregiões – Safras 2008/09-2012/13**

UF/Microrregião	Área plantada (1.000 ha)					Quantidade produzida (1.000 t)					Part. (%) 2012/13
	08/09	09/10	10/11	11/12	12/13	08/09	09/10	10/11	11/12	12/13	
Santa Catarina	649	582	542	525	444	3.245	3.654	3.652	2.870	3.153	100,00
Canoinhas	70	64	67	66	46	402	538	595	557	375	19,41
Joaçaba	88	86	78	76	64	515	599	565	483	504	16,84
Chapecó	130	107	95	77	70	591	646	622	306	566	10,65
Curitibanos	46	40	38	40	29	276	288	280	270	241	9,40
Xanxerê	54	39	38	41	35	322	308	301	232	346	8,09
Campos de Lages	49	46	45	41	38	193	212	241	211	170	7,36
São Miguel Oeste	78	72	58	60	55	362	425	396	210	394	7,31
Concórdia	51	45	43	40	33	209	250	245	184	227	6,42
Rio do Sul	24	23	21	23	23	107	116	113	128	96	4,45
Ituporanga	9	9	11	13	11	47	52	69	79	34	2,75
Outras MRG	51	51	48	48	40	221	218	225	210	200	7,32

Fonte: IBGE/PAM, 2014.

Contudo, a redução da área destinada ao milho no Estado não foi acompanhada pela redução na produção. Nota-se que houve um incremento de 9,86% em relação à safra anterior, sendo as microrregiões de Canoinhas, Joaçaba, Chapecó, Xanxerê e São Miguel do Oeste as maiores produtoras, responsáveis por aproximadamente 69% da produção do estado, que na safra foi de 3 milhões de toneladas (Tabela 7). Isso se deve ao aumento da produtividade da cultura no estado. Conforme mostra a figura 2, as principais microrregiões produtoras apresentaram índice de produtividade crescente no período analisado, o que foi acompanhado pelo Estado.



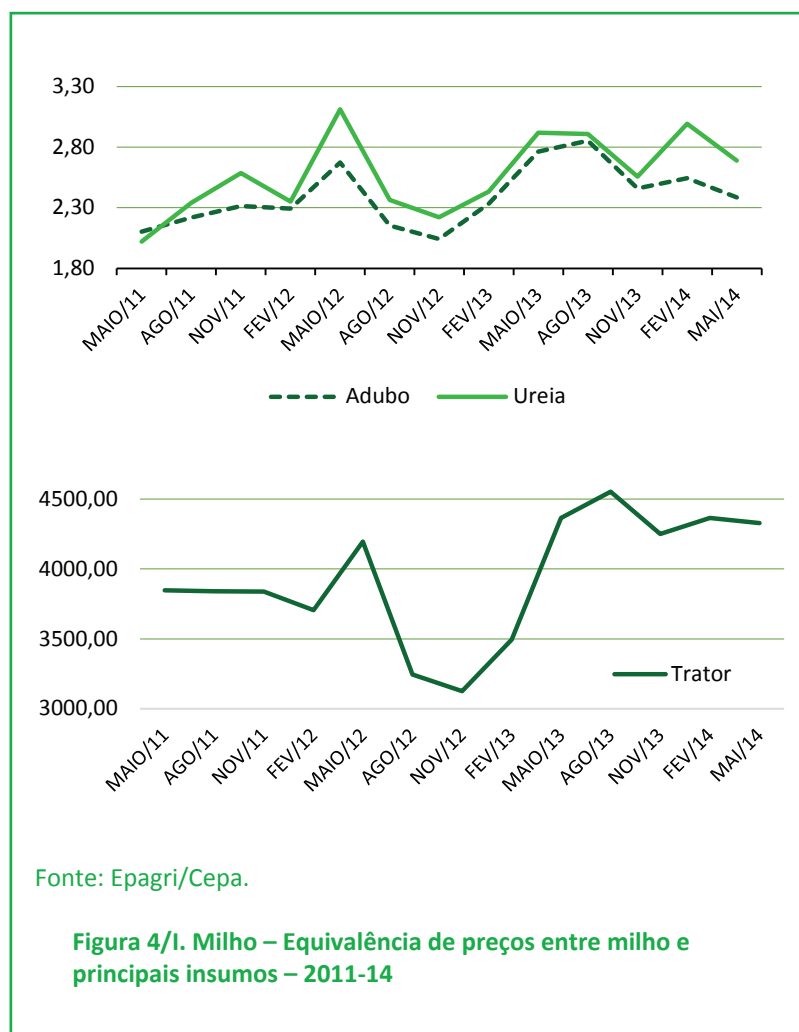
A produção crescente do Estado, combinada ao desempenho da safra brasileira e a safra recorde obtida pelos Estados Unidos, levaram os preços a uma tendência de queda, tanto no mercado externo quanto no mercado interno. Tomando por base os preços médios no Estado de janeiro de 2012 a junho de 2014, observa-se uma redução de 12,45% de um período a outro. Diante da perspectiva de aumento da safra no estado, no país e em importantes *players* como os Estados Unidos, a tendência é que haja uma redução ainda maior dos preços e, como consequência, a substituição das áreas de milho por áreas de soja deve continuar.



**Tabela 8/I. Milho – Preços médios mensais aos produtores e no mercado atacadista, em R\$/sc 60kg – Santa Catarina - 2012-14**

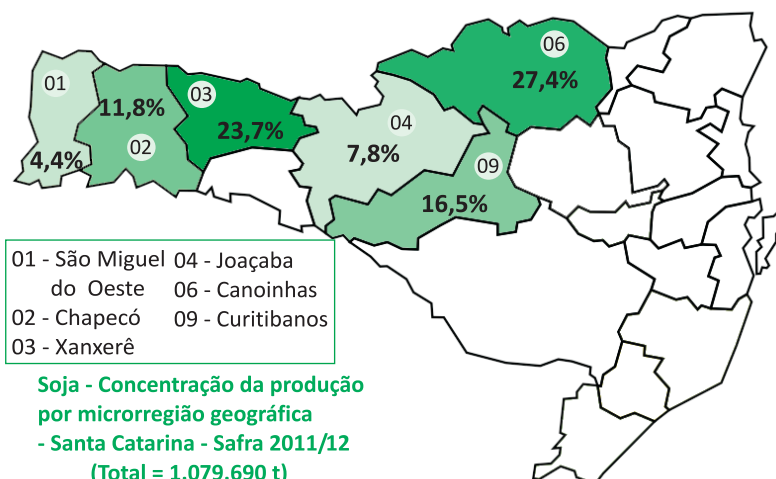
Ano/mês	Preço ao produtor			Preço no atacado		
	2012	2013	2014	2012	2013	2014
Janeiro	25,46	28,35	22,15	30,71	33,35	27,20
Fevereiro	25,28	27,06	22,83	29,50	32,09	27,83
Março	24,27	24,17	24,86	28,95	28,64	29,81
Abril	23,21	21,34	24,85	27,96	26,34	29,85
Maio	22,38	21,95	23,33	27,38	26,95	28,33
Junho	22,05	22,40	22,29	27,05	27,40	27,29
Julho	25,73	21,59	21,18	30,73	26,59	26,18
Agosto	28,72	21,36	21,45	33,72	26,36	26,45
Setembro	27,55	22,43		32,55	27,43	
Outubro	27,95	21,83		32,95	26,83	
Novembro	29,84	23,62		34,84	28,62	
Dezembro	29,86	23,56		34,93	28,56	

Fonte: Epagri/Cepa.



## Soja

Glaucia Padrão  
Economista - Epagri/Cepa  
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



## Produção e mercado mundial

A produção mundial de soja na safra 2013/14 aumentou 5,77% em relação à safra anterior, totalizando 282,71 milhões de toneladas. Esse crescimento é explicado principalmente pelo aumento do consumo de países como a China, que importou em 2013/14 o equivalente a 64% do total global para suprir a demanda interna, haja vista que o país é o quarto maior produtor mundial da oleaginosa. A China ocupa ainda o primeiro lugar no ranking de consumidores de farelo e óleo de soja, consumindo respectivamente 28,58% e 30,3% do total em nível global. Outro fator são as cotações favoráveis do produto no mercado internacional, que apesar de estar em baixa nos últimos meses, de janeiro de 2009 a setembro de 2012, a tendência era de aumento, segundo dados do Cepea (2014). Esses dois fatores em conjunto fizeram com que a produção mundial de 2009 a 2013 aumentasse em média 2,27% ao ano.

Entre os principais países produtores, destacam-se Estados Unidos, Brasil e Índia nas primeiras posições. Para 2014/15 é esperada uma safra recorde, graças principalmente aos Estados Unidos, que até o momento tem sido favorecido pela configuração do fenômeno El Niño. O país deve colher cerca de 10 milhões de toneladas a mais em comparação com a safra anterior, se as condições climáticas favoráveis permanecerem (Tabelas 1 e 2). Na produção de farelo (Tabela 3) e óleo de soja (Tabela 4), os maiores produtores em 2013/14 foram China, Estados Unidos, Argentina e Brasil, que apresentaram de forma consolidada 79% da produção mundial de cada um dos produtos.

A área plantada também aumentou em média 2,9% ao ano no comparativo dos anos 2009 a 2013. Os países que possuem as maiores áreas plantadas do grão são Estados Unidos, Brasil e Argentina, que juntos somaram em 2013/14, 73,5 milhões de hectares. O estoque por sua vez apresentou leve redução no período, cerca de 1,5%. Por outro lado, a Argentina se destaca por possuir estoques elevados em relação à sua produção (52% em 2013/14), e que vêm aumentando à taxa de 10% ao ano entre 2010 e 2013.

**Tabela 1/I. Soja – Principais países produtores, exportadores e importadores – Safras 2009/10-2013/14**

(milhões de t)

País	Produção						Exportações			Importações		
	09/10	10/11	11/12	12/13	13/14	Var. 10/14	12/13	13/14	Rank	12/13	13/14	Rank
Mundo	258,44	265,40	240,02	267,29	282,71	2,27	99,20	113,78		99,23	113,75	
Estados Unidos	91,41	90,60	84,20	82,57	89,51	-0,52	35,50	43,90	2	1,00	2,40	3
Brasil	68,68	75,32	66,38	81,49	86,05	5,80	41,90	45,70	1	0,28	0,30	5
Argentina	52,68	48,90	40,10	49,30	55,00	1,08	7,74	9,40	3	0,25	0,01	6
China	14,98	15,08	14,49	13,05	12,00	-5,39	0,29	0,24	6	62,20	72,39	1
Índia	8,40	9,60	10,60	11,00	8,80	1,17	0,00	0,00	-	0,00	0,00	-
Canadá	3,50	4,44	4,29	5,08	5,19	10,35	3,30	3,40	4	0,25	0,25	7
Ucrânia	1,04	1,68	2,26	2,27	2,76	27,63	1,40	1,93	5	0,00	0,00	-
Rússia	0,94	1,22	1,75	1,80	1,64	14,93	0,09	0,08	8	0,70	1,65	4
Indonésia	0,97	0,91	0,85	0,84	0,90	-1,86	0,00	0,00	-	1,79	2,00	2
África do Sul	0,56	0,71	0,65	0,78	0,89	12,28	0,05	0,05	9	0,01	0,00	8
Outros países	1,69	1,76	1,93	2,03	2,14	6,08	0,08	0,20		13,93	13,82	

Fonte: FAO/AMIS, 2014.

**Tabela 2/I. Soja – Estoque final e área plantada dos países selecionados – Safras 2010/11-2014/15**

País	Estoque final (mil t)						Área plantada (milhões de t)					
	10/11	11/12	12/13	13/14	14/15 <sup>1</sup>	Var. 11/14	10/11	11/12	12/13	13/14	14/15 <sup>1</sup>	Var. 11/14
Total	70.304	53.542	56.840	67.236	85.306	-1,48	-	-	-	-	-	-
Argentina	21.403	16.389	22.402	28.554	32.156	10,09	20,00	19,40	17,57	18,30	18,60	-2,92
Brasil	23.636	13.024	15.330	17.655	24.055	-9,27	29,90	27,70	25,00	24,20	23,50	-6,81
China	14.538	15.909	12.378	13.288	13.088	-2,95	6,85	7,17	7,88	8,51	9,19	7,50
Estados Unidos	5.852	4.610	3.826	3.820	11.284	-13,25	30,70	30,82	29,85	31,00	30,90	0,32
União europeia	536	537	246	638	883	5,98	0,46	0,42	0,44	0,42	0,35	-2,99
Outros países	4.339	3.073	2.658	3.281	3.840	-8,90	-	-	-	-	-	-

<sup>(1)</sup> Refere-se à estimativa para a safra 2014/15 no mês de julho de 2014.

Fonte: Usda (jul./2014).

**Tabela 3/I. Farelo de soja – Produção e consumo dos principais países – Safras 2010/11-2014/15**

(mil t)

País	Produção						Consumo			
	10/11	11/12	12/13	13/14	14/15 <sup>1</sup>	Var. 11/14	12/13	13/14	14/15 <sup>1</sup>	Var. 13/14
Total	174.634	180.418	180.951	189.816	198.073	2,82	177.361	185.001	194.573	4,31
China	43.560	48.288	51.440	54.451	58.212	7,72	50.091	52.871	57.062	5,55
Estados Unidos	35.608	37.217	36.174	37.204	37.816	1,47	26.336	26.852	27.307	1,96
Argentina	29.312	27.945	26.089	29.000	30.950	-0,36	-	-	-	-
Brasil	28.160	29.510	27.310	28.680	28.760	0,61	14.200	14.498	15.000	2,10
União Europeia	9.760	9.674	10.194	9.938	10.040	0,60	26.894	27.970	29.121	4,00
Índia	7.520	7.680	7.800	7.040	7.640	-2,17	3.533	3.830	4.365	8,41
México	2.870	2.910	2.890	3.048	3.140	2,03	4.225	4.375	4.550	3,55
Outros países	17.844	17.194	19.054	20.455	21.515	4,66	52.082	54.605	57.168	4,84

<sup>(1)</sup> Refere-se à estimativa para a safra 2014/15 no mês de julho de 2014.

Fonte: Usda (jul./2014).

Tabela 4/I. Óleo de soja – Produção e consumo dos principais países – Safras 2010/11-2014/15

(mil t)

País	Produção						Consumo			
	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15 <sup>1</sup>	Var. 11/14	2012/13	2013/14	2014/15 <sup>1</sup>	Var. 13/14
Total	41.285	42.601	42.896	44.979	46.789	2,90	42.322	44.575	46.151	5,32
China	9.840	10.914	11.626	12.317	13.164	7,77	12.545	13.508	14.380	7,68
Estados Unidos	8.568	8.954	8.990	9.169	9.194	2,29	8.476	8.504	8.255	0,33
Argentina	7.181	6.839	6.364	7.100	7.600	-0,38	2.275	2.688	2.941	18,15
Brasil	6.970	7.310	6.760	7.100	7.120	0,62	5.544	5.680	5.870	2,45
União Europeia	2.246	2.226	2.317	2.269	2.292	0,34	1.650	1.770	1.780	7,27
Índia	1.675	1.710	1.740	1.570	1.705	-2,13	2.910	3.200	3.420	9,97
México	648	657	653	690	710	2,12	850	880	911	3,53
Outros países	4.157	3.991	4.446	4.764	5.004	4,65	8.072	8.345	8.594	3,38

<sup>(1)</sup> Refere-se à estimativa para a safra 2014/15 no mês de julho de 2014.

Fonte: Usda (jul./2014).

## Produção e mercado nacionais

A produção nacional de soja cresceu em média 4,5% ao ano entre 2011 e 2013, devendo aumentar em 6% na safra 2014/15 pela estimativa feita pelo IBGE (2014). Os principais responsáveis por esse crescimento foram Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, que permaneceram ocupando os três primeiros lugares no ranking de maiores produtores do País e responderam de forma consolidada por 64% do total produzido. A Região Centro-Oeste permanece com maior representatividade nacional na produção do grão, sendo responsável por 47% do total, seguida pela Região Sul, que responde por 37% do total. Comparando as safras 2012/13 e 2013/14, observou-se que Minas Gerais e Santa Catarina subiram uma posição no ranking dos principais produtores, passando respectivamente, da sétima para a sexta e da décima para a nona posição.

A área plantada também aumentou no período de 2011 a 2013, cerca de 8% ao ano, principalmente pela maior liquidez e possibilidade de aferir maiores lucros em relação à cultura do milho, seu principal concorrente em área. O rendimento médio, por outro lado, tem apresentado leve tendência de redução ao longo do período analisado (2011 a 2013), cerca de 3% ao ano em média. Santa Catarina não fugiu à regra e também apresentou oscilação no rendimento médio com tendência de redução. Contudo, o rendimento médio apresentado pelo estado foi maior em relação à média nacional e do Mato Grosso, maior produtor da oleaginosa (Tabela 5).

Apesar de a produção de soja nacional ter aumentado na safra 2013/14 em relação à safra anterior, os estoques finais do grão, do farelo e do óleo foram reduzidos em 6%, 9,3% e 8,3%, respectivamente. Isso se deve sobretudo ao aumento das exportações do grão e de seus derivados e do consumo doméstico, no caso do grão (Tabela 6).

**Tabela 5/I. Soja – Área Plantada, quantidade produzida e rendimento do Brasil e principais estados produtores – Safras 2010/11-2013/14**

País/Estado	Área plantada (milhões ha)				Quantidade produzida (milhões de t)				Rendimento (t/ha)			
	10/11	11/12	12/13	13/14 <sup>1</sup>	10/11	11/12	12/13	13/14 <sup>1</sup>	10/11	11/12	12/13	13/14 <sup>1</sup>
Brasil	24,03	25,09	27,91	30,30	74,82	65,85	81,70	86,60	3,11	2,62	2,93	2,86
Mato Grosso	6,46	6,98	7,93	8,61	20,80	21,84	23,42	26,36	3,22	3,13	2,95	3,06
Paraná	4,56	4,46	4,76	5,02	15,46	10,94	15,92	14,81	3,39	2,45	3,35	2,95
Rio Grande do Sul	4,08	4,27	4,73	4,99	11,72	5,95	12,76	13,05	2,88	1,39	2,70	2,62
Goiás	2,57	2,67	2,94	3,14	7,70	8,40	8,90	8,83	3,00	3,15	3,03	2,81
Mato Grosso do Sul	1,76	1,81	1,99	2,15	5,08	4,59	5,78	6,28	2,88	2,53	2,91	2,93
Minas Gerais	1,02	1,03	1,15	1,24	2,94	3,07	3,38	3,29	2,88	2,99	2,93	2,66
Bahia	1,05	1,11	1,21	1,41	3,51	3,21	2,77	3,98	3,36	2,89	2,28	2,82
São Paulo	0,49	0,56	0,61	0,70	1,27	1,57	1,93	1,59	2,60	2,78	3,14	2,27
Santa Catarina	0,46	0,45	0,52	0,56	1,49	1,08	1,59	1,66	3,26	2,39	3,04	2,96
Maranhão	0,53	0,56	0,56	0,68	1,57	1,64	1,58	1,88	2,96	2,95	2,81	2,77
Outros estados	1,08	1,19	1,50	1,81	3,27	3,56	3,68	4,87	3,04	3,00	2,46	2,69

<sup>(1)</sup> Refere-se à estimativa para a safra 2014/15 no mês de junho de 2014.

Fonte: IBGE (PAM e LSPA), 2014.

**Tabela 6/I. Soja e derivados – Balanço de oferta e demanda nacional – 2009-14**

(mil t)

Discriminação	2009	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>	Var.(%) 2010-14
<b>Soja</b>							
Estoque inicial	6.215	2.011	3.670	5.852	1.790	1.682	-26,74
Produção	57.383	68.919	75.248	67.920	81.593	86.500	9,20
Importação	100	119	40	268	283	100	29,70
Sementes/outros	2.700	2.800	2.850	2.900	2.950	2.950	2,24
Exportação	28.560	29.073	32.986	32.916	42.796	44.000	10,64
Processamento	30.426	35.506	37.270	36.434	36.238	37.000	4,47
Estoque final	2.011	3.670	5.852	1.790	1.682	4.332	-4,37
<b>Farelo</b>							
Estoque inicial	1.199	871	1.116	1.254	1.089	988	-2,38
Produção	23.287	26.998	28.322	27.767	27.621	28.100	4,36
Importação	43	39	25	5	4	0	-44,90
Consumo doméstico	11.533	12.944	13.758	14.051	14.350	14.500	5,61
Exportação	12.124	13.849	14.451	13.885	13.376	13.550	2,49
Estoque final	871	1.116	1.254	1.089	988	1.038	3,19
<b>Óleo</b>							
Estoque inicial	358	311	361	391	314	288	-3,20
Produção	5.896	6.928	7.340	7.013	7.075	7.150	4,66
Importação	27	16	0	1	5	0	-34,65
Consumo doméstico	4.454	5.404	5.528	5.328	5.723	6.100	6,47
Exportação	1.517	1.490	1.782	1.764	1.383	1.050	-2,28
Estoque final	311	361	391	314	288	288	-1,85

<sup>(1)</sup> Refere-se à previsão para a safra 2014/15 no mês de julho de 2014.

Fonte: Abiove, 2014.

No que se refere à indústria de óleos vegetais, observa-se que Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul possuem as maiores capacidades instaladas, somando 59% da capacidade de processamento. Santa Catarina ocupa o 9º lugar, com 2% da capacidade nacional, mas foi o estado que apresentou maior variação em relação a 2013, cerca de 16%, o que indica que esse posicionamento pode mudar ao longo do tempo (Tabela 7).

**Tabela 7/I. Óleo de Soja – Capacidade instalada da indústria de óleos vegetais por estado – 2011-13**

(mil t/dia)

UF	Capacidade de Processamento				Capacidade de Refino				Capacidade de Envase			
	2011	2012	2013	Var. % 2011/13	2011	2012	2013	Var. % 2011-13	2011	2012	2013	Var. % 2011-13
MT	35,34	35,49	38,74	4,70	3,31	3,31	3,26	-0,76	2,46	2,54	2,41	-1,02
PR	33,90	35,75	35,75	2,69	4,14	4,08	4,03	-1,34	1,95	2,03	2,03	2,03
RS	29,93	30,56	31,36	2,36	2,3	2,42	2,42	2,58	1,92	1,97	1,97	1,29
GO	20,67	21,29	21,49	1,96	2,99	3,09	3,10	1,82	2,41	2,51	3,13	13,96
SP	13,28	13,95	14,17	3,30	6,22	6,22	6,17	-0,40	4,25	4,65	4,70	5,16
MS	10,90	10,79	10,59	-1,43	0,65	1,28	1,30	41,42	0,52	0,52	0,57	4,70
MG	9,10	9,10	9,10	0,00	1,33	1,33	1,30	-1,13	0,95	0,99	0,91	-2,13
BA	6,30	6,60	6,49	1,50	1,09	1,09	1,09	0,00	0,95	0,95	0,97	1,05
SC	2,70	2,75	3,20	8,87	0,67	0,67	0,67	0,00	0,35	0,35	0,35	0,00
PI	2,75	2,80	2,80	0,90	0,12	0,12	0,12	0,00	0,18	0,18	0,18	0,00
BR	169,14	173,44	177,98	2,58	23,35	24,46	24,31	2,03	16,24	17,35	17,88	4,93

Fonte: Abiove, 2014.

As exportações de soja e de seus derivados cresceram em média 10% ao ano de 2009 a 2013. No comparativo entre 2012 e 2013, o aumento foi de 28%, sendo o grão o principal responsável. Os principais países de destino do grão foram a China (75%), seguida da Espanha (5%) e da Holanda (4%), que é um importante entreposto comercial para os países da Europa (Tabela 8).

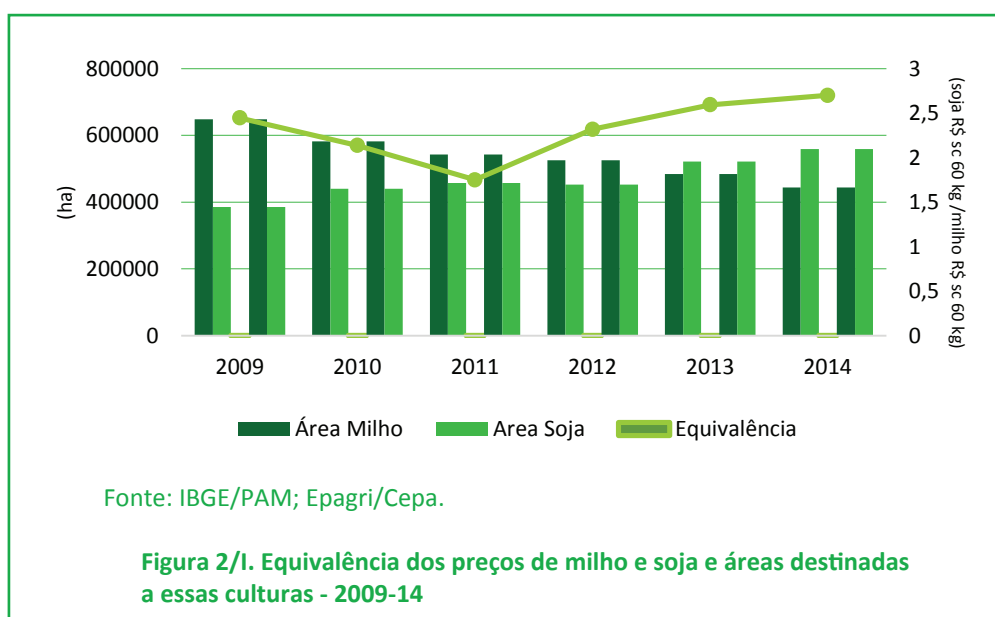
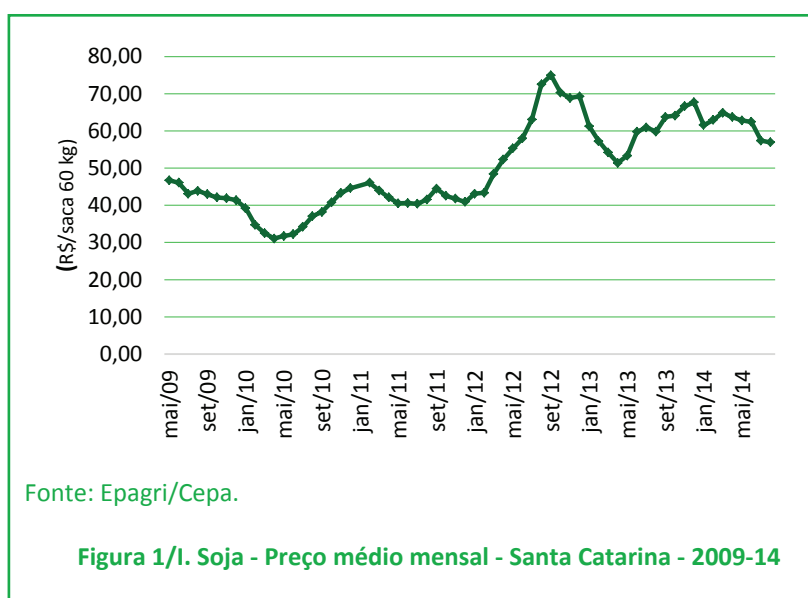
**Tabela 8/I. Soja e derivados – Exportações brasileiras – 2009-14**

Ano	Grão		Farelo		Óleo		Total	
	(milhões de t)	(milhões de US\$)	(t)	(mil US\$)	(milhões de t)	(milhões de US\$)	(milhões de t)	(milhões de US\$)
2009	28,56	11,42	178,81	135,74	1,37	1,04	29,93	12,47
2010	29,07	11,04	39,63	35,06	1,40	1,19	30,47	12,24
2011	32,99	16,33	61,52	57,49	1,53	1,86	34,52	18,19
2012	32,92	17,46	22,00	24,52	1,59	1,85	34,50	19,31
2013	42,80	22,81	42,71	55,24	1,23	1,22	44,03	24,03
2014	24,91	12,55	41,20	47,78	0,45	0,40	25,36	12,95

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

## Produção e mercado estaduais

A área catarinense destinada à soja cresceu aproximadamente 10% ao ano entre 2009 e 2013. O principal indicador para esse crescimento é o preço da soja, que tem evoluído de forma crescente e influencia a escolha entre a soja e as demais culturas concorrentes em área, como o milho (Figura 1). A figura 2 apresenta a evolução das áreas plantadas de milho e soja no estado e a equivalência de preços desses produtos. Em função dos custos de produção e da capacidade de rendimento das culturas, em geral, quando o preço da soja é pelo menos 2,3 vezes o preço do milho, a produção de soja é mais favorável ao produtor e este opta pela oleaginosa. Observa-se que essa tendência é clara. A exceção é o ano de 2009, quando a equivalência de preços dos dois grãos foi favorável à produção de soja, mas o produtor optou por destinar mais área ao milho. Nos demais anos a cultura da soja tem se apresentado cada vez mais vantajosa ao produtor, fazendo com que ele destine, a cada ano que passa, mais área para a produção do grão. As microrregiões que apresentaram maior crescimento da área plantada foram Rio do Sul, Campos de Lages e Concórdia.





O aumento de área plantada, somado ao aumento do rendimento da cultura, fizeram com que a quantidade produzida aumentasse cerca de 14% ao ano, principalmente nas microrregiões de Campos de Lages, Rio do Sul, São Bento do Sul e Concórdia, que apresentaram taxas de crescimento acima de 30% ao ano. As principais microrregiões produtoras em 2013 foram Canoinhas, Xanxerê, Curitibaanos e Chapecó, que juntos foram responsáveis por cerca de 77% da produção total (Tabela 9).

**Tabela 9/I. Soja – Área plantada e quantidade produzida no Estado e microrregiões – Safras 2008/09-2012/13**

Estado/Micro	Área plantada (mil ha)						Quantidade produzida (mil t)						
	08/09	09/10	10/11	11/12	12/13 <sup>1</sup>	Cresc. 09-13	08/09	09/10	10/11	11/12	12/13 <sup>1</sup>	Part. 12/13	Cresc. 09-13
Santa Catarina	385,42	440,46	457,42	452,35	559,43	9,76	993,99	1.378,53	1.490,55	1.079,69	1.658,00	100,00	13,65
Canoinhas	89,51	97,91	99,10	91,45	120,00	7,60	237,38	329,22	343,97	295,69	387,41	23,37	13,03
Xanxerê	111,95	127,48	127,45	121,30	131,58	4,12	326,46	418,28	437,80	255,47	381,69	23,02	3,98
Curitibaanos	56,08	64,93	69,68	71,54	86,43	11,42	137,02	198,93	215,97	178,63	301,92	18,21	21,84
Chapecó	60,12	70,71	76,41	72,02	82,59	8,26	140,56	207,76	234,29	126,90	204,02	12,31	9,76
Joaçaba	22,43	25,18	29,35	31,76	41,48	16,62	53,93	75,61	88,83	84,48	137,26	8,28	26,31
Campos Lages	12,35	15,65	17,07	24,84	41,45	35,35	26,29	38,22	49,08	67,26	111,25	6,71	43,42
S. Miguel do Oeste	24,37	28,82	30,00	30,67	35,74	10,05	50,39	84,98	96,54	47,22	77,61	4,68	11,40
S. Bento do Sul	3,55	3,40	3,80	4,57	9,30	27,22	9,47	9,07	11,25	12,35	29,23	1,76	32,55
Concórdia	1,89	2,50	1,43	1,45	5,62	31,33	4,82	6,31	4,53	5,02	12,55	0,76	27,05
Ituporanga	2,53	3,14	2,42	2,25	3,50	8,44	6,21	8,38	6,71	5,60	10,79	0,65	14,82
Rio do Sul	0,44	0,54	0,52	0,48	1,53	36,38	0,97	1,27	1,09	1,00	3,88	0,23	41,59
Blumenau	0,20	0,20	0,20	0,03	0,03	-37,77	0,50	0,50	0,50	0,05	0,05	0,00	-42,67

Fonte: IBGE.

No que se refere ao mercado externo, as exportações do complexo soja, em milhões de dólares, aumentaram aproximadamente 45% ao ano entre 2009 e 2013. Assim como no Brasil, a China é o principal destino das exportações, responsável por 86% do total exportado pelo estado. Destaca-se ainda a Romênia como segundo maior importador, que entrou no mercado catarinense no ano de 2013, seguida pelo Irã, que importou 3% do total (Tabela 10).

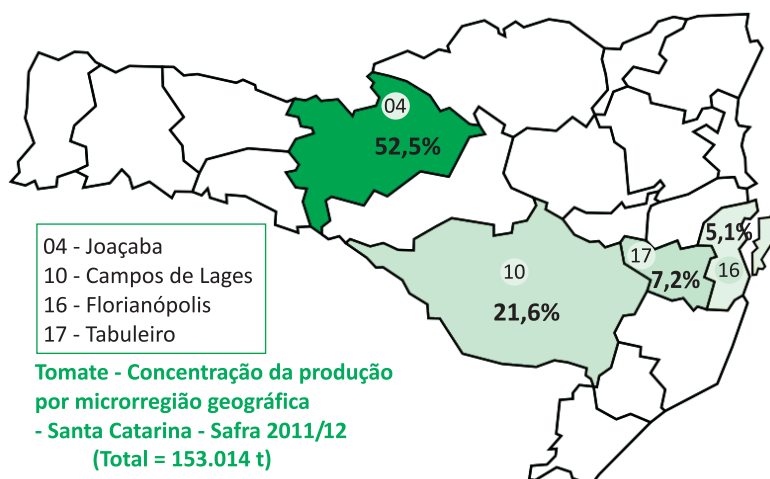
**Tabela 10/I. Soja e derivados – Exportações catarinenses por países de destino – 2009-13**

País	2009		2010		2011		2012		2013		Var. 2009-13	
	(US\$ milhões)	(mil t)	(US\$ milhões)	(mil t)	(US\$ milhões)	(mil t)	(US\$ milhões)	(mil t)	(US\$ milhões)	(mil t)	(US\$ milhões)	(mil t)
Total	120,34	290,54	166,27	406,33	278,81	486,14	392,90	672,09	529,78	961,37	44,85	34,87
China	57,90	149,46	126,01	320,85	209,96	382,92	342,06	596,39	457,82	849,12	67,69	54,39
Romênia	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	15,34	28,55	-	-
Irã	2,59	3,92	1,69	1,67	6,90	13,70	4,66	4,08	13,45	12,26	50,91	33,00
Taiwan	9,91	30,49	3,71	9,91	9,42	19,10	5,56	10,23	8,12	15,47	-4,86	-15,60
Índia	4,82	6,60	0,00	0,00	11,81	9,55	8,33	7,25	4,27	4,35	-2,97	-9,92
Bangladesh	1,66	2,00	1,64	3,49	2,09	1,64	13,68	25,54	4,23	5,81	26,27	30,57
Espanha	2,51	5,19	1,38	3,29	0,22	0,49	3,03	6,02	4,15	8,30	13,41	12,44
Tailândia	7,17	20,19	0,40	0,96	1,62	3,44	2,43	4,90	4,11	7,02	-12,98	-23,22
EUA	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	2,91	5,55	-	-
Tunísia	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,08	1,00	2,85	2,80	-	-
Outros	33,78	72,69	31,46	66,16	36,80	55,29	12,08	16,66	12,52	22,15	-21,97	-25,70

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

# Tomate

Evandro Uberdan Anater  
Téc.Agric. - Licenciado em  
Estudos Sociais  
Epagri/Cepa-Joaçaba  
anater@epagri.sc.gov.br



## Produção e mercado mundiais

Os números mais recentes sobre a safra mundial de tomate são da safra 2011/12. Comparados às safras imediatamente anteriores indicam expansão da produção de 2,4% e 6,4% sobre as safras 2010/11 e 2009/10, respectivamente. Na mesma ordem, a área teve elevação de 1,7% e 5,8%. Entre os maiores produtores somente Brasil e Itália apresentaram redução em suas produções, 12,3% e 13,8%, respectivamente. Com isso o Brasil passou de oitavo para nono produtor mundial. O México pela primeira vez se insere no grupo dos 10 maiores produtores do mundo (Tabela 1).

**Tabela 1/I. Tomate – Comparativo da safra mundial e dos principais países - 2009/10-2011/12**

País	Área colhida (mil ha)			Quantidade produzida (mil t)			Rendimento médio (t/ha)		
	2009/10	2010/11	2011/12	2009/10	2010/11	2011/12	2009/10	2010/11	2011/12
China	947,0	981,0	1.000,0	46.760,0	48.450,0	50.000,0	49,4	49,4	50,0
Índia	634,4	865,0	870,0	12.433,2	16.826,0	17.500,0	19,6	19,5	20,1
Estados Unidos	158,6	146,5	150,1	12.858,6	12.526,0	13.206,9	81,1	85,5	88,0
Turquia	304,0	328,0	300,0	10.052,0	11.003,4	11.350,0	33,1	33,5	37,8
Egito	216,4	212,4	216,4	8.544,9	8.105,2	8.625,2	39,5	38,2	39,9
Irã	147,0	154,2	160,0	5.256,1	5.565,2	6.000,0	35,8	36,1	37,5
Itália	118,8	103,9	91,9	6.024,8	5.950,2	5.131,9	50,7	57,3	55,9
Espanha	59,3	51,2	48,8	4.312,7	3.864,1	4.007,0	72,8	75,5	82,1
<b>Brasil</b>	<b>67,9</b>	<b>71,5</b>	<b>63,9</b>	<b>4.106,8</b>	<b>4.416,6</b>	<b>3.873,9</b>	<b>60,5</b>	<b>61,8</b>	<b>60,7</b>
México	98,2	85,4	96,7	2.997,6	2.435,7	3.433,5	30,5	28,5	35,5
Subtotal	2.751,5	2.997,7	2.997,7	113.346,7	119.142,4	126.128,4	41,2	39,7	42,1
Mundo	4.539,8	4.723,1	4.803,7	152.007,6	158.019,5	161.793,8	33,5	33,5	33,7

Fonte: FAO (ago./2014).

Em termos continentais o destaque é a Ásia, com 61% da produção e 59% da área mundiais de 2011/12. Os demais continentes têm produções bem mais próximas entre si, com exceção da Oceania. As áreas e rendimentos médios, entretanto, são bastante variáveis (Tabela 2).

**Tabela 2/I. Tomate – Comparativo de safras por Continente - 2009/10-2011/12**

Continente	Área colhida (mil ha)			Produção (mil t)			Rendimento médio (t/ha)		
	2009/10	2010/11	2011/12	2009/10	2010/11	2011/12	2009/10	2010/11	2011/12
Ásia	2.517,5	2.819,9	2.824,8	87.126,9	95.128,5	97.892,7	34,6	33,7	34,7
Américas	473,2	455,1	452,9	24.430,0	23.953,8	24.797,9	51,6	52,6	54,8
Europa	548,5	530,8	506,6	21.721,9	21.344,1	20.693,7	39,6	40,2	40,8
África	991,6	907,8	1.010,6	18.175,4	17.223,2	17.937,8	18,3	19,0	17,7
Oceania	9,0	9,5	8,8	553,4	369,9	471,7	61,8	39,0	53,4
<b>Mundo</b>	<b>4.539,8</b>	<b>4.723,1</b>	<b>4.803,7</b>	<b>152.007,6</b>	<b>158.019,5</b>	<b>161.793,8</b>	<b>33,5</b>	<b>33,5</b>	<b>33,7</b>

Fonte: FAO (ago./2014).

Na América do Sul, a área plantada na safra 2011/12 foi quase 7% menor que as duas anteriores, o que se deveu às reduções do Brasil e do Chile. Em face de o Brasil ser o grande produtor dessa região, a produção também declinou quando comparada as safras anteriores (Tabela 3).

**Tabela 3/I. Tomate – Comparativo de safras da América do Sul - 2009/10–2011/12**

País	Área colhida (mil ha)			Produção (mil t)			Rendimento médio (t/ha)		
	2009/10	2010/11	2011/12	2009/10	2010/11	2011/12	2009/10	2010/11	2011/12
Brasil	67,9	71,5	63,9	4.106,8	4.416,6	3.873,9	60,5	61,8	60,7
Argentina	16,9	15,9	16,0	720,7	698,6	715,0	42,6	44,0	44,7
Colômbia	13,9	15,2	16,8	512,9	595,2	646,9	36,8	39,2	38,4
Chile	11,4	11,2	5,5	738,0	726,0	400,0	64,7	64,7	73,2
Venezuela	9,4	8,9	9,0	202,0	195,8	205,0	21,4	22,1	22,8
Subtotal	119,6	122,6	111,2	6.280,5	6.632,4	5.840,8	52,5	54,1	52,5
Outros países	17,6	15,1	17,3	434,8	361,6	436,0	24,7	24,0	25,2
<b>América do Sul</b>	<b>137,2</b>	<b>137,7</b>	<b>128,5</b>	<b>6.715,3</b>	<b>6.994,0</b>	<b>6.276,8</b>	<b>48,9</b>	<b>50,8</b>	<b>48,9</b>

Fonte: Fao (ago./2014).

O comércio mundial vem se expandindo a cada ano. Na safra 2010/11, as exportações aumentaram 4,5% e 15,3% sobre as safras 2009/10 e 2008/09, respectivamente. Estados Unidos e México, nas Américas, e Itália e Países Baixos (Holanda), na Europa, destacam-se como grandes exportadores. Em termos de importações se destacam Alemanha, Itália, Reino Unido e Nigéria (Tabela 4).

**Tabela 4/I. Tomate – Comércio mundial por tipo - Safras 2008/09-2010/11**

(mil US\$)

Discriminação	Exportações			Importações		
	2008/09	2009/10	2010/11	2008/09	2009/10	2010/11
Tomates frescos	7.009.062	8.251.072	8.501.563	7.128.101	8.383.297	8.593.366
Tomate pasta	3.005.829	2.946.802	3.197.610	2.723.090	2.618.590	2.787.743
Tomates pelados	1.269.364	1.257.603	1.312.353	1.239.521	1.180.054	1.231.490
<b>Total mundial</b>	<b>11.284.255</b>	<b>12.455.477</b>	<b>13.011.526</b>	<b>11.090.712</b>	<b>12.181.941</b>	<b>12.612.599</b>

Fonte: FAO (ago./2014).

## Produção e mercado nacionais

Como não envolve investimentos exorbitantes em capital fixo, o comportamento dos produtores em relação ao plantio de tomate é fortemente influenciado pelo resultado produtivo e, principalmente, econômico da safra anterior, o que redundou em importantes variações de área plantada entre as safras dos estados e do País.

Isso explica o fato de a área plantada na safra 2013/14 ser 5,8% maior que a da safra 2012/13, já que durante a comercialização da safra 2012/13 os preços do tomate bateram recordes. Isso, entretanto, não ocorreu de forma homogênea entre os estados. Os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Espírito Santo e Ceará tiveram expansão, enquanto no Paraná e em Pernambuco houve redução de área plantada. Assim, a produção teve crescimento mais modesto que o da área, de 2,5% (Tabela 5).

Tabela 5/I. Tomate – Comparativo de safras do Brasil e principais estados – 2011/12-2013/14

Estado	Área plantada (mil ha)			Produção (mil t)			Rendimento médio (t/ha)		
	2011/12	2012/13	2013/14 <sup>1</sup>	2011/12	2012/13	2013/14 <sup>1</sup>	2011/12	2012/13	2013/14 <sup>1</sup>
Goiás	14,0	15,7	15,6	1.157,0	1.329,7	1.268,4	82,6	84,7	81,3
São Paulo	13,7	10,1	10,1	824,3	675,1	675,1	60,2	66,8	66,8
Minas Gerais	6,8	8,1	9,0	444,6	563,2	633,7	65,4	69,5	70,4
Bahia	4,4	4,2	5,8	179,7	204,7	263,6	40,8	48,7	45,4
Ceará	2,3	2,7	5,7	106,4	128,1	258,6	46,3	47,4	45,4
Rio de Janeiro	2,6	2,3	2,7	195,6	182,0	208,0	75,2	79,1	77,0
Paraná	5,5	5,0	2,9	338,4	281,8	181,3	61,5	56,4	62,5
Espírito Santo	1,9	2,0	2,4	136,4	146,4	175,6	71,8	73,2	73,2
Santa Catarina	2,3	2,4	2,4	153,0	169,8	169,8	66,5	70,8	70,8
Rio G. do Sul	2,3	2,3	2,3	107,5	112,1	117,0	46,7	48,7	50,9
Pernambuco	2,8	2,4	1,7	100,4	93,4	33,2	35,9	38,9	19,5
Outros estados	6,1	3,3	3,4	130,6	101,0	103,1	21,4	30,6	30,3
<b>Brasil</b>	<b>64,7</b>	<b>60,5</b>	<b>64,0</b>	<b>3.873,9</b>	<b>3.987,3</b>	<b>4.087,4</b>	<b>59,9</b>	<b>65,9</b>	<b>63,9</b>

<sup>(1)</sup> Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal e LSPA.

Como principais regiões produtoras do País destacam-se as regiões Sudeste e Centro-Oeste, que somam 64% da área plantada e 74% da produção nacional. Na safra 2013/14, chama a atenção o crescimento da área plantada nos estados do Ceará (111%) e da Bahia (38%), na Região Nordeste. Por outro lado, decresceu mais uma vez a safra paranaense, o que reduz sensivelmente a participação da Região Sul no mercado nacional.

## Produção e mercado estaduais

Os dados preliminares da safra catarinense 2013/14 indicam aumento de 14,3% de área plantada sobre a safra 2012/13. Esse aumento foi alavancado pelo ótimo desempenho econômico obtido na safra passada. Para a produção, a estimativa é de crescimento de pouco mais de 10% (Tabela 6).

**Tabela 6/I. Tomate – Comparativo de safras de Santa Catarina – 2009/10-2013/14**

Safra	Área plantada (mil ha)	Produção (mil t)	Rendimento médio (t/ha)
2009/10	2,696	186,9	69,3
2010/11	2,863	187,9	65,6
2011/12	2,311	153,0	66,2
2012/13	2,390	166,1	69,5
2013/14 <sup>1</sup>	2,731	183,3	67,1

<sup>(1)</sup> Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal e LSPA.

Na microrregião de Joaçaba, destacadamente a mais importante produtora do Estado (Tabela 7), a safra se inicia na primavera e os produtores transplantam as mudas, produzidas no sudeste do País, intercaladamente até dezembro.

**Tabela 7/I. Tomate – Comparativo de safras das principais microrregiões de SC – 2010/11-2012/13**

MRG	Área plantada (ha)			Produção (mil t)			Rendimento médio (t/ha)		
	2010/11	2011/12	2012/13 <sup>1</sup>	2010/11	2011/12	2012/13 <sup>1</sup>	2010/11	2011/12	2012/13 <sup>1</sup>
Joaçaba	1.381	1.019	1.122	107,1	80,3	89,3	77,6	78,8	79,6
Tabuleiro	526	296	237	25,8	11,0	10,8	49,0	37,2	45,6
Campos de Lages	295	407	386	22,6	33,1	31,1	76,6	81,3	80,6
Florianópolis	262	163	177	12,2	7,7	9,0	46,6	47,2	50,8
Canoinhas	108	110	127	6,4	6,6	8,3	59,3	60,0	65,4
Outras MRG	291	316	341	13,8	14,3	17,6	47,4	45,3	51,6
<b>Santa Catarina</b>	<b>2.863</b>	<b>2.311</b>	<b>2.390</b>	<b>187,9</b>	<b>153,0</b>	<b>166,1</b>	<b>65,6</b>	<b>66,2</b>	<b>69,5</b>

<sup>(1)</sup> Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal.

Nesse período de desenvolvimento das lavouras dessa região, embora tenham sido registrados alguns volumes de chuvas acima da média, pode-se dizer que a safra transcorria normalmente. A partir de janeiro, entretanto, quando a colheita passou a ganhar volume, é que surgiram os problemas com chuvas praticamente diárias (foram 19 dias com chuva em janeiro e março e 10 dias com chuva em fevereiro) e temperaturas altas e contínuas, fazendo com que as lavouras antecipassem e concentrassem sua maturação. Essa situação perdurou até meados de março, causou concentração de oferta e fez com que os preços despencassem, ficando muito aquém da expectativa dos produtores e dos valores da safra anterior (Tabelas 8 e 9).

**Tabela 8/I. Tomate<sup>1</sup> - Preço aos produtores da microrregião de Joaçaba<sup>2</sup> – 2010-14**

(cx 20 a 23 kg)

Mês/Ano	2010	2011	2012	2013	2014
Janeiro	14,00	20,08	32,00	37,16	18,11
Fevereiro	18,31	18,50	10,56	50,00	32,91
Março	35,19	25,82	11,59	55,83	40,54
Abril	24,00	14,68	9,00	38,50	43,75

<sup>(1)</sup> Tomate longa vida extra “AA”.

<sup>(2)</sup> A colheita na microrregião de Joaçaba ocorre no período de janeiro a abril.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Tabela 9/I. Tomate<sup>1</sup> – Preço no atacado da microrregião de Joaçaba – 2010-14**

(cx 20 a 23 kg)

Mês/Ano	2010	2011	2012	2013	2014
Janeiro	25,00	30,69	40,75	54,18	34,50
Fevereiro	27,53	41,67	30,00	58,00	43,75
Março	49,57	42,22	27,36	69,17	82,78
Abril	45,71	39,84	29,67	67,27	50,53
Maio	38,89	45,26	39,45	42,30	64,44
Junho	38,20	52,35	43,16	61,50	71,42
Julho	32,62	44,68	69,32	37,39	
Agosto	29,26	48,74	83,39	37,90	
Setembro	31,67	45,81	66,89	40,20	
Outubro	32,63	47,68	53,91	58,05	
Novembro	27,65	48,40	47,53	55,85	
Dezembro	28,67	37,87	43,08	54,53	

<sup>(1)</sup> Tomate longa vida extra “AA”.

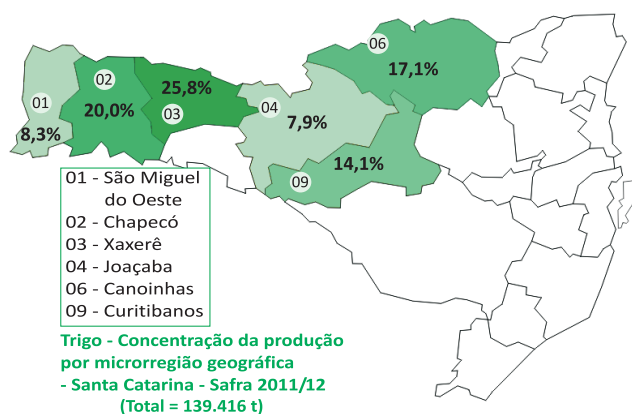
Fonte: Epagri/Cepa.

Além disso, essas condições climáticas favoreceram o surgimento de pragas (traças, lagartas), doenças, queima e queda dos frutos. Muitas lavouras foram abandonadas pelos produtores, que já não venciam fazer os tratamentos necessários, e trabalhavam com uma perspectiva de rentabilidade que sequer cobria os custos. Todos esses problemas conjugados anteciparam o final da safra em praticamente trinta dias.



# Trigo<sup>1</sup>

Márcia J.F. da Cunha Varaschin  
Economista - Epagri/Cepa  
marciacunha@epagri.sc.gov.br



## Produção e mercado mundiais

A safra mundial de trigo 2014/15 deve bater o recorde anterior, alcançando quase 720 milhões de toneladas, com destaque para os crescimentos absolutos nas produções da União Europeia, da Rússia, da China e da Índia (Tabela 1).

Tabela 1/I. Trigo - Produção mundial e dos principais países produtores - Safras 2010/11-2014/15

(milhões de t)

País	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14 <sup>1</sup>	2014/15 <sup>2</sup>
União Europeia	136,02	138,08	133,85	143,13	150,97
China	115,18	117,40	121,02	121,93	126,00
Índia	80,80	86,87	94,88	93,51	95,85
Estados Unidos	60,06	54,41	61,67	57,96	55,24
Rússia	41,51	56,24	37,72	52,09	59,00
Canadá	23,30	25,29	27,21	37,50	28,00
Austrália	27,41	29,91	22,86	27,01	25,50
Paquistão	23,90	25,00	23,30	24,00	24,50
Ucrânia	16,84	22,32	15,76	22,28	24,00
Argentina	17,20	15,50	9,30	10,50	12,30
Cazaquistão	9,64	22,73	9,84	13,94	13,50
Outros países	100,38	103,42	100,75	110,20	105,09
Mundo	652,24	697,17	658,16	714,05	719,95

<sup>(1)</sup> Estimado.

<sup>(2)</sup> Projetado em setembro/14.

Fonte: Usda (dezembro/2012, agosto/2013, e setembro/14).

Desse modo, diferente do que ocorreu nas duas últimas temporadas, o nível de estoques mundiais deve voltar para patamares “confortáveis” (Tabela 2).

<sup>1</sup> Para este artigo, além de informações da autora, foram utilizadas as seguintes fontes: Conab, IBGE, Boletins diários Zoonews e CNA, www.fao.org, www.usda.gov, Jornais diversos e internet.

**Tabela 2/I. Trigo - Balanço mundial de oferta e demanda - Safras 2010/11-2014/15**

(milhões de t)

Discriminação	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14 <sup>1</sup>	2014/15 <sup>2</sup>
Estoque inicial	200,26	199,18	196,86	175,60	186,45
Produção	652,24	697,17	658,16	714,05	719,95
Consumo	654,74	696,77	679,42	703,20	710,01
Estoque final	199,18	196,86	175,60	186,45	196,38

<sup>(1)</sup> Estimado.<sup>(2)</sup> Projetado em setembro/14.

Fonte: Usda (dezembro/2012, agosto/2013, e setembro/14).

O trigo tem sua oferta menos concentrada do que a de outras *commodities*. Em 2011, por exemplo, os cinco maiores exportadores, totalizaram 69% do total mundial, sendo que nenhum deles possui *market share* superior a 25% (Tabela 3). No caso de soja, a participação dos cinco maiores chega a 98% do mercado, com predominância de dois exportadores (Brasil e EUA). No milho, o grupo dos cinco maiores detém 93% do comércio total, com predomínio dos Estados Unidos.

**Tabela 3/I. Trigo e seus derivados<sup>1</sup> - Principais países exportadores - 2007-11**

(milhões de t)

País	2007	2008	2009	2010	2011
Estados Unidos	32,9	30,1	21,9	27,6	32,8
França	14,4	16,3	16,9	21,1	20,3
Austrália	6,8	8,3	15,0	15,9	17,7
Canadá	17,6	15,8	19,3	18,4	16,3
Rússia	14,4	11,7	16,8	11,8	15,2
Argentina	9,6	8,8	5,1	4,0	8,4
Alemanha	4,6	7,0	9,7	8,9	6,2
Ucrânia	1,1	7,5	12,9	4,3	4,1
Cazaquistão	6,2	5,0	3,2	5,1	2,9
Brasil	0,1	0,6	0,4	1,3	2,4
Subtotal	107,7	111,1	121,2	118,5	126,2
Mundo	124,6	131,2	147,0	145,2	148,3

<sup>(1)</sup> inclui farinha.

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2014, 9 Julho 2014.

Essa maior dispersão na oferta é um fator que pesa na redução da volatilidade de preço nos mercados e, de certa forma, ameniza um pouco os riscos para países grandes consumidores/importadores (Tabelas 4 e 5).

**Tabela 4/I. Trigo - Principais países consumidores - 2007-11**

(milhões de t)

País	2007	2008	2009	2010	2011
China	90,1	88,3	85,8	86,9	88,2
Índia	69,3	71,4	69,9	72,7	71,9
Estados Unidos	25,8	25,3	25,0	25,2	25,0
Paquistão	17,9	18,7	19,4	19,7	20,1
Rússia	18,9	18,7	18,6	19,1	18,8
Turquia	13,2	13,3	13,3	13,0	12,7
Egito	10,5	11,0	11,1	11,4	11,6
Irã	10,8	11,3	11,7	11,4	11,5
<b>Brasil</b>	<b>10,2</b>	<b>10,3</b>	<b>10,3</b>	<b>10,5</b>	<b>10,5</b>
Itália	8,6	8,8	8,9	8,7	8,8
Subtotal	275,4	277,0	274,1	278,5	279,0
<b>Mundo</b>	<b>436,9</b>	<b>438,8</b>	<b>441,2</b>	<b>449,5</b>	<b>450,6</b>

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2014, 9 Julho 2014.

São muitos os países que importam trigo. O Brasil, em 2011, caiu da segunda para a terceira posição entre os maiores importadores mundiais. Os dez maiores importadores foram responsáveis por 41% do total importado (Tabela 5). Essa pulverização na demanda é mais um fator que dificulta preços abusivos no mercado.

**Tabela 5/I. Trigo e seus derivados<sup>1</sup> - Principais países importadores - 2007-11**

(milhões de t)

País	2007	2008	2009	2010	2011
Egito	8,2	8,3	9,1	10,6	9,8
Argélia	4,9	6,5	5,7	5,1	7,5
Itália	6,3	5,4	6,5	7,5	7,3
Japão	5,3	5,8	4,7	5,5	6,2
<b>Brasil</b>	<b>6,6</b>	<b>6,0</b>	<b>5,4</b>	<b>6,3</b>	<b>5,7</b>
Indonésia	4,6	4,5	4,7	4,8	5,6
Turquia	2,1	3,7	3,4	2,6	4,8
Coreia do Sul	3,2	2,7	3,8	4,4	4,7
Alemanha	2,1	2,6	4,1	4,0	4,4
Espanha	3,4	4,7	6,4	4,6	4,4
Subtotal	46,7	50,2	53,8	55,3	60,3
<b>Mundo</b>	<b>124,6</b>	<b>128,1</b>	<b>146,3</b>	<b>143,5</b>	<b>147,2</b>

<sup>(1)</sup> inclui farinha.

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2014. 9 Julho 2014.

## Produção e mercado nacionais

Ao que tudo indica, a safra atual (2014/15) será a maior dos últimos dez anos, com previsão de aumento de 22,3% na área (a última vez que o Brasil teve uma área plantada de 2,7 milhões de hectares foi na safra 2003/04) e de 37,3% na produção; isso levando em conta que o tempo transcorra favoravelmente, como era o caso até setembro, quando este artigo estava sendo escrito (Tabela 6).

**Tabela 6/I. Trigo - Comparativo das safras - Brasil - 2010/14**

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2010	2.182.667	6.171.250	2.827
2011	2.175.943	5.690.043	2.615
2012	1.941.703	4.418.388	2.276
2013	2.212.095	5.717.803	2.588
2014 <sup>1</sup>	2.704.298	7.849.093	2.902

<sup>(1)</sup> Estimativas.

Fonte: IBGE.

Nesta safra, o governo continuou sua política de estímulo ao plantio via aumento do Preço Mínimo de Garantia. Após uma correção recorde na safra passada (o preço passou de R\$ 379,00 para R\$ 531,00/t), nesta safra o aumento foi de 5%. Na Região Sul, a tonelada do tipo 1 (pão) tem o Preço Mínimo de Garantia de R\$ 557,50/t.

Depois de perder a liderança para o Rio Grande do Sul em virtude de problemas climáticos, o Paraná retoma a posição de maior produtor nacional (Tabela 7). No entanto, como muitas das sementes este ano vieram do Rio Grande do Sul, onde predomina o cereal do tipo brando (que só é utilizado mediante mistura com o trigo “pão”), a colheita será maior, embora resulte em um produto com qualidade inferior.

**Tabela 7/I. Trigo - Safras dos principais estados produtores e do Brasil - 2012/14**

Estado	Área plantada (mil ha)			Produção (mil t)			Rendimento (kg/ha)		
	2012	2013	2014 <sup>1</sup>	2012	2013	2014 <sup>1</sup>	2012	2013	2014 <sup>1</sup>
Paraná	776,8	986,6	1.350,2	2.098,7	1.875,4	3.982,5	2.702	1.901	2.949
Rio Grande do Sul	989,5	1.059,2	1.152,4	1.866,3	3.351,7	3.247,4	1.886	3.164	2.818
Santa Catarina	66,6	77,2	90,0	139,4	244,3	287,8	2.094	3.162	3.197
<b>Brasil</b>	<b>1.920,5</b>	<b>2.212,1</b>	<b>2.704,3</b>	<b>4.380,3</b>	<b>5.717,8</b>	<b>7.849,1</b>	<b>2.281</b>	<b>2.585</b>	<b>2.902</b>

<sup>(1)</sup> Estimativas.

Fonte: IBGE (PAM 14/07/2014 e LSPA Julho/14).

Apesar desse possível recorde de produção, permanece a necessidade de elevada importação, devido à baixa qualidade da produção nacional e à necessidade de trigo para mistura com o produto nacional.

De acordo com informações da Conab, em função da recuperação da produção, no período 2013/14 houve menor necessidade de importação e o estoque de passagem praticamente triplicou. Para a temporada 2014/15 devem ficar ainda maiores (1.248,5 mil toneladas) em virtude do aumento maior na produção brasileira (Tabela 8).

**Tabela 8/I. Trigo - Oferta e demanda brasileiras - Safras 2010/14**

(1.000 t)

Discriminação	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>
Estoque inicial (1/8)	2.870,5	1.766,1	1.220,6	342,2	933,6
Produção	5.881,6	5.788,6	4.379,5	5.527,9	7.667,2
Importação	5.771,9	6.011,8	7.010,2	6.642,3	5.500,0
Suprimento	14.524,0	13.566,5	12.610,3	12.512,4	14.100,8
Consumo	10.242,0	10.444,9	10.584,3	11.531,4	12.202,3
Exportação	2.515,9	1.901,0	1.683,8	47,4	650,0
Estoque final (31/7)	1.766,1	1.220,6	342,2	933,6	1.248,5

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações.

Fonte: Conab (Set./2014 - 12º Levantamento).

O Brasil importa entre 50 e 60% do trigo que consome. Entre as *commodities* é o segundo item na pauta de importações brasileiras, superado apenas pelo petróleo. Na temporada 2013/14, as importações brasileiras chegaram a 6,8 milhões de toneladas (trigo e seus derivados), volume 8% inferior ao adquirido na temporada anterior (Tabelas 9 e 10).

Pela sua proximidade geográfica e por integrar o Mercosul, condição que lhe assegura vantagem tarifária em relação a outros países fornecedores, que devem pagar 10% de Tarifa Externa Comum (TEC), a Argentina é tradicionalmente o principal fornecedor de trigo ao Brasil. Na última temporada, contudo, os Estados Unidos ultrapassaram os portenhos (que tiveram problemas em sua safra e, por consequência, não puderam exportar como de costume) e foram responsáveis por 59% das importações brasileiras de trigo em grão (Tabela 9).

**Tabela 9/I. Trigo em grão - Quantidade importada pelo Brasil - Safras 2009/10-2013/14**

(t)

Origem	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14
EUA	450.970	230.373	108.504	1.020.120	3.914.039
Argentina	3.548.265	3.515.742	4.811.352	4.642.739	1.250.297
Uruguai	704.044	535.734	498.049	417.516	997.450
Canadá	319.426	382.442	4.243	105.393	335.171
Paraguai	843.966	1.134.071	589.575	824.422	145.380
Outros	64.916	65	38	38	60
<b>Total</b>	<b>5.676.668</b>	<b>5.931.588</b>	<b>6.011.762</b>	<b>7.010.228</b>	<b>6.642.398</b>

Nota: O ano é o ano comercial, ou seja, de agosto a julho.

Fonte: MDIC/Secex/Sistema aliceweb.

**Tabela 10. Farinha de trigo - Quantidade importada pelo Brasil - Safras 2009/10 - 2013/14**

(t)

Origem	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14
Argentina	573.405	635.418	631.970	342.046	98.645
Paraguai	4.519	10.145	11.584	31.414	28.374
Uruguai	34.535	36.011	30.938	27.272	40.467
Canadá	1.189	1.634	1.734	1.284	1.070
Itália	105	277	570	637	899
México	705	736	414	0	0
EUA	0	84	258	81	180
França	13	60	65	70	362
Reino Unido	700	546	128	47	40
Outros	17	85	108	24	8.897
<b>Total</b>	<b>615.188</b>	<b>684.995</b>	<b>677.769</b>	<b>402.875</b>	<b>178.933</b>

Nota: O ano é o ano comercial, ou seja, de agosto a julho.

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

## Produção e mercado estaduais

A safra 2013/14 em Santa Catarina foi excelente, quando comparada com a anterior, a menor da última década, tanto pela redução na área plantada como em decorrência dos eventos climáticos desfavoráveis. A área aumentou em 16% e a produção 75%, refletindo, sobretudo, o ótimo rendimento médio alcançado na safra (Tabela 11).

**Tabela 11/I. Trigo - Comparativo das safras de Santa Catarina - 2010/14**

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2010	87.441	243.595	2.786
2011	76.279	229.130	3.004
2012	66.591	139.416	2.094
2013	77.244	244.256	3.162
2014 <sup>1</sup>	90.018	287.752	3.197

<sup>(1)</sup> Estimativas.

Fonte: IBGE/GCEA. Para 2014 os dados foram projetados em junho/2014 na reunião do GCEA.

Em quase todas as microrregiões houve crescimento na área semeada e a maior produtividade foi em Curitibanos, 3.825kg/ha, um recorde para o Estado. As perspectivas para a safra 2014/15 também são boas. As estimativas iniciais indicam que a área deve crescer 16,5% e a produção 17,8%. Por enquanto o clima tem sido favorável ao bom desenvolvimento das lavouras (Tabela 12).

**Tabela 12/I. Trigo - Comparativo de safras, segundo as microrregiões de Santa Catarina - 2012/14**

MRG	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2012	2013	2014 <sup>1</sup>	2012	2013	2014 <sup>1</sup>	2012	2013	2014 <sup>1</sup>
Xanxerê	17.190	20.960	24.160	35.918	69.544	82.320	2.089	3.318	3.407
Chapecó	13.800	15.360	20.375	27.939	45.166	58.263	2.025	2.940	2.860
Curitibanos	10.745	13.725	14.920	19.700	52.492	55.920	1.833	3.825	3.748
Canoinhas	10.400	14.700	14.700	23.808	44.967	44.967	2.289	3.059	3.059
São Miguel do Oeste	5.480	5.620	5.620	11.597	13.353	16.593	2.116	2.376	2.952
Joaçaba	5.411	5.110	5.035	11.076	13.892	14.139	2.047	2.719	2.808
Campos de Lages	2.120	2.060	2.060	6.240	6.752	6.752	2.943	3.278	3.278
Ituporanga	150	640	1.230	339	1.720	3.528	2.260	2.688	2.868
Concórdia	565	556	1.070	1.179	1.312	2.826	2.087	2.360	2.641
São Bento do Sul	700	200	550	1.545	410	1.760	2.207	2.050	3.200
Rio do Sul	-	285	220	-	456	534		1.600	2.427
Tabuleiro	-	48	48	-	96	96		2.000	2.000
Blumenau	30	30	30	75	54	54	2.500	1.800	1.800
<b>Santa Catarina</b>	<b>66.591</b>	<b>79.294</b>	<b>90.018</b>	<b>139.416</b>	<b>250.214</b>	<b>287.752</b>	<b>2.094</b>	<b>3.156</b>	<b>3.197</b>

<sup>(1)</sup> Estimativas.

Fonte: IBGE.

Com relação ao mercado, em 2013 o preço do cereal para o produtor catarinense esteve na maior parte dos meses bem acima dos patamares registrados nos anos anteriores, acompanhando o movimento no mercado nacional. Em 2014 os preços iniciaram em patamares altos, mas começaram a decrescer no início deste segundo semestre (Tabela 13).

**Tabela 13/I. Trigo - Preços médios mensais aos produtores de Santa Catarina - 2010-14**

Mês/ano	(R\$/sc <sup>1</sup> )				
	2010	2011	2012	2013	2014
Janeiro	24,50	24,00	24,00	36,34	...
Fevereiro	24,50	25,79	24,00	38,30	39,76
Março	24,36	26,36	24,00	36,67	38,41
Abril	24,12	26,25	24,79	36,30	39,51
Maio	24,17	25,76	25,95	36,67	39,93
Junho	24,17	25,75	26,47	36,90	39,67
Julho	24,32	25,75	27,50	37,33	36,81
Agosto	25,04	25,75	28,83	39,13	31,27
Setembro	26,17	25,89	30,25	44,04	
Outubro	25,82	25,42	31,38	44,88	
Novembro	25,60	24,48	33,21	42,17	
Dezembro	25,33	24,13	34,36	40,36	
Média	24,84	25,44	27,90	39,09	37,91

<sup>(1)</sup> Saca 60kg de trigo pão/melhorador de PH78 (trigo superior).

Fonte: Epagri/Cepa.



O Governo Federal, através do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), já oficializou que será assinada uma portaria para realização de leilões de Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural (Pepro). Com orçamento de R\$ 150 milhões, essa iniciativa visa garantir a sustentação de preços para a triticultura na Região Sul do País. A intervenção será complementada com um aporte de R\$ 200 milhões na modalidade de Aquisição do Governo Federal (AGF) para formação de estoques públicos.

# Uva e Vinho

Vinícius Caliari  
Químico Industrial - Epagri/  
Estação Experimental de Videira  
Caliari@epagri.sc.gov.br

## Produção mundial<sup>1</sup>

Em 2013 a área plantada com videiras no mundo manteve-se estável em relação a 2012. Nos países da União Europeia (UE) houve redução e nos demais países aumento de área.

Desde o fim do programa da UE para regular o potencial de produção de vinho, que introduziu prêmios por abandono definitivo de vinhedos, a taxa de declínio das áreas de videiras entre os países da comunidade diminuiu significativamente. Entre 2011 e 2012, estima-se que a área da UE tenha diminuído 36 mil hectares e, entre 2012 e 2013, apenas 19 mil hectares. As áreas totais (videiras para uvas de vinho, uvas de mesa e uvas para desidratação, bem como vinhedos ainda sem produção) cresceram 5 mil hectares na Espanha, enquanto vinhedos italianos, portugueses e franceses diminuíram de 6 a 7 mil hectares cada.

Entre 2012 e 2013, os vinhedos de fora da Europa foram ampliados em 19 mil hectares. Na China a área continuou a aumentar, sendo o principal centro de crescimento vitícola do mundo. Na América do Sul, o Brasil foi uma exceção, a redução decorre da significativa reestruturação dos seus vinhedos. A Turquia apresentou uma pausa na tendência de queda observada em anos anteriores, com um aumento de 7 mil hectares. Inversamente, dos países de fora da EU, a Austrália registrou o maior declínio de área pelo segundo ano consecutivo.

A produção de vinhos na UE pode ser considerada estável no período 2008 a 2013, porém demonstra aumento significativo da produção da safra 2012 para 2013, resultado do desenvolvimento bastante consistente da maioria dos países, com exceção da Alemanha.

A Espanha apresentou uma produção de sucos e mostos recorde de 40 milhões de hectolitros MhL (100 litros = 1 hectolitro) (OIV, 2013). Além disso, a produção italiana, (excluindo sucos e mostos) foi de aproximadamente 45 MhL. Houve também um pequeno crescimento da produção francesa. Em 2013, a Espanha assumia a posição de segundo maior produtor mundial de vinhos, antes ocupada pela França ficando atrás apenas da Itália.

Fora da União Europeia as produções de China e Estados Unidos, juntas, apresentaram destaques com 79,3 MhL, com um aumento notável em relação ao ano anterior. Na América do Sul, o Chile registrou uma produção recorde com 12,8 MhL, 2% acima do ano de 2012. A Argentina retomou a produção em escala de vinhos, com aumento de 27% de 2012 para 2013.

<sup>(1)</sup> Material extraído do documento State of the Vitiviniculture World Market (May 2014) publicado pela OIV. Disponível em: <http://www.oiv.int/oiv/info/enconjoncture>. Acesso em 20 jul 2014.

Na África do Sul, a produção teve incremento de aproximadamente 11,0 MhL e aumento de 4%, enquanto a Austrália tenta recuperar o volume de vinho outrora produzido com aumento de 1% e 12,4 MhL. Mesmo com alta produção, comparada com o ano anterior (2012), a China apresentou um decréscimo de 15% de produção em volume de vinhos.

**Tabela 1/I. Área plantada de videiras e vinhos produzidos por país – 2012-13**

País	Área plantada (mil ha)			Produção de vinho (mil hectolitros)		
	2012	2013	Variação %	2012	2013 <sup>1</sup>	Variação %
Itália	759	752	-0,9	43.816	44.900	2,5
Espanha	1.018	1.023	0,5	31.123	44.729	43,7
França	800	794	-0,8	41.059	42.016	2,3
EUA	407	408	0,2	20.510	22.000	7,3
Argentina	221	224	1,4	11.778	14.984	27,2
Chile	205	207	1,0	12.554	12.800	2,0
Austrália	162	158	-2,5	12.315	12.456	1,1
China	580	600	3,4	13.816	11.700	-15,3
África do Sul	131	130	-0,8	10.550	10.972	4,0
Portugal	236	229	-3,0	6.308	6.740	6,8
Romênia	205	205	0,0	3.311	4.276	29,1
Grécia	110	110	0,0	3.115	3.700	18,8
<b>Brasil</b>	<b>91</b>	<b>87</b>	<b>-4,4</b>	<b>2.917</b>	<b>2.731</b>	<b>-6,4</b>
Hungria	64	63	-1,6	1.776	2.618	47,4
Nova Zelândia	38	38	0,0	1.940	2.484	28,0
Turquia	497	504	1,4			

<sup>(1)</sup> Previsão.

Fonte: Organização Internacional da Vinha e do Vinho (OIV). Elaboração: Epagri/Estação Experimental de Videira.

Na safra 2014, conforme estimativas da Organização Internacional da Vinha e do Vinho (OIV), a produção de vinho no hemisfério sul deve ter redução de cerca de 10%, ficando entre 49 e 53 MhL (incluindo sucos e mostos). Em grande parte esse decréscimo é explicado por adversidades climáticas. Na indústria sinaliza-se que é bastante provável que essa menor produção aumente o preço dos vinhos a granel.

No caso do Chile, depois da produção histórica de vinho de 2013 (12.800 mil hectolitros), devido a geadas no final de 2013 e seca prolongada, a indústria exibiu queda da produção vitícola de mais de 20%. Na Argentina, a colheita de uva reduziu 20% em relação a 2013, também devido a geadas, ventos quentes durante a floração e granizo.

Na África do Sul está previsto uma queda de 2,6% na safra 2014 e na Austrália projeta-se que os fenômenos climáticos repercutirão em uma pequena diminuição na colheita.

## Produção e mercado nacionais

Um fato inédito marcou o mercado nacional em 2014: as exportações de vinhos brasileiros engarrafados aumentaram 257% no primeiro semestre de 2014, em relação ao mesmo período de 2013. O Brasil já exportou o equivalente a US\$ 7,17 milhões e um total de 1,79 milhão de litros (Tabela 2). Em 2013, as vendas para o exterior alcançaram US\$ 5,3 milhões e 1,5 milhão de litros.

Assim, as vinícolas integrantes do projeto Wines of Brasil, realizado pelo Instituto Brasileiro do Vinho (Ibravin), em parceria com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), ultrapassaram com folga a meta de US\$ 5,5 milhões fixada para o ano todo.

O volume exportado este ano corresponde a 17% do total de 8,71 milhões de litros de vinhos finos engarrafados vendidos no mercado interno. Em geral, este índice chegava a 5%. Outro indicador a ser comemorado é a valorização de quase 20% no preço médio do litro exportado, que passou de US\$ 3,36 para US\$ 4,01.

Entre os compradores, destaca-se o Reino Unido que, no ano passado, ocupava a sexta posição no ranking dos principais destinos e está no topo como maior importador de vinhos brasileiros. Esse país multiplicou por 12 o valor das suas importações e absorveu quase 20% do volume exportado pelo Brasil.

**Tabela 2/I. Exportações de vinhos engarrafados – Janeiro a junho de 2014**

País	Volume		Valor		US\$/litro
	Volume (litro)	Partic. %	US\$/FOB	Partic. %	
Reino Unido	351.523	19,7	1.563.341	21,8	4,45
Bélgica	249.533	14,0	1.163.292	16,2	4,66
Alemanha	208.028	11,6	730.224	10,2	3,51
Holanda	152.644	8,5	718.868	10,0	4,71
Paraguai	162.967	9,1	314.234	4,4	1,93
Japão	72.501	4,1	313.140	4,4	4,32
Estados Unidos	117.576	6,6	309.768	4,3	2,63
Suíça	37.137	2,1	305.289	4,3	8,22
China	38.008	2,1	283.981	4,0	7,47
Colômbia	96.973	5,4	246.105	3,4	2,54
França	34.205	1,9	176.838	2,5	5,17
Canadá	27.487	1,5	170.169	2,4	6,19
Argentina	20.385	1,1	95.130	1,3	4,67
Finlândia	12.960	0,7	94.962	1,3	7,33
Hong Kong	24.741	1,4	91.412	1,3	3,69
Noruega	15.333	0,9	90.629	1,3	5,91
Portugal	71.544	4,0	79.141	1,1	1,11
Polônia	24.045	1,3	76.058	1,1	3,16
Taiwan (Formosa)	12.519	0,7	67.907	0,9	5,42
Uruguai	14.421	0,8	52.633	0,7	3,65
Outros países	43.942	2,5	224.721	3,1	5,11
<b>Total geral</b>	<b>1.788.472</b>	<b>100</b>	<b>7.167.842</b>	<b>100</b>	<b>4,01</b>

Fonte: Instituto Brasileiro do Vinho e MDIC/Secex/Sistema Aleceweb.

O principal estado produtor de uvas no Brasil é o Rio Grande do Sul. Em 2014, Santa Catarina tornou-se o quinto em área, mas passou para sexto em produção, superado pela Bahia. O decréscimo na produção de 2013 para 2014 decorreu de geadas tardias e granizo que em 2013 afetaram principalmente o sul do país, mas também da redução da área. Um fato que chama a atenção é que a Bahia teve redução de área e crescimento de produção; portanto a produtividade média estadual aumentou substancialmente (Tabela 3).

**Tabela 3/I. Uva - Área e produção dos principais estados e do Brasil - 2013-14**

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)		
	2013	2014 <sup>1</sup>	Variação %	2013	2014 <sup>1</sup>	Variação %
Rio Grande do Sul	49.809	49.926	0,2	808.267	771.366	-4,6
Pernambuco	6.787	6.799	0,2	228.727	236.767	3,5
São Paulo	9.287	8.092	-12,9	172.868	158.781	-8,1
Paraná	5.824	5.824	0,0	79.052	79.052	0,0
Santa Catarina	4.963	4.225	-14,9	69.503	52.083	-25,1
Bahia	2.357	1.985	-15,8	52.808	58.287	10,4
Outros estados	352	1.047	197,4	6.452	17.556	172,1
<b>Brasil</b>	<b>79.379</b>	<b>77.898</b>	<b>-1,9</b>	<b>1.417.677</b>	<b>1.373.892</b>	<b>-3,1</b>

<sup>(1)</sup> Previsão.  
Fonte: IBGE.

Uma das maiores dificuldades da vitivinicultura brasileira continua sendo a concorrência dos vinhos importados, principalmente de países como Chile, Argentina, Itália, Portugal e França. Em 2013 foram 72,2 milhões de litros de vinho – 10% a menos que no ano de 2012.

De 2012 para 2013, a comercialização interna de vinhos evoluiu positivamente, aumentando 6% as vendas de vinhos finos e 4% as de vinhos de mesa. As vendas de espumantes e moscatéis crescem continuamente e atingiram 66% entre 2004 a 2013 (7% de 2012 para 2013), demonstrando uma tendência importante do mercado interno.

## Produção estadual

Em Santa Catarina, a área plantada com videiras é decrescente, havendo eliminação de vinhedos em algumas regiões simultaneamente à implantação de novos vinhedos em outras. A maior parte da área está concentrada no Alto Vale do Rio do Peixe (2.109 hectares), com destaque para os municípios de Videira, Pinheiro Preto e Tangará, com aproximadamente 500 hectares cada um. A maior produção de vinhos está concentrada no município de Pinheiro Preto.

Em Santa Catarina existe uma forte predominância da produção de vinhos comuns sobre os vinhos finos. Porém deve-se considerar o grande incremento na produção de vinhos finos nos últimos anos, o que está relacionado principalmente às tendências de consumo de vinhos finos no Brasil e ao desenvolvimento da atividade nas regiões de altitude de Santa Catarina. Outro dado relevante é o aumento na produção de vinhos espumantes no mesmo período, o que acompanha a evolução de consumo em todo o País.

Pode-se verificar também um importante aumento na produção de sucos de uva e sua relação inversa com a produção de vinhos de mesa. Isso é observado especialmente de 2012 para cá, com queda expressiva na produção de vinhos de mesa e aumento na produção de sucos de uvas (Tabela 4).

**Tabela 4/I. Vinhos e sucos produzidos em Santa Catarina – 2010-14**

(mil litros)

Produto	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>
<b>Vinho de mesa</b>	12.453,8	12.880,9	15.362,6	11.431,0	11.071,0
Tinto	10.493,0	11.025,7	12.813,1	9.860,1	8.499,1
Branco	1.960,8	1.855,2	2.549,5	1.570,9	2.571,9
<b>Vinho fino</b>	104,8	185,6	325,5	360,9	62,2
Tinto	88,5	148,8	254,2	294,4	52,3
Branco	16,3	36,8	71,3	66,5	9,9
<b>Total de vinhos</b>	12.558,6	13.066,5	15.688,1	11.791,9	11.133,2
Espumante	51,9	...	160,3	188,5	38,0
Suco de uva <sup>2</sup>	5.411,8	4.124,7	5.428,3	7.104,4	9.256,2

<sup>(1)</sup> Os dados referentes aos vinhos finos estão incompletos.

<sup>(2)</sup> Suco de uva: Volumes agrupados entre suco integral, concentrado e mosto sulfitado.

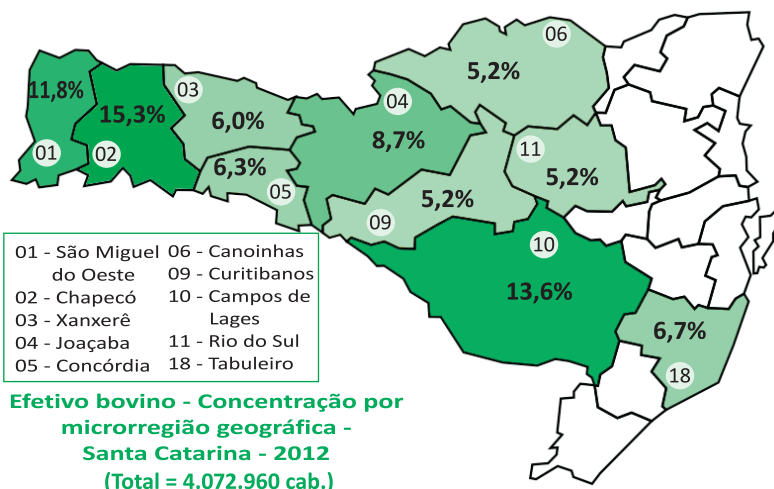
Fonte: Cadastro Vinícola SC - Ibravin/mapa.

Parte dessa produção é proveniente de uvas trazidas de outros estados (principalmente do Rio Grande do Sul) e processadas em Santa Catarina. Na safra 2014 foram 6.568.596 quilos de uvas de outros estados para Santa Catarina, principalmente da uva Bordô, que atribui coloração a vinhos e sucos.

# Desempenho da produção animal

## Carne Bovina

Reney Dorow  
Eng. Agr. - Epagri/Cepa  
reney@epagri.sc.gov.br  
Gilnei Bruno Fachin  
Zootecnista  
gbfachin@cidasc.sc.gov.br



## Produção e mercado mundiais

Segundo estimativas do United States Department of Agriculture (USDA), a produção de carne bovina aumentou 2,7% nos últimos quatro anos, com contrastes como o crescimento de 40,8% da Índia e a redução 18,9% do Canadá. A exemplo de outras proteínas animais, a produção de carne bovina apresenta importante concentração – os cinco maiores produtores (EUA, Brasil, União Europeia, China, e Índia) detêm 65% da produção mundial.

Tabela 1/I. Carne bovina – Produção mundial - 2010–14

País	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>
EUA	12.050	11.990	11.860	11.750	11.230
Brasil	9.120	9.030	9.310	9.680	9.920
União Europeia	8.050	8.060	7.770	7.470	7.580
China	5.600	5.550	5.540	5.640	5.760
Índia	2.840	3.240	3.460	3.850	4.000
Argentina	2.620	2.530	2.620	2.850	2.900
Austrália	2.130	2.130	2.150	2.360	2.240
México	1.750	1.800	1.820	1.810	1.820
Paquistão	1.470	1.440	1.400	1.630	1.680
Rússia	1.440	1.360	1.380	1.370	1.380
Canadá	1.270	1.150	1.080	1.040	1.030
Outros países	8.980	8.780	8.880	9.180	8.920
<b>Total</b>	<b>57.300</b>	<b>57.060</b>	<b>57.260</b>	<b>58.620</b>	<b>58.860</b>

<sup>(1)</sup> Projeção Usda.  
Fonte: Usda - Ago./2014.

Quanto ao consumo, EUA, Brasil, União Europeia, China, Argentina, Rússia e Índia respondem por 70% do total mundial (Tabela 2).



**Tabela 2/I. Carne bovina – Consumo mundial - 2010-14**

País	(mil t)				
	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>
EUA	12.040	11.650	11.740	11.617	11.172
Brasil	7.590	7.730	7.850	7.885	7.925
União Europeia	8.150	7.980	7.810	7.602	7.720
China	5.590	5.520	5.600	5.959	6.263
Argentina	2.350	2.320	2.460	2.664	2.700
Rússia	2.490	2.340	2.400	2.389	2.388
Índia	1.930	1.980	2.050	2.085	2.125
México	1.940	1.920	1.840	1.874	1.875
Paquistão	1.440	1.400	1.370	1.581	1.626
Japão	1.230	1.240	1.260	1.232	1,285
Canadá	1.000	1.010	1.010	1.001	970
Outros países	10.430	10.280	10.400	10.936	11.042
<b>Total</b>	<b>56.150</b>	<b>55.370</b>	<b>55.760</b>	<b>56.825</b>	<b>57.240</b>

<sup>(1)</sup> Projeção Usda.

Fonte: Usda (ago./2014).

Quanto ao mercado internacional, 44% das importações mundiais são lideradas por EUA, Rússia, Japão e Coreia do Sul. A Rússia tem consumo sempre acima da produção, sendo importante destino da carne bovina comercializada no mercado internacional (Tabela 3).

**Tabela 3/I. carne bovina – Importações mundiais - 2010–14**

País	(mil t)				
	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>
EUA	1.042	933	1.007	1.188	1.055
Rússia	1.057	991	1.023	1.080	1.020
Japão	721	745	737	750	760
Coreia do Sul	366	431	370	405	575
União Europeia	437	367	348	350	550
México	296	265	215	350	380
Canada	243	282	301	290	360
Venezuela	143	195	220	235	300
Egito	260	217	250	225	290
Hong Kong	154	152	241	200	255
Chile	190	180	187	190	235
Outros países	1.710	1.663	1.775	1.714	1.979
<b>Total</b>	<b>8.629</b>	<b>8.432</b>	<b>8.686</b>	<b>8.990</b>	<b>7.759</b>

<sup>(1)</sup> Projeção Usda.

Fonte: Usda (ago./2014).

As importações de 2010 a 2014 (estimativa) evidenciam que, enquanto os EUA e a Rússia (tradicionais importadores) apresentam relativa estabilidade, Hong Kong, Coreia do Sul e Venezuela apresentaram incrementos na ordem de 48,1%, 65,6% e 109,8%, respectivamente. Isso mostra que

a evolução do comércio e o comportamento dos preços internacionais passam a se alicerçar num conjunto maior de países.

Nas exportações, em 2013 a Índia se apresentava como maior exportador mundial, liderança que deve voltar para o Brasil em 2014, representando 21% do total mundial. Os tradicionais exportadores de carne bovina (Brasil, Índia, Austrália e Estados Unidos) detêm uma fatia de 69% desse comércio (Tabela 4). Embora figure também como grande importador, em geral os Estados Unidos têm superávit na balança comercial da carne bovina.

**Tabela 4/I. Carne bovina – Exportações mundiais - 2010–14**

País	(mil t)				
	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>
Brasil	1.558	1.340	1.524	1.450	2.030
Índia	917	1.268	1.411	2.160	1.875
Austrália	1.368	1.410	1.407	1.410	1.560
EUA	1.043	1.263	1.114	1.111	1.141
Nova Zelândia	530	503	517	529	535
Uruguai	347	320	355	375	385
Canadá	523	426	335	415	355
Paraguai	283	197	251	250	350
Europa	338	449	307	300	240
Belarus	181	147	156	220	230
Argentina	277	213	164	180	200
Outros países	559	563	630	610	613
<b>Total</b>	<b>7.822</b>	<b>8.095</b>	<b>8.164</b>	<b>9.165</b>	<b>9.514</b>

<sup>(1)</sup> Projeção Usda.

Fonte: Usda (ago./2014).

Por conta de acordos de comércio regionais específicos, exportadores como Índia, Austrália e EUA têm acesso prioritário aos mercados asiáticos, mas outros alinhamentos geopolíticos, como a formação dos “países BRICS”<sup>1</sup>, têm favorecido o Brasil.

## Produção e mercado nacionais

No período de 2008 a 2012, o rebanho bovino brasileiro cresceu 44%. Além disso, a sua distribuição regional tem mudado sensivelmente para o “sentido norte” do País, acompanhando a redução dos rebanhos da Bahia, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná e a estabilidade no Rio Grande do Sul. Os estados com os cinco maiores rebanhos (Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e Pará) detinham 54,4% do rebanho brasileiro em 2012. Santa Catarina, com rebanho de pouco mais de 4 milhões de cabeças, representa pouco menos de 2% (Tabela 5).

<sup>(1)</sup> O termo BRICS advém da primeira letra do nome dos países membros: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Neste caso adotou-se o S por conta do nome em inglês: South Africa.

**Tabela 5/I. Evolução do rebanho bovino brasileiro – 2008-12**

Brasil e UF	(Nº de cabeças)			Variação de 2008 a 2012 (%)
	2008	2010	2012	
Mato Grosso	26.018.216	28.757.438	28.740.802	10,5
Minas Gerais	22.369.639	22.698.120	23.965.914	7,1
Goiás	20.466.360	21.347.881	22.045.776	7,7
Mato Grosso do Sul	22.365.219	22.354.077	21.498.382	-3,9
Pará	16.240.697	17.633.339	18.605.051	14,6
Rio Grande do Sul	14.115.643	14.469.307	14.140.654	0,2
Rondônia	11.176.201	11.842.073	12.218.437	9,3
São Paulo	11.185.556	11.197.697	10.757.383	-3,8
Bahia	11.099.880	10.528.419	10.250.975	-7,6
Paraná	9.585.600	9.411.380	9.413.937	-1,8
Tocantins	7.392.515	7.994.200	8.082.336	9,3
Maranhão	6.816.338	6.979.844	7.490.942	9,9
Santa Catarina	3.884.264	3.985.662	4.072.960	4,9
Outros estados	19.590.603	20.341.672	19.995.533	2,1
<b>Brasil</b>	<b>202.306.731</b>	<b>209.541.109</b>	<b>211.279.082</b>	<b>4,4</b>

Fonte: IBGE/Sidra.

No que diz respeito ao balanço de oferta e demanda, a disponibilidade interna tem variado em função do comportamento da produção e da relação entre os preços dos mercados interno e externo (Tabela 6).

**Tabela 6/I. Carne bovina – Balanço de oferta e demanda – Brasil – 2010-13**

Situação	(mil t)			
	2010	2011	2012	2013
Produção	8.916,5	8.863,0	9.310,0	8.930,0
Exportação	1.291,1	1.156,9	1.246,9	1.450,0
Importação	36,5	42,7	42,4	44,8
Disponibilidade	7.661,9	7.748,8	8.105,5	7.525,0
Kg/habitante/ano	39,7	39,8	41,8	37,43

Fonte: IBGE, Conab, Agrostat e MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Em 2013, em dólares, as exportações brasileiras foram 16,1% superiores às de 2012, alcançando US\$ 6,67 bilhões. Os congelados representam a maior parte das exportações, totalizando US\$ 4,9 bilhões (Tabelas 7 e 8).

**Tabela 7/I. Carne bovina – Exportações do Brasil segundo os principais destinos – 2010-14**

País	(milhões de US\$)					Partic. % em 2013
	2010	2011	2012	2013	Até 05/2014	
Hong Kong	503	691	221	1.443	651	21,7
Rússia	1.073	1.060	1.104	1.213	449	18,2
Venezuela	186	376	448	844	350	12,7
Egito	434	440	551	487	209	7,3
Chile	-	-	-	397	119	6,0
Irã	807	688	324	266	224	4,0
Outros 165 países	1.178	1.281	3.101	2.008	796	30,2
<b>Total</b>	<b>4.181</b>	<b>4.536</b>	<b>5.749</b>	<b>6.658</b>	<b>2.798</b>	<b>100</b>

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb/Abiec-2014.

**Tabela 8/I. Carne bovina – Principais produtos exportados – Brasil – 2013**

Produto	US\$ (1.000)	%	Toneladas	%
“In natura”	5.354.696	80,42	1.183.246	78,89
Industrializada	612.687	9,20	101.695	6,78
Miúdos	562.084	8,44	190.356	12,69
Tripas	100.548	1,51	19.292	1,29
Salgadas	28.000	0,42	5.314	0,35
<b>Total</b>	<b>6.658.15</b>	<b>100,00</b>	<b>1.499.903</b>	<b>100,00</b>

Fonte: MDIC/ Secex/Sistema Aliceweb/Abiec-2014.

Os estados de São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul detêm quase 75% dos valores das exportações brasileiras.

## Produção e mercado estaduais

De acordo com dados da Cidasc (2014), em 31 de dezembro de 2013, o rebanho bovino catarinense totalizava 4,17 milhões de cabeças. Não obstante a contínua expansão da produção leiteira estadual, existe predominância de bovinos de corte (Tabela 9).

**Tabela 9/I. Rebanho bovino catarinense, por faixa etária, sexo e aptidão – 2013**

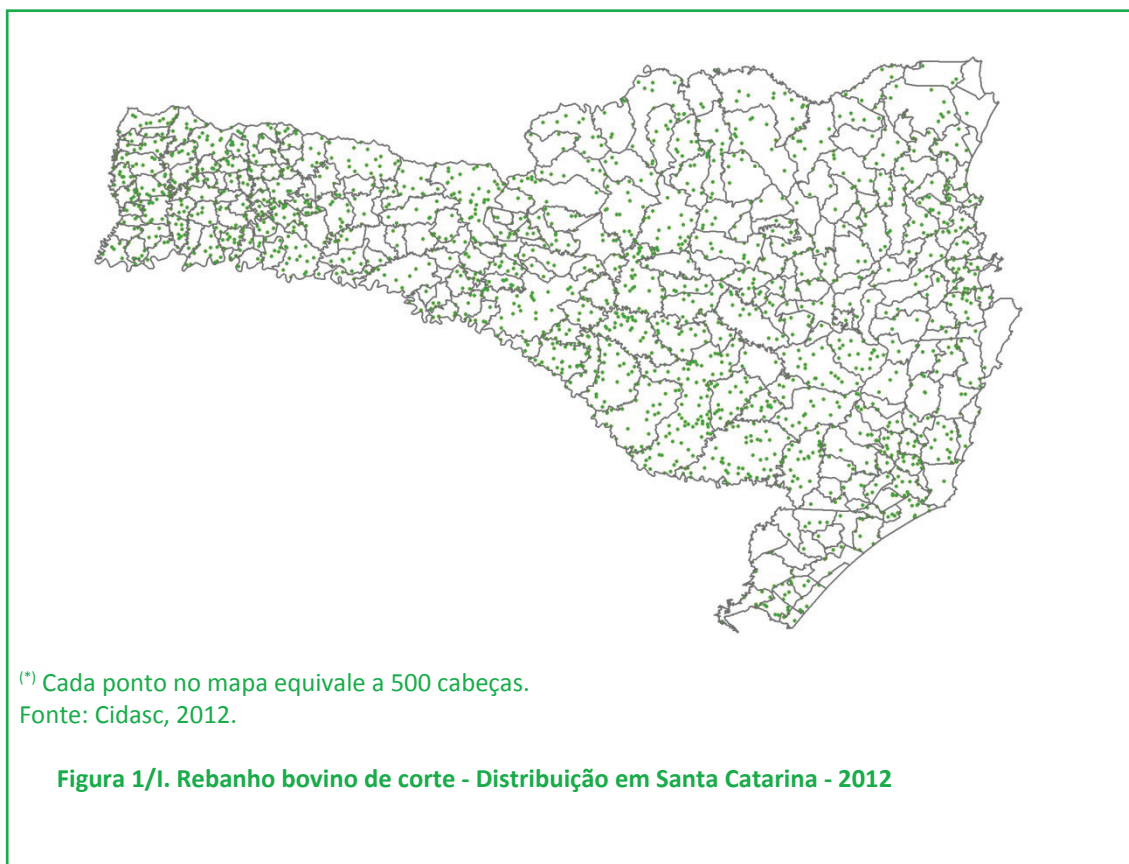
Faixa etária (meses) Aptidão/Sexo	Corte		Leite		Misto		Sem categoria	Total
	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea		
0 a 12	236,1	173,0	37,2	195,1	44,1	60,3	230,5 <sup>1</sup>	976,2
13 a 24	204,0	176,9	24,2	179,8	34,3	56,4		675,5
25 a 36	116,5	148,0	14,6	157,7	22,5	46,6		506,0
> 36	199,0	633,4	24,2	762,7	52,6	237,5		1.909,5
							102,6 <sup>2</sup>	102,6
<b>Total</b>	<b>1.886,8</b>		<b>1.395,4</b>		<b>554,5</b>		<b>333,1</b>	<b>4.169,8</b>

<sup>(1)</sup> Bovinos sem aptidão definida no registro.

<sup>(2)</sup> Bovinos sem aptidão e faixa etária definidas no registro.

Fonte: Cidasc, 2013.

O rebanho bovino de corte está distribuído por todo o Estado. No entanto, a sua maior concentração está na Mesorregião Serrana, que tem grandes extensões de campo e predominância da criação dos animais a pasto, e na Mesorregião Oeste Catarinense, onde se concentram os confinamentos de bovinos e o maior número de propriedades rurais familiares, que podem ser observado na Figura 1.



Em 2013, registrou-se a saída de pouco menos de 460 mil cabeças das propriedades rurais de Santa Catarina para o abate em frigoríficos/abatedouros com serviço de inspeção (SIM, SIE e SIF). A Mesorregião Oeste Catarinense é a principal origem do rebanho abatido, com 49% do total do Estado. A Mesorregião Serrana, apesar de sua grande concentração de bovinos, vem em segundo lugar, mas com apenas 16% do total. No que diz respeito ao local de abate desses animais, embora a Mesorregião do Vale do Itajaí não seja uma grande produtora de bovinos, abriga inúmeros frigoríficos, inclusive com Serviço de Inspeção Federal e, por isso, responde por quase 50% do total de bovinos abatidos no Estado (Tabela 10).

**Tabela 10/I. Bovinos - Abate segundo as regiões de origem e destino do rebanho - SC – 2013**

Micro/Mesorregião	Região de origem		Região de destino	
	Nº de cabeças	Participação %	Nº de cabeças	Participação %
São Miguel do Oeste	46.199	10,1	24.972	5,4
Chapecó	65.616	14,3	22.650	4,9
Xanxerê	29.210	6,4	13.859	3,0
Joaçaba	60.053	13,1	45.920	10,0
Concórdia	24.022	5,2	11.466	2,5
<b>Oeste Catarinense</b>	<b>225.100</b>	<b>49,0</b>	<b>118.867</b>	<b>25,9</b>
Canoinhas	31.545	6,9	1.793	0,4
São Bento do Sul	4.528	1,0	5.689	1,2
Joinville	5.616	1,2	3.317	0,7
<b>Norte Catarinense</b>	<b>41.689</b>	<b>9,1</b>	<b>10.799</b>	<b>2,4</b>
Curitibanos	31.676	6,9	10.145	2,2
Campos de Lages	41.931	9,1	11.853	2,6
<b>Serrana</b>	<b>73.607</b>	<b>16,0</b>	<b>21.998</b>	<b>4,8</b>
Rio do Sul	16.768	3,6	83.284	18,1
Blumenau	14.993	3,3	70.735	15,4
Itajaí	11.564	2,5	63.759	13,9
Ituporanga	4.870	1,1	6.120	1,3
<b>Vale do Itajaí</b>	<b>48.195</b>	<b>10,5</b>	<b>223.898</b>	<b>48,7</b>
Tijucas	5.754	1,3	10.043	2,2
Florianópolis	13.683	3,0	18.199	4,0
Tabuleiro	3.197	0,7	671	0,1
<b>Grande Florianópolis</b>	<b>22.634</b>	<b>4,9</b>	<b>28.913</b>	<b>6,3</b>
Tubarão	35.848	7,8	40.952	8,9
Criciúma	5.788	1,3	596	0,1
Araranguá	6.654	1,4	13.492	2,9
<b>Sul Catarinense</b>	<b>48.290</b>	<b>10,5</b>	<b>55.040</b>	<b>12,0</b>
<b>Total</b>	<b>459.515</b>	<b>100</b>	<b>459.515</b>	<b>100</b>

Fonte: Cidasc.

Além desses abates em agroindústrias/frigoríficos com sistema de inspeção localizado no próprio Estado, 17,4% dos bovinos abatidos foram para consumo nas propriedades rurais. Um pequeno número de animais foi abatido fora do território catarinense. Em 2013 o único estado que recebeu 34 bovinos foi o Paraná (Tabela 11).

**Tabela 11/I. Bovinos abatidos por destino – Santa Catarina – 2013**

Destino	Nº de cabeças	Participação %
Com sistema de inspeção	459.515	82,6
Autoconsumo	96.834	17,4
Comércio interestadual	34	0,0
<b>Total</b>	<b>556.383</b>	<b>100</b>

Fonte: Cidasc.

Os frigoríficos que mais abatem bovinos no Estado são os com Serviço de Inspeção Estadual, sobretudo em razão do grande número desses estabelecimentos distribuídos por todas as regiões. Os estabelecimentos com SIE são os que abatem o maior número de bovinos com aptidão de corte (Tabela 12).

**Tabela 12/I. Bovinos abatidos por aptidão e sistema de inspeção – SC – 2013**

(%)

Aptidão	SIM	SIE	SIF	Média geral
Corte	56	70	54	66
Leite	33	18	37	23
Misto	11	12	8	11
Número total de cab.	28.908	339.268	91.339	459.515

Fonte: Cidasc.

Na média em torno de 48% dos animais abatidos possuem mais de 36 meses de idade (Tabela 13). Esse elevado percentual de animais abatidos com idade acima dos 3 anos se explica por envolver também os bovinos de leite, que, na sua maioria, vai para o abate apenas ao final de sua vida produtiva e/ou reprodutiva.

**Tabela 13/I. Bovinos abatidos por faixa etária e sistema de inspeção – SC – 2013**

(%)

Faixa etária	SIM	SIE	SIF	Média geral
0 a 12	7,4	3,6	2,6	3,6
13 a 24	24,0	24,7	18,4	23,4
25 a 36	24,2	25,8	20,3	24,6
> 36	44,4	46,0	58,7	48,4
Número total de cab.	28.908	339.268	91.339	459.515

Fonte: Cidasc.

Isso fica evidenciado ao se discriminar o abate por faixa etária e aptidão. No caso dos bovinos de corte nota-se que quase 60% dos animais abatidos estão distribuídos no intervalo entre 13 e 36 meses de idade (Tabela 14).

**Tabela 14/I. Bovinos abatidos por faixa etária e aptidão – SC – 2013**

(%)

Faixa etária (meses)	Corte	Leite
0 a 12	4	3,4
13 a 24	28	11,3
25 a 36	28	12,8
> 36	39	72,5
Número total de cab.	302.849	103.899

Fonte: Cidasc.

Em 2013, Santa Catarina produziu 132,5 mil toneladas de carne bovina. Essa produção significou menos da metade da oferta de carne bovina para o mercado estadual e mostra a elevada dependência que o Estado possui da produção de outras origens. O déficit foi atendido com aquisições



de carnes de outros estados da federação e importações da Argentina, Uruguai e Austrália (Tabela 15). Pequena parte dessa carne é destinada à linha de processamento das agroindústrias e o maior volume vai diretamente para o segmento de distribuição (atacado e varejo).

**Tabela 15/I. Carne bovina - Oferta em Santa Catarina – 2013**

Discriminação	(mil t)	% da oferta
Produção estadual	132,5	48,7
Aquisição de outras UF	138,3	50,8
Importação	1,3	0,5
Oferta total	272,1	100
Exportação	3,4	1,2
Disponibilidade estadual	268,7	98,8

Fonte: Cidasc, MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

A carne adquirida de outros estados passa pelo sistema de fiscalização agropecuária nas barreiras sanitárias, sob controle da Cidasc. Em 2013 foram 138,3 mil toneladas, a maior parte vinda de seis estados (Tabela 16).

**Tabela 16/I. Estado de origem da carne bovina comprada por Santa Catarina – 2013**

Origem	Peso líquido (t)	Participação (%)
Mato Grosso do Sul	33.605	24,3
Acre	22.537	16,3
Mato Grosso	17.965	13,0
Rio Grande do Sul	15.881	11,5
São Paulo	14.258	10,3
Rondônia	14.139	10,2
Paraná	8.155	5,9
Minas Gerais	5.261	3,8
Goiás	3.700	2,7
Tocantins	1.950	1,4
Pará	834	0,6
<b>Total</b>	<b>138.283</b>	<b>100</b>

Fonte: Cidasc.

As importações foram de apenas 1,266 mil toneladas entre carnes desossadas frescas ou refrigeradas, carnes desossadas congeladas e fígados de bovino congelados. Os fornecedores foram apenas três países, a maior parte teve como origem o Uruguai (Tabela 17).

**Tabela 17/I. Carne bovina – Origem das importações catarinenses - 2013**

Origem	US\$	Peso líquido (t)
Uruguai	4.638.111	542,0
Argentina	2.389.115	262,1
Austrália	833.802	462,5
<b>Total</b>	<b>7.861.028</b>	<b>1.266,6</b>

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Não obstante o déficit, pequena parcela da produção de carne bovina estadual é vendida para o mercado externo. Em 2013 foram 14 os países que compraram carne bovina do Estado (Tabela 18), em virtude, principalmente, da condição sanitária dos animais. Em 2013, Santa Catarina exportou mais carne bovina do que importou. As carnes desossadas congeladas representam 58% do volume de exportação.

**Tabela 18/I. Carne bovina – Destino das exportações catarinenses - 2013**

Destino	US\$	Peso Líquido (t)
Hong Kong	5.546.474	1.410,1
Angola	2.028.268	598,4
Egito	1.670.312	457,0
Venezuela	1.504.444	224,9
Moldávia	592.333	187,3
China	262.070	124,8
Ucrânia	333.251	107,8
Costa do Marfim	83.604	103,7
Congo	157.162	77,0
Gabão	96.838	50,8
Uruguai	79.570	25,1
República Democrática do Congo	21.239	25,0
Alemanha	42.779	13,1
Emirados Árabes Unidos	7.592	4,0
<b>Total</b>	<b>12.425.936</b>	<b>3.408,9</b>

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

No que diz respeito aos preços recebidos pelos pecuaristas catarinenses, constata-se uma tendência de alta nos últimos anos. Entre 2010 e 2013, os preços aumentaram 24,3% e 20,7% nas regiões de Chapecó e Rio do Sul, respectivamente (Tabela 19).

**Tabela 19/I. Boi gordo - Preços médios ao produtor – Santa Catarina – 2010-13**

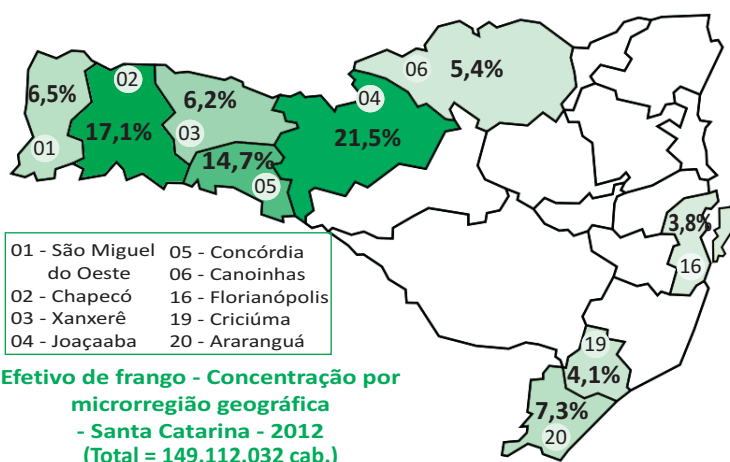
Praça	(R\$/arroba)			
	2010	2011	2012	2013
Chapecó	80,19	93,98	95,29	99,68
Rio do Sul	86,99	100,36	102,06	105,00

Fonte: Epagri/Cepa.

De uma forma geral, o cenário para produção de carne bovina a pasto é promissor para o futuro, especialmente para produtores que se baseiam em raças especializadas, considerando maior rendimento de carcaça e melhor aptidão para produção de cortes nobres, tais como angus e hereford.

# Carne de Frango

Reney Dorow  
Eng. Agr. - Epagri/Cepa  
reney@epagri.sc.gov.br



## Produção e mercado mundiais

A carne de frango é uma das duas fontes de proteína de origem animal mais consumidas em todos os continentes, pois não apresenta restrições culturais em nenhuma região. Os EUA são o maior produtor, com aproximadamente 20% da produção mundial. Em 2013, EUA, China, Brasil e União Europeia, os quatro maiores produtores mundiais, responderam por 62,4% da produção (Tabela 1).

Tabela 1/I. Carne de frango - Produção mundial – 2010-14

País	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>
EUA	16.563	16.694	16.621	16.976	17.276
China	12.550	13.200	13.700	13.350	12.700
Brasil	12.312	12.863	12.645	12.308	12.678
União Europeia	9.202	9.320	9.565	9.800	9.950
Índia	2.650	2.900	3.160	3.450	3.725
México	2.822	2.906	2.958	3.010	3.100
Rússia	2.310	2.575	2.830	3.002	3.060
Argentina	1.680	1.770	2.014	2.060	2.080
Turquia	1.420	1.619	1.707	1.760	1.810
Tailândia	1.280	1.350	1.550	1.500	1.600
Indonésia	1.465	1.515	1.540	1.550	1.565
Outros países	13.981	14.487	14.953	15.307	15.748
<b>Total</b>	<b>78.235</b>	<b>81.199</b>	<b>83.243</b>	<b>84.073</b>	<b>85.292</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa.

Fonte: Usda (ago./2014).

No que se refere ao consumo, EUA, China, União Européia e Brasil se destacam como os grandes consumidores mundiais. Para a China, as estimativas do USDA apontam redução de 5% no consumo de 2014, em relação ao de 2013. A queda em parte é explicada pela substituição da carne de frango por outras proteínas e pela ocorrência da influenza aviária. Mesmo com essa alteração no quadro do consumo, os quatro maiores consumidores responderão por 54% do consumo global em 2014.

**Tabela 2/I. Carne de frango - Consumo mundial – 2010-14**

(mil t)

País	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>
EUA	13.470	13.664	13.345	13.683	13.929
China	12.457	13.015	13.543	13.174	12.505
União Europeia	8.954	9.014	9.198	9.388	9.580
Brasil	9.041	9.422	9.139	8.829	9.081
México	3.364	3.473	3.569	3.679	3.750
Índia	2.648	2.891	3.156	3.445	3.720
Rússia	2.957	3.013	3.321	3.520	3.590
Japão	2.079	2.104	2.213	2.201	2.185
África do Sul	1.524	1.685	1.756	1.753	1.750
Argentina	1.475	1.556	1.726	1.738	1.737
Indonésia	1.465	1.515	1.540	1.550	1.565
Outros países	17.341	18.211	19.099	19.579	20.061
<b>Total</b>	<b>76.775</b>	<b>79.563</b>	<b>81.605</b>	<b>82.539</b>	<b>83.453</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa.  
Fonte: Usda (ago./2014).

Entre esses quatro principais produtores e consumidores mundiais, os que geram maiores excedentes são o Brasil e os EUA, para os quais o USDA projeta um superávit de 6,9 milhões de toneladas, fato que os destaca como os maiores exportadores mundiais de carne de frango. O Brasil segue como líder e deve responder por 33,5% das exportações mundiais de 2014.

**Tabela 3/I. Carne de frango – Principais países exportadores – 2010-14**

(mil t)

País	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>
Brasil	3.181	3.219	3.508	3.482	3.600
EUA	3.069	3.171	3.300	3.340	3.413
União Europeia	929	1.036	1.094	1.083	1.070
Tailândia	432	467	538	504	580
Turquia	110	206	285	262	480
China	379	423	411	420	430
Outros países	768	1.015	954	1.146	1.170
<b>Total</b>	<b>8.868</b>	<b>9.537</b>	<b>10.090</b>	<b>10.237</b>	<b>10.743</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa.  
Fonte: Usda (ago./2014).

Observa-se que os seis maiores exportadores mundiais respondem por quase 90% do comércio mundial numa projeção do USDA para o ano de 2014. Apesar das suspeitas em torno da questão sanitária que envolve a produção de frango de corte, o que se observa é um mercado internacional em franca expansão, com tendência de comércio recorde em 2014.

Do lado dos importadores, os três países destacados, mais a União Europeia, são responsáveis por 36% das importações de carne de frango numa projeção do USDA para 2014 (Tabela 4). Com 35,8% de incremento médio nos últimos quatro anos, o Iraque e a Arábia Saudita têm se destacado como importadores. No caso iraquiano, o aumento das importações é fruto do processo de estabilização desenvolvido no pós-guerra. Todos os demais países apresentaram um incremento médio de 11% a.a. no mesmo período (Tabela 4).

**Tabela 4/I. Carne de frango – Principais países importadores – 2010-14**

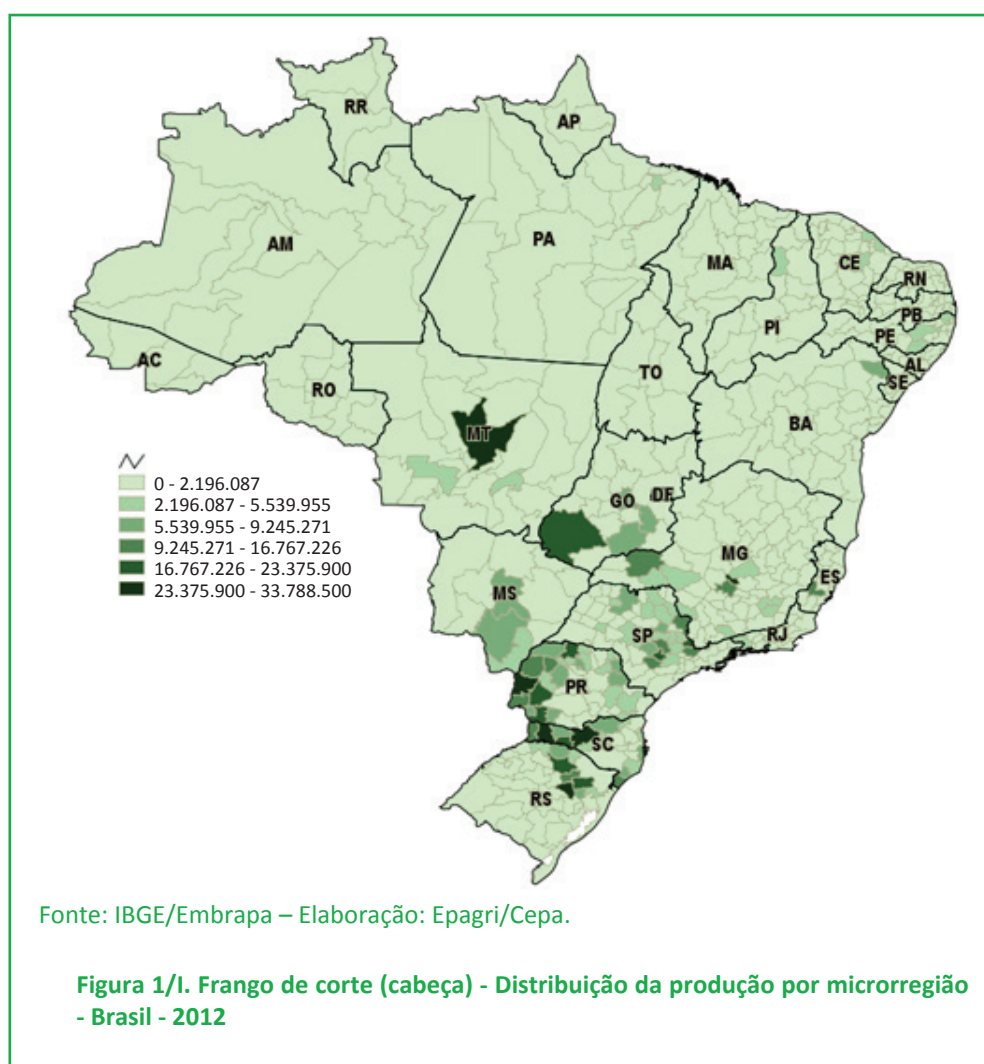
(mil t)

País	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>
Japão	789	895	877	854	865
Arábia Saudita	652	745	750	820	860
Iraque	522	598	612	673	730
União Europeia	687	734	727	671	700
Outros países	5.155	5.254	5.581	5.637	5.718
<b>Total</b>	<b>7.805</b>	<b>8.226</b>	<b>8.547</b>	<b>8.655</b>	<b>8.873</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa.  
 Fonte: Usda (ago./2014).

## Produção e mercado nacionais

A distribuição do rebanho de frango de corte brasileiro tem passado por modificações ao longo do tempo. Segundo o IBGE, o rebanho brasileiro em 31/12/2012 era de 3,07 bilhões de cabeças, concentrado especialmente nas microrregiões geográficas de Alto Teles Pires-MT, Sudoeste de Goiás-GO, Pará de Minas-MG, Tatuí-SP, Toledo-PR, Chapecó e Joaçaba-SC e Lajeado-Estrela-RS, identificadas como as microrregiões mais escuras do mapa em cada estado (Figura 1).



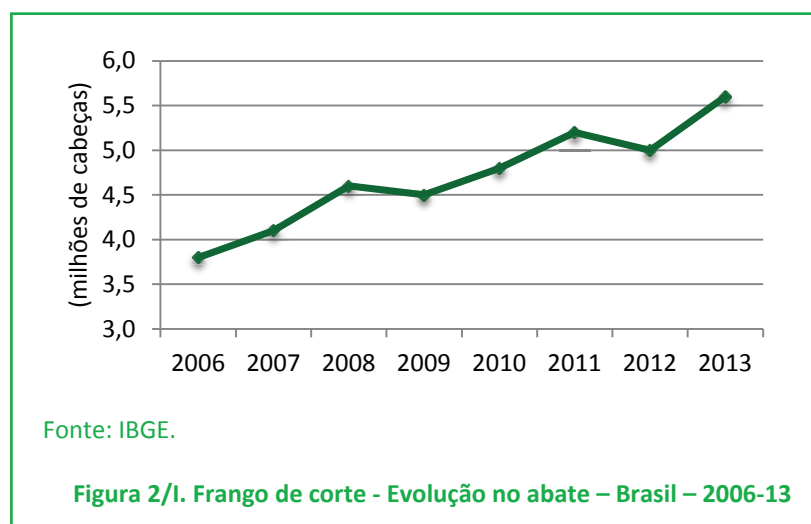
Observa-se no Brasil uma oscilação na produção de carne de frango no período compreendido entre 2010 e 2013, bem como ao longo dos meses do ano, conforme demonstrado na tabela 5. Ainda assim a produção de carne de frango apresentou uma evolução positiva de 0,94% no período.

**Tabela 5/I. Produção de carne de frango – Brasil – 2010-14**

Mês	(mil t)					Evolução % 2010-13
	2010	2011	2012	2013	2014	
Janeiro	1.000,60	1.088,30	1.156,40	963,90	1.060,80	-3,67
Fevereiro	870,30	950,60	1.051,60	909,40	967,30	4,49
Março	966,80	1.048,70	1.053,10	1.048,70	1.084,20	8,47
Abril	1.026,20	1.079,00	1.057,90	1.071,30	1.023,40	4,39
Mai	1.072,10	1.121,00	1.107,40	1.114,90	1.053,40	3,99
Junho	1.041,20	1.089,20	1.090,60	1.090,70	1.046,40	4,75
Julho	1.067,40	1.094,70	1.083,80	1.045,20	1.070,80	-2,08
Agosto	1.057,00	1.032,70	1.030,70	1.048,00		-0,85
Setembro	997,50	1.048,80	1.015,10	1.026,10		2,87
Outubro	1.070,50	1.104,30	1.027,60	1.043,50		-2,52
Novembro	1.030,50	1.067,40	1.000,70	1.025,40		-0,49
Dezembro	1.112,10	1.138,40	970,10	1.041,40		-6,36
<b>Total</b>	<b>12.312,30</b>	<b>12.863,20</b>	<b>12.645,10</b>	<b>12.428,50</b>	<b>7.306,30</b>	<b>0,94</b>

Fonte: Sindiavipar/IBGE/Apinco.

Quanto à evolução dos abates no País, houve um incremento médio anual na ordem de 5,69%, conforme apresenta a figura 2.



Importa ainda verificar a evolução da avicultura industrial brasileira por meio da evolução do alojamento de pintos e a produção de carne, conforme apresentado na tabela 6. De 2010 para 2013, o alojamento de pintos aumentou 2,5%, percentual inferior ao incremento no volume de carne produzido.

Com a atualização dos dados sobre a população brasileira, feita pelo IBGE, o número de habitantes passou para 201,03 milhões de habitantes em 2013 e a disponibilidade per capita de carne de frango sofreu uma redução de 1,1% em relação ao ano de 2012.

**Tabela 6/I. Carne de frango – Pintos alojados e produção – Brasil – 2010-13**

<b>Discriminação</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>
Alojamento de pintos de corte <sup>1</sup>	5.986,7	6.232,6	5.998,7	6.138,9
Produção de carne de frango (mil t)	12.312,3	12.863,2	12.645,1	12.428,5
Exportação (mil t)	3.819,7	3.942,6	3.917,6	3.891,7
Disponibilidade interna (mil t)	8.492,6	8.920,6	8.727,5	8.638,3
População (milhões de habitantes)	190,75	192,38	193,95	201,03
Disponibilidade per capita (kg/hab./ano)	44,5	46,4	45,0	42,9

<sup>(1)</sup> Alojamento – milhões de cabeças.

Fontes: Apinco, MDIC/Secex/Sistema Aliceweb e IBGE.

Quanto ao destino da carne de frango brasileira, os principais mercados têm se mantido estáveis. A involução do comércio com a Alemanha registrada em 2012 não registrou recuperação em 2013 e fez com que esse mercado não se apresentasse significativo em 2013. Japão e Arábia Saudita responderam por 34% do comércio internacional brasileiro, um aumento de 2% em relação ao ano de 2012. Observa-se ainda uma ampliação do mercado venezuelano e importante retração do Iraque entre os anos de 2012/2013 (Tabela 7). No caso do Iraque, deve se ter em conta a opção de aquisição de carne de frango de outros países, visando atender o crescimento das importações registrado na tabela 4.

**Tabela 7/I. Principais países importadores do frango brasileiro – 2010-13**

<b>País</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>(mil US\$ FOB)</b>	
					<b>Evolução % 12/13</b>	<b>Participação % 2013</b>
Arábia Saudita	924	1.212	1.191	1.399	17,4	20
Japão	908	1.327	971	973	0,2	14
E. Árabes	352	429	455	515	13,1	7
Hong Kong	498	552	472	489	3,6	7
Venezuela	283	356	206	342	66,0	5
Kuwait	284	276	209	232	11,0	3
Iraque	159	231	180	144	-20,0	2
Rússia	241	119	133	137	3,0	2
Holanda	139	197	116	106	-8,6	2
Outros países	2.001	2.364	2.799	2.667	-4,7	38
<b>Total</b>	<b>5.789</b>	<b>7.063</b>	<b>6.732</b>	<b>7.004</b>	<b>4,0</b>	<b>100</b>

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.



## Produção e mercado estaduais

As alterações na participação no rebanho avícola foram diferenciadas por mesorregião. De 2006 para 2012, a evolução média anual do Estado foi positiva em 2,6%. Os maiores incrementos médios anuais foram registrados na Mesorregião da Grande Florianópolis (+29,8%) e Norte Catarinense (+11,7%), ao passo que as mesorregiões do Vale do Itajaí e do Oeste Catarinense apresentaram redução na produção de frango, conforme descrito na tabela 8.

**Tabela 8/I. Frango de corte - Efetivo de rebanho - Santa Catarina – 2006-2012**

Santa Catarina e Mesorregião Geográfica	Ano				(cabeça)
	2006	2008	2010	2012	Evolução média anual (%)
Santa Catarina	138.008.720	160.885.780	157.359.368	149.112.032	1,6
Oeste Catarinense	103.478.743	115.623.610	108.861.544	98.609.949	-1,0
Norte Catarinense	6.686.100	9.572.736	13.723.806	11.610.305	11,7
Serrana	2.100.034	3.266.300	3.020.264	3.026.885	7,6
Vale do Itajaí	9.368.714	6.767.178	7.906.785	7.782.679	-3,6
Grande Florianópolis	2.168.002	10.938.035	7.434.217	7.982.744	29,8
Sul Catarinense	14.207.127	14.717.921	16.412.752	20.099.470	7,2

Fonte: IBGE.

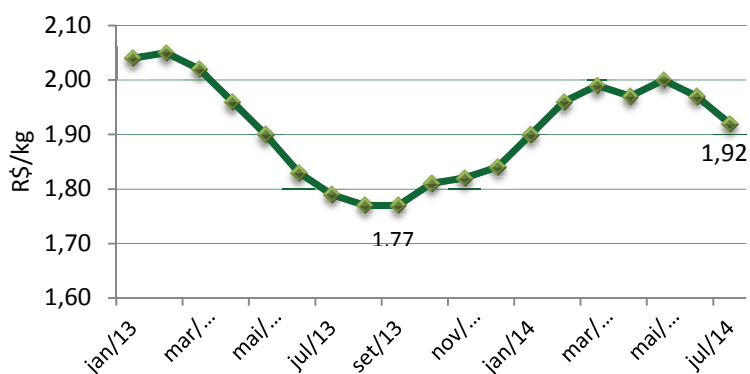
No tocante ao comércio exterior, Santa Catarina registra uma participação de 33,6% em volume e 37,5% em receita advinda das exportações de carne de frango (Tabela 9) por conta de sua produção mais elaborada. Os cortes permitem a venda de mais partes e menos carcaças inteiras e são mais bem remunerados no mercado internacional. Essa condição é inversa nos estados vizinhos.

**Tabela 9/I. Exportação de carne de frango – Total brasileiro e principais estados – 2013**

Discriminação	(mil t)	%	(mil US\$)	%
Brasil	3.876.424	100	7.915.623	100
Região Sul	2.793.059	72,00	5.729.594	72,00
Paraná	1.143.752	40,95	2.186.171	38,16
Santa Catarina	937.989	33,58	2.149.811	37,52
Rio Grande do Sul	711.318	25,47	1.393.612	24,32

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Os preços recebidos pelo frango inteiro, que é o custo posto na plataforma da indústria, no período de janeiro de 2013 a julho de 2014, registram pouca oscilação. Para o frango vivo, registra-se um mínimo em setembro de 2013 (R\$ 1,77/kg vivo) e um máximo em fevereiro de 2013 (R\$ 2,05) conforme Figura 3.



<sup>(1)</sup> Custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria em Santa Catarina.  
 Fonte: Epagri/Cepa.

**Figura3/I. Frango vivo - Evolução dos preços<sup>1</sup> - Santa Catarina- 2013-14**

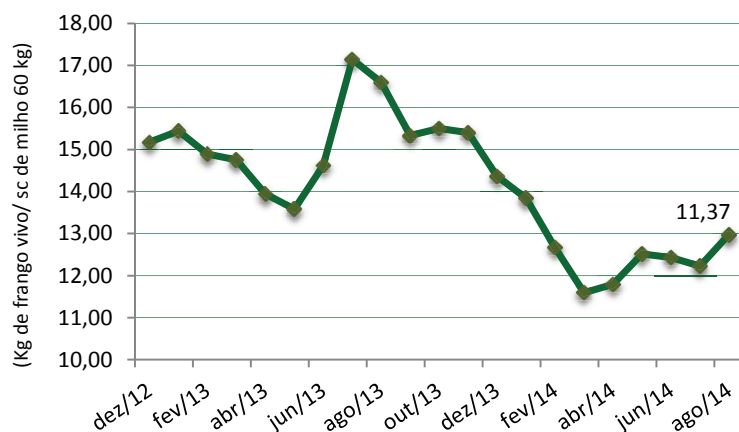
Quanto aos custos de produção, observa-se que os melhores resultados são obtidos em relação às maiores densidades produtivas. O sistema climatizado negativo apresenta um custo total 3,6% menor que o sistema convencional (Tabela 10). Essa situação demonstra a necessidade permanente de investimentos por parte do avicultor no sentido de aumentar sua produtividade, visando suportar as pressões de preço.

**Tabela 10/I. Frango de corte - Custo<sup>1</sup> de produção em diferentes sistemas - Santa Catarina - 2014**

Detalhamento		Convencional	Climatizado positivo	Climatizado negativo
Alojamento	Cabeça	14.500	16.000	66.000
Área	m <sup>2</sup>	1.200	1.200	4.800
Custo Variável	R\$	2,1006	2,0861	2,0357
Custo Fixo	R\$	0,0682	0,0711	0,0549
Custo Total	R\$/kg	2,1688	2,1572	2,0906

<sup>(1)</sup> Custo variável médio do ano de 2014 referente aos meses de jan./maio.  
 Fonte: Embrapa.

A redução do custo do milho, registrada por meio do monitoramento da equivalência insumo/produto, também resultou em ganhos para as integradoras. Como pode ser visto na Figura 4, o produto segue em queda, chegando a 11,37kg de frango vivo para adquirir um saco de milho com 60kg em agosto de 2014.



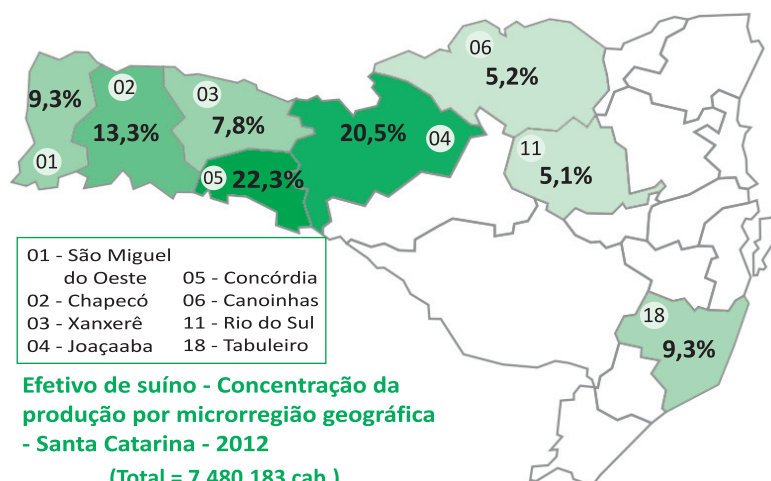
Fonte: Epagri/Cepa.

**Figura 4/I. Frango vivo - Quantidade necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2014**

Com os novos desdobramentos no mercado, resultado das tensões regionais na Europa, a avicultura brasileira tem reagido de forma a se manter competitiva e dinâmica frente aos mercados globalizados.

## Carne Suína

Reney Dorow  
Eng. Agr. - Epagri/Cepa  
reney@epagri.sc.gov.br



## Produção e mercado mundiais

Segundo a previsão do USDA para 2014, a composição da produção de carne suína no mundo permanecerá inalterada. O órgão, porém, prevê uma ampliação da estimativa global de produção em 1.250 mil toneladas. A China deve continuar com a maior produção, chegando a quase a 50% do total global, e o Brasil continuará sendo o quarto produtor, com 3,07% da produção, ainda atrás da União Europeia e Estados Unidos (Tabela 1).

Tabela 1/I. Carne suína - Produção por país – 2010-14

País	Mil toneladas					Partic. % projetada em 2014
	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>1</sup>	
China	50.712	50.604	53.427	55.620	56.950	51,4
União Europeia	22.627	22.953	22.526	22.390	22.300	20,1
EUA	10.186	10.331	10.555	10.530	10.332	9,3
Brasil	3.195	3.227	3.330	3.280	3.400	3,1
Rússia	1.981	2.064	2.175	2.400	2.550	2,3
Vietnã	2.090	2.130	2.175	2.220	2.260	2,0
Canadá	1.779	1.812	1.840	1.820	1.820	1,6
Filipinas	1.260	1.288	1.310	1.350	1.390	1,3
Japão	1.292	1.267	1.297	1.309	1.305	1,2
México	1.175	1.202	1.239	1.281	1.285	1,2
Coreia do Sul	1.110	837	1.086	1.252	1.170	1,1
Ucrânia	631	704	701	795	830	0,7
Taiwan	845	865	878	842	815	0,7
Chile	498	528	584	550	540	0,5
Argentina	279	301	331	402	440	0,4
Austrália	339	344	352	360	365	0,3
Outros países	2.900	3.011	3.022	3.051	2.951	2,7
<b>Total</b>	<b>102.899</b>	<b>103.468</b>	<b>106.828</b>	<b>109.452</b>	<b>110.703</b>	<b>100</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa.

Fonte: Usda (ago./2014).

Os principais consumidores são China, União Europeia, EUA, Rússia, Brasil e Japão, os quais apresentam uma projeção de consumo na ordem de 86% da demanda mundial em 2014. Entre os maiores consumidores, Japão, Rússia, México e China apresentam importante déficit de produção. As compras desses países influenciam sensivelmente o comportamento do mercado internacional, com projeção, para 2014, de 52% dessas compras movimentar o comércio internacional.

**Tabela 2/I. Carne suína - Consumo doméstico por país – 2010-14**

País	(mil t)				
	2010	2011	2012	2013	2014
China	50.799	51.108	53.802	56.096	57.440
União Europeia	20.952	20.822	20.382	20.173	20.315
EUA	8.654	8.340	8.441	8.668	8.553
Rússia	2.896	3.035	3.208	3.267	3.199
Brasil	2.577	2.644	2.670	2.696	2.727
Japão	2.488	2.522	2.557	2.549	2.529
Vietnã	2.072	2.113	2.160	2.205	2.245
México	1.784	1.710	1.850	1.953	1.945
Coreia do Sul	1.539	1.487	1.546	1.628	1.612
Filipinas	1.418	1.432	1.446	1.521	1.564
Ucrânia	776	806	953	992	1.025
Taiwan	901	919	906	879	862
Canadá	810	80	834	810	777
Hong Kong	467	558	547	536	583
Austrália	482	482	511	510	513
Argentina	326	359	362	419	455
Outros países	3.815	3.981	4.091	4.173	4.091
<b>Total</b>	<b>102.756</b>	<b>102.398</b>	<b>106.266</b>	<b>109.075</b>	<b>110.435</b>

Fonte: Usda (ago./2014).

Além desses quatro países que são os principais importadores, também se destacam como compradores Hong Kong e a Coreia do Sul (Tabela 3). Essa relação mostra a importância do mercado asiático que, entre os principais importadores, apresenta uma projeção de importação de 3.165 mil toneladas (48% do total) para 2014. Nesse contexto é importante ressaltar o fato do Brasil ter se habilitado a exportar carne suína para o Japão, que é uma grande referência regional e global com relação à qualidade da matéria-prima adquirida.

**Tabela 3/I. Carne suína - Importação mundial – 2010-14**

País	Mil toneladas					Partic. % em 2013
	2010	2011	2012	2013	2014	
Japão	1.198	1.254	1.259	1.223	1.230	18,4
Rússia	916	971	1.070	868	650	13,0
China	415	758	730	783	785	11,8
México	687	594	706	770	790	11,6
Coreia do Sul	382	640	502	399	445	6,0
Hong Kong	347	432	414	399	415	6,0
EUA	390	364	363	388	425	5,8
Canadá	183	204	241	221	215	3,3
Austrália	183	175	194	204	200	3,1
Ucrânia	146	119	281	183	190	2,7
Filipinas	159	145	138	172	175	2,6
Belarus	86	117	151	98	100	1,5
Singapura	104	97	105	97	100	1,5
Angola	58	78	87	88	90	1,3
Croácia	56	58	64	60	75	0,9
Colômbia	11	22	35	51	60	0,8
Outros países	565	578	564	658	648	9,9
<b>Total</b>	<b>5.886</b>	<b>6.606</b>	<b>6.904</b>	<b>6.662</b>	<b>6.593</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Usda (ago./2014).

Nas exportações destacam-se os Estados Unidos, responsável por 1/3 das exportações mundiais em 2013. Pela sua capacidade produtiva e por questões logísticas, esse país consegue atender facilmente as demandas de parceiros comerciais como o México, bem como dos países asiáticos. As exportações dos Estados Unidos, União Europeia, Canadá e Brasil totalizaram mais de 86,3% da carne suína comercializada no mundo em 2013, com projeção para atingir 89,5% para o ano de 2014. O Brasil é o quarto exportador, atrás também do Canadá, que tem produção bem menor, mas não conta com um mercado interno tão grande quanto o brasileiro (Tabela 4).

**Tabela 4/I. Carne suína - Países maiores exportadores mundiais – 2010-14**

País	(mil t)					Partic. % em 2013
	2010	2011	2012	2013	2014	
EUA	1.916	2.354	2.442	2.264	2.200	30,9
União Europeia	1.754	2.205	2.226	2.232	2.000	30,4
Canadá	1.159	1.197	1.243	1.246	1.265	17,0
Brasil	619	584	661	585	675	8,0
China	278	244	235	244	275	3,3
Chile	130	139	180	164	165	2,2
México	78	86	95	111	125	1,5
Belarus	62	85	104	74	60	1,0
Austrália	41	41	36	36	37	0,5
Vietnã	1	17	29	25	25	0,3
Noruega	19	20	20	7	7	0,1
Outros países	24	25	34	31	26	0,4
<b>Total</b>	<b>6.081</b>	<b>6.997</b>	<b>7.305</b>	<b>7.019</b>	<b>6.860</b>	<b>100</b>

Fonte: Usda (ago./2014).

Em boa medida, o desempenho produtivo e mercadológico da cadeia de suínos dos países está relacionado à capacidade de suprimento dos insumos, especialmente de milho e soja. Assim, Estados Unidos, Brasil, China e União Europeia, que concentram boa parte da produção de milho e soja mundial, somam quase 85% da produção de carne suína no mundo.

## Produção e comércio nacionais

Segundo o IBGE, entre 2008 e 2012, o efetivo do rebanho de suínos do Brasil cresceu 5,4%. Com destaque especial para o crescimento de 19% da Região Centro-Oeste. De qualquer maneira, a Região Sul permanece como a de grande concentração do rebanho brasileiro, representando quase 50% do seu total (Tabela 5).

**Tabela 5/I. Suínos - Efetivo do rebanho por Grande Região do Brasil - 2008-12**

Brasil e Grande Região	Cabeça					Var. % 2008 a 2012
	2008	2009	2010	2011	2012	
Brasil	36.819.017	38.045.454	38.956.758	39.307.336	38.795.902	5,4
Norte	1.629.552	1.627.822	1.607.481	1.569.553	1.489.219	-8,6
Nordeste	6.665.572	6.290.004	6.197.109	6.079.495	5.857.733	-12,1
Sudeste	6.436.125	6.692.336	7.133.257	7.024.065	7.131.055	10,8
Sul	17.798.250	18.437.986	18.643.470	19.094.595	19.212.426	7,9
Centro-Oeste	4.289.518	4.997.306	5.375.441	5.539.628	5.105.469	19,0

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal.

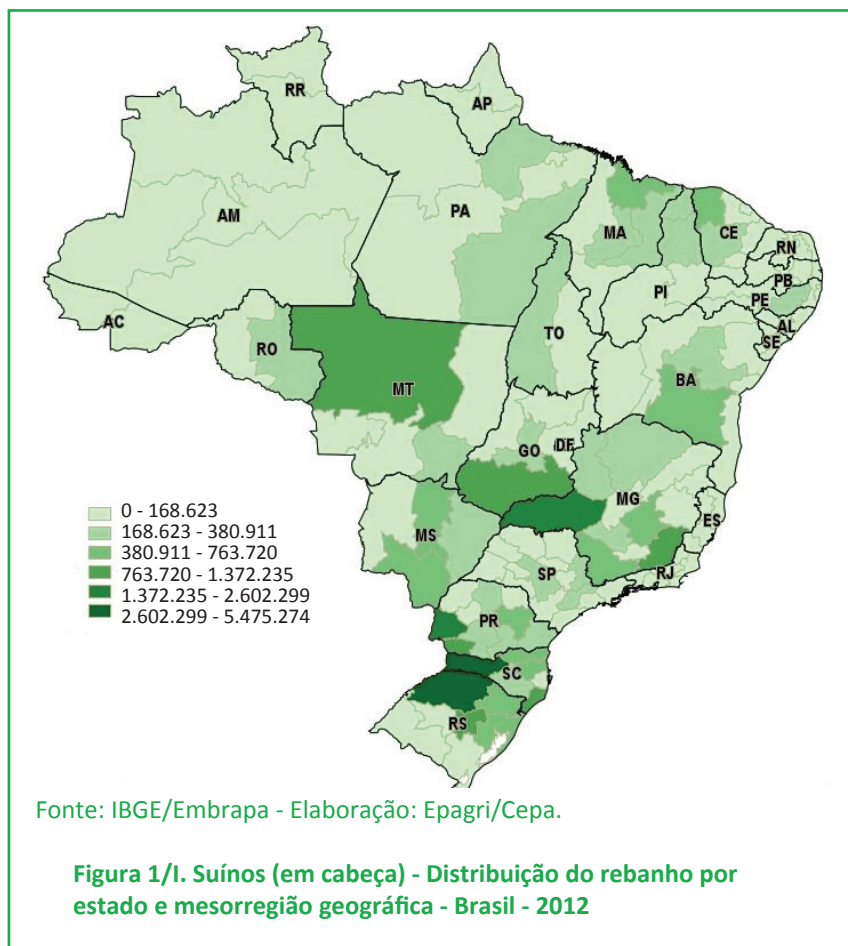
A distribuição do rebanho brasileiro por mesorregional geográfica mostra que as maiores concentrações dessas 38,8 milhões de cabeças do rebanho de 2012 estão nas mesorregiões Oeste Catarinense (14,1%); Noroeste Rio-grandense (9,0%); Oeste Paranaense (6,7%); Triângulo Mineiro-Alto Paranaíba (5,1%); Sul Goiano (3,5%); Norte Mato-grossense (3,4%) e Zona da Mata, MG (2,8%). Além dessas, existem outras mesorregiões com importante concentração do rebanho suíno (Figura 1).

No que diz respeito à produção de carne suína, segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a produção brasileira de 2013 teve um decréscimo de 1,7% em relação a 2012. Analisando os dados de anos anteriores, entretanto, se constata um crescimento de 31% entre 2004 e 2013 e de 7,5% de 2009 a 2013.

Além disso se observa também comportamento inverso entre as produções de subsistência e industrial, e crescimento bastante variado na produção dos estados. Neste caso, nos últimos dez anos, chamam a atenção sobretudo os aumentos na produção industrial do Mato Grosso (162%), Minas Gerais (120%), Goiás (69%) e Mato Grosso do Sul (68%).

De qualquer maneira, a produção persiste fortemente concentrada nos três estados da região Sul, que foram responsáveis por 60% da produção industrial brasileira de 2013, um pouco abaixo dos 63% que representavam em 2004 (Tabela 6).





**Tabela 6/I. Carne Suína - Produção do Brasil e dos principais estados – 2004-13**

Estado/Ano	(mil toneladas)									
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013 <sup>1</sup>
Santa Catarina	586,9	619,0	732,6	754,3	724,3	751,7	737,9	782,1	805,5	790,3
Rio G. do Sul	383,3	416,7	465,6	481,4	528,4	585,9	586,1	602,0	620,4	607,9
Paraná	376,1	389,6	430,8	437,2	444,3	487,9	491,1	529,7	529,7	524,5
Minas Gerais	213,1	251,8	314,9	335,5	348,1	375,0	397,1	428,0	460,6	467,8
Mato Grosso	79,1	104,7	111,5	116,2	140,0	152,3	175,0	187,0	214,7	207,1
Goiás	97,2	108,7	115,1	121,1	127,0	137,6	147,7	156,5	161,4	164,1
São Paulo	171,2	168,1	170,0	176,6	147,0	147,4	156,0	155,7	151,3	149,8
Mato G. do Sul	67,4	71,7	68,5	70,2	70,9	80,5	102,1	102,3	109,1	113,1
Subtotal	1.974,3	2.130,3	2.409,0	2.492,5	2.530,0	2.718,3	2.793,0	2.943,3	3.052,7	3.024,6
Outros estados	158,7	116,7	122,0	151,5	154,0	154,7	164,0	176,7	185,3	184,4
Total industrial	2.133,0	2.247,0	2.531,0	2.644,0	2.684,0	2.873,0	2.957,0	3.120,0	3.238,0	3.209,0
Subsistência	488,3	462,3	412,1	353,6	342,4	317,0	280,5	277,8	250,4	219,6
<b>Total do Brasil</b>	<b>2.621,3</b>	<b>2.709,3</b>	<b>2.943,1</b>	<b>2.997,6</b>	<b>3.026,4</b>	<b>3.190,0</b>	<b>3.237,5</b>	<b>3.397,8</b>	<b>3.488,4</b>	<b>3.428,6</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa.

Fonte: Abipecs, Sips, Sindicatos RS e PR, Embrapa.

Essa importante expansão da produção, combinada com exportações que não seguem o mesmo comportamento, fez com que entre 2004 e 2013 houvesse um aumento de 38% na disponibilidade interna e 23% na disponibilidade per capita de carne suína no Brasil (Tabela 7).

**Tabela 7/I. Carne suína - Oferta e demanda - Brasil – 2004-13**

Ano	Mil toneladas			Disponibilidade (kg per capita/ano)
	Produção	Exportação	Disponibilidade	
2004	2.621	508	2.113	11,9
2005	2.709	625	2.084	11,6
2006	2.943	528	2.415	13,3
2007	2.998	606	2.392	13,0
2008	3.026	530	2.496	13,4
2009	3.190	610	2.580	13,7
2010	3.238	544	2.694	14,1
2011	3.398	520	2.878	14,9
2012	3.488	580	2.908	14,9
2013	3.429	517	2.912	14,6

Base dos Dados: LSPS (Levantamento Sistemático da Produção de Suínos).

Fonte: Abipecs, Sips, Sindicarne-SC, Sindicarne-PR, Embrapa.

No que diz respeito ao comércio exterior, de 2012 para 2013 houve queda de 11% na quantidade e 9% no valor exportado pelo Brasil. A quantidade exportada foi a menor dos últimos cinco anos (Tabela 8).

**Tabela 8/I. Produtos suínos - Exportações brasileiras – 2009-13**

Ano	Mil toneladas	Milhões de US\$ FOB	Valor médio (US\$/kg)
2009	610,4	1.229,8	2,01
2010	543,8	1.344,5	2,47
2011	520,4	1.439,1	2,77
2012	579,5	1.490,8	2,57
2013	516,7	1.357,4	2,63

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Quanto ao destino das exportações, a Rússia tem sido destacadamente o principal mercado externo para o Brasil. Somando-se as exportações de carnes frescas, refrigeradas ou congeladas<sup>1</sup>, realizadas de 2009 a 2013, esse país representou 37% da quantidade e 38% do valor exportado pelo Brasil. Outros mercados significativos são Hong Kong e Ucrânia, cada um representando um pouco mais de 15% do total das exportações brasileiras realizadas de 2009 a 2013 (Tabela 9).

<sup>(1)</sup> Esses produtos representam cerca de 90% do valor total das exportações de suínos.

**Tabela 9/I. Exportações de carne suína frescas/refrigeradas/congeladas - Brasil - 2009-13**

País	(mil t)					(milhões de US\$)				
	2009	2010	2011	2012	2013	2009	2010	2011	2012	2013
Rússia	260,6	228,9	124,2	126,5	134,5	562,4	644,8	390,8	366,7	411,6
Hong Kong	81,5	62,9	87,9	80,3	79,7	161,7	137,5	237,1	213,5	204,5
Ucrânia	56,4	40,0	61,4	137,5	67,8	106,0	105,2	182,7	358,3	197,8
Cingapura	28,0	26,3	23,5	27,8	28,7	69,5	72,0	74,0	81,7	83,0
Argentina	21,5	27,6	35,6	20,2	9,8	50,5	87,8	115,2	67,2	32,6
Angola	22,1	22,7	27,6	33,7	36,9	41,9	37,5	64,0	71,5	77,4
Uruguai	9,9	10,7	14,2	18,4	20,9	21,8	31,1	43,3	51,4	61,1
Venezuela	2,5	4,3	11,8	6,6	9,8	8,8	16,0	48,4	22,7	34,8
Geórgia	4,6	2,9	5,9	9,5	10,8	7,9	6,1	14,7	21,5	22,2
Moldávia	7,9	5,1	3,2	3,9	7,2	15,8	13,9	9,9	10,0	19,3
Outros	34,1	32,2	40,8	34,8	33,6	65,9	74,7	106,1	83,1	82,7
<b>Total</b>	<b>529,2</b>	<b>463,7</b>	<b>436,1</b>	<b>499,1</b>	<b>439,7</b>	<b>1.112,2</b>	<b>1.226,6</b>	<b>1.286,3</b>	<b>1.347,5</b>	<b>1.227,1</b>

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

O ano de 2013 apresenta como principal destaque a abertura do mercado japonês ao Brasil. O Japão tende a ser referência para os demais países asiáticos importadores de carne suína, como Coreia do Sul e China, e também para o México, o que faz o setor suíno estimar aumentos expressivos dos volumes a serem exportados nos próximos anos.

## Produção e mercado estaduais

Mesmo sem repetir o crescimento de produção observado em outros estados importantes produtores, Santa Catarina permanece como principal produtor brasileiro de carne suína. Em 2013, Santa Catarina respondeu por pouco menos 25% da produção brasileira industrial (Tabela 10).

**Tabela 10/I. Produção de carne suína - Brasil e Santa Catarina - 2004-13**

Ano	Produção industrial			Produção de subsistência	Total BR (ind.+subs.)
	Brasil	Santa Catarina	Part. % de SC		
2004	2.133,0	586,9	27,5	488,3	2.621,3
2005	2.247,0	619,0	27,5	462,3	2.709,3
2006	2.531,0	732,6	28,9	412,1	2.943,1
2007	2.644,0	754,3	28,5	353,6	2.997,6
2008	2.684,0	724,3	27,0	342,4	3.026,4
2009	2.873,0	751,7	26,2	317	3.190,0
2010	2.957,0	737,9	25,0	280,5	3.237,5
2011	3.120,0	782,1	25,1	277,8	3.397,8
2012	3.238,0	805,5	24,9	250,4	3.488,4
2013 <sup>1</sup>	3.209,0	790,3	24,6	219,6	3.428,6

<sup>(1)</sup> Estimativa.

Fonte: Abipecs, Sips, Sindicatos RS e PR, Embrapa.

Esses dados da produção estadual não estão disponíveis de forma regionalizada, mas a distribuição do rebanho estadual mostra uma grande concentração no Oeste Catarinense. Os dados históricos mostram também que as mudanças ocorridas na suinocultura ao longo dos anos intensificaram essa concentração regional, mas que o Sul Catarinense também ampliou a sua participação no rebanho estadual (Tabela 11).

**Tabela 11/I. Rebanho suíno - Efetivo por mesorregião geográfica - Santa Catarina - 1990 e 2012**

Mesorregião Geográfica	1990		2012	
	(mil cab.)	Part. %	(mil cab.)	Part. %
Oeste Catarinense	2.217,4	66,6	5.475,3	73,2
Norte Catarinense	266,2	8,0	416,9	5,6
Serrana	156,7	4,7	268,9	3,6
Vale do Itajaí	325,0	9,8	520,4	7,0
Grande Florianópolis	72,8	2,2	24,0	0,3
Sul Catarinense	292,3	8,8	774,8	10,4
<b>Santa Catarina</b>	<b>3.330,5</b>	<b>100</b>	<b>7.480,2</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal.

Esse menor crescimento da produção de suínos em Santa Catarina, comparativamente ao de outros estados produtores, está relacionado a limitações relativas ao suprimento de matéria-prima para a produção e também a questões de ordem ambiental.

Quanto ao comércio internacional, em 2013 Santa Catarina respondeu por 33% das exportações brasileiras de produtos suínos, percentual um pouco abaixo do observado em 2012 (36%), já que de 2012 para 2013 as exportações estaduais decresceram mais que as brasileiras (Tabela 12).

**Tabela 12/I. Produtos suínos - Exportações catarinenses - 2009-13**

Ano	(mil toneladas)	(milhões de US\$ FOB)	Valor médio (US\$/kg)
2009	173,5	331,0	1,91
2010	145,8	337,9	2,32
2011	184,4	507,3	2,75
2012	207,0	538,0	2,60
2013	169,8	442,5	2,61

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Quanto ao destino das exportações catarinenses, a exemplo do que ocorre com o Brasil, a Rússia é o principal mercado. Totalizando as exportações de carnes frescas, refrigeradas ou congeladas<sup>2</sup> realizadas de 2009 a 2013, esse país representou 24% da quantidade e 26% do valor exportado por Santa Catarina. Os outros mercados mais significativos são Ucrânia e Hong Kong (Tabela 13). Embora o Japão ainda não apareça como um dos principais compradores, vale destacar que em 2013 Santa Catarina exportou US\$ 754 mil em carnes frescas, refrigeradas ou congeladas para esse país.

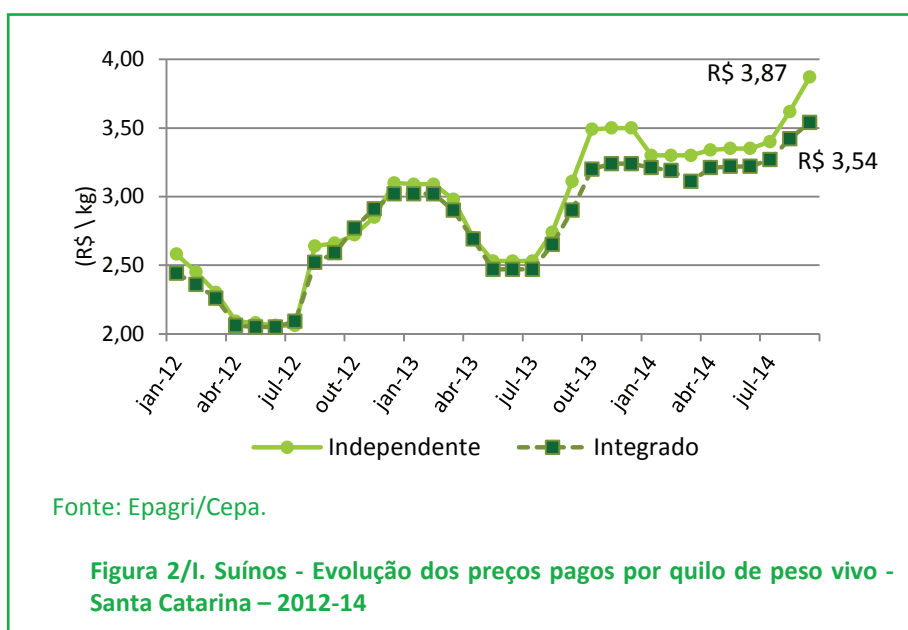
<sup>(2)</sup> Esses produtos representam cerca de 90% do valor total das exportações de suínos.

**Tabela 13/I. Exportações de carne suína frescas/refrigeradas/congeladas - Santa Catarina - 2009-13**

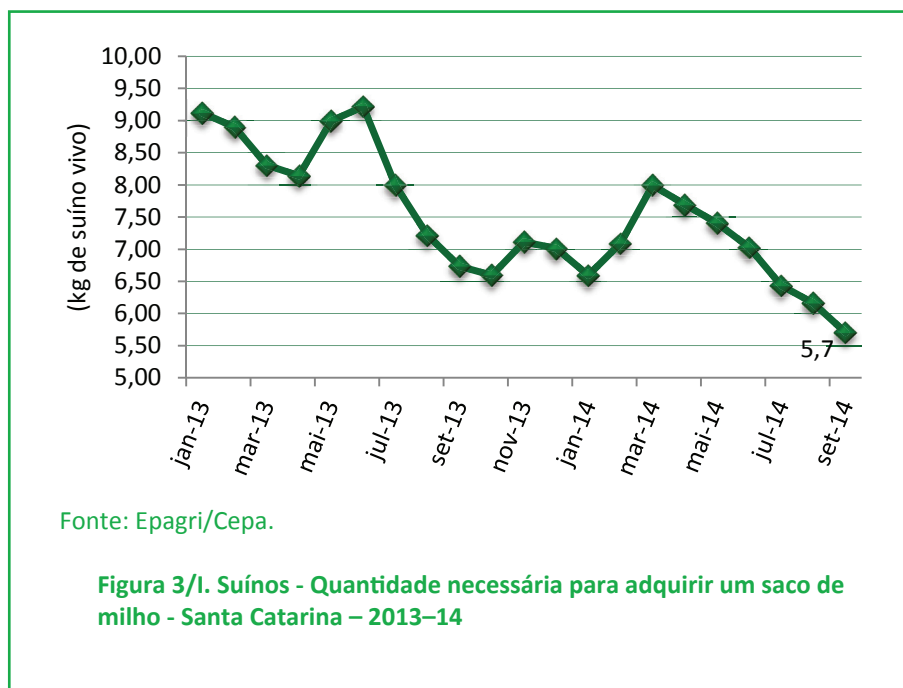
País	(mil t)					(milhões de US\$)				
	2009	2010	2011	2012	2013	2009	2010	2011	2012	2013
Rússia	19,0	22,3	37,8	53,2	47,3	36,5	57,1	117,3	148,2	144,0
Ucrânia	33,7	23,5	16,5	39,7	18,2	64,4	63,4	49,9	109,7	55,2
Hong Kong	27,7	19,7	28,6	21,5	19,2	53,4	41,0	77,6	54,6	45,6
Cingapura	16,7	13,9	12,9	12,1	10,3	39,6	37,4	39,2	34,9	28,7
Argentina	13,0	8,8	15,5	10,8	6,5	30,2	26,8	49,3	36,3	21,9
Angola	11,1	8,8	12,1	14,4	16,4	21,0	17,1	29,6	33,0	34,3
Uruguai	5,5	4,2	4,7	6,2	6,4	11,0	11,4	13,6	16,4	17,6
Emirados Árabes Unidos	3,9	3,4	3,4	3,8	4,3	7,8	7,9	9,2	10,8	11,4
Venezuela	0,9	0,5	6,9	3,2	0,7	3,0	2,1	28,1	10,8	2,3
Chile	0,1	2,3	3,2	2,8	4,1	0,1	6,5	9,3	8,1	12,0
Outros países	15,6	11,7	11,7	13,1	10,8	28,4	26,8	29,0	29,7	27,0
<b>Total</b>	<b>147,1</b>	<b>119,2</b>	<b>153,4</b>	<b>180,7</b>	<b>144,2</b>	<b>295,4</b>	<b>297,6</b>	<b>452,0</b>	<b>492,3</b>	<b>399,9</b>

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Os preços recebidos pelos suinocultores têm evoluído positivamente nos últimos anos, especialmente a partir da ampliação das aquisições efetuadas pela Rússia em 2014. O preço recebido por quilo de suíno vivo tem evoluído, chegando a R\$ 3,87/kg em setembro de 2014 (Figura 2).



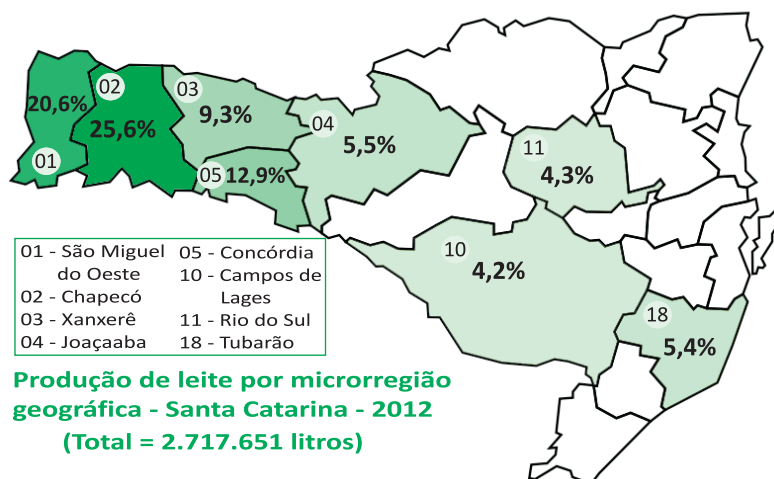
Essa trajetória de ascensão dos preços pagos ao suinocultor vem em virtude do aquecimento da demanda pelo mercado russo, associado a queda de preço do principal insumo na alimentação, o milho. Isso traz como consequência o menor valor estabelecido para equivalência insumo/produto no período recente, iniciando um queda em janeiro de 2013, quando estava em 9,12kg de suíno vivo por saco de milho com 60kg, chegando em setembro de 2014 a 5,71 kg/saco, uma redução de 37% no período (Figura 3).



A visão de futuro para produção de suínos em Santa Catarina se mostra estável, baseada especialmente na condição de status livre de aftosa, o que permitiu a entrada do Estado no maior mercado para carne suína do mundo, o Japão, mas haverá uma evolução mais lenta desse mercado do que esperado inicialmente.

# Leite

Francisco C. Heiden  
Téc. Agr. e Sociólogo - Epagri/Cepa  
heiden@epagri.sc.gov.br



## Produção e mercado mundiais

A produção mundial de leite em 2013, segundo dados da FAO publicados em maio de 2014, foi de 767,2 milhões de toneladas, 3,2% acima da produção média do triênio 2010/2012. A produção dos países em desenvolvimento, que cresceu 4,9%, foi a principal responsável por esse desempenho. Já nos países desenvolvidos o crescimento foi de apenas 1,4%. Para 2014, a instituição projeta um crescimento de 2,5% para os países em desenvolvimento e 1,6% para os países desenvolvidos (Tabela 1).

**Tabela 1/I. Leite - Produção mundial - 2010-14**

(mil t em equivalente leite)

Especificação	Produção			Variação (%)	
	2010-2012	2013	2014	(B/A)	(C/B)
	Média (A)	Estimativa (B)	Prognóstico (C)		
Total <sup>1</sup>	743.535	767.158	783.192	3,2	2,1
Países em desenvolvimento	372.149	390.563	400.483	4,9	2,5
Países desenvolvidos	371.386	376.596	382.709	1,4	1,6

<sup>(1)</sup> Leite de vaca, búfala, cabra, ovelha e camela.  
Fonte: FAO (maio/2014).

O comércio mundial de lácteos em 2013 equivale a 67,9 milhões de toneladas. Para 2014, a projeção da FAO de maio 2014 é de 1,8% sobre o volume comercializado no ano anterior.

De modo geral, o maior volume da produção de leite está nos países onde o consumo de lácteos é alto, com a venda do excedente. A exceção fica com a Nova Zelândia, que em 2013 exportou 92% do que produziu (Tabelas 2 e 3) e o Uruguai, que embora não tenha uma grande produção, também exporta mais do que consome e, em 2013, exportou 60% do volume produzido.

Os três maiores exportadores de lácteos, Nova Zelândia, União Europeia e Estados Unidos, segundo a FAO, deverão aumentar suas exportações em 2014, respectivamente, em 3,6%, 2,6% e 3,0%. A expectativa de crescimento das exportações está centrada no crescimento da demanda chinesa que continua aquecida, principalmente, por leite em pó e manteiga. A China deverá importar, em 2014, 13,3 milhões de toneladas em equivalente leite, 8% mais que o volume importado pelo país em 2013 (Tabela 4).



**Tabela 2/I. Leite - Produção mundial, segundo os principais blocos econômicos ou países produtores – 2010-14**

(mil t em equivalente leite)

Especificação	Produção			Variação (%)	
	2010-2012	2013	2014	(B/A)	(C/B)
	Média (A)	Estimativa (B)	Prognóstico (C)		
União Europeia	154.394	156.543	158.891	1,4	1,5
Índia	127.382	138.093	144.860	8,4	4,9
Estados Unidos	89.118	91.444	93.639	2,6	2,4
China	41.879	40.316	41.121	-3,7	2,0
Paquistão	36.669	38.560	38.750	5,2	0,5
<b>Brasil</b>	<b>31.855</b>	<b>33.362</b>	<b>34.397</b>	<b>4,7</b>	<b>3,1</b>
Federação Russa	31.769	30.661	30.220	-3,5	-1,4
Nova Zelândia	18.319	19.200	20.544	4,8	7,0
Turquia	15.335	17.430	17.500	13,7	0,4
Ucrânia	11.293	11.642	11.851	3,1	1,8
México	10.920	11.020	11.097	0,9	0,7
Argentina	11.174	11.038	10.817	-1,2	-2,0
Austrália	9.201	9.200	9.034	0,0	-1,8
Canadá	8.364	8.374	8.350	0,1	-0,3
Iran	7.287	7.500	7.700	2,9	2,7
Outros países	138.576	142.775	144.421	3,0	1,2

Fonte: FAO (maio/2014).

**Tabela 3/I. Lácteos - Exportação mundial, segundo os principais blocos econômicos ou países exportadores – 2013-14**

(mil t em equivalente leite)

Especificação	Exportação		Variação %
	2013	2014	2014-2013
	Estimativa	Prognóstico	
Nova Zelândia	17.734	18.375	3,6
União Europeia	15.822	16.235	2,6
Estados Unidos	10.412	10.727	3,0
Belarus	4.310	4.361	1,2
Austrália	3.282	3.277	-0,2
Argentina	2.546	2.529	-0,7
Uruguai	1.324	1.333	0,7
Índia	1.189	1.244	4,6
Arábia Saudita	1.153	1.157	0,3
Outros países	10.090	9.820	-2,7

Fonte: FAO (maio/2014).

**Tabela 4/I. Lacteos - Importação mundial, segundo os principais blocos economicos ou países importadores – 2013-14**

(mil t em equivalente leite)

Especificação	Importação		Variacão %
	2013	2014	2014-2013
	Estimativa	Prognostico	
China	12.337	13.320	8,0
Federação Russa	5.005	5.158	3,1
México	2.910	2.962	1,8
Indonésia	2.581	2.630	1,9
Argélia	2.231	2.480	11,2
Arábia Saudita	2.477	2.265	-8,6
Malásia	1.803	1.816	0,7
Filipinas	1.718	1.757	2,3
Japão	1.709	1.723	0,8
Singapura	1.702	1.639	-3,7
Outros países	29.849	29.763	-0,3

Fonte: FAO (maio/2014).

Em 2013, segundo relatorio do USDA, 13 países produziram 466,3 milhões de toneladas de leite de vaca, equivalente a aproximadamente 480,2 bilhões de litros. Nos últimos três anos a produção desse conjunto de países cresceu, em média, 2% ao ano. Nova Zelândia, China, ndia e Argentina tiveram crescimento médio acima de 4% ao ano, seguidos por Brasil, Estados Unidos da América e União Europeia com crescimento médio acima de 1% ao ano, os demais países tiveram leve crescimento. A Federação Russa e o Japão tiveram redução da produção. Para 2014, a expectativa é de aumento médio de 2,8% sobre a produção do ano anterior. Os maiores aumentos esperados são para Nova Zelândia, Austrália, China e ndia (Tabela 5).

**Tabela 5/I - Leite de vaca - Produção e consumo nos países selecionados – 2010-14**

(milhões de t)

País	2010	2011	2012	2013 <sup>1</sup>	2014 <sup>2</sup>
União Europeia	135,5	138,2	139,0	140,1	144,0
Estados Unidos	87,5	89,0	91,0	91,3	93,4
Índia	50,3	53,5	55,5	57,5	60,1
China	29,3	30,7	32,6	34,3	36,0
Brasil	29,9	30,7	31,5	32,4	33,4
Federação Russa	31,8	31,6	31,8	30,7	30,5
Nova Zelândia	17,2	19,0	20,6	20,2	21,5
Argentina	10,6	11,5	11,7	11,9	12,1
México	11,0	11,0	11,3	11,3	11,4
Ucrânia	11,0	10,8	11,1	11,2	11,2
Austrália	9,3	9,6	9,8	9,4	9,9
Canadá	8,4	8,4	8,6	8,5	8,5
Japão	7,7	7,5	7,6	7,6	7,6
<b>Total</b>	<b>439,5</b>	<b>451,5</b>	<b>462,0</b>	<b>466,3</b>	<b>479,5</b>

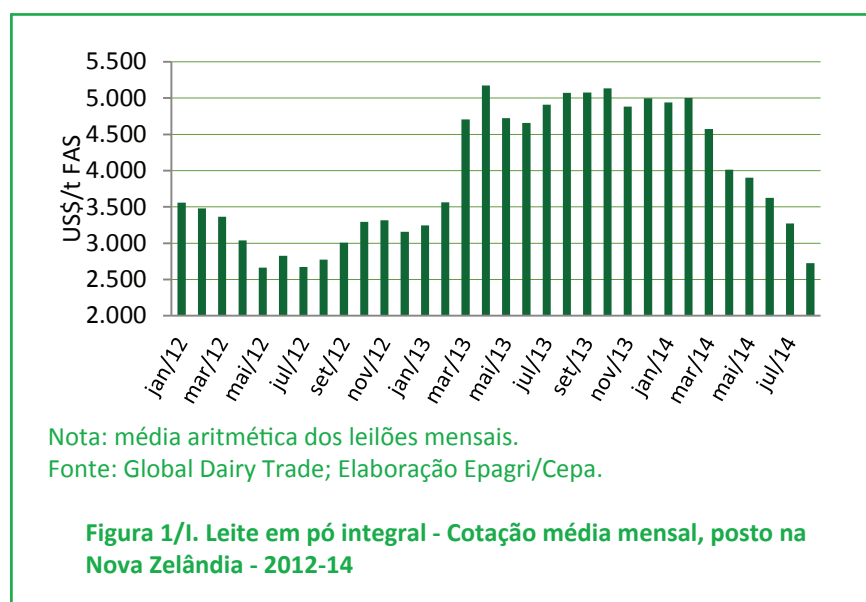
(<sup>1</sup>) Preliminar.

(<sup>2</sup>) Prognostico.

Fonte: Usda - Foreign Agricultural Service (17/07/2014).

O mercado internacional de lácteos teve procura elevada e baixos estoques em 2013. A produção dos principais exportadores não reagiu à forte demanda, principalmente, devido à seca na Nova Zelândia e nos EUA nos anos de 2012 e 2013. Conseqüentemente, os estoques reduzidos e a forte demanda, especialmente da China, elevaram os preços dos lácteos no mercado internacional. Em 2013, a cotação do leite em pó integral na plataforma de vendas da Global Dairy Trade (GDT), por diversas vezes, ultrapassou a marca dos US\$5.000,00 por tonelada (Figura 1).

Em 2014 o mercado internacional esfriou. Depois do leilão de 15 de fevereiro as cotações do leite em pó integral tiveram sucessivas quedas, fechando em US\$3.088,00 por tonelada no dia 15 de julho (Figura 1).



## Produção e mercado nacionais

A produção brasileira de leite está concentrada em sete estados brasileiros, que produzem o equivalente a 80,4% do total. Dos 32,3 bilhões de litros de leite, 27,6% é produzido em Minas Gerais, 12,5% no Rio Grande do Sul, 12,3% no Paraná, 11% em Goiás, 8,4% em Santa Catarina, 5,2% em São Paulo e 3,3% na Bahia.

Nos últimos dez anos a produção brasileira cresceu em média 4,1% ao ano. No mesmo período observou-se um crescimento mais acentuado nos estados do sul do País. Nos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul a produção cresceu acima da média nacional, respectivamente 8,6%, 7,2% e 5,7% ao ano. Nos estados de Minas Gerais, Bahia e Goiás a produção cresceu abaixo da média, respectivamente 3,7%, 3,7% e 3,6% ao ano. Os dados são do IBGE – Produção Pecuária Municipal.

Em 2012, o Brasil apresentou uma acentuada redução na produção de leite devido à severa estiagem que atingiu a maior parte de seu território, especialmente na Região Nordeste. Segundo o IBGE, o número de vacas ordenhadas no Brasil decresceu 1,83%, em relação ao ano anterior. Da mesma forma, a produção de leite teve queda significativa nos estados nordestinos e cresceu moderadamente nas outras regiões. A produção brasileira de 2012 foi de 32,3 bilhões de litros, um crescimento de 0,65% sobre a produção obtida em 2011. (Tabela 6).

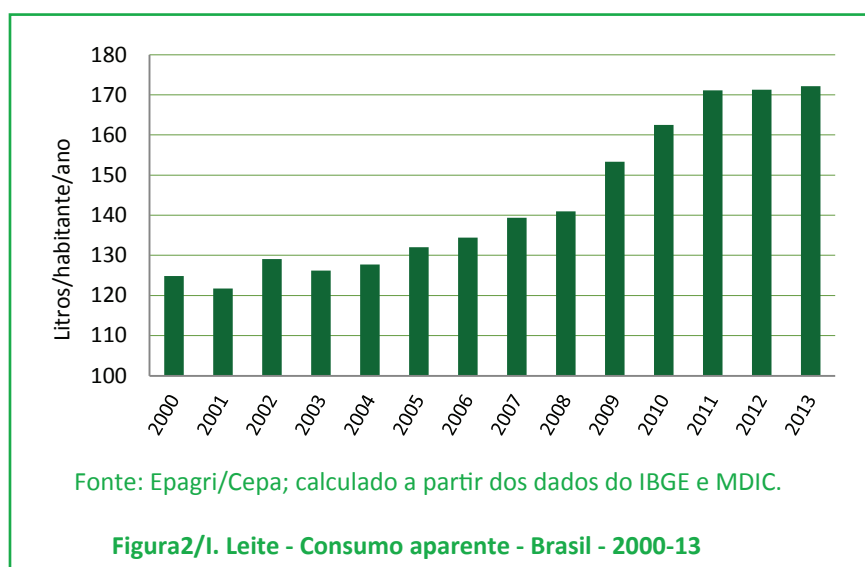
Para 2013, a produção brasileira deverá situar-se ao redor de 33,9 bilhões de litros, aproximadamente 5% acima da frustrada produção de 2012.

**Tabela 6/I. Número de vacas ordenhadas e produção de leite no Brasil e nos estados – 2011-12**

Abrangência geográfica	Vacas ordenhadas (cab.)			Produção de leite (mil litros)		
	2011	2012	Var. %	2011	2012	Var. %
Brasil	23.229.193	22.803.519	-1,83	32.096.214	32.304.421	0,65
Minas Gerais	5.631.067	5.674.293	0,77	8.756.114	8.905.984	1,71
Rio Grande do Sul	1.530.014	1.516.689	-0,87	3.879.455	4.049.487	4,38
Paraná	1.588.638	1.615.916	1,72	3.815.582	3.968.506	4,01
Goiás	2.615.611	2.692.841	2,95	3.482.041	3.546.329	1,85
Santa Catarina	1.021.605	1.078.118	5,53	2.531.159	2.717.651	7,37
São Paulo	1.452.770	1.469.829	1,17	1.601.220	1.689.715	5,53
Bahia	2.104.008	1.943.015	-7,65	1.181.339	1.079.097	-8,65
Mato Grosso	633.782	589.971	-6,91	743.191	722.348	-2,80
Rondônia	989.643	857.660	-13,34	706.647	716.829	1,44
Pernambuco	619.919	431.429	-30,41	953.230	609.056	-36,11
Pará	795.268	766.593	-3,61	590.551	560.916	-5,02
Rio de Janeiro	427.418	429.473	0,48	499.515	538.890	7,88
Mato Grosso do Sul	530.463	532.061	0,30	521.832	524.719	0,55
Ceará	551.729	576.030	4,40	464.596	461.662	-0,63
Espírito Santo	408.545	410.760	0,54	451.294	456.551	1,16
Maranhão	591.945	611.991	3,39	386.673	381.637	-1,30
Sergipe	226.927	226.118	-0,36	315.968	298.516	-5,52
Tocantins	425.443	437.535	2,84	267.305	269.883	0,96
Alagoas	154.893	152.273	-1,69	238.249	245.647	3,11
Rio Grande do Norte	262.489	217.426	-17,17	243.249	198.052	-18,58
Paraíba	259.283	186.540	-28,06	237.102	142.546	-39,88
Piauí	156.232	148.682	-4,83	89.119	85.103	-4,51
Amazonas	126.623	113.342	-10,49	52.033	48.165	-7,43
Acre	71.376	72.069	0,97	42.254	42.732	1,13
Distrito Federal	19.500	11.624	-40,39	30.000	24.610	-17,97
Amapá	11.295	12.708	12,51	9.481	10.996	15,98
Roraima	22.707	28.533	25,66	7.012	8.794	25,41

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal.

O consumo per capita aparente de leite apresentou um crescimento significativo nos últimos dez anos. O consumo médio dos brasileiros, em equivalente leite fluido, cresceu cerca de 33% nesse período, passando de 129 litros em 2002 para 171 litros em 2012. Contudo, em 2012 o consumo médio ficou estabilizado no mesmo patamar de 2011 e a expectativa para 2013 é de pequeno aumento. Caso não ocorram grandes mudanças no ritmo de produção, importação e exportação de lácteos, a previsão do consumo médio per capita de leite deverá situar-se ao redor de 172 litros. A estimativa foi efetuada com base nos dados de produção total de leite da PPM (IBGE), nos dados de importação e exportação do MDIC e na Projeção Populacional para o Brasil do IBGE (Figura 2).



A estiagem no sul do Brasil, conjugada com o intenso frio no inverno e o forte calor no verão, teve influência negativa na produção leiteira da região. Segundo a Pesquisa Trimestral do Leite realizada pelo IBGE, o volume de leite captado pela indústria no Rio Grande do Sul reduziu 2,6% e Santa Catarina teve apenas leve aumento (0,7%), em relação ao ano anterior. A captação brasileira de leite, no entanto, teve crescimento de 5,4%, aumento superior aos dois anos anteriores (Tabela 7).

**Tabela 7/I. Leite – Quantidade adquirida pelas indústrias no Brasil e principais estados produtores – 2009-13**

(mil litros)

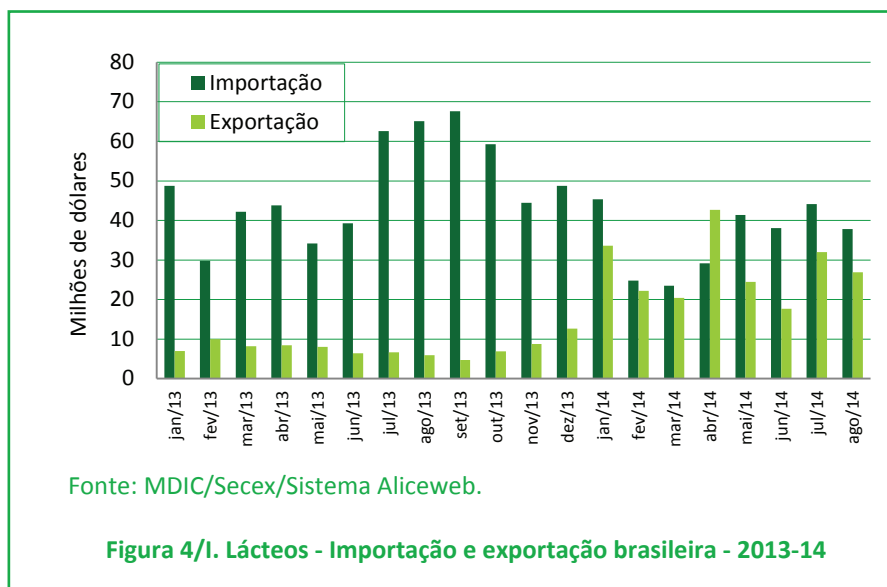
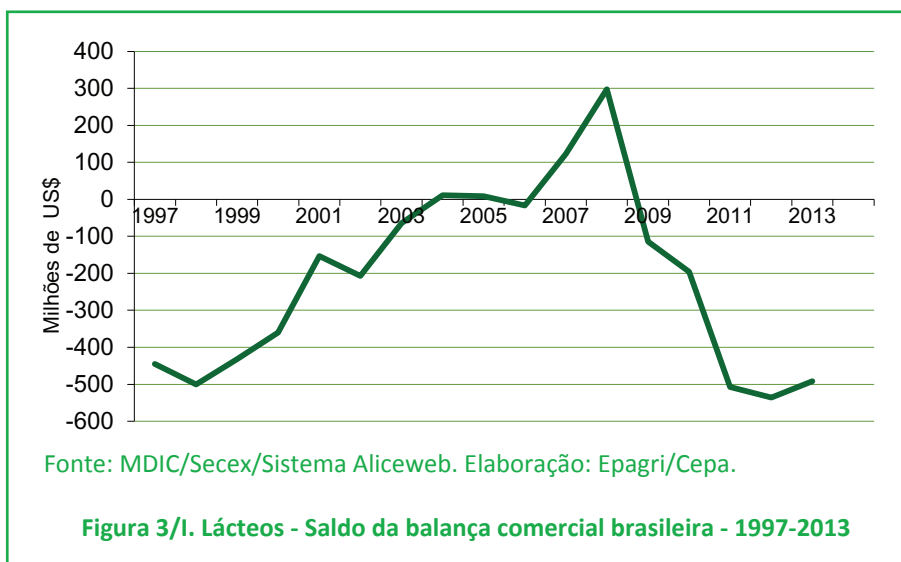
Abrangência Geográfica	2009	2010	2011	2012	2013
Brasil	19.601.655	20.975.503	21.795.000	22.338.333	23.545.177
Minas Gerais	5.242.961	5.605.830	5.648.763	5.546.817	6.164.591
Rio Grande do Sul	2.762.434	2.977.976	3.196.155	3.551.609	3.459.966
São Paulo	2.113.818	2.316.078	2.515.106	2.332.034	2.531.030
Paraná	1.966.262	2.350.265	2.429.652	2.589.353	2.818.337
Goiás	2.415.026	2.303.954	2.237.105	2.290.603	2.445.863
Santa Catarina	1.389.848	1.580.265	1.795.887	2.103.820	2.117.665

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

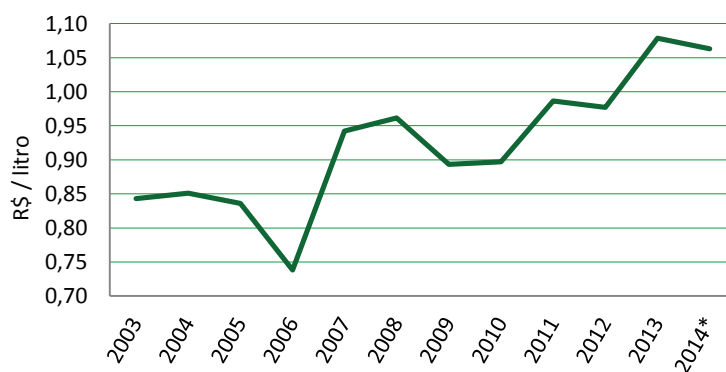
As exportações brasileiras, em 2013, somaram 93,8 milhões de dólares. Os principais produtos exportados pelo Brasil, segundo o valor, foram leite e nata concentrados (62,1%), leite e nata não concentrados (17,4%) e queijos e requeijão (14%). O Brasil exportou lácteos para 76 países. Os principais compradores, em valor das vendas, foram EUA 19,1%, Venezuela (16,6%), Emirados Árabes Unidos (9,1%), Angola (8,2%), Arábia Saudita (5,4%) e Paraguai (4,7%).

O valor das importações brasileiras de lácteos em 2013 foi de 585,7 milhões de dólares, 46% deste valor se refere à importação de origem argentina e 35,5% de origem uruguaia. Os produtos que o Brasil mais importou foram leite e nata concentrados, queijos e requeijões e soro de leite. Os valores das importações destes produtos equivalem, respectivamente, a 56%, 28,4% e 9,1% do valor total das importações.

A balança comercial brasileira de lácteos permanece no mesmo patamar em que esteve no final dos anos 1990. Em 2013, o saldo da balança comercial foi negativo em 491,9 milhões de dólares (Figura 3). Com a desvalorização do real a partir do final de 2013 e início de 2014 e os elevados preços no mercado internacional nesse período, a balança comercial de lácteos ensaiou um equilíbrio quando, concomitantemente, houve aumento das exportações e redução das importações. Porém, nos meses de março e abril de 2014 o País já importou mais e exportou menos (Figura 4). Para o segundo semestre de 2014, a pequena valorização do real e, principalmente, a queda dos preços dos lácteos no mercado internacional deverão inibir as exportações e tornar vantajosas as importações.



No mercado interno, o preço médio do leite resfriado pago ao produtor brasileiro, segundo o Cepea, teve aumento real (descontada a inflação do período) de 27,9% nos últimos dez anos. Em 2013, o preço médio do litro de leite foi R\$ 1,08, dez centavos acima do preço médio de 2012 (Figura 5). No primeiro semestre de 2014 o preço médio teve queda de um centavo em relação ao primeiro semestre de 2013.



(\*) Refere-se ao 1º semestre.

Média aritmética dos valores mensais corrigidos pelo IPCA - Junho/14.

Fonte: Cepea.

**Figura 5/I. Leite resfriado - Preço médio anual pago ao produtor brasileiro (preço bruto com frete e INSS incluso) - 2003-14**

## Produção e mercado estaduais

Segundo o IBGE – Produção Pecuária Municipal, a produção catarinense de leite de vaca, em 2012, foi de 2,7 bilhões de litros, apresentando um crescimento de 7,4% sobre a produção alcançada no ano anterior. Para 2013, os dados preliminares do LSPA/GCEA indicam um crescimento da produção da ordem de 5,8% em relação da 2012. Nesse ritmo é muito provável que em 2014 a produção total ultrapasse a marca dos 3,0 bilhões de litros (Tabela 8).

Um trabalho de revisão dos dados estatísticos vem sendo realizado pelo IBGE. Após a análise dos dados sobre o rebanho bovino, a partir da base de dados do controle sanitário do rebanho, sob a responsabilidade da Cidasc, é possível identificar melhor a origem do leite produzido. Dessa forma, em 2012 e 2013 a distribuição da produção de leite teve ajustes regionais, com aumento da produção nas microrregiões de Criciúma, Araranguá, Canoinhas e Florianópolis. Nas microrregiões de Campos de Lages e Tijucas houve redução da produção (Tabela 8).

Depois da estiagem que assolou Santa Catarina em 2012, derrubando a produção de leite no segundo semestre, a produção leiteira em 2013 demorou a se recompor. Em 2013, também foi um ano em que o clima prejudicou o desenvolvimento das pastagens. Dependendo da época e da região ocorreram estiagem, excesso de chuva e temperaturas muito baixas no inverno e muito altas no verão (ver página 174). Nos meses de março a agosto de 2013, a captação de leite ficou abaixo do volume captado no ano anterior. Além disso, nos meses de outubro, novembro e dezembro, o índice de captação declinou, quando o normal seria manter o volume de leite captado acima de 6.500 litros/dia pelo menos até dezembro (Figura 6).



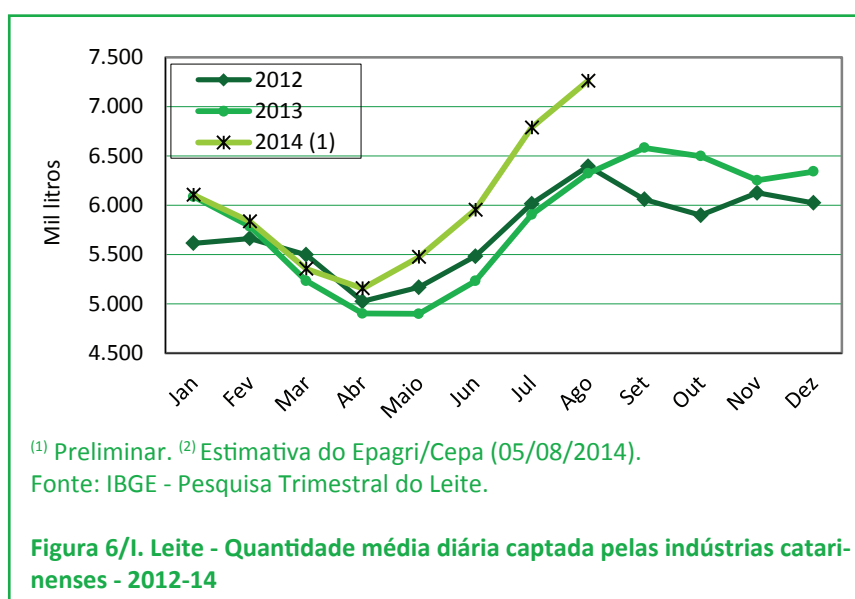
**Tabela 8/I. Leite - Produção nas microrregiões geográficas - Santa Catarina – 2010-13**

(mil litros)

Abrangência Geográfica	2010	2011	2012	2013
Santa Catarina	2.381.130	2.531.159	2.717.651	2.874.177
São Miguel do Oeste	447.636	503.646	558.943	606.678
Chapecó	638.029	656.374	695.382	733.332
Xanxerê	236.521	237.474	254.047	271.093
Joaçaba	149.367	157.747	149.854	143.762
Concórdia	270.701	291.476	349.459	356.849
Canoinhas	48.628	50.415	54.471	74.498
São Bento do Sul	5.361	5.377	5.956	5.756
Joinville	27.637	26.524	23.433	31.357
Curitibanos	34.664	37.538	36.691	34.499
Campos de Lages	90.155	113.395	113.769	47.004
Rio do Sul	108.135	112.306	116.081	127.290
Blumenau	37.052	30.897	29.388	28.920
Itajaí	31.160	33.502	37.958	41.209
Ituporanga	40.911	46.170	53.023	55.944
Tijucas	14.820	15.755	16.534	13.695
Florianópolis	20.029	21.018	22.892	30.541
Tabuleiro	16.787	17.875	19.130	20.185
Tubarão	131.507	140.950	145.492	158.779
Criciúma	27.425	28.056	28.113	79.042
Araranguá	4.605	4.665	7.035	13.746

Fonte: IBGE - Produção Pecuária Municipal e LSPA/GCEA (2013).

Da mesma forma, o que aconteceu em 2013 se repetiu no primeiro trimestre de 2014. O calor intenso e as chuvas mal distribuídas no início do ano apressou o fechamento do ciclo das pastagens de verão, alongando o período de vazio forrageiro, com reflexo direto na captação de leite (ver página 174). Pode-se dizer que a captação de leite pelas indústrias catarinenses voltou ao normal somente a partir do segundo trimestre (Figura 6).



Os custos de produção do Conleite/SC, atualizados com os preços levantados pelo Epagri/Cepa em fevereiro/2014, contabilizaram um custo médio de R\$ 0,79/litro de leite posto na indústria, aumento médio de 4,2% em relação ao custo de fevereiro/2013. Em contrapartida, no mesmo período, o preço do leite resfriado, recebido pelo produtor, teve aumento médio de 11,1%, implicando um aumento da margem bruta do produtor de cinco centavos por litro, mais que a margem bruta que o produtor teve em fevereiro de 2013.

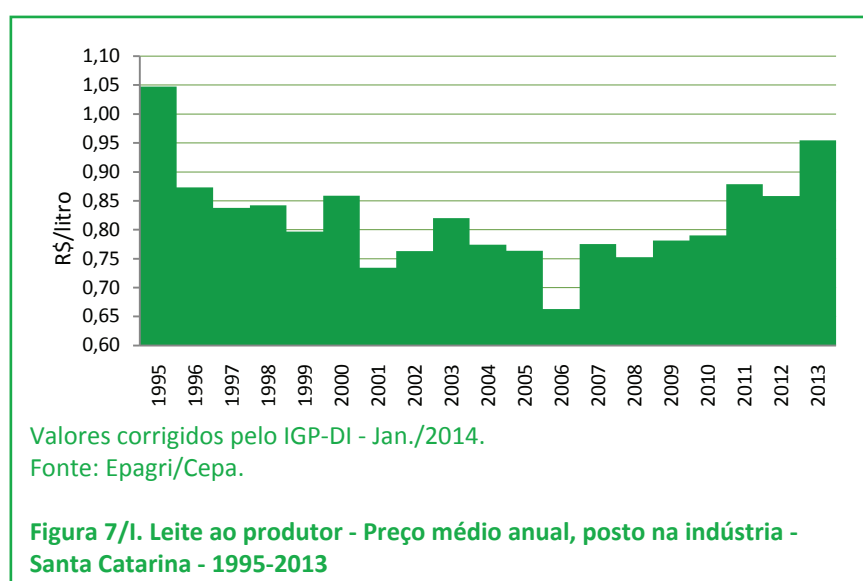
O produtor familiar de leite foi amplamente beneficiado em 2013 pela relação do preço do leite e do custo de produção, porque além do preço do leite ser maior que o custo, o maior crescimento do custo ocorreu na mão de obra, que é um custo que o produtor familiar não paga. A média ponderada de custos de produção, segundo a participação de cada sistema conforme o volume de leite produzido, envolve itens como de custos relacionados à alimentação do rebanho, manutenção e depreciação da infraestrutura, mão de obra, medicamentos e assistência técnica e outros custos operacionais, que tiveram variações de 1,8%, 7,4%, 6,8%, -3,0% e 1,05%, respectivamente (Tabela 9).

**Tabela 9/I. Resumo dos resultados operacionais dos custos de produção do Conleite/SC – 2013-14**

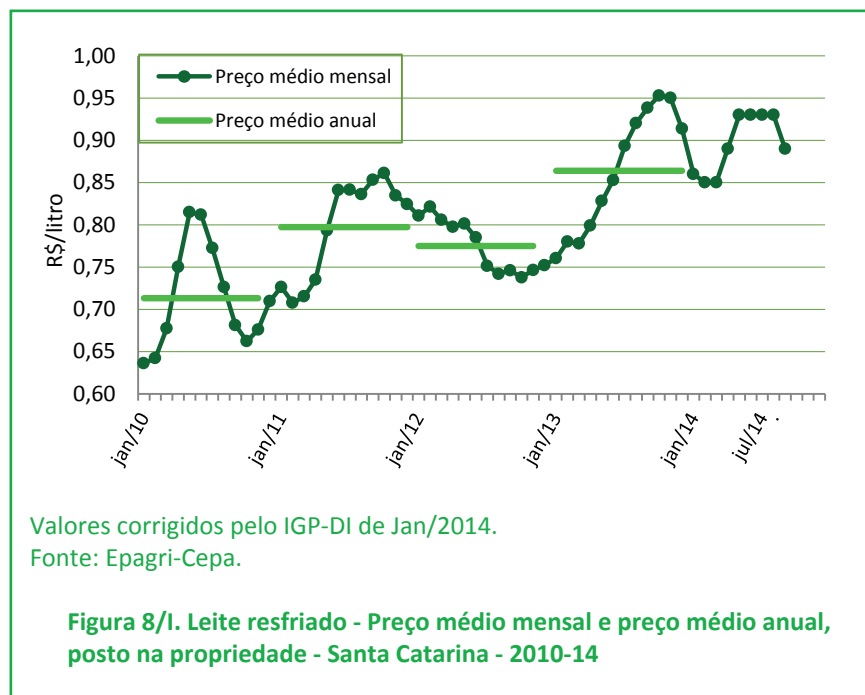
Itens de Custo	Fevereiro de 2013				Fevereiro de 2014			
	Sistema 1	Sistema 2	Sistema 3	Sistema 4	Sistema 1	Sistema 2	Sistema 3	Sistema 4
Participação dos sistemas na produção (%)	0,1091	0,4514	0,2701	0,1694	0,1091	0,4514	0,2701	0,1694
Alimentação do rebanho	0,1169	0,1884	0,3036	0,3630	0,1280	0,1976	0,3023	0,3594
Manutenção e depreciação da infraestrutura	0,3309	0,2228	0,1719	0,1358	0,3523	0,2406	0,1837	0,1459
Mão de obra	0,1932	0,1932	0,1545	0,1739	0,2063	0,2063	0,1650	0,1857
Vacinas, medicamentos e assistência técnica	0,0394	0,0353	0,0288	0,0282	0,0376	0,0340	0,0282	0,0279
Outros custos	0,1305	0,1182	0,0775	0,0325	0,1298	0,1195	0,0788	0,0333
<b>Custo operacional total</b>	<b>0,8109</b>	<b>0,7578</b>	<b>0,7363</b>	<b>0,7333</b>	<b>0,8540</b>	<b>0,7979</b>	<b>0,7581</b>	<b>0,7522</b>

Fonte: Conleite/SC e Epagri/Cepa.

O preço médio anual do leite resfriado recebido pelos produtores de Santa Catarina, em 2013, foi o segundo melhor preço médio no período após o Plano Real. O preço real (corrigido pelo IGP-DI) foi inferior somente ao registrado no ano de 1995, quando os preços ainda estavam se acomodando ao novo plano econômico (Figura 7).



Os preços médios, em nível de produtor, para o produto posto na propriedade rural, tiveram aumento real de 21% em três anos. Em 2013, o preço médio foi de R\$0,96/litro, cerca de 11% acima do preço médio registrado no ano anterior. Em 2014, a expectativa é de que o comportamento dos preços médios mensais deverá dar continuidade ao movimento de alta do preço médio anual (Figura 8).



Entre as principais regiões produtoras do Estado, na de Chapecó e na do Sul Catarinense foram registrados os melhores preços pagos pela matéria prima. Em 2013, o preço médio foi de R\$0,88/litro nas duas regiões, oito centavos acima do pior preço pago ocorrido na região de Rio do Sul. No primeiro semestre de 2014 o preço médio do litro de leite ficou estável no Sul Catarinense e teve aumento de quatro a sete centavos nas demais regiões (Tabela 10). As diferenças de preço se devem, principalmente, à maior concorrência entre as indústrias para a aquisição da matéria-prima, além disso, a concentração das indústrias na zona de produção permite que as mesmas paguem um preço mais alto, por conta da redução o custo do frete. O outro fator que interfere no preço pago pelo leite é a qualidade, principalmente, no que se refere à quantidade de sólidos.

**Tabela 10/I. Leite resfriado - Preço médio nominal ao produtor, nas principais regiões produtoras - Santa Catarina – 2013-14**

Mês	(R\$/litro)				
	São Miguel do Oeste	Chapecó	Joaçaba	Rio do Sul	Sul catarinense
2013	0,83	0,88	0,85	0,80	0,88
2014 <sup>1</sup>	0,87	0,95	0,89	0,84	0,88

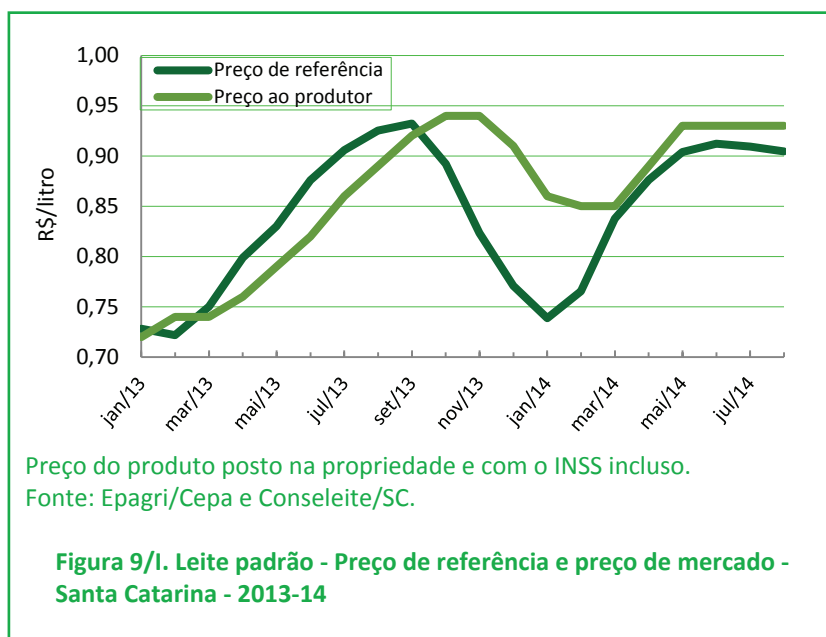
<sup>(1)</sup> Primeiro semestre.

Nota: Leite posto na propriedade rural.

Fonte: Epagri/Cepa.

O preço do leite resfriado ao produtor, segundo o levantamento do preços do Epagri/Cepa, ficou abaixo da capacidade média de pagamento da indústria nos meses de março a setembro de 2013. Em contapartida, o preço médio ao produtor ficou bem acima dos preços de referência a partir de outubro de 2013 (Figura 9).

O Conseleite/SC aprovou a revisão dos custos de produção de leite e produtos lácteos, elaborada pela câmara técnica em maio de 2014. O uso dos novos parâmetros de custos implica em ajustes nos cálculos dos preços de referência do leite. A partir de maio 2014, portanto, não há comparabilidade com os preços de referência dos meses anteriores. Também foram alterados os parâmetros de qualidade do leite padrão, de acordo com a legislação (IN 62) e as estatísticas do leite recebido pelas indústrias participantes do conselho (Figura 9).



A expectativa de mercado para o curto prazo é de aumento expressivo da produção nos principais países exportadores como Nova Zelândia, União Europeia e Estados Unidos. Os países importadores, por sua vez, estão buscando diminuir cada vez mais as compras. A conjunção das duas tendências deverá manter os preços internacionais bem abaixo das cotações da plataforma de vendas Global Dairy Trade, alcançadas em 2013. De modo geral, as expectativas convergem para a hipótese de que os preços do leite em pó integral devam situar-se acima de US\$3.000,00 dólares a tonelada, somente em meados de 2015.

No mercado interno, a produção destinada à indústria voltou a crescer em ritmo mais forte, aumentando a oferta de leite e, além disso, os baixos preços internacionais deverão incentivar a importação brasileira de lácteos. Apesar de não ser esperada queda no consumo brasileiro de lácteos, a maior oferta de produtos deverá pressionar os preços ofertados aos produtores pela matéria prima, até o início do próximo ano.

# Desempenho da aquicultura catarinense

## Piscicultura de água-doce

Fernando Soares Silveira  
Oceanógrafo - Epagri/Cedap  
fernando@epagri.sc.gov.br

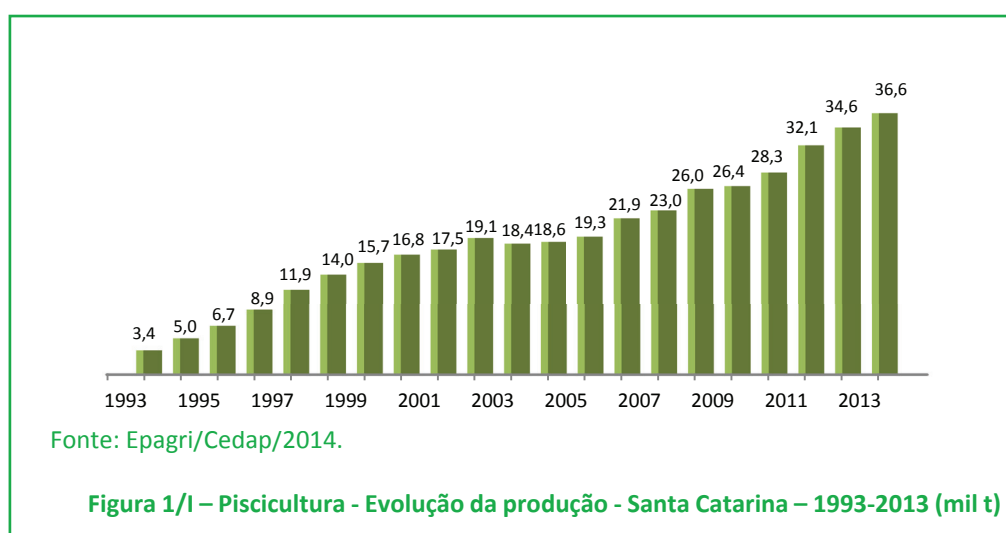
Fabiano Müller Silva  
Eng. Agr. Epagri/Cedap  
fabiano@epagri.sc.gov.br

Jorge de Matos Casaca  
Médico-veterinário  
jmcasaca@epagri.sc.gov.br

## Produção e mercado estaduais

Santa Catarina foi classificada como um dos principais produtores de peixes de água-doce do Brasil (Ministério da Pesca e Aquicultura 2014), mesmo com apenas 1,13% da área do território brasileiro e tendo obstáculos naturais (terrenos declivosos, altas montanhas e invernos rigorosos) que impedem um maior desenvolvimento da atividade.

Em 2013, a produção catarinense de peixes alcançou 36.565 toneladas, resultado do trabalho de seus 28.991 piscicultores. São 26.153 produtores amadores, que produziram 14.377 toneladas (produção para lazer e ganho eventual), e 2.838 profissionais, que produziram 21.947 toneladas para vendas sistemáticas e regulares. A diferença superior de produção pelos profissionais, mesmo estando em menor número, se deve ao uso de tecnologias de ponta. Grande parte dos produtores comerciais catarinenses participa de cursos profissionalizantes para aprender as tecnologias e contam, ainda, com assistência técnica. Essa produção de 2013 é um novo recorde estadual e repete a trajetória de crescimento sistemático da produção da piscicultura catarinense<sup>1</sup> (Figura 1).



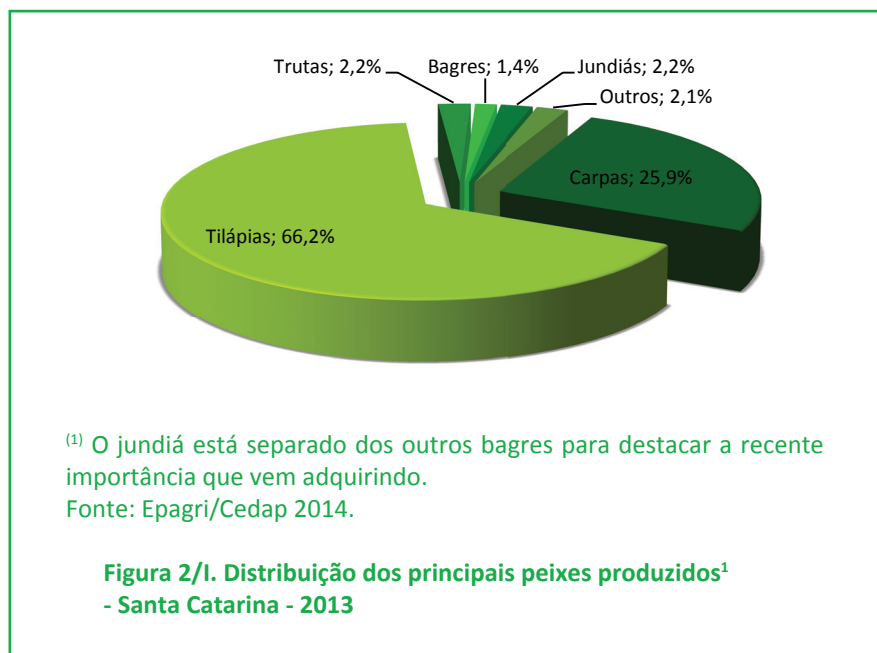
<sup>(1)</sup> Para obter os dados completos acesse [www.epagri.sc.gov.br/informações técnicas/aquicultura e pesca/estatísticas da aquicultura/planilhas com dados das espécies](http://www.epagri.sc.gov.br/informações_técnicas/aquicultura_e_pesca/estatísticas_da_aquicultura/planilhas_com_dados_das_espécies).

O destino da produção da piscicultura de água-doce do Estado é o seguinte: 30% para as indústrias, 50% para pesque-pagues e os 20% restantes são destinados ao chamado mercado local (feiras, restaurantes, peixarias, propriedades etc.). Tais percentuais são uma média estadual porque, dependendo da região, os valores se alteram bastante. Existem regiões que dão preferência às indústrias, outras ao mercado local, mas na média os pesque-pagues são o destino preferido.

No entanto, existe a tendência de aumentar as entregas para as indústrias em detrimento dos pesque-pagues, dado que muitos produtores preferem ganhar menos e entregar a produção toda de uma só vez. Embora os pesque-pagues paguem mais pelo quilograma, como fazem encomendas parceladas, ocorrem problemas como a mortalidade dos peixes a cada despesca e o aumento dos custos pela maior quantidade de manejos. Outro motivo para entregar para as indústrias é o fato de, normalmente, os pesque-pagues já terem seus fornecedores tradicionais, dificultando a entrada de novos fornecedores. Além do mais, os 115 pesque-pagues existentes em Santa Catarina são insuficientes para absorver a crescente produção estadual, obrigando os produtores a buscar mercados nos estados vizinhos (Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo), com todos os problemas de logística envolvidos.

### Sistemas de cultivos utilizados e custos de produção

Em Santa Catarina, são aproximadamente 20 as espécies trabalhadas, entre as quais se destacam as tilápias, com 66,2% da produção, e as carpas, com 25,9% (Figura 2).

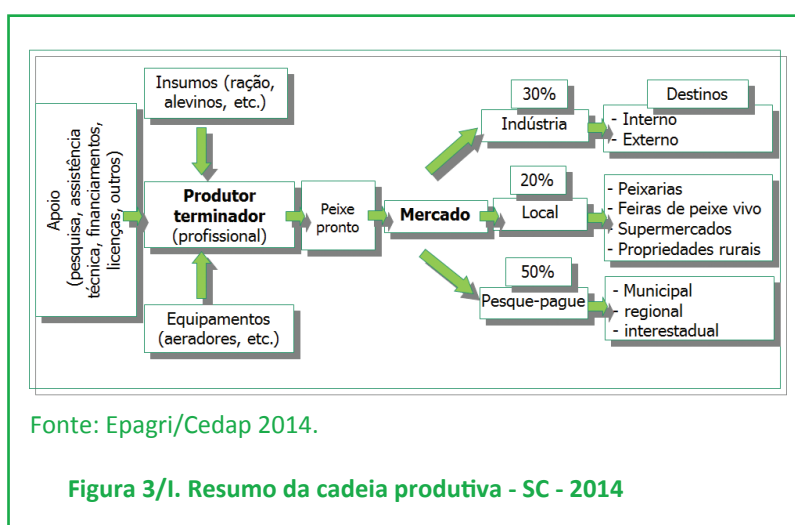


Grande parte das tilápias é produzida em monocultivo arraçoado (só ração), enquanto as carpas são mais trabalhadas em policultivo (várias espécies juntas), integradas com outros animais, como as aves ou os suínos. Atualmente, a tilápia tem participado do policultivo integrado, mesmo em regiões onde as carpas são predominantes.

Nessa integração, o esterco dos animais serve como fertilizante da água para gerar o plâncton, alimento natural dos peixes que é o único alimento de que dispõem até o final. Se por um lado o cultivo apenas com ração tem um custo de produção de cerca de R\$ 3,25/kg, o policultivo integrado o custo baixa para R\$ 1,49/kg. A diferença aparece nos volumes de produção obtidos e no tempo de cultivo: o monocultivo arraçoado pode produzir em torno de 15 a 25 toneladas de tilápias por hectare entre seis e oito meses; já o policultivo integrado leva mais de um ano para produzir entre quatro e seis toneladas por hectare. Trata-se de sistema que aparentemente não vale a pena. Contudo, dependendo do valor pago pelo mercado, o lucro pode ser bem superior aos demais sistemas. Conforme o tamanho da área explorada, o ganho financeiro pode ser excelente, dado o baixo custo de produção. Além disso, é uma boa opção para produtores menos capitalizados, facilitando a inclusão social.

Uma das formas de cultivo que vêm se firmando em todo o Estado é a mistura das duas técnicas. Usa-se o plâncton e a ração juntas como forma de alimentar os peixes. A criação inicia-se apenas com a integração animal (para produzir o plâncton) e a ração é usada somente no final do cultivo (últimos dois a três meses). Essa combinação reduz drasticamente os custos de produção (de 30 a 35%), quando comparada ao uso exclusivo de ração, além de reduzir o tempo de cultivo para 10-11 meses, comparada ao uso exclusivo de plâncton. A produtividade do sistema, por sua vez, fica entre 9 e 17 toneladas/ha/ano, com custo de produção de R\$ 2,25/kg, na média. Nessa forma de criar peixes, a tilápia é o peixe principal (maior quantidade) e as carpas as secundárias. Geralmente as tilápias vão para as indústrias e as carpas para os pesque-pagues. O sucesso do modelo se mostrou tão eficaz que se espalhou por diversas regiões, com tendências de crescer.

A cadeia produtiva que envolve os produtores da piscicultura de água-doce é caracterizada por uma série de interações entre as necessidades do piscicultor para produzir, os principais mercados existentes em Santa Catarina e o destino da produção (Figura 3).





# Maricultura

Alex Alves dos Santos  
Eng.-agr. Epagri/Cedap  
alex@epagri.sc.gov.br

## Produção e mercado estaduais

Em 2013, a produção total de moluscos (mexilhões, ostras e vieiras) comercializados por Santa Catarina atingiu 19.082 toneladas, representando uma redução de 19% em relação a 2012. A comercialização de mexilhões (*Perna perna*) diminuiu 23%, a de ostras (*Crassostrea gigas*) aumentou 19% e a de vieiras (*Nodipecten nodosus*) aumentou 413% (Tabela 1). No caso dos mexilhões a produção experimentou uma queda causada pela baixa captação de sementes verificada em 2012 e 2013.

**Tabela 1/I. Molusco – Evolução da produção - Santa Catarina – 2008-13**

Molusco	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Mexilhões	10.891	10.663	13.722	15.965	21.027	16.147
Ostras	2.213	1.792	1.908	2.285	2.468	2.932
Vieiras	3,1	5,4	5,2	3,8	5,6	28,7
<b>Total</b>	<b>13.107</b>	<b>12.462</b>	<b>15.635</b>	<b>18.253</b>	<b>23.495</b>	<b>19.082</b>

Fonte: Epagri/Cedap.

Apesar da queda na produção, em 2013 a comercialização de moluscos na concha pelos produtores catarinenses (Tabela 2) foi maior que os R\$ 45 milhões alcançados em 2012. Isso foi determinado pelo maior preço de comercialização em virtude da falta do produto e da crescente demanda por moluscos, já que o brasileiro está adquirindo o hábito de consumir frutos do mar com maior frequência.

**Tabela 2/I. Maricultura - Estimativa de valor da produção - Santa Catarina - 2013**

Safra 2013	Produção	Unidade	R\$/unidade	Valor total (R\$)
Mexilhões	16.147.000	kg	2,27	36.653.690,00
Ostras	2.932.000	dz	6,08	17.826.560,00
Vieiras	28.700	dz	33,5	961.450,00
<b>Total</b>	<b>23.500.800</b>			<b>55.441.700,00</b>

Fonte: Epagri/Cedap.

Em 2013, atuaram na produção 589 maricultores, 10,35% a menos do que os 657 de 2012. Apesar da redução do número de produtores nos últimos 10 anos, a produtividade das fazendas marinhas tem crescido anualmente, mostrando o resultado dos trabalhos de pesquisa e de extensão no desenvolvimento da atividade.

Os maricultores catarinenses estão organizados em 20 associações municipais, uma associação estadual, uma cooperativa e duas federações, distribuídos em 12 municípios do litoral situados entre Palhoça e São Francisco do Sul. Em termos municipais, o maior produtor de ostra é Florianópolis; o maior produtor de mexilhão é Palhoça e o maior produtor de vieira é Penha.

# Desempenho do Setor Florestal

Luiz Toresan  
Eng. Agr. - Epagri/Cepa  
toresan@epagri.sc.gov.br

## Produção e mercado mundiais

### O comércio mundial de produtos florestais segue crescendo mais que a produção

A indústria mundial de base florestal gera um valor adicionado de mais de US\$ 600 bilhões e gera 13,2 milhões de empregos formais diretos. Considerando aspectos como geração de valor adicionado, participação no PIB e a geração de emprego, a importância da indústria de base florestal é maior na China, EUA, Japão, Índia, Suécia, Indonésia, Canadá, Brasil e Itália (Tabela 1).

Tabela 1/I. Indústria florestal - Importância no mundo e principais países – 2011

País	Valor Adicionado Bruto (milhões de US\$)	% do Produto Interno Bruto	Nº de empregos formais diretos (milhares)	% da força de trabalho total
China	126.519	1,6	3.841	0,5
EUA	95.664	0,6	827	0,5
Japão	39.999	0,7	375	0,6
Índia	30.958	1,7	707	0,1
Alemanha	26.135	0,8	317	0,7
<b>Brasil</b>	<b>22.513</b>	<b>1,1</b>	<b>772</b>	<b>0,7</b>
Canadá	19.789	1,2	234	1,2
Itália	15.011	0,8	258	1,0
Indonésia	14.570	1,7	445	0,4
França	14.555	0,6	161	0,6
Suécia	13.841	2,9	100	2,0
Rússia	13.075	0,8	600	0,8
Demais países	173.324	-	4.596	-
<b>Total mundial</b>	<b>605.953</b>	<b>0,9</b>	<b>13.233</b>	<b>0,4</b>

Fonte: FAO, State of the World's Forests, 2014.

A produção e o consumo mundiais de madeira para uso industrial vêm se recuperando da forte queda resultante da crise de 2008. Entre 2009 e 2013 a produção mundial de madeira para uso industrial cresceu 13%, recuperando os patamares de 2007, maior valor do período anterior à crise. Os maiores crescimentos relativos em suas produções de matérias-primas nos últimos cinco anos foram apresentados pela Rússia, Canadá, Finlândia, Indonésia e Brasil, grandes atores do mercado internacional de produtos florestais (Tabela 2).

**Tabela 2/I. Madeira em toras para uso industrial<sup>(1)</sup> - Produção mundial, segundo os principais países – 2009-13**

(mil m<sup>3</sup>)

País	2009	2010	2011	2012	2013
EUA	292.091	283.549	297.653	292.473	293.583
Rússia	112.900	136.076	136.265	177.455	180.379
Canadá	113.306	138.802	146.735	148.128	148.128
Brasil	122.160	128.400	139.969	146.804	146.804
China	143.085	141.970	142.574	142.574	142.574
Suécia	59.200	66.300	66.000	63.599	63.000
Indonésia	47.806	54.106	60.706	62.606	62.606
Índia	48.001	48.759	49.517	49.517	49.517
Finlândia	36.701	45.977	45.526	44.614	49.331
Alemanha	38.987	45.388	45.358	42.863	42.052
Demais países	490.599	512.387	522.839	519.477	522.770
<b>Total mundial</b>	<b>1.504.835</b>	<b>1.601.713</b>	<b>1.653.142</b>	<b>1.690.110</b>	<b>1.700.744</b>

<sup>(1)</sup> Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para: serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel e outros fins industriais.

Fonte: FAO - Base de dados estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em agosto de 2014.

A produção mundial de celulose de mercado em 2013 foi inferior à de 2012. Entre os 10 países maiores produtores mundiais apenas o Brasil e a Finlândia apresentaram crescimento expressivo na produção (Tabela 3). A produção brasileira cresceu quase 8%, mantendo a tendência do País em expandir sua participação na produção e no comércio mundiais dessa matéria-prima. Projeções do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) estimam que a produção brasileira será maior que 18 milhões de toneladas de celulose em 2022.

**Tabela 3/I. Celulose de mercado - Produção mundial, segundo os principais países – 2009-13**

(mil t)

País	2009	2010	2011	2012	2013
EUA	48.391	50.251	50.460	49.520	48.185
China	17.137	18.576	17.782	17.189	17.293
Canadá	17.258	20.050	20.732	18.842	17.100
Brasil	13.315	14.164	13.922	14.060	15.129
Suécia	11.280	11.714	11.655	11.847	11.248
Finlândia	8.815	10.508	10.362	10.235	11.080
Japão	8.535	9.423	9.025	8.664	8.773
Rússia	6.615	7.346	7.845	7.572	7.580
Indonésia	5.069	5.820	6.560	6.710	6.710
Chile	4.993	4.102	4.896	5.080	5.156
Demais países	32.603	33.092	33.781	33.922	32.931
<b>Total mundial</b>	<b>174.011</b>	<b>185.047</b>	<b>187.019</b>	<b>183.640</b>	<b>181.185</b>

Fonte: FAO - Base de dados estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em agosto de 2014.

No segmento de papéis e cartões, a China e os EUA são os grandes produtores e consumidores, responsáveis por 44% da produção mundial de 2013. Entre 2009 e 2013, dentre os maiores produtores, a Índia, a Coreia do Sul, a China e o Brasil, apresentaram crescimento expressivo da produção. Por outro lado, o Canadá – um importante exportador de papel – teve decréscimo de 13% em sua produção (Tabela 4).

**Tabela 4/I. Papel e cartões - Produção mundial, segundo os principais países – 2009-13**

(mil t)

País	2009	2010	2011	2012	2013
China	86.400	92.700	99.300	102.500	101.100
EUA	71.355	77.689	75.285	74.492	74.228
Japão	26.268	27.364	26.609	26.370	26.242
Alemanha	20.870	23.072	22.706	22.603	22.393
Coreia	9.726	11.022	11.368	11.330	11.801
Canadá	12.823	12.755	12.057	10.756	11.133
Finlândia	10.602	11.758	11.329	10.728	10.858
Suécia	10.932	11.410	11.298	11.417	10.782
<b>Brasil</b>	<b>9.428</b>	<b>9.844</b>	<b>10.150</b>	<b>10.213</b>	<b>10.444</b>
Índia	7.789	10.111	10.172	10.247	10.247
Demais países	104.441	106.794	109.152	108.427	107.673
<b>Total mundial</b>	<b>370.634</b>	<b>394.519</b>	<b>399.427</b>	<b>399.082</b>	<b>396.901</b>

Fonte: FAO - Base de dados estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>., acesso em agosto de 2014.

Nos últimos anos, o comércio mundial de produtos florestais se intensificou, recuperando-se da crise econômica mundial de 2008. Em 2013 as transações comerciais cresceram cerca de 5% em relação a 2012. EUA, China, Alemanha e Canadá são os maiores atores do mercado (Tabelas 5 e 6).

**Tabela 5/I. Produtos florestais - Valor das exportações mundiais, segundo os principais países – 2009-13**

(US\$ milhões)

País	2009	2010	2011	2012	2013
EUA	19.079	22.657	25.021	26.199	27.060
Canadá	17.103	21.258	22.746	21.728	24.142
Alemanha	18.677	20.776	22.888	20.197	20.445
Suécia	14.123	15.486	17.270	15.272	16.048
Finlândia	11.119	13.191	14.410	13.098	13.946
China	6.853	8.603	11.142	11.923	12.945
Rússia	7.696	8.598	9.758	9.278	9.693
<b>Brasil</b>	<b>5.744</b>	<b>7.607</b>	<b>7.953</b>	<b>7.505</b>	<b>7.989</b>
Indonésia	5.724	7.292	7.937	7.556	7.859
França	6.713	7.543	8.446	7.288	7.253
Demais países	75.409	89.909	100.397	91.376	94.855
<b>Total mundial</b>	<b>188.240</b>	<b>222.920</b>	<b>247.968</b>	<b>231.421</b>	<b>242.235</b>

Fonte: FAO - Base de dados estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>., acesso em agosto de 2014.

**Tabela 6/I. Produtos florestais - Valor das importações mundiais, segundo os principais países – 2009-13**

(US\$ milhões)

País	2009	2010	2011	2012	2013
China	20.531	28.484	38.118	35.187	38.683
EUA	17.122	19.541	19.525	20.725	22.907
Alemanha	15.815	19.259	21.637	18.958	19.288
Japão	9.919	11.869	14.104	13.353	13.373
Reino Unido	9.105	10.558	10.934	10.140	10.504
Itália	8.904	10.753	11.286	9.343	9.927
França	8.715	9.867	10.645	9.088	9.121
Países Baixos	5.926	6.459	7.123	6.096	6.044
Índia	3.348	4.254	5.835	5.578	5.676
Coreia	4.029	5.313	5.684	5.277	5.585
Demais países	88.400	105.939	116.565	108.336	110.182
<b>Total mundial</b>	<b>191.814</b>	<b>232.295</b>	<b>261.454</b>	<b>242.080</b>	<b>251.291</b>

Fonte: FAO - Base de dados estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em julho de 2014.

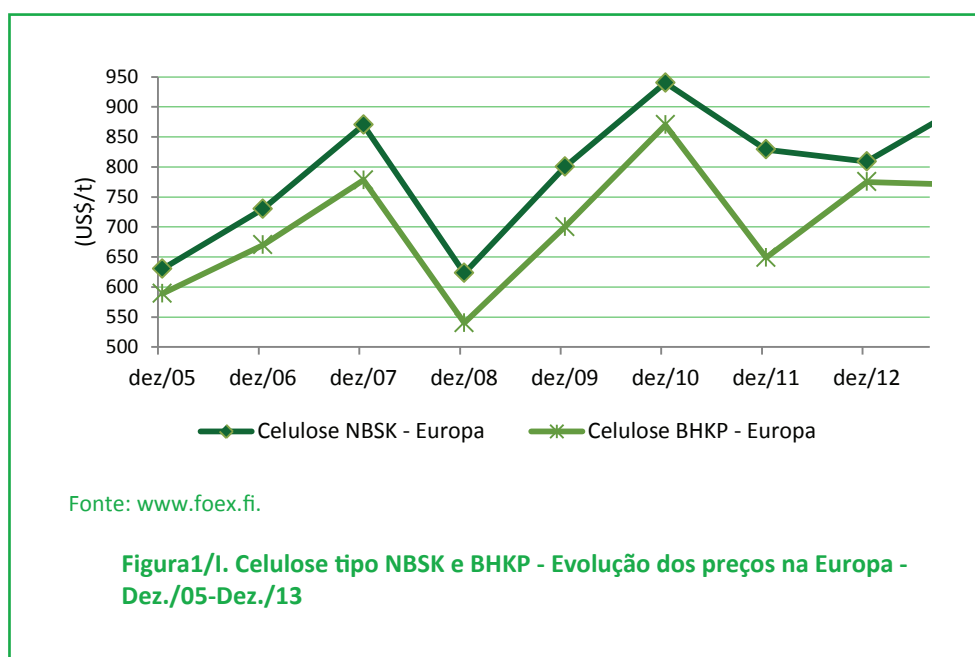
No grupo dos exportadores, destacam-se, pelo maior valor de superávit comercial, Canadá, Suécia, Finlândia, Rússia, Brasil e Indonésia. Estes dois últimos vêm ganhando espaço no mercado internacional frente a tradicionais exportadores como Suécia e Finlândia.

China, Japão, Reino Unido e Itália se destacam como países de elevados saldos negativos. A perspectiva é de que a China venha a importar cada vez mais produtos florestais, especialmente celulose e madeira em toras ou serrada, para satisfazer seu crescente consumo doméstico. Os EUA, que com a crise de 2008 passaram de importadores a exportadores líquidos, à medida que saírem da crise, devem voltar à condição de importar.

Com a entrada e o aumento da participação de muitos outros países com menor ou pouca tradição no comércio internacional, no médio prazo vislumbra-se a tendência de redução da participação dos grandes e tradicionais países exportadores de produtos florestais.

A celulose, principal commodity florestal do mercado internacional, tem apresentado preços bastante voláteis nos últimos anos (Figura 1). Em 2013, os preços dos dois principais tipos de celulose, a de fibra longa, tipo NBSK (de coníferas) e a de fibra curta, tipo BHKP (de eucalipto), apresentaram comportamento bem distintos. A de fibra curta, produto que coloca o Brasil como líder no comércio mundial, fechou 2013 com níveis de preços semelhantes aos do final de 2012. A de fibra longa teve seu preço reajustado em 12%, ficando cotada a US\$906/t no encerramento de 2013.

Nos últimos 10 anos observa-se um aumento significativo do mercado internacional de biomassa florestal, especialmente de matéria-prima para produção de energia. O crescimento mais marcante é o de pellets, cuja capacidade mundial de produção saltou de dois milhões de toneladas em 2001 para 16 milhões de toneladas em 2012 e deve ultrapassar 20 milhões de toneladas em 2020.



O aumento anual previsto no consumo de pellets no mundo é de mais de 10% ao ano até 2025 e deverá ser sustentado pela Europa devido à tendência de alguns países privilegiarem fontes de energia renováveis em suas matrizes energéticas. Atualmente o Canadá é o principal abastecedor mundial de pellets, mas o Brasil tem potencial competitivo para no futuro atender boa parte da demanda mundial do produto.

## Produção e mercado nacionais

### A produção de madeira de espécies cultivadas tem crescimento expressivo

O setor florestal brasileiro é bastante desenvolvido e tem importante presença na pauta de exportações. Em 2013, as exportações do setor florestal atingiram US\$9,7 bilhões. O segmento de celulose e papel foi responsável por 74% desse valor. Os estados de São Paulo, Bahia, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul responderam por 78% do valor das exportações do segmento de celulose e papel.

Em 2012 eram 37,8 mil empresas em atividade, com mais de 700 mil empregados formais. O segmento de produção de móveis de madeira é o mais expressivo, tanto em relação ao número de empresas envolvidas, quanto no diz respeito ao montante de empregos gerados (Tabela 7).

**Tabela 7/I. Setor florestal - Número de empresas e empregados formais - Brasil – 2011-12**

Grupo de atividade	Nº de empresas por segmento			Nº de empregados por segmento		
	2011	2012	Var. (%)	2011	2012	Var. (%)
Produção florestal e atividades de apoio	9.505	9.513	0,08	133.009	122.403	-7,97
Desdobro e indústria da madeira	13.962	13.280	-4,88	202.043	196.792	-2,6
Indústria de celulose, papel e embalagens	2.774	2.525	-8,98	175.122	177.230	1,2
Móveis de madeira	12.979	12.459	-4,01	196.647	204.743	4,12
<b>Total setor florestal</b>	<b>39.220</b>	<b>37.777</b>	<b>-3,68</b>	<b>706.821</b>	<b>701.168</b>	<b>-0,8</b>

Fonte: Rais, 2014. Disponível em <http://bi.mte.gov.br/scripts10/dardoweb.cgi>.

## Produção e consumo de matéria-prima florestal

### Nos últimos quatro anos o valor da produção da silvicultura brasileira cresceu mais de 60%

Em 2012 eram cultivados no Brasil 7,2 milhões de hectares com florestas para fins comerciais. O eucalipto e o pínus respondem, respectivamente, por 71% e 22% da área cultivada. Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Bahia detêm mais de 71% da área brasileira plantada com eucalipto e pínus (Tabela 8).

Tabela 8/I – Pínus e eucalipto - Área plantada - Brasil – 2011-12

Estado	Pínus		Eucalipto		Total	
	2011	2012	2011	2012	2011	2012
Minas Gerais	75.408	52.710	1.401.787	1.438.971	1.477.195	1.491.681
São Paulo	156.726	144.802	1.031.677	1.041.695	1.188.403	1.186.497
Paraná	658.707	619.731	188.153	197.835	846.860	817.566
Santa Catarina	538.254	539.377	104.686	106.588	642.940	645.965
Bahia	21.520	11.230	607.440	605.464	628.960	616.694
Mato Grosso do Sul	11.871	9.825	475.528	587.310	487.399	597.135
Rio Grande do Sul	164.806	164.832	280.193	284.701	444.999	449.533
Espírito Santo	2.546	2.546	197.512	203.349	200.058	205.895
Maranhão	0	0	165.717	173.324	165.717	173.324
Pará	0	0	151.378	159.657	151.378	159.657
Tocantins	850	853	65.502	109.000	66.352	109.853
Mato Grosso	0	0	58.843	59.980	58.843	59.980
Goiás	10.760	16.432	59.624	38.081	70.384	54.513
Amapá	445	445	50.099	49.506	50.544	49.951
Piauí	0	0	26.493	27.730	26.493	27.730
Outros estados	0	16.877	9.314	194.135	9.314	211.012
<b>Total do Brasil</b>	<b>1.641.892</b>	<b>1.562.783</b>	<b>4.873.952</b>	<b>5.102.029</b>	<b>6.515.844</b>	<b>6.664.812</b>

Fonte: Anuário Estatístico da Abraf – 2013, ano base 2012.

Os plantios florestais são responsáveis pela totalidade do fornecimento de madeira ao setor de papel e celulose e pela maior parte da matéria-prima consumida pela indústria da madeira e de móveis. Nos últimos anos vem ocorrendo uma redução gradativa da área plantada com pínus e crescimento expressivo da de eucalipto. Observa-se também um deslocamento das áreas de expansão do setor florestal do sul e do sudeste para as regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste do País. Mato Grosso do Sul, Tocantins e Maranhão apresentam crescimento de área plantada bem maior que tradicionais estados produtores como Bahia e São Paulo.

Segundo dados do IBGE, o valor bruto da produção da silvicultura no Brasil cresceu 8,2% de 2011 para 2012, alcançando 14,4 bilhões de reais. A produção de madeira para processamento mecânico e para produção de celulose e papel representou 65% desse valor (Tabela 9).



**Tabela 9/I. Silvicultura - Valor da produção – Brasil – 2008-12**

(mil R\$)

Tipo de produto da silvicultura	2008	2009	2010	2011	2012
Madeira em toras p/ outras finalidades	2.663.563	2.827.460	3.389.775	4.272.164	4.899.940
Madeira em toras p/ papel e celulose	2.760.266	3.255.171	3.841.347	4.589.921	4.512.815
Carvão vegetal	2.024.014	1.494.748	1.685.924	2.181.583	2.403.494
Erva-mate (folha verde)	1.258.005	1.344.232	1.653.710	1.953.777	2.236.568
Lenha	148.592	156.385	160.778	173.589	234.199
Outros produtos	83.141	89.344	130.139	151.871	133.069
<b>Total</b>	<b>8.937.581</b>	<b>9.167.340</b>	<b>10.861.673</b>	<b>13.322.905</b>	<b>14.420.085</b>

Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br>> Sistema Sidra: acesso em julho 2014.

Em 2012 foram processados 132 milhões de metros cúbicos de madeira pela indústria brasileira, volume 5% superior ao do ano anterior. Houve um expressivo crescimento do volume de madeira produzida para processamento mecânico, enquanto a produção de madeira para transformação em papel e celulose teve retração de 3% (Tabela 10). Em 2013 estima-se ter havido um crescimento de cerca de 5% na produção de madeira para papel e celulose e de 2% na produção de madeira para outras finalidades.

O setor de papel e celulose é o maior consumidor de madeira em toras no Brasil. Segundo a Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), a indústria de papel e celulose consome cerca de 60% da produção de madeira de florestas plantadas no Brasil, enquanto a indústria madeireira consome cerca de 30% da produção e a indústria de painéis de madeira reconstituída consome os 10% restantes.

**Tabela 10/I. Produção brasileira das principais matérias-primas de origem florestal – 2008-12**

Produto	Medida	2008	2009	2010	2011	2012
<b>Extração vegetal</b>						
Carvão vegetal	mil t	2.222	1.640	1.503	1.351	1.160
Erva-mate	t	219.773	218.102	227.462	229.681	252.700
Lenha	mil m3	42.118	41.440	38.207	37.574	34.314
Madeira em tora	mil m3	14.127	15.248	12.658	14.117	14.926
Palmito <sup>(1)</sup>	t	5.873	5.076	4.920	5.563	4.787
Pinhão	t	4.768	5.066	5.715	8.032	9.638
<b>Silvicultura</b>						
Carvão vegetal	mil t	3.975	3.378	3.448	4.128	5.098
Erva-mate	t	434.727	443.126	430.305	443.635	513.256
Lenha	mil m3	42.038	41.411	48.103	51.741	56.762
Madeira p/ papel e celulose	mil m3	58.182	65.346	69.779	75.882	73.837
Madeira p/ outras finalidades	mil m3	43.080	41.566	45.963	49.971	58.042
Palmito <sup>(2)</sup>	t	84.006	70.784	116.870	103.419	194.138

<sup>(1)</sup> Inclui palmito juçara, açai e pupunha.

<sup>(2)</sup> Inclui palmito juçara, palmeira-real, açai e pupunha.

Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br>> Sistema Sidra: acesso em julho 2014.

## Desempenho da indústria de processamento mecânico da madeira

### O crescimento, mesmo que lento, vem sendo garantido pelo mercado interno

Em 2012, os indicadores da indústria brasileira de produtos sólidos da madeira apresentaram uma ligeira melhora sustentada pelo consumo interno. Enquanto a produção de madeira serrada tropical segue trajetória de decréscimo, a produção de madeira serrada de pinus recuperou-se aos poucos e já atinge o patamar de 2007, maior nível alcançado antes da crise econômica mundial de 2008. O consumo interno de madeira serrada de pinus, liderado pela construção civil, tem se mostrado crescente, compensando as quedas verificadas nos volumes exportados (Tabela 11).

Tabela 11/I. Madeira serrada - Produção, consumo e exportação - Brasil - 2006-12

(mil m<sup>3</sup>)

Ano	Madeira serrada de pinus			Madeira serrada tropical		
	Produção	Consumo	Exportação	Produção	Consumo	Exportação
2006	9.078	7.788	1.331	14.719	13.258	1.543
2007	9.260	7.988	1.308	14.920	13.444	1.581
2008	8.797	7.848	963	13.050	12.183	957
2009	8.470	7.770	728	8.374	7.907	530
2010	8.970	8.303	690	8.482	7.998	537
2011	9.060	8.330	741	7.141	6.731	452
2012	9.170	8.456	719	5.997	5.654	380

Fonte: ABimci - Estudo Setorial 2013.

Na indústria de compensados, o comportamento dos últimos anos foi semelhante ao da madeira serrada, com queda nas exportações e aumento do consumo interno. A produção brasileira de compensados de pinus em 2012 foi ligeiramente acima dos níveis de 2007. Nos últimos cinco anos o consumo doméstico desse produto cresceu mais de 20% ao ano, enquanto as exportações se reduziram a um ritmo anual de quase 9% (Tabela 12).

Tabela 12/I. Compensados - Produção, consumo e exportação - Brasil - 2006-12

(mil m<sup>3</sup>)

Ano	Compensado de pinus			Compensado tropical		
	Produção	Consumo	Exportação	Produção	Consumo	Exportação
2006	2.375	638	1.738	669	220	454
2007	1.980	436	1.544	690	304	391
2008	1.946	556	1.390	723	474	252
2009	1.610	575	1.036	587	473	116
2010	1.970	956	1.014	330	231	101
2011	1.785	920	866	465	391	75
2012	2.090	1.106	984	483	426	58

Fonte: ABimci - Estudo Setorial 2013.

No segmento de produtos de maior valor agregado destacam-se no Brasil as indústrias de portas, de molduras e de pisos de madeira. A produção de portas, que alcançou volume máximo em 2007, sofreu forte redução em 2008 e 2009 e se recuperou parcialmente nos anos seguintes. O merca-

do interno foi fundamental nesta recuperação, uma vez que as exportações reduziram-se sistematicamente nos últimos anos. O mercado brasileiro foi fundamental também para a absorção do crescimento da produção de molduras de madeira, cuja produção atual já ultrapassa os volumes alcançados antes da crise de 2008. Já a produção de pisos de madeira vem se reduzindo de forma expressiva no Brasil desde 2006 devido, principalmente, à forte queda do volume exportado nesse período (Tabela 13).

**Tabela 13/I. Portas, molduras e pisos de madeira - Produção e exportação - Brasil – 2006-12**

Ano	Portas		Molduras		Pisos	
	Produção (mil unidades)	Exportação (milhões de US\$)	Produção (mil m <sup>3</sup> )	Exportação (milhões de US\$)	Produção (mil m <sup>2</sup> )	Exportação (mil m <sup>2</sup> )
2006	8.195	267,0	721	34,0	19.393	14.425
2007	8.850	256,0	820	13,0	17.405	11.957
2008	7.000	215,0	740	11,0	15.773	10.251
2009	6.750	149,0	780	11,0	14.444	8.659
2010	7.500	161,0	820	15,0	11.622	6.820
2011	8.250	144,0	861	14,0	11.766	6.600
2012	8.000	148,0	982	20,0	9.900	5.100

Fonte: ABimci – Estudo Setorial - 2013.

A tendência da indústria brasileira de processamento mecânico de madeira é continuar perdendo espaço para a indústria de painéis de madeira reconstituída devido à substituição de seus produtos por chapas de MDP, MDF e OSB.

O valor das exportações brasileiras de madeira e suas obras<sup>1</sup> (exceto móveis) em 2013 foi 6% superior ao obtido em 2012. No primeiro semestre de 2014 as exportações de madeira e seus produtos mostraram um crescimento em relação ao mesmo semestre do ano anterior; tendência que deve se manter no segundo semestre de 2014.

## Desempenho da indústria de painéis de madeira reconstituída

### Aumentos da produção têm permitido reduzir importações e expandir exportações

O segmento de produção de painéis de madeira reconstituída é formado por poucas e grandes empresas e tem apresentado crescimento bastante expressivo da produção e de sua capacidade instalada nos últimos anos. A capacidade de produção de painéis de madeira industrializada ultrapassou a 10,3 milhões de metros cúbicos em 2012. A indústria de MDF, que se instalou no Brasil há menos de duas décadas, foi a que mais cresceu e já dispõe da metade da capacidade produtiva de painéis (Tabela 14).

<sup>(1)</sup> Inclui madeira processada mecanicamente e painéis de madeira reconstituída.

**Tabela 14/I. Painéis de madeira - Capacidade nominal instalada e produção - Brasil – 2010-12**

Ano/produto	Capacidade instalada (mil m <sup>3</sup> )	Produção (mil m <sup>3</sup> )
<b>MDP</b>		
2010	4.544.000	3.017.902
2011	4.790.000	3.069.718
2012	4.790.000	3.260.646
<b>MDF</b>		
2010	4.193.000	3.036.337
2011	4.860.000	3.039.644
2012	5.125.000	3.678.407
<b>Chapa de fibra</b>		
2010	440.000	380.070
2011	440.000	362.453
2012	440.000	364.615

Fonte: Abipa/MDIC/Secex/Sistema aliceweb.

Na produção de painéis de madeira são consumidos 10% da madeira em tora produzida pelas florestas plantadas no Brasil. Em 2013 a produção brasileira de painéis de madeira foi 8% superior à produção de 2012, permitindo uma forte redução das importações desses produtos e uma expressiva expansão das exportações, enquanto o consumo interno teve uma retração estimada em 2,6% (Tabela 15). A produção de móveis no Brasil consome quase 70% da produção brasileira de painéis de madeira.

**Tabela 15/I. Painéis de madeira - Produção, importação, exportação e consumo interno - Brasil – 2012-13**

Produto	Discriminação	2012	2013	Variação (%) 2012-13
		(mil metros <sup>3</sup> )		
Painéis de madeira (MDF,MDP,HDF)	Produção	7.304	7.893	8,1
	Importação	1.981	1.271	-35,8
	Exportação	314	424	35,0
	Consumo aparente	8.971	8.740	-2,6

Fonte: Abipa, IBÁ (2014).

No primeiro semestre de 2014 a produção brasileira de painéis de madeira apresentou um ligeiro crescimento segundo o IBÁ. Seguindo o comportamento do ano anterior, houve um forte aumento das exportações concomitantemente à redução das importações.

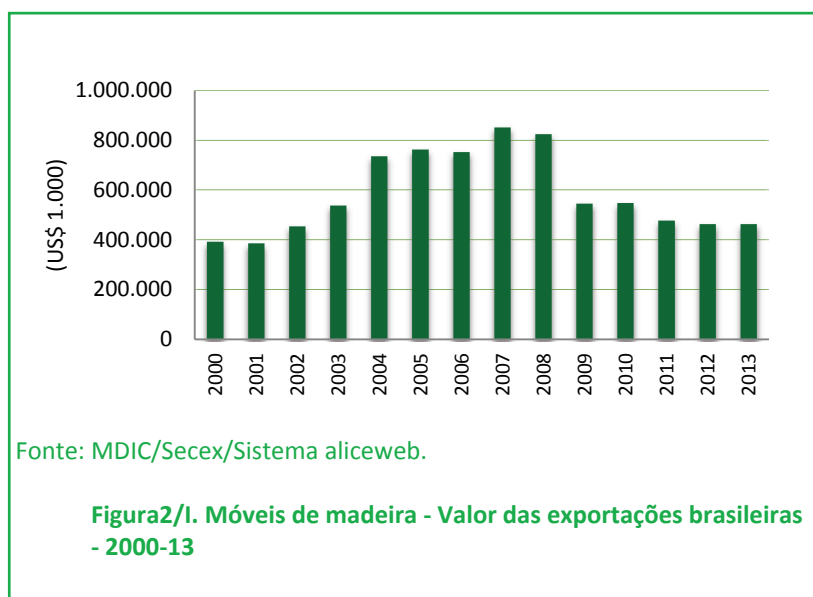
Algumas empresas anunciaram importantes expansões da capacidade produtiva desses produtos para os próximos anos. As perspectivas são de continuidade no crescimento da produção brasileira, com aumento da demanda doméstica de MDP e, principalmente, de MDF. O Itá estima que a produção brasileira de painéis de madeira possa alcançar 10 milhões de m<sup>3</sup> em 2020, o que representaria quase 30% de acréscimo em relação aos níveis atuais. Alguns analistas têm dúvidas sobre a capacidade de o mercado absorver as produções adicionais resultantes da agregação de capacidade instalada prevista pelo setor.

## Desempenho da indústria de móveis de madeira

### O valor exportado pelo Brasil em móveis de madeira em 2013 é o mais baixo dos últimos dez anos

A produção de móveis consome cerca de 30% da madeira processada pela indústria florestal brasileira. A indústria brasileira de móveis de madeira é representada por cerca de 38 mil empresas, com mais de 200 mil empregos formais diretos. Seu crescimento nos últimos anos foi sustentado pelo mercado interno, que passou por um período de grande expansão da construção civil e de aumento do emprego.

Nas exportações, o desempenho em 2013 foi novamente fraco, mantendo os valores de 2012, o menor patamar dos últimos 10 anos (Figura 2). Foram exportados pelo Brasil em 2013 apenas 463,8 milhões de dólares, pouco mais da metade do valor exportado em 2007, ano anterior ao do início da crise econômica mundial.



No período de janeiro a junho de 2014 o valor exportado foi quase 20% superior ao do mesmo período de 2013, sinalizando a mudança de tendência e início da recuperação das exportações brasileiras de móveis. Empresários do setor acreditam que se houver uma desvalorização do real no segundo semestre deste ano os móveis brasileiros ganharão mais espaço no mercado internacional.

## Desempenho da indústria de celulose e papel

### Produção e exportações seguem em crescimento, com boas perspectivas para o futuro

Toda a produção brasileira de celulose e de papel provém de florestas plantadas de eucalipto e pínus, consumindo cerca de 60% da madeira utilizada pela indústria florestal. Ao todo são cerca de 2.500 empresas que empregam formal e diretamente quase 180 mil pessoas.

Em 2013, a produção de celulose de mercado foi 8,2% maior que a de 2012; 60% dela foi exportada. A quantidade exportada foi 10% acima da de 2012 (Tabela 16). Em valor as exportações de celulose também cresceram 10% em relação a 2012, atingindo 5,2 bilhões de dólares.

**Tabela 16/I. Papel e celulose - Produção, importação, exportação e consumo interno - Brasil – 2009-13**

Produto	Discriminação	2009	2010	2011	2012	2013	Variação (%) 2012/2013
		(mil t)					
Papel	Produção	9.428	9.844	10.159	10.260	10.444	1,8
	Importação	1.085	1.502	1.455	1.396	1.274	-8,7
	Exportação	2.008	2.074	2.052	1.875	1.866	-0,5
	Consumo aparente	8.505	9.272	9.562	9.781	9.852	0,7
Celulose	Produção	13.315	14.164	13.922	13.977	15.129	8,2
	Importação	359	412	392	411	430	4,6
	Exportação	8.229	8.375	8.478	8.513	9.430	10,8
	Consumo aparente	5.445	6.201	5.836	5.875	6.129	4,3

Fonte: Bracelpa, IBÁ (2014).

No primeiro semestre de 2014, sobre o mesmo período de 2013, a produção brasileira de celulose cresceu 5,4% e as exportações 12,8% em quantidade e 4% em valor, indicando queda do preço médio de exportação. A China, maior compradora, ampliou ainda mais suas importações da celulose brasileira.

Em 2013, a produção de papel aumentou 1,8% em relação a 2012. A maior parte da produção é consumida no mercado interno, que ficou praticamente estagnado nos níveis de 2012. De janeiro a junho de 2014 a produção de papel ficou estável em relação a igual período do ano anterior.

Os números do primeiro semestre de 2014 divulgados pelo Itá apontam um ano favorável ao setor no Brasil, especialmente no segmento da celulose, cuja produção deve fechar o ano com bom crescimento. Os volumes exportados de celulose e de papel deverão crescer substancialmente.

O setor de papel e celulose no Brasil vem apresentando sucessivos movimentos de expansão em sua capacidade produtiva. Uma nova planta com grande capacidade de produção de celulose e embalagens de papel se encontra em implantação no estado do Paraná e vários outros projetos de ampliação de fábricas estão em andamento em outros estados. No Mato Grosso do Sul prosseguem os estudos prévios à implantação de um grande projeto para produção de mais de dois milhões de toneladas de celulose de fibra curta, que deve se destinar ao mercado internacional. O Ibá trabalha com a expectativa de que até 2022 a base florestal brasileira possa alcançar 14 milhões de hectares plantados, a produção de celulose possa aumentar em quase 50% e a de papel em pelo menos 25%, em relação aos níveis alcançados em 2013.

## Produção e mercado estaduais

### Exportações de produtos florestais tem bom crescimento e dá sinais de recuperação

Santa Catarina é um dos estados brasileiros em que o setor florestal tem grande importância econômica. Com cerca de 10% da área plantada com pinus e eucalipto no País, o Estado foi o sexto maior exportador de produtos florestais em 2013, respondendo por 9% do valor. São quase quatro mil empresas que atuam no setor, gerando mais de 90 mil empregos formais diretos (Tabela 17).

**Tabela 17/I. Setor florestal - Número de empresas e empregados formais - Santa Catarina – 2011-12**

Grupo de atividade	Nº de empresas por segmento			Nº de empregados por segmento		
	2011	2012	Var. (%)	2011	2012	Var. (%)
Produção florestal e atividades de apoio	824	841	2,06	6.820	6.870	0,73
Desdobro e indústria da madeira	1.856	1.840	-0,86	38.673	38.660	-0,03
Indústria de celulose, papel e embalagens	197	192	-2,54	19.701	20.196	2,51
Móveis de madeira	1.169	1.109	-5,13	23.970	25.113	4,77
<b>Total setor florestal</b>	<b>4.046</b>	<b>3.982</b>	<b>-1,58</b>	<b>89.164</b>	<b>90.839</b>	<b>1,88</b>

Fonte: Rais, 2014. Disponível em <http://bi.mte.gov.br/scrips10/dardoweb.cgi>.

## Produção catarinense de matérias-primas e de produtos florestais

### As florestas plantadas já fornecem quase toda a lenha consumida e a madeira usada para produção de carvão no Estado

A área plantada com florestas comerciais em Santa Catarina é de cerca de 600 mil hectares, sendo 80% com pinus e 20% com eucalipto. Nos últimos anos ocorreu uma redução da área de pinus no Estado, enquanto a área de eucalipto se expandiu.

Em 2012, o valor da produção de matérias primas florestais em Santa Catarina foi de 1,7 bilhões de reais, 2,2% superior ao de 2011 (Tabela 18). A participação das florestas plantadas no valor bruto de toda a produção da agropecuária e silvicultura catarinense tem se mantido nos últimos anos em cerca de 10%.

**Tabela 18/I. Silvicultura - Valor da produção – Santa Catarina – 2008-12**

Tipo de produto da silvicultura	(mil R\$)				
	2008	2009	2010	2011	2012
Madeira em toras p/ outras finalidades	549.427	669.781	727.805	838.514	820.584
Madeira em toras p/ papel e celulose	304.797	383.117	490.914	463.044	496.355
Lenha	162.130	191.895	253.143	298.409	304.052
Erva-mate (folha verde)	11.253	11.888	10.688	11.377	24.842
Carvão vegetal	4.841	4.319	5.171	5.605	6.309
<b>Total</b>	<b>1.032.448</b>	<b>1.261.000</b>	<b>1.487.721</b>	<b>1.616.949</b>	<b>1.652.142</b>

Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br>>Sistema Sidra: acesso em julho 2014.

Nos últimos anos se intensificou o processo de substituição da extração de madeira e lenha das florestas nativas pelo uso de matéria-prima de florestas plantadas. O uso de madeira de origem nativa é praticamente restrito à produção de carvão vegetal e lenha, contribuindo com apenas, respectivamente, 20% e 14% da produção total desses produtos em Santa Catarina.

Em 2012 houve uma pequena redução da quantidade de toras produzidas pela silvicultura para transformação industrial (Tabela 19).



Em Santa Catarina, a indústria de celulose, papel e embalagens vem ampliando continuamente o número de empregos gerados ao longo dos últimos 10 anos. A indústria da madeira, que vinha demitindo no período 2006 a 2009, recuperou uma parte dos empregos em 2010 e nos dois últimos anos tem conseguido manter esse patamar. A indústria de móveis de madeira, aproveitando o crescimento do mercado brasileiro, vem se recuperando da forte queda vivenciada em 2008 e 2009.

**Tabela 19/I. Produção dos principais produtos florestais – Santa Catarina – 2008-12**

Produto	Unidade medida	2008	2009	2010	2011	2012
<b>Extração vegetal</b>						
Carvão vegetal	t	4.885	4.386	3.719	2.561	2.417
Erva-mate	t	39.637	36.493	36.274	36.117	36.105
Lenha	mil m3	1.803	1.667	1.521	1.430	1.374
Madeira em tora	mil m3	126	120	61	75	85
Araucária (toras)	mil m3	13	8	19	12	10
Palmito	t	10	9	-	-	-
Pinhão	t	1.788	1.790	1.799	2.476	2.790
<b>Silvicultura</b>						
Carvão vegetal	t	7.459	6.613	7.792	8.294	8.601
Erva-mate	t	41.890	46.254	38.602	45.614	69.064
Lenha	mil m3	5.602	6.128	8.097	8.322	8.322
Madeira p/papel e celulose	mil m3	6.525	7.427	9.665	10.399	9.839
Madeira p/outras finalidades	mil m3	7.955	8.097	8.966	9.609	9.649
Palmito <sup>(1)</sup>	t	5.378	4.251	6.571	7.641	16.899

<sup>(1)</sup> Inclui juçara e palmeira-real.

Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br>> Sistema Sidra: acesso em julho 2014.

## Preços dos insumos e dos produtos florestais primários

### Queda dos preços da madeira de pínus e de eucalipto

No que diz respeito aos preços dos insumos para a produção florestal, observa-se que as mudas de pínus e de eucalipto tiveram aumentos reais ao longo de 2013 e do primeiro semestre de 2014, enquanto as mudas de palmito-juçara e erva-mate tiveram redução de preços no período. As áreas mais utilizadas para plantio de pínus e de eucalipto – terras de segunda, terras de terceira e de campo nativo – apresentaram aumentos reais expressivos de preços em 2013 em relação a 2012, seguindo a tendência de valorização das terras observada em anos anteriores (Tabela 20).

**Tabela 20/I. Preço médio de insumos e fatores de produção florestal - Santa Catarina - 2009-14**

(R\$/unidade)

Produto	Unidade	2009	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>(1)</sup>
Muda de eucaliptus	milheiro	210,00	210,00	210,00	215,00	240,00	265,83
Muda de pinus	milheiro	220,00	220,00	230,00	235,00	245,00	275,42
Muda de erva-mate	milheiro	520,00	570,00	690,00	765,00	695,00	...
Formicida granulado	500 g	4,45	4,63	4,59	4,96	5,24	5,35
Muda de palmeira-real	milheiro	210,00	190,00	190,00	195,00	210,00	210,00
Muda de palmito-juçara	milheiro	250,00	280,00	270,00	280,00	260,00	255,00
Terra de campo nativo	ha	6.244,75	7.389,49	7.208,91	8.136,42	9834,47	...
Terra de segunda	ha	9.823,75	10.787,71	11.807,02	12.710,27	15.166,29	...
Terra de terceira	ha	5.003,10	5.798,08	6.054,14	6.489,62	7.616,55	...

<sup>(1)</sup> Média de janeiro a junho.

Fonte: Epagri/Cepa.

Em 2013 quase todos os produtos primários e matérias-primas florestais tiveram redução de preços ou cresceram menos que a inflação (Tabelas 21 e 22). A grande exceção ocorreu com os preços da erva-mate que tiveram forte valorização ao longo de 2013, movimento mantido no primeiro semestre de 2014. Nos seis primeiros meses de 2014 os preços médios da arroba da erva mate no pé foram três vezes superiores àqueles praticados em 2012 (Tabela 21).

**Tabela 21/I. Preço médio de produtos e matérias-primas florestais - Santa Catarina -2010-14**

(R\$/unidade)

Produto	Unidade	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>(1)</sup>
Erva mate verde nativa (no pé)	arroba	5,79	5,89	6,13	9,67	16,49
Erva mate verde plantada (no pé)	arroba	3,51	3,66	4,13	7,57	13,81
Lenha de eucalipto (em pé)	estéreo	20,10	22,84	24,01	23,42	23,19
Lenha de eucalipto (posto indústria)	estéreo	44,00	46,79	48,53	47,44	49,87
Madeira pinus p/ celulose (em pé)	t	26,60	28,66	33,41	35,42	35,25
Madeira pinus p/ celulose (posto indústria)	t	56,60	59,64	61,56	62,46	65,63
Madeira roliça p/ construção (estaleirada na propriedade)	m	1,63	1,66	1,94	1,99	2,26
Madeira roliça p/ escora (estaleirada na propriedade)	unidade	2,78	2,86	2,90	3,09	3,09

<sup>(1)</sup> Média de janeiro a junho.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços da lenha de eucalipto e das toras mais finas (abaixo de 30cm de diâmetro) ficaram menores em 2013, em termos nominais, quando comparados com os preços médios de 2012. As toras grossas de eucalipto experimentaram uma valorização nominal de apenas 4,3% no período.

Na madeira de pinus os preços praticados em 2013 foram ligeiramente superiores em relação a 2012, apenas para a madeira fina para celulose e para as toras grossas com bitola acima de 40cm de diâmetro e, mesmo assim, a variação ficou bem abaixo da variação inflacionária no período. Nas dimensões intermediárias de diâmetro as toras foram comercializadas em 2013 com preços nominais inferiores aos praticados em 2012.

**Tabela 22/I. Madeira de pinus e eucalipto - Preços médios para processamento mecânico - 2011-14**

(R\$/m3)

Produto	2011 <sup>(1)</sup>	2012	2013	2014 <sup>(2)</sup>
Madeira tora eucalipto - até 30cm de diâmetro (em pé)	56,39	53,60	51,69	50,85
Madeira tora eucalipto - mais de 30cm de diâmetro (em pé)	84,59	81,52	80,95	86,54
Madeira tora eucalipto - até 30cm de diâmetro <sup>(3)</sup>	91,25	85,96	77,06	75,76
Madeira tora eucalipto - mais de 30cm de diâmetro <sup>(3)</sup>	100,07	103,30	107,71	114,05
Madeira tora pinus - 20 a 30cm de diâmetro (em pé)	57,46	58,65	59,08	61,56
Madeira tora pinus - 30 a 40cm de diâmetro (em pé)	76,73	79,72	78,74	84,36
Madeira tora pinus - mais de 40cm de diâmetro (em pé)	98,76	101,38	99,42	102,54
Madeira tora pinus - 20 a 30cm de diâmetro <sup>(3)</sup>	80,27	83,05	81,32	84,33
Madeira tora pinus - 30 a 40cm de diâmetro <sup>(3)</sup>	107,09	109,36	106,22	107,89
Madeira tora pinus - mais de 40cm de diâmetro <sup>(3)</sup>	125,34	128,50	128,04	126,25
Madeira tora pinus - 20 a 30cm de diâmetro (posto indústria)	102,17	107,02	103,24	104,41
Madeira tora pinus - 30 a 40cm de diâmetro (posto indústria)	129,62	127,78	126,60	129,63
Madeira tora pinus - mais de 40cm de diâmetro (posto indústria)	147,35	148,90	150,30	151,02

<sup>(1)</sup> Média de julho a dezembro; <sup>(2)</sup> Média de janeiro a junho; <sup>(3)</sup> Estaleirada na propriedade.

Fonte: Epagri/Cepa.

A expectativa para os próximos anos é de que os preços da madeira fina de pinus e de eucalipto sigam pressionados para baixo devido à grande oferta ainda existente na base florestal. Para a madeira mais grossa, com bitolas superiores a 35cm e 40cm, esperam-se preços ascendentes devido a uma projeção de menor oferta.

## Exportações catarinenses de produtos florestais

### Exportações de produtos da madeira voltam a crescer

Em 2013, o valor exportado pela indústria catarinense de base florestal foi 11,7% superior ao de 2012, frente a uma redução de 2,6% no total exportado pelo Estado no período (Tabela 23). Com isso, a participação da indústria florestal nas exportações catarinenses voltou a crescer após um longo período de redução de participação, iniciado em 2004, ano de melhor desempenho exportador (Figura 3). Em 2013 os produtos de origem florestal contribuíram com quase 10% do valor total das exportações catarinenses.

O maior crescimento foi apresentado pelo segmento de madeiras, com aumento de 19,5% entre 2013 e 2012, impulsionado pelo avanço expressivo do valor exportado em perfis e molduras de madeira e em caixas, engradados e palets de madeira.

O segmento papel teve um aumento de 7% no valor exportado em 2013, comparado com o ano anterior. As exportações catarinenses de móveis de madeira em 2013 mantiveram o movimento de queda iniciado em 2008. O crescimento do mercado interno de móveis nos últimos anos vem mantendo a oferta de empregos no setor.

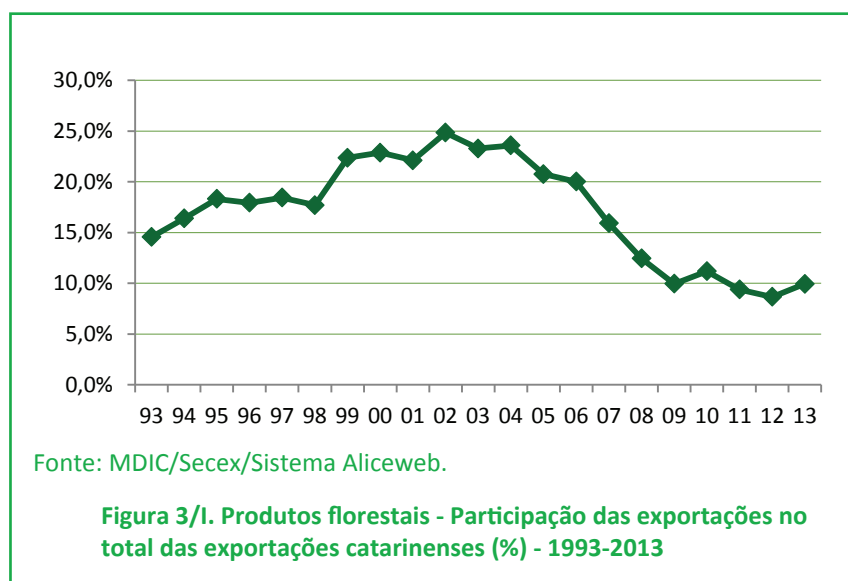
O desempenho exportador da indústria florestal de Santa Catarina no primeiro semestre de 2014 permite indicar que o setor deve fechar o ano com expressivo crescimento de suas exportações, com contribuição de todos os segmentos, inclusive o de móveis de madeira.

Tabela 23/I. Produtos florestais – Valor das exportações - Santa Catarina - 2008-13

(US\$ 1.000 FOB)

Item	2008	2009	2010	2011	2012	2013
<b>Erva-mate e derivados</b>	<b>14.207</b>	<b>14.034</b>	<b>17.728</b>	<b>15.706</b>	<b>5.709</b>	<b>7.429</b>
<b>Madeira e obras de madeira</b>	<b>507.511</b>	<b>349.382</b>	<b>410.139</b>	<b>390.124</b>	<b>401.153</b>	<b>479.383</b>
Madeira serrada	75.709	58.203	68.952	76.118	70.583	68.199
Madeira laminada	3.124	497	676	2.615	2.811	5.639
Madeira perfilada	21.793	9.950	17.353	18.293	29.169	37.844
Painéis de madeira reconstituída (MDF e aglomerado)	12.693	9.053	7.289	4.990	5.888	8.656
Painéis de madeira compensada	140.104	95.973	112.693	91.652	103.889	117.667
Molduras de madeira	10.005	10.613	14.079	13.516	20.396	25.825
Caixas, engradados e paletes	3.418	5.550	9.088	8.798	6.720	20.236
Ferramentas, armações e cabos	31.417	20.102	25.436	30.537	19.054	21.404
Portas/janelas/assoalhos e outras marcenarias/carpintarias	178.846	122.283	137.669	126.410	124.665	146.018
Outras madeiras e obras de madeira	30.402	17.158	16.904	17.195	17.978	27.894
<b>Papéis</b>	<b>208.019</b>	<b>157.311</b>	<b>184.048</b>	<b>226.517</b>	<b>188.486</b>	<b>201.431</b>
Embalagens de papel	40.101	37.355	40.314	50.032	54.731	55.086
Papel e cartão kraft kraftliner	157.104	111.120	130.946	163.551	120.587	130.601
Outros papéis	7.958	7.174	10.215	9.778	9.331	10.676
<b>Móveis de madeira</b>	<b>303.800</b>	<b>240.680</b>	<b>245.171</b>	<b>187.895</b>	<b>176.451</b>	<b>173.951</b>
Móveis de madeira p/ escritório	9.937	5.698	5.121	3.031	3.589	2.231
Móveis de madeira p/ cozinha	18.537	13.718	12.785	9.270	8.487	7.665
Móveis de madeira p/ quartos	126.410	106.964	107.599	94.698	90.206	90.063
Outros móveis de madeira	117.074	90.921	96.017	62.735	58.993	58.946
Componentes p/ móveis de madeira	30.954	22.381	23.235	16.263	14.281	14.718
Outros	888	999	398	1.705	507	329
<b>Total produtos florestais</b>	<b>1.033.565</b>	<b>754.250</b>	<b>846.873</b>	<b>810.464</b>	<b>771.923</b>	<b>862.249</b>
<b>Total exportações</b>	<b>8.310.528</b>	<b>6.427.614</b>	<b>7.582.027</b>	<b>9.051.047</b>	<b>8.920.648</b>	<b>8.688.406</b>

Fonte: MICT/Secex/Sistema Aliceweb.



# Análise climática do Estado de Santa Catarina no período de janeiro de 2013 a junho de 2014

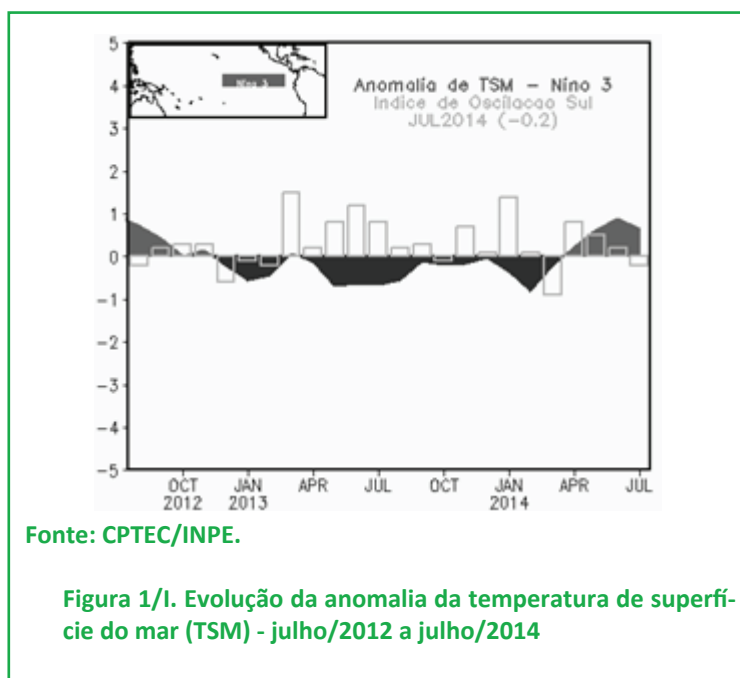
Wilian da Silva Ricce - Eng. Agr. - Epagri/Ciram  
wilianricce@epagri.sc.gov.br

Cristina Pandolfo - Eng. Agr. - Epagri/Ciram  
cristina@epagri.sc.gov.br

Angelo Mendes Massignam - Eng. Agr. - Epagri/Ciram  
massigna@epagri.sc.gov.br

Hugo José Braga - Eng. Agr. - Epagri/Ciram  
hjb@epagri.sc.gov.br

O ano de 2013 foi marcado pela ocorrência do evento de La Niña que persistiu até o primeiro semestre de 2014, quando começou a configurar o El Niño, conforme observado na Figura 1. A ocorrência do fenômeno La Niña pode ocasionar chuvas mal distribuídas com volumes abaixo da média no sul do Brasil, enquanto em anos de El Niño esperam-se volumes de chuva maior que o normal (CPTEC/INPE, 2014).



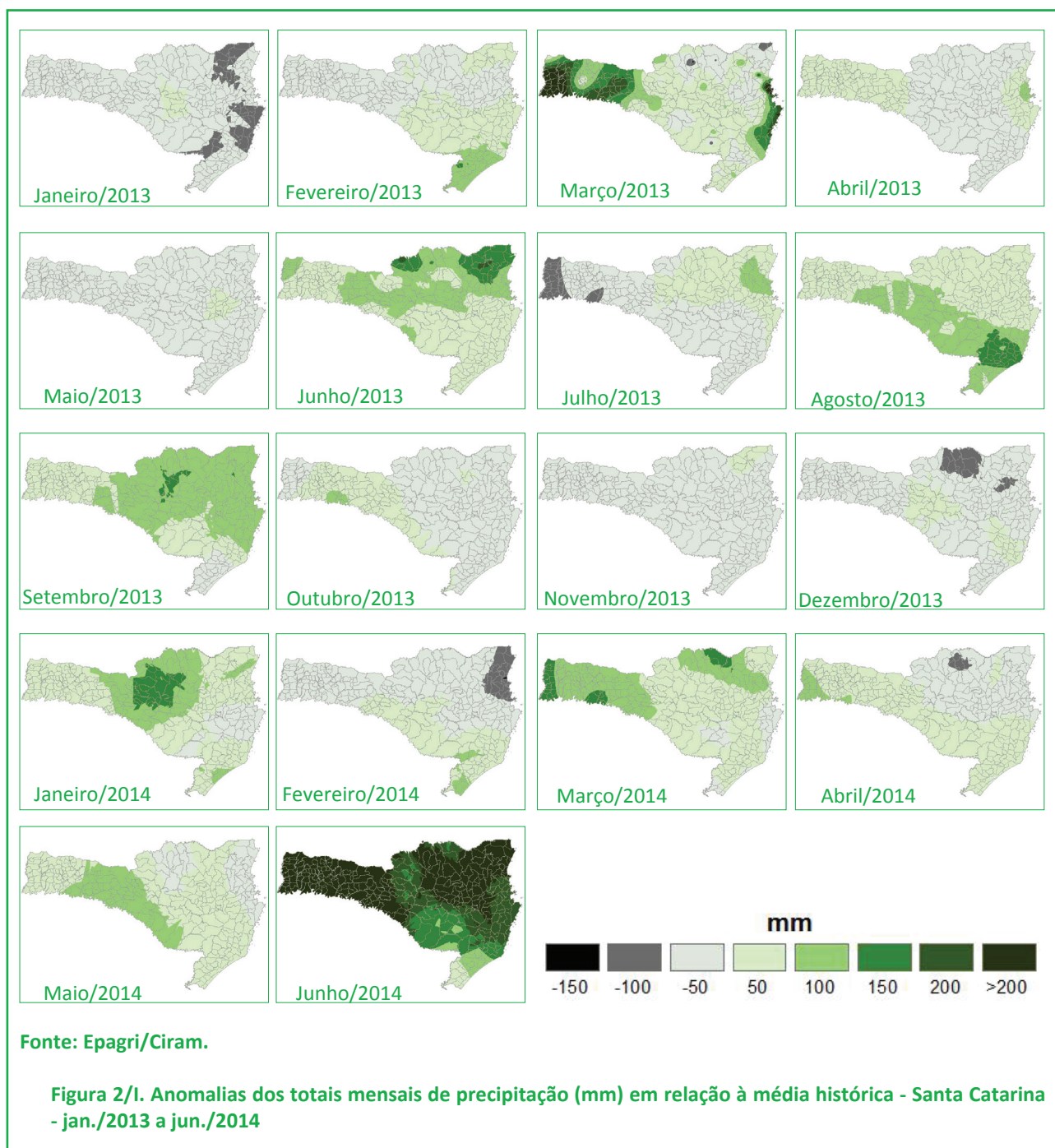
Na Figura 2 são apresentados mapas das anomalias de precipitação para os meses de janeiro de 2013 a junho de 2014 para Santa Catarina. Esses resultados auxiliam na identificação de regiões com maior ou menor precipitação em relação à média histórica. Entretanto, nem sempre as anomalias negativas indicam quebra de safra. No período de inverno onde a evapotranspiração é baixa, uma anomalia negativa pode contabilizar excedentes hídricos, como observado nos meses de julho e agosto. Assim, para complementar os dados de anomalias, a análise do balanço hídrico sequenciado se faz necessária.

No mês de janeiro de 2013, pode-se observar anomalia negativa de chuva principalmente em municípios do Alto Vale do Itajaí e Grande Florianópolis (Figura 2). No mês de fevereiro de 2013 essa situação começou a mudar, com anomalias positivas na Região do Litoral e na Mesorregião Serrana. No mês de março de 2013 foram observadas anomalias positivas em quase todo o Estado e nas regiões do Oeste e do Litoral foram observados valores superiores a 150mm em relação à média histórica.



As regiões do Extremo Oeste e do Litoral foram marcadas por totais de chuvas que alcançaram valores de 500mm no mês. Agosto e setembro de 2013 foram meses bem chuvosos. Já no trimestre final de 2013 foram observados valores abaixo da média na maior parte do Estado.

Em janeiro de 2014, as maiores anomalias positivas foram observadas no Meio-Oeste do Estado. Em fevereiro, ocorreram anomalias negativas no Litoral Norte. Em março as maiores anomalias positivas foram observadas na região Oeste e no Planalto Norte. Em abril, a maior anomalia negativa foi no Planalto Norte. E em maio, houve anomalias positivas de 100mm no Meio-Oeste e no Planalto Sul.

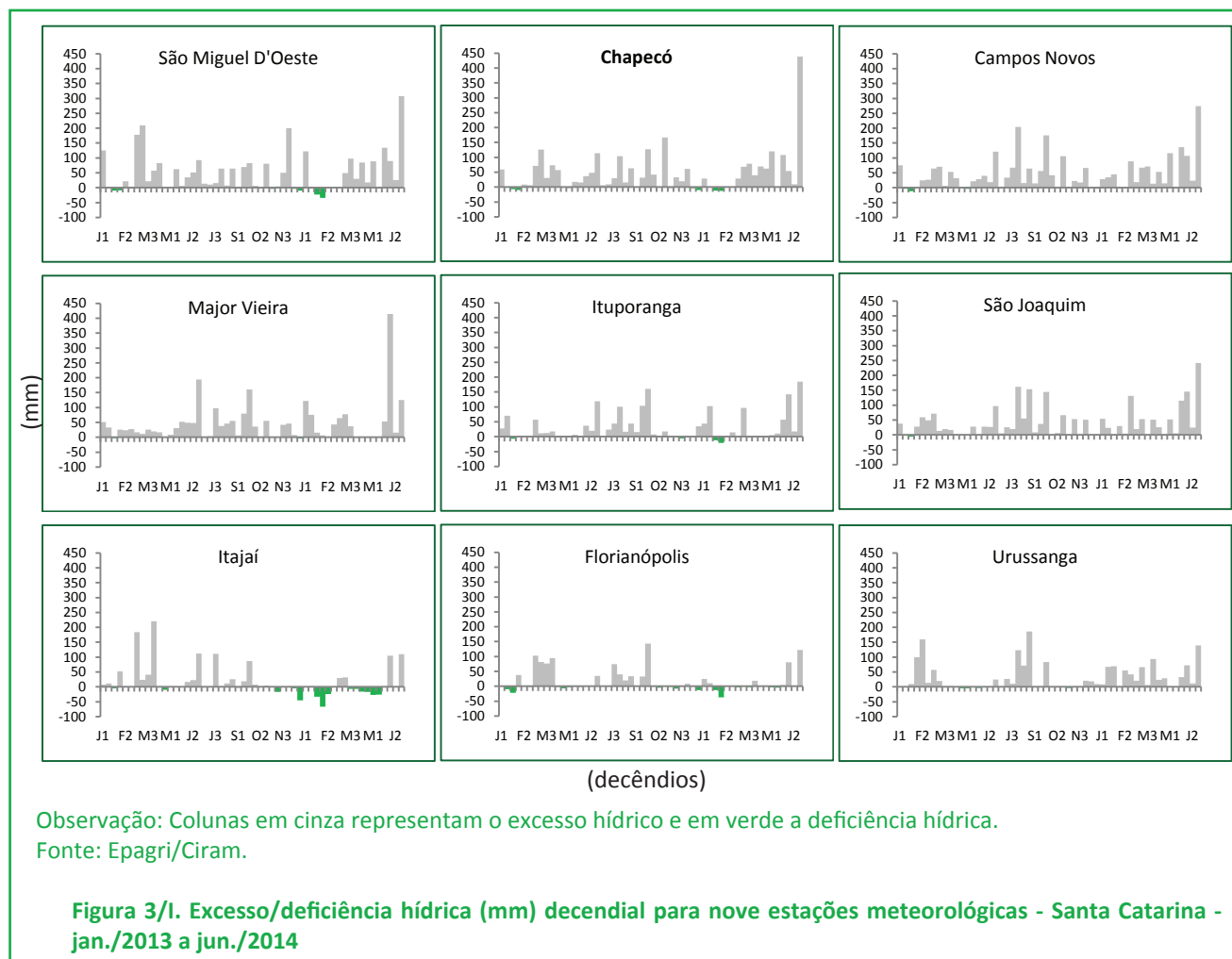


Fonte: Epagri/Ciram.

Figura 2/I. Anomalias dos totais mensais de precipitação (mm) em relação à média histórica - Santa Catarina - jan./2013 a jun./2014

O mês de junho de 2014 também apresentou anomalias positivas significativas (de 200 mm ou mais) em praticamente todo o Estado. Os valores máximos do total de precipitação nesse mês foram observados nas estações meteorológicas de Ponte Serrada (590 mm) e Major Vieira (547 mm). Essas chuvas causaram enchentes com prejuízos no sul do Brasil e também afetaram Argentina, Chile, Colômbia e Paraguai.

Na Figura 3 são apresentados os balanços hídricos decendiais sequenciados para nove estações meteorológicas representativas do território catarinense.



Foram observados períodos de deficiência hídrica no primeiro bimestre de 2013 para várias estações meteorológicas do Estado. Já no mês de março foram observados excedentes hídricos em grande parte do Estado. O outono e o inverno de 2013 foram marcados por excedentes hídricos, com exceção das estações do litoral, nas quais se observam deficiências em maio e junho de 2013. De outubro a dezembro de 2013, observa-se deficiência hídrica decendial em Ituporanga e Urussanga.

Em 2014, Itajaí e Florianópolis apresentaram deficiência hídrica no período de janeiro até maio de 2014. Junho desse ano foi marcado por fortes precipitações (Figura 2) e excedentes hídricos (Figura 3) na maior parte do Estado. Apenas o Litoral Sul apresentou uma pequena anomalia positiva, com menores registros de precipitação.



Na Tabela 1 são apresentados o número esperado de geadas com base nas séries históricas e o número de geadas nos anos de 2013 e 2014 para algumas estações meteorológicas distribuídas no Estado. O número médio anual de geadas esperado foi calculado, conforme Massignam e Dittrich (1998).

**Tabela 1/I. Número médio anual de geadas esperado (Massignam e Dittrich, 1998) e ocorrido nos anos de 2013 e 2014 (até junho) em estações meteorológicas - Santa Catarina - 2013-14**

Estação	Esperado	Ocorrido em 2013	Esperado até junho	Ocorrido até junho de 2014
Blumenau	2	2	1	0
Caçador	17	29	8	11
Campos Novos	17	22	8	9
Chapecó	12	9	6	2
Florianópolis	1	1	0	0
Itapiranga	4	7	2	0
Ituporanga	9	12	4	1
Ponte Serrada	18	28	9	15
Rio do Campo	11	13	5	6
São Joaquim	25	43	12	21
São Miguel D'Oeste	13	10	6	2
Urussanga	2	3	1	0
Videira	14	21	7	6

Fonte: Epagri/Ciram.

No ano de 2013, em várias estações meteorológicas foram registradas mais geadas que o número médio esperado calculado com base nas séries históricas. Em 2014, as estações meteorológicas com altitude superior a 950m tiveram maior número do que o valor esperado até o mês de junho.

No início da segunda quinzena de abril de 2013 foram observadas as primeiras geadas com fraca intensidade em São Joaquim, Caçador e Ponte Serrada. Uma nova onda de frio ocorreu nos dias 7 a 10 de maio de 2013, causando a ocorrência de geadas fracas nas regiões com altitude entre 800 e 1.000m. Foram observadas ocorrências de geadas moderadas nas regiões com altitudes superiores a 1.000m. As primeiras geadas no ano 2013 ocorreram dentro do período esperado historicamente.

No período subsequente, até a data de 21/07/2013, várias ocorrências de geadas fracas e moderadas foram observadas nas regiões mais frias do estado.

Entre o período de 22 a 29/07, a entrada de uma massa de ar polar fez as temperaturas caírem em todas as regiões, provocando aumento do número de ocorrência de baixas temperaturas do ar, com geadas fortes nas regiões dos municípios de Caçador, São Joaquim, Ponte Serrada e Major Vieira.

Nesse período de análise, cabe ressaltar que o fenômeno da neve que caiu em Santa Catarina nos dias 22 e 23 de julho de 2013 atingiu um terço dos municípios do Estado nas áreas mais elevadas. Esse fenômeno pode ser considerado histórico por sua espacialidade e abrangência. Na região de São Joaquim, no mesmo ano, ocorreram seis registros de neve e a última ocorrência foi registrada no início de setembro.

No dia 18 de setembro de 2013 ocorreram geadas, de fracas a moderadas, no Estado em regiões com altitude maiores que 700m. Nessa data foram registradas as últimas geadas nas altitudes inferiores a 1.200m, dentro do normal histórico. Nas regiões com altitudes superiores a 1.200m, ocorreram geadas, de intensidades moderadas a fracas, até o dia 28/10/2013.

No ano de 2014, juntamente com uma onda de frio, a neve se fez presente nos municípios de São Joaquim e Urupema; o registro de neve foi na madrugada do dia 25/07/14. As baixas temperaturas, por conta do ar polar que atingiu a região, e a presença de umidade foram as responsáveis pela formação de neve.

## Parte II

# Divisão do território catarinense e população

Tabela 1/I. Santa Catarina - Área territorial e população residente por situação do domicílio - 2000, 2010 e 2013

UF, Meso, microrregião e município	Área territorial (km <sup>2</sup> )	População						Total 2013 <sup>1</sup>
		Total		Urbana		Rural		
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	
Santa Catarina	95.703,5	5.356.360	6.248.436	4.217.931	5.247.913	1.138.429	1.000.523	6.634.254
Oeste Catarinense	27.275,3	1.116.766	1.200.712	702.616	860.563	414.150	340.149	1.247.136
MRG: São Miguel do Oeste	4.242,0	171.160	174.732	81.766	101.195	89.394	73.537	178.659
Anchieta	228,6	7.133	6.380	2.443	2.586	4.690	3.794	6.145
Bandeirante	146,3	3.177	2.906	741	931	2.436	1.975	2.865
Barra Bonita	93,5	2.118	1.878	256	279	1.862	1.599	1.842
Belmonte	93,6	2.588	2.635	952	1.273	1.636	1.362	2.692
Descanso	285,6	9.129	8.634	3.885	4.297	5.244	4.337	8.612
Dionísio Cerqueira	377,7	14.250	14.811	8.610	10.191	5.640	4.620	15.227
Guaraciaba	330,6	11.038	10.498	4.365	4.924	6.673	5.574	10.492
Guarujá do Sul	100,5	4.696	4.908	2.271	2.655	2.425	2.253	5.054
Iporã do Oeste	202,4	7.877	8.409	2.851	4.122	5.026	4.287	8.714
Itapiranga	280,1	13.998	15.409	5.382	7.616	8.616	7.793	16.107
Mondai	201,0	8.728	10.231	4.049	6.305	4.679	3.926	10.877
Palma Sola	331,8	8.206	7.765	3.192	4.468	5.014	3.297	7.747
Paraíso	178,6	4.796	4.080	1.302	1.451	3.494	2.629	3.915
Princesa	86,2	2.613	2.758	568	1.004	2.045	1.754	2.848
Riqueza	190,3	5.166	4.838	1.277	2.154	3.889	2.684	4.810
Romelândia	223,8	6.491	5.551	2.120	2.008	4.371	3.543	5.421
Santa Helena	81,0	2.588	2.382	740	882	1.848	1.500	2.354
São João do Oeste	163,7	5.789	6.036	1.494	2.119	4.295	3.917	6.211
São José do Cedro	279,6	13.678	13.684	6.659	8.447	7.019	5.237	13.904
São Miguel do Oeste	234,4	32.324	36.306	27.392	32.065	4.932	4.241	38.162
Tunápolis	132,9	4.777	4.633	1.217	1.418	3.560	3.215	4.660
MRG: Chapecó	6.045,9	361.345	405.066	233.053	298.985	128.292	106.081	425.546
Águas de Chapecó	139,1	5.782	6.110	2.202	3.236	3.580	2.874	6.313
Águas Frias	75,2	2.525	2.424	517	981	2.008	1.443	2.430
Bom Jesus do Oeste	67,9	2.150	2.132	376	647	1.774	1.485	2.160
Caibi	171,7	6.354	6.219	3.060	3.578	3.294	2.641	6.274
Campo Erê	478,7	10.353	9.370	5.756	6.252	4.597	3.118	9.203
Caxambu do Sul	140,6	5.263	4.411	2.054	2.155	3.209	2.256	4.208
Chapecó	624,3	146.967	183.530	134.592	168.113	12.375	15.417	198.188
Cordilheira Alta	83,8	3.093	3.767	303	1.448	2.790	2.319	4.043
Coronel Freitas	234,2	10.535	10.213	4.494	6.067	6.041	4.146	10.272

(continua)

(continuação)

UF, Meso, microrregião e município	Área territorial (km <sup>2</sup> )	População						
		Total		Urbana		Rural		Total 2013 <sup>1</sup>
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	
<b>MRG: Chapecó (continuação)</b>								
Cunha Porã	220,3	10.229	10.613	5.287	6.519	4.942	4.094	10.905
Cunhataí	54,5	1.822	1.882	335	569	1.487	1.313	1.931
Flor do Sertão	58,7	1.612	1.588	195	328	1.417	1.260	1.605
Formosa do Sul	99,6	2.725	2.601	891	1.084	1.834	1.517	2.603
Guatambú	204,8	4.702	4.679	983	1.749	3.719	2.930	4.746
Iraceminha	164,4	4.592	4.253	1.222	1.468	3.370	2.785	4.212
Irati	77,5	2.202	2.096	412	449	1.790	1.647	2.067
Jardinópolis	68,1	1.994	1.766	815	799	1.179	967	1.721
Maravilha	169,4	18.521	22.101	14.226	18.087	4.295	4.014	23.602
Modelo	92,7	3.930	4.045	2.201	2.692	1.729	1.353	4.147
Nova Erechim	64,4	3.543	4.275	1.720	3.211	1.823	1.064	4.577
Nova Itaberaba	137,6	4.256	4.267	425	1.530	3.831	2.737	4.338
Novo Horizonte	151,7	3.101	2.750	723	921	2.378	1.829	2.681
Palmitos	350,7	16.034	16.020	8.006	9.871	8.028	6.149	16.270
Pinhalzinho	128,3	12.356	16.332	9.313	13.615	3.043	2.717	17.868
Planalto Alegre	62,6	2.452	2.654	739	1.067	1.713	1.587	2.761
Quilombo	279,3	10.736	10.248	4.697	5.746	6.039	4.502	10.255
Saltinho	156,5	4.196	3.961	899	1.255	3.297	2.706	3.948
Santa Terezinha do Progresso	119,0	3.416	2.896	426	539	2.990	2.357	2.776
Santiago do Sul	73,6	1.696	1.465	521	650	1.175	815	1.414
São Bernardino	145,0	3.140	2.677	529	719	2.611	1.958	2.641
São Carlos	159,0	9.364	10.291	5.347	6.902	4.017	3.389	10.753
São Lourenço do Oeste	361,8	19.647	21.792	13.407	16.880	6.240	4.912	22.786
São Miguel da Boa Vista	71,9	2.018	1.904	331	439	1.687	1.465	1.897
Saudades	205,6	8.324	9.016	2.897	5.123	5.427	3.893	9.382
Serra Alta	90,4	3.330	3.285	1.201	1.835	2.129	1.450	3.323
Sul Brasil	112,7	3.116	2.766	744	1.011	2.372	1.755	2.698
Tigrinhos	57,4	1.878	1.757	213	343	1.665	1.414	1.746
União do Oeste	93,1	3.391	2.910	994	1.107	2.397	1.803	2.802
<b>MRG: Xanxerê</b>	<b>4.805,8</b>	<b>142.326</b>	<b>152.465</b>	<b>85.875</b>	<b>104.253</b>	<b>56.451</b>	<b>48.212</b>	<b>158.148</b>
Abelardo Luz	955,4	16.440	17.100	7.228	9.570	9.212	7.530	17.584
Bom Jesus	63,6	2.046	2.526	989	1.495	1.057	1.031	2.721
Coronel Martins	107,4	2.388	2.458	458	685	1.930	1.773	2.520
Entre Rios	105,2	2.857	3.018	751	928	2.106	2.090	3.118
Faxinal dos Guedes	339,6	10.767	10.661	7.044	7.718	3.723	2.943	10.797
Galvão	121,9	4.235	3.472	2.494	2.347	1.741	1.125	3.379
Ipuaçú	261,4	6.122	6.798	967	1.377	5.155	5.421	7.123
Jupiá	91,7	2.220	2.148	671	1.044	1.549	1.104	2.158
Lajeado Grande	65,9	1.572	1.490	476	648	1.096	842	1.488
Marema	103,6	2.651	2.203	941	760	1.710	1.443	2.094

(continua)

(continuação)

UF, Meso, microrregião e município	Área territorial (km²)	População						Total 2013 <sup>1</sup>
		Total		Urbana		Rural		
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	
MRG: Xanxerê (continuação)								
Ouro Verde	189,3	2.352	2.271	625	715	1.727	1.556	2.281
Passos Maia	614,4	4.763	4.425	748	1.099	4.015	3.326	4.387
Ponte Serrada	564,0	10.561	11.031	7.230	7.624	3.331	3.407	11.358
São Domingos	383,7	9.540	9.491	5.430	6.313	4.110	3.178	9.530
Vargeão	166,4	3.526	3.532	1.380	1.820	2.146	1.712	3.590
Xanxerê	377,6	37.429	44.128	32.385	39.143	5.044	4.985	46.981
Xaxim	294,7	22.857	25.713	16.058	20.967	6.799	4.746	27.039
<b>MRG: Joaçaba</b>	<b>9.052,3</b>	<b>304.043</b>	<b>326.459</b>	<b>224.313</b>	<b>262.747</b>	<b>79.730</b>	<b>63.712</b>	<b>339.181</b>
Água Doce	1.313,0	6.843	6.961	3.148	3.433	3.695	3.528	7.110
Arroio Trinta	94,3	3.490	3.502	2.097	2.397	1.393	1.105	3.562
Caçador	981,9	63.322	70.762	55.542	64.457	7.780	6.305	74.276
Calmon	639,5	3.467	3.387	1.392	2.115	2.075	1.272	3.416
Capinzal	243,9	19.955	20.769	15.460	17.754	4.495	3.015	21.726
Catanduvás	198,0	8.291	9.555	5.304	8.094	2.987	1.461	10.112
Erval Velho	207,2	4.269	4.352	2.160	2.842	2.109	1.510	4.448
Fraiburgo	546,3	32.948	34.553	27.623	30.291	5.325	4.262	35.618
Herval d'Oeste	216,8	20.044	21.239	17.140	18.851	2.904	2.388	21.961
Ibiam	147,3	1.955	1.945	501	695	1.454	1.250	1.973
Ibicaré	156,1	3.587	3.373	1.240	1.557	2.347	1.816	3.359
Iomerê	114,7	2.553	2.739	683	907	1.870	1.832	2.842
Jaborá	191,1	4.194	4.041	1.362	1.605	2.832	2.436	4.057
Joaçaba	232,4	24.066	27.020	21.688	24.924	2.378	2.096	28.398
Lacerdópolis	68,5	2.173	2.199	983	1.160	1.190	1.039	2.242
Lebon Régis	940,7	11.682	11.838	6.980	7.522	4.702	4.316	12.077
Luzerna	116,8	5.572	5.600	3.964	4.259	1.608	1.341	5.698
Macieira	260,1	1.900	1.826	304	501	1.596	1.325	1.831
Matos Costa	432,2	3.204	2.839	1.250	1.465	1.954	1.374	2.767
Ouro	212,7	7.419	7.372	4.165	4.844	3.254	2.528	7.436
Pinheiro Preto	65,7	2.729	3.147	1.141	1.700	1.588	1.447	3.310
Rio das Antas	317,2	6.129	6.143	2.226	2.740	3.903	3.403	6.245
Salto Veloso	105,0	3.910	4.301	2.834	3.402	1.076	899	4.495
Tangará	389,2	8.754	8.674	4.233	4.984	4.521	3.690	8.777
Treze Tílias	185,2	4.840	6.341	2.907	4.715	1.933	1.626	6.925
Vargem Bonita	298,6	5.158	4.793	2.199	2.677	2.959	2.116	4.752
Videira	377,9	41.589	47.188	35.787	42.856	5.802	4.332	49.768

(continua)

(continuação)

UF, Meso, microrregião e município	Área territorial (km²)	População						
		Total		Urbana		Rural		Total 2013 <sup>1</sup>
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	
<b>MRG: Concórdia</b>	3.129,2	137.892	141.990	77.609	93.383	60.283	48.607	145.602
Alto Bela Vista	103,6	2.098	2.005	522	605	1.576	1.400	2.007
Arabutã	132,2	4.160	4.193	971	1.307	3.189	2.886	4.270
Arvoredo	90,7	2.305	2.260	411	501	1.894	1.759	2.281
Concórdia	797,3	63.058	68.621	45.254	54.865	17.804	13.756	71.499
Ipira	155,4	4.979	4.752	2.214	2.521	2.765	2.231	4.713
Ipumirim	247,1	6.907	7.220	2.484	3.148	4.423	4.072	7.435
Irani	327,0	8.602	9.531	5.058	6.520	3.544	3.011	9.948
Itá	165,5	6.764	6.426	3.422	4.057	3.342	2.369	6.420
Lindóia do Sul	189,6	4.877	4.642	1.321	1.930	3.556	2.712	4.674
Paial	85,8	2.052	1.763	259	336	1.793	1.427	1.698
Peritiba	96,4	3.230	2.988	1.317	1.481	1.913	1.507	2.958
Piratuba	145,7	5.812	4.786	2.710	2.855	3.102	1.931	4.533
Presidente Castello Branco	65,4	2.160	1.725	457	553	1.703	1.172	1.691
Seara	312,5	16.484	16.936	10.263	11.586	6.221	5.350	17.351
Xavantina	215,1	4.404	4.142	946	1.118	3.458	3.024	4.124
<b>Norte Catarinense</b>	<b>15.936,7</b>	<b>1.026.606</b>	<b>1.212.843</b>	<b>876.170</b>	<b>1.063.909</b>	<b>150.436</b>	<b>148.934</b>	<b>1.291.931</b>
<b>MRG: Canoinhas</b>	<b>9.420,3</b>	<b>232.513</b>	<b>243.739</b>	<b>147.352</b>	<b>161.915</b>	<b>85.161</b>	<b>81.824</b>	<b>251.223</b>
Bela Vista do Toldo	534,6	5.721	6.004	570	847	5.151	5.157	6.191
Canoinhas	1.144,8	51.631	52.765	37.904	39.273	13.727	13.492	53.969
Irineópolis	591,3	9.734	10.448	2.964	3.519	6.770	6.929	10.843
Itaiópolis	1.295,3	19.086	20.301	8.757	10.737	10.329	9.564	21.015
Mafra	1.404,2	49.940	52.912	37.713	41.318	12.227	11.594	54.708
Major Vieira	526,0	6.906	7.479	2.199	2.961	4.707	4.518	7.782
Monte Castelo	561,7	8.350	8.346	4.573	4.849	3.777	3.497	8.478
Papanduva	759,8	16.822	17.928	7.953	9.184	8.869	8.744	18.568
Porto União	851,2	31.858	33.493	26.579	28.266	5.279	5.227	34.551
Santa Terezinha	716,3	8.840	8.767	1.142	1.513	7.698	7.254	8.883
Timbó Grande	596,9	6.501	7.167	2.775	4.083	3.726	3.084	7.495
Três Barras	438,1	17.124	18.129	14.223	15.365	2.901	2.764	18.740
<b>MRG: São Bento do Sul</b>	<b>1.900,1</b>	<b>114.778</b>	<b>126.395</b>	<b>101.347</b>	<b>114.819</b>	<b>13.431</b>	<b>11.576</b>	<b>132.137</b>
Campo Alegre	496,1	11.634	11.748	6.871	7.237	4.763	4.511	11.972
Rio Negrinho	908,4	37.707	39.846	32.650	36.348	5.057	3.498	41.167
São Bento do Sul	495,6	65.437	74.801	61.826	71.234	3.611	3.567	78.998
<b>MRG: Joinville</b>	<b>4.616,2</b>	<b>679.315</b>	<b>842.709</b>	<b>627.471</b>	<b>787.175</b>	<b>51.844</b>	<b>55.534</b>	<b>908.571</b>
Araquari	386,1	23.645	24.810	22.000	23.353	1.645	1.457	29.593
Balneário Barra do Sul	110,5	6.045	8.430	6.032	8.035	13	395	9.330
Corupá	405,0	11.847	13.852	8.727	10.669	3.120	3.183	14.716
Garuva	501,4	11.378	14.761	8.256	11.451	3.122	3.310	16.081
Guaramirim	268,1	23.794	35.172	19.012	28.046	4.782	7.126	38.851
Itapoá	255,7	8.839	14.763	8.191	14.172	648	591	16.899
Jaraguá do Sul	532,6	108.489	143.123	96.320	132.800	12.169	10.323	156.519

(continua)

(continuação)

UF, Meso, microrregião e município	Área territorial (km <sup>2</sup> )	População						Total 2013 <sup>1</sup>
		Total		Urbana		Rural		
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	
<b>MRG: Joinville (continuação)</b>								
Joinville	1.146,9	429.604	515.288	414.972	497.850	14.632	17.438	546.981
Massaranduba	373,3	12.562	14.674	4.629	7.606	7.933	7.068	15.586
São Francisco do Sul	493,0	32.301	42.520	29.930	39.490	2.371	3.030	46.477
Schroeder	143,6	10.811	15.316	9.402	13.703	1.409	1.613	17.538
Serrana	22.322,5	400.951	406.741	312.519	332.431	88.432	74.310	414.705
<b>MRG: Curitiba</b>	<b>6.596,5</b>	<b>115.999</b>	<b>122.626</b>	<b>87.367</b>	<b>99.324</b>	<b>28.632</b>	<b>23.302</b>	<b>126.338</b>
Abdon Batista	235,6	2.775	2.653	713	724	2.062	1.929	2.656
Brunópolis	335,5	3.331	2.850	707	705	2.624	2.145	2.741
Campos Novos	1.719,2	28.729	32.824	22.556	27.064	6.173	5.760	34.386
Curitiba	952,3	36.061	37.748	32.438	34.769	3.623	2.979	38.890
Frei Rogério	157,8	2.971	2.474	487	706	2.484	1.768	2.354
Monte Carlo	193,8	8.579	9.312	7.305	8.076	1.274	1.236	9.604
Ponte Alta	566,8	5.168	4.894	3.783	3.578	1.385	1.316	4.885
Ponte Alta do Norte	401,0	3.221	3.303	2.338	3.007	883	296	3.381
Santa Cecília	1.145,3	14.802	15.757	11.617	13.663	3.185	2.094	16.315
São Cristovão do Sul	349,0	4.504	5.012	2.719	3.800	1.785	1.212	5.255
Vargem	350,1	3.225	2.808	651	896	2.574	1.912	2.718
Zortéa	190,1	2.633	2.991	2.053	2.336	580	655	3.153
<b>MRG: Campos de Lages</b>	<b>15.726,0</b>	<b>284.952</b>	<b>284.115</b>	<b>225.152</b>	<b>233.107</b>	<b>59.800</b>	<b>51.008</b>	<b>288.367</b>
Anita Garibaldi	588,6	10.273	8.623	4.188	4.551	6.085	4.072	8.230
Bocaina do Sul	513,0	2.980	3.290	415	967	2.565	2.323	3.393
Bom Jardim da Serra	935,2	4.079	4.395	2.123	2.397	1.956	1.998	4.566
Bom Retiro	1.055,5	7.967	8.942	5.336	6.417	2.631	2.525	9.397
Campo Belo do Sul	1.027,4	8.051	7.483	4.440	4.406	3.611	3.077	7.419
Capão Alto	1.335,3	3.020	2.753	604	962	2.416	1.791	2.711
Celso Ramos	207,4	2.844	2.771	638	872	2.206	1.899	2.792
Cerro Negro	416,8	4.098	3.581	694	764	3.404	2.817	3.472
Correia Pinto	651,6	17.026	14.785	12.046	12.022	4.980	2.763	14.301
Lages	2.629,8	157.682	156.727	153.582	153.937	4.100	2.790	158.961
Otacílio Costa	846,6	13.993	16.337	12.811	14.891	1.182	1.446	17.349
Painel	739,8	2.384	2.353	824	945	1.560	1.408	2.385
Palmeira	292,2	2.133	2.373	771	925	1.362	1.448	2.488
Rio Rufino	282,6	2.414	2.436	553	688	1.861	1.748	2.482
São Joaquim	1.885,6	22.836	24.812	16.129	17.573	6.707	7.239	25.841
São José do Cerrito	946,2	10.393	9.273	2.152	2.492	8.241	6.781	9.061
Urubici	1.019,2	10.252	10.699	6.661	7.066	3.591	3.633	11.012
Urupema	353,1	2.527	2.482	1.185	1.232	1.342	1.250	2.507
Vale do Itajaí	13.108,7	1.186.215	1.508.980	992.887	1.321.993	193.328	186.987	1.636.605

(continua)



(continuação)

UF, Meso, microrregião e município	Área territorial (km <sup>2</sup> )	População						Total 2013 <sup>1</sup>
		Total		Urbana		Rural		
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	
<b>MRG: Rio do Sul</b>	5.267,6	182.547	204.894	115.307	141.085	67.240	63.809	215.329
Agronômica	130,0	4.257	4.904	872	1.858	3.385	3.046	5.172
Aurora	206,9	5.474	5.549	1.482	1.931	3.992	3.618	5.661
Braço do Trombudo	89,7	3.187	3.457	1.622	1.898	1.565	1.559	3.599
Dona Emma	181,0	3.309	3.721	1.368	1.868	1.941	1.853	3.912
Ibirama	246,7	15.802	17.330	13.115	14.813	2.687	2.517	18.097
José Boiteux	405,5	4.594	4.721	1.466	1.611	3.128	3.110	4.837
Laurentino	79,5	5.062	6.004	3.238	4.374	1.824	1.630	6.402
Lontras	198,4	8.381	10.244	5.309	7.014	3.072	3.230	11.005
Mirim Doce	336,3	2.753	2.513	1.158	1.202	1.595	1.311	2.476
Pouso Redondo	359,5	12.203	14.810	6.368	9.024	5.835	5.786	15.882
Presidente Getúlio	295,7	12.333	14.887	7.867	10.535	4.466	4.352	15.943
Presidente Nereu	224,7	2.305	2.284	776	808	1.529	1.476	2.314
Rio do Campo	506,2	6.522	6.192	2.288	2.632	4.234	3.560	6.185
Rio do Oeste	245,6	6.730	7.090	2.626	3.390	4.104	3.700	7.319
Rio do Sul	258,4	51.650	61.198	48.418	56.785	3.232	4.413	65.256
Salete	179,3	7.163	7.370	4.583	4.987	2.580	2.383	7.553
Taió	693,0	16.257	17.260	7.887	9.964	8.370	7.296	17.856
Trombudo Central	108,7	5.795	6.553	3.154	4.101	2.641	2.452	6.901
Vitor Meireles	371,6	5.519	5.207	1.098	1.445	4.421	3.762	5.190
Witmarsum	150,8	3.251	3.600	612	845	2.639	2.755	3.769
<b>MRG: Blumenau</b>	<b>4.753,0</b>	<b>547.591</b>	<b>677.376</b>	<b>472.572</b>	<b>609.704</b>	<b>75.019</b>	<b>67.672</b>	<b>729.835</b>
Apiúna	493,5	8.520	9.600	3.606	4.288	4.914	5.312	10.099
Ascurra	111,7	6.934	7.412	6.119	6.457	815	955	7.683
Benedito Novo	388,2	9.071	10.336	4.901	5.804	4.170	4.532	10.906
Blumenau	519,8	261.808	309.011	241.943	294.773	19.865	14.238	329.082
Botuverá	303,0	3.756	4.468	803	1.310	2.953	3.158	4.785
Brusque	283,4	76.058	105.503	73.256	102.025	2.802	3.478	116.634
Doutor Pedrinho	375,8	3.082	3.604	1.669	2.019	1.413	1.585	3.828
Gaspar	386,4	46.414	57.981	29.601	47.126	16.813	10.855	62.618
Guabiruba	173,6	12.976	18.430	12.048	17.066	928	1.364	20.474
Indaial	430,5	40.194	54.854	38.382	52.927	1.812	1.927	60.433
Luiz Alves	260,1	7.974	10.438	2.124	3.256	5.850	7.182	11.395
Pomerode	215,9	22.127	27.759	18.713	23.823	3.414	3.936	30.009
Rio dos Cedros	555,7	8.939	10.284	3.758	5.110	5.181	5.174	10.879
Rodeio	128,1	10.380	10.922	8.866	9.424	1.514	1.498	11.270
Timbó	127,2	29.358	36.774	26.783	34.296	2.575	2.478	39.740

(continua)

(continuação)

UF, Meso, microrregião e município	Área territorial (km²)	População						
		Total		Urbana		Rural		Total 2013¹
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	
<b>MRG: Itajaí</b>	1.558,0	404.854	570.947	382.025	542.000	22.829	28.947	633.350
Balneário Camboriú	46,8	73.455	108.089	73.455	108.089	-	-	120.926
Balneário Piçarras	99,4	10.911	17.078	8.615	15.500	2.296	1.578	19.329
Barra Velha	140,2	15.530	22.386	14.566	21.320	964	1.066	24.943
Bombinhas	33,8	8.716	14.293	8.716	14.293	-	-	16.311
Camboriú	214,5	41.445	62.361	39.427	59.231	2.018	3.130	70.068
Ilhota	253,4	10.574	12.355	6.445	7.898	4.129	4.457	13.124
Itajaí	289,3	147.494	183.373	141.950	173.452	5.544	9.921	197.809
Itapema	59,4	25.869	45.797	24.781	44.659	1.088	1.138	52.923
Navegantes	111,5	39.317	60.556	36.650	57.402	2.667	3.154	68.337
Penha	62,0	17.678	25.141	15.993	23.064	1.685	2.077	27.936
Porto Belo	95,8	10.704	16.083	9.973	15.167	731	916	18.066
São João do Itaperiú	151,9	3.161	3.435	1.454	1.925	1.707	1.510	3.578
<b>MRG: Ituporanga</b>	<b>1.530,2</b>	<b>51.223</b>	<b>55.763</b>	<b>22.983</b>	<b>29.204</b>	<b>28.240</b>	<b>26.559</b>	<b>58.091</b>
Agrolândia	207,1	7.810	9.323	4.634	5.959	3.176	3.364	9.957
Atalanta	94,5	3.429	3.300	1.133	1.368	2.296	1.932	3.310
Chapadão do Lageado	124,5	2.561	2.762	289	513	2.272	2.249	2.871
Imbuia	121,9	5.246	5.707	1.955	2.515	3.291	3.192	5.946
Ituporanga	337,0	19.492	22.250	11.664	14.832	7.828	7.418	23.490
Petrolândia	306,2	6.406	6.131	1.811	2.225	4.595	3.906	6.140
Vidal Ramos	339,1	6.279	6.290	1.497	1.792	4.782	4.498	6.377
<b>Grande Florianópolis</b>	<b>7.350,1</b>	<b>803.151</b>	<b>994.095</b>	<b>725.509</b>	<b>915.864</b>	<b>77.642</b>	<b>78.231</b>	<b>1.071.218</b>
<b>MRG: Tijucas</b>	<b>2.128,3</b>	<b>69.874</b>	<b>91.907</b>	<b>43.398</b>	<b>68.600</b>	<b>26.476</b>	<b>23.307</b>	<b>100.444</b>
Angelina	499,9	5.776	5.250	1.015	1.123	4.761	4.127	5.166
Canelinha	151,4	9.004	10.603	4.292	6.726	4.712	3.877	11.286
Leoberto Leal	291,2	3.739	3.365	457	820	3.282	2.545	3.298
Major Gercino	285,7	3.143	3.279	977	1.249	2.166	2.030	3.375
Nova Trento	402,1	9.852	12.190	6.673	9.129	3.179	3.061	13.135
São João Batista	220,7	14.861	26.260	11.273	23.551	3.588	2.709	30.337
Tijucas	277,2	23.499	30.960	18.711	26.002	4.788	4.958	33.847
<b>MRG: Florianópolis</b>	<b>2.872,9</b>	<b>709.941</b>	<b>878.260</b>	<b>675.024</b>	<b>838.779</b>	<b>34.917</b>	<b>39.481</b>	<b>946.036</b>
Antônio Carlos	229,1	6.434	7.458	1.760	2.341	4.674	5.117	7.906
Biguaçu	374,5	48.077	58.206	42.907	52.758	5.170	5.448	62.383
Florianópolis	671,6	342.315	421.240	332.185	405.286	10.130	15.954	453.285
Governador Celso Ramos	116,7	11.598	12.999	10.842	12.252	756	747	13.655
Palhoça	395,0	102.742	137.334	97.914	135.311	4.828	2.023	150.623
Paulo Lopes	450,4	5.924	6.692	3.554	4.820	2.370	1.872	7.045
Santo Amaro da Imperatriz	345,0	15.708	19.823	12.536	14.970	3.172	4.853	21.221
São José	151,1	173.559	209.804	171.230	207.312	2.329	2.492	224.779
São Pedro de Alcântara	139,6	3.584	4.704	2.096	3.729	1.488	975	5.139

(continua)

(continuação)

UF, Meso, microrregião e município	Área territorial (km <sup>2</sup> )	População						
		Total		Urbana		Rural		Total 2013 <sup>1</sup>
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	
MRG: Tabuleiro	2.348,9	23.336	23.928	7.087	8.485	16.249	15.443	24.738
Águas Mornas	326,5	5.390	5.548	1.715	2.327	3.675	3.221	5.926
Alfredo Wagner	732,3	8.857	9.410	2.473	2.868	6.384	6.542	9.737
Anitápolis	542,4	3.234	3.214	1.114	1.315	2.120	1.899	3.259
Rancho Queimado	286,4	2.637	2.748	1.103	1.290	1.534	1.458	2.827
São Bonifácio	461,3	3.218	3.008	682	685	2.536	2.323	2.989
<b>Sul Catarinense</b>	<b>9.710,2</b>	<b>822.671</b>	<b>925.065</b>	<b>608.230</b>	<b>753.153</b>	<b>214.441</b>	<b>171.912</b>	<b>972.659</b>
MRG: Tubarão	4.656,4	337.755	374.859	238.668	295.724	99.087	79.135	392.934
Armazém	173,5	6.873	7.753	2.625	4.884	4.248	2.869	8.159
Braço do Norte	211,6	24.802	29.018	17.879	23.383	6.923	5.635	30.868
Capivari de Baixo	53,2	18.561	21.674	17.436	19.816	1.125	1.858	23.018
Garopaba	115,6	13.164	18.138	10.722	15.320	2.442	2.818	20.024
Grão Pará	336,2	5.817	6.223	2.674	3.019	3.143	3.204	6.418
Gravatal	168,4	10.799	10.635	3.864	4.443	6.935	6.192	11.064
Imaruí	542,2	13.404	11.672	3.909	4.005	9.495	7.667	11.301
Imbituba	182,5	35.700	40.170	34.527	40.170	1.173	-	42.244
Jaguaruna	329,4	14.613	17.290	10.238	13.198	4.375	4.092	18.425
Laguna	440,7	47.568	51.562	37.284	40.655	10.284	10.907	43.979
Orleans	549,8	20.031	21.393	12.813	16.084	7.218	5.309	22.171
Pedras Grandes	171,8	4.921	4.107	865	1.261	4.056	2.846	4.110
Pescaria Brava <sup>2</sup>		-	-	-	-	-	-	9.687
Rio Fortuna	301,9	4.320	4.446	1.213	1.523	3.107	2.923	4.557
Sangão	83,1	8.128	10.400	3.624	4.856	4.504	5.544	11.294
Santa Rosa de Lima	203,0	2.007	2.065	423	518	1.584	1.547	2.116
São Ludgero	107,6	8.587	10.993	5.995	9.863	2.592	1.130	11.940
São Martinho	224,5	3.274	3.209	888	1.231	2.386	1.978	3.239
Treze de Maio	161,1	6.716	6.876	1.764	3.401	4.952	3.475	7.036
Tubarão	300,3	88.470	97.235	69.925	88.094	18.545	9.141	101.284
<b>MRG: Criciúma</b>	<b>2.090,7</b>	<b>324.747</b>	<b>369.398</b>	<b>268.172</b>	<b>331.850</b>	<b>56.575</b>	<b>37.548</b>	<b>389.413</b>
Balneário Rincão <sup>2</sup>		-	-	-	-	-	-	11.628
Cocal do Sul	71,2	13.726	15.159	11.407	12.696	2.319	2.463	15.860
Criciúma	235,6	170.420	192.308	153.049	189.630	17.371	2.678	202.395
Forquilha	181,9	18.348	22.548	14.556	18.426	3.792	4.122	24.256
Içara	294,1	48.634	58.833	39.570	53.913	9.064	4.920	51.416
Lauro Muller	270,5	13.604	14.367	9.923	11.106	3.681	3.261	14.841
Morro da Fumaça	82,9	14.551	16.126	11.154	13.863	3.397	2.263	16.888
Nova Veneza	293,5	11.511	13.309	7.199	8.927	4.312	4.382	14.098
Siderópolis	262,7	12.082	12.998	9.103	10.051	2.979	2.947	13.499
Treviso	157,7	3.144	3.527	1.561	1.833	1.583	1.694	3.706
Urussanga	240,5	18.727	20.223	10.650	11.405	8.077	8.818	20.826

(continua)

(continuação)

UF, Meso, microrregião e município	Área territorial (km <sup>2</sup> )	População						
		Total		Urbana		Rural		Total 2013 <sup>1</sup>
		2000	2010	2000	2010	2000	2010	
MRG: Araranguá	2.963,0	160.169	180.808	101.390	125.579	58.779	55.229	190.312
Araranguá	303,9	54.706	61.310	45.052	50.526	9.654	10.784	64.405
Balneário Arroio do Silva	94,6	6.043	9.586	5.876	9.391	167	195	10.876
Balneário Gaivota	147,5	5.450	8.234	2.977	6.363	2.473	1.871	9.259
Ermo	63,9	2.057	2.050	593	619	1.464	1.431	2.081
Jacinto Machado	428,8	10.923	10.609	4.538	5.133	6.385	5.476	10.677
Maracajá	63,4	5.541	6.404	3.521	4.256	2.020	2.148	6.784
Meleiro	186,6	7.080	7.000	3.207	3.649	3.873	3.351	7.085
Morro Grande	256,4	2.917	2.890	737	756	2.180	2.134	2.928
Passo de Torres	95,2	4.400	6.627	3.522	5.873	878	754	7.447
Praia Grande	278,6	7.286	7.267	3.937	4.297	3.349	2.970	7.377
Santa Rosa do Sul	151,4	7.810	8.054	3.042	3.746	4.768	4.308	8.261
São João do Sul	182,7	6.784	7.002	1.143	1.572	5.641	5.430	7.183
Sombrio	142,8	22.962	26.613	15.925	19.638	7.037	6.975	28.209
Timbé do Sul	333,6	5.323	5.308	1.683	1.845	3.640	3.463	5.387
Turvo	233,7	10.887	11.854	5.637	7.915	5.250	3.939	12.353

<sup>(1)</sup> Estimativas da população residente nos municípios catarinenses com data de referência em 1º de julho de 2013.

<sup>(2)</sup> Os municípios de Balneário Rincão e Pescaria Brava não existiam em 2000.

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 2000 e 2010. Estimativas em 2013.

# Informações econômicas da agropecuária

Tabela 2/II . Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais - Santa Catarina - Safras 2012/13 e 2013/14

(mil t)

Produto	Oferta	Safrá 2012/13						Saldo
		Demanda						
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	
		Animal in natura	Humano in natura	Industrial e saídas				
Alho	19,3		4,1	4,1	2,4	0,6	11,2	8,1
Arroz	1.020,0	-	442,5	-	35,9	5,2	483,6	536,4
Banana	683,6	-	163,5	98,5	-	132,8	394,8	288,8
Batata	115,9	-	113,6	-	15,6	1,6	130,9	(15,0)
Cebola	376,6	-	33,6	-	-	103,8	137,4	239,2
Feijão	135,9	-	69,4	1,2	3,0	8,0	81,6	54,3
Mandioca	551,0	151,9	32,1	303,8	-	10,7	498,5	52,5
Milho	3.326,0	5.401,0	72,0	44,0	2,0	41,0	5.560,0	(2.234,0)
Soja	1.555,0	4,0	7,0	1.129,0	25,0	17,0	1.182,0	373,0
Trigo	139,4	-	-	388,1	16,1	4,0	408,2	(268,8)

Fonte: Epagri/Cepa.

(mil t)

Produto	Oferta	Safrá 2013/14						Saldo
		Demanda						
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	
		Animal in natura	Humano in natura	Industrial e saídas				
Alho	19,1	-	4,1	4,1	2,3	0,5	11,0	8,1
Arroz	1.082,0	-	469,4	-	38,1	5,6	513,1	568,9
Banana	702,0	-	167,9	101,2	-	136,4	405,5	296,5
Batata	115,8	-	113,5	-	15,5	1,6	130,6	(14,8)
Cebola	493,8	-	44,0	-	-	136,1	130,6	363,2
Feijão	145,2	-	69,5	1,2	3,0	7,0	80,7	64,5
Mandioca	532,0	146,7	31,0	293,3	-	10,3	481,3	50,7
Milho	3.230,9	5.259,5	121,1	42,7	1,9	64,6	5.489,9	(2.259,0)
Soja	1.698,2	5,1	6,8	1.231,2	27,2	18,7	1.288,9	409,3
Trigo	244,3	-	-	394,2	16,5	2,0	412,7	(168,4)

Fonte: Epagri/Cepa.

**Tabela 3/II - Oferta e demanda de carnes - Santa Catarina - 2012-13**

(mil t)

Discriminação	Carne suína		Carne de frango		Carne bovina	
	2012	2013	2012	2013	2012	2013
Produção	805	790	1.707	2.196	125	132,5
Importação de outras U F	...	...	72	75	64,6	139,6
Exportação	180	169,8	1.015	938	4,6	3,4
Venda nacional	430	520	472	1.056	...	...
Disponibilidade estadual	195	100	292	277	185,0	268,7

Fonte: IBGE, Conab, MDIC/Secex/Sistema Aloceweb, Sindicarnes, Abipecs, Ubabef e Abiec.

**Tabela 4/II. Número de estabelecimentos produtores e vendedores, por atividade - Santa Catarina - 2006**

Atividade	Estabelecimentos produtores	Estabelecimentos vendedores
Milho	105.586	48.611
Fumo	39.754	39.653
Feijão preto	31.842	17.074
Mandioca	30.290	4.957
Feijão de cor	10.488	7.749
Soja	9.860	9.525
Cebola	8.591	4.783
Arroz	8.030	6.401
Banana	4.703	3.409
Uva (vinho ou suco)	1.946	1.042
Maçã	1.859	1.521
Bovinos	147.338	50.569
Galinhas/frangos	111.362	11.741
Leite	89.043	66.224
Suínos	82.348	21.242
Ovos de galinha	66.157	17.678
Mel	13.233	5.648
Ovinos	7.906	1.941

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário de Santa Catarina 2006.

**Tabela 5/II. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo - Santa Catarina - 2005-13**

(nº)

Discriminação	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Cultivadores	909	751	405	546	437	535	237	265	339
Trator de rodas (em cv)	1.614	1.372	2.206	3.474	5.013	4.724	3.048	3.259	4.397
Trator de esteiras	25	7	8	24	40	40	39	61	64
Colheitadeiras	84	63	140	201	103	157	149	212	263
Retroscavadeiras	62	66	70	110	125	193	138	120	296
<b>Total geral</b>	<b>2.694</b>	<b>2.259</b>	<b>2.829</b>	<b>4.355</b>	<b>5.718</b>	<b>5.649</b>	<b>3.611</b>	<b>3.917</b>	<b>5.359</b>

Fonte: Anfavea (Anuário da Anfavea 2014).

Tabela 6/II. Valor das exportações de produtos do agronegócio e total catarinense - 2008-13

(US\$ FOB 1.000)

Discriminação	2008	2009	2010	2011	2012	2013
<b>Produto animal e derivados</b>	<b>2.681.645</b>	<b>2.242.879</b>	<b>2.598.978</b>	<b>3.230.080</b>	<b>3.045.747</b>	<b>2.828.442</b>
Carne suína	430.806	330.992	337.891	507.286	538.019	442.508
Carne de frango	2.042.372	1.721.412	2.019.803	2.406.209	1.922.817	1.884.483
Outras carnes de aves	87.170	69.245	96.106	88.763	123.205	81.320
Carne bovina	13.100	23.494	38.120	43.360	47.131	44.787
Outras carnes	56.055	50.538	58.059	125.649	337.046	312.098
Pescados e crustáceos	35.164	26.247	26.798	36.832	51.127	37.393
Mel natural	3.523	7.910	4.215	1.640	4.873	7.800
Outros produtos de origem animal	13.456	13.042	17.987	20.341	21.529	18.053
<b>Produto vegetal e derivados</b>	<b>1.237.504</b>	<b>1.102.926</b>	<b>1.257.834</b>	<b>1.521.706</b>	<b>1.645.741</b>	<b>1.594.652</b>
Soja - óleo	107.030	60.875	72.746	96.567	94.089	49.328
Soja em grão - para sementeira e outros	186.547	97.863	141.006	217.935	306.808	482.350
Soja - farelos e farinhas	72	1.244	16.107	147.493	89.282	16.700
Milho	31.681	7.089	4.183	931	47.707	55.326
Arroz	5.868	17.388	1.665	31.883	20.293	7.049
Banana	13.099	16.522	16.253	14.715	9.283	8.730
Maçã	37.722	15.508	19.173	4.990	8.964	11.081
Outras frutas frescas ou secas	2.851	3.190	1.684	1.344	1.466	1.409
Frutas em conserva e doces	1.206	905	807	986	944	766
Sucos de frutas	37.429	26.065	33.217	35.484	39.472	26.808
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	3.463	2.201	1.626	1.516	1.548	1.664
Produtos hortícolas	189	437	410	1.202	1.936	29
Fécula de mandioca	1.024	542	1.164	1.334	1.391	1.233
Erva mate	14.207	14.034	17.728	15.706	5.709	7.429
Plantas ornamentais	527	492	401	129	73	60
Gomas e resinas	1.311	2.305	1.726	1.616	1.334	1.360
Fumo	758.662	813.660	873.880	898.886	961.398	882.723
Bebidas fermentadas e destiladas	1.587	1.443	2.153	1.504	1.479	1.605
Outros produtos vegetais e da agroindústria	33.029	21.163	51.908	47.484	52.567	39.002
<b>Produto da indústria da madeira, papel e papelão</b>	<b>1.017.591</b>	<b>746.248</b>	<b>838.886</b>	<b>802.629</b>	<b>765.300</b>	<b>854.491</b>
Madeira e obras de madeiras	507.131	349.382	410.139	390.124	401.153	479.383
Móveis de madeira	302.466	239.539	244.697	185.988	175.537	173.622
Papel e papelão	207.994	157.326	184.051	226.517	188.610	201.486
<b>Total do agronegócio</b>	<b>4.936.740</b>	<b>4.092.053</b>	<b>4.695.699</b>	<b>5.554.415</b>	<b>5.456.789</b>	<b>5.277.585</b>
<b>Total catarinense</b>	<b>8.310.528</b>	<b>6.427.614</b>	<b>7.582.027</b>	<b>9.051.047</b>	<b>8.920.648</b>	<b>8.688.406</b>

Fonte: MDIC/Secex /Sistema Aliceweb.



**Tabela 7/II. Valor das exportações catarinense e brasileira e participação de Santa Catarina no Brasil - 2013**

(US\$ FOB 1.000)

Discriminação	SC	Brasil	SC/Brasil (%)	Produto/SC (%)	Produto/BR (%)
<b>Produto animal e derivados</b>	<b>2.828.442</b>	<b>18.179.086</b>	<b>15,6</b>	<b>32,6</b>	<b>7,5</b>
Carne suína	442.508	1.357.360	32,6	5,1	0,6
Carne de frango	1.884.483	7.514.444	25,1	21,7	3,1
Outras carnes de aves	81.320	465.613	17,5	0,9	0,2
Carne bovina	44.787	6.875.390	0,7	0,5	2,8
Outras carnes	312.098	631.121	49,5	3,6	0,3
Pescados e crustáceos	37.393	217.875	17,2	0,4	0,1
Mel natural	7.800	54.124	14,4	0,1	0,0
Outros produtos de origem animal	18.053	1.063.159	1,7	0,2	0,4
<b>Produto vegetal e derivados</b>	<b>1.594.652</b>	<b>66.685.762</b>	<b>2,4</b>	<b>18,4</b>	<b>27,6</b>
Soja - óleo	49.328	1.365.928	3,6	0,6	0,6
Soja em grão - para semeadura e outros	482.350	22.812.299	2,1	5,6	9,4
Soja - farelos e farinhas	16.700	6.787.328	0,2	0,2	2,8
Milho	55.326	6.321.268	0,9	0,6	2,6
Arroz	7.049	400.594	1,8	0,1	0,2
Banana	8.730	35.576	24,5	0,1	0,0
Maçã	11.081	62.942	17,6	0,1	0,0
Outras frutas frescas ou secas	1.409	738.573	0,2	0,0	0,3
Frutas em conserva e doces	766	52.888	1,4	0,0	0,0
Sucos de frutas	26.808	2.460.180	1,1	0,3	1,0
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	1.664	12.320.947	0,0	0,0	5,1
Produtos hortícolas	29	36.762	0,1	0,0	0,0
Fécula de mandioca	1.233	5.992	20,6	0,0	0,0
Erva mate	7.429	98.708	7,5	0,1	0,0
Plantas ornamentais	60	23.925	0,3	0,0	0,0
Gomas e resinas	1.360	90.565	1,5	0,0	0,0
Fumo	882.723	3.272.138	27,0	10,2	1,4
Bebidas fermentadas e destiladas	1.605	2.015.178	0,1	0,0	0,8
<b>Outros produtos vegetais e da agroindústria</b>	<b>39.002</b>	<b>7.783.970</b>	<b>0,5</b>	<b>0,4</b>	<b>3,2</b>
Produto da indústria da madeira, papel e papelão	854.491	9.619.629	8,9	9,8	4,0
Madeira e obras de madeiras	479.383	2.003.924	23,9	5,5	0,8
Móveis de madeira	173.622	459.523	37,8	2,0	0,2
Papel e papelão	201.486	7.156.182	2,8	2,3	3,0
<b>Total do agronegócio</b>	<b>5.277.585</b>	<b>94.484.477</b>	<b>5,6</b>	<b>60,7</b>	<b>39,1</b>
<b>Total geral</b>	<b>8.688.406</b>	<b>241.943.122</b>	<b>3,6</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

**Tabela 8/II. Valor das importações de produtos do agronegócio e total catarinense - 2008-13**

(US\$ FOB 1.000)

Discriminação	2008	2009	2010	2011	2012	2013
<b>Produto animal e derivados</b>	<b>93.141</b>	<b>151.028</b>	<b>197.924</b>	<b>299.114</b>	<b>347.054</b>	<b>437.450</b>
Animais vivos	187	0	0	220	450	0
Carnes de animais	7.363	9.233	15.094	19.800	19.204	27.429
Pescados e crustáceos	56.400	99.742	125.883	204.859	231.043	280.199
Laticínios e ovos	4.248	9.875	14.247	22.568	22.468	29.191
Preparações e conservas de carnes e pescados	4.060	6.614	20.802	29.255	47.330	79.707
Outros produtos origem animal não comestíveis	20.883	25.564	21.898	22.413	26.559	20.923
<b>Produto vegetal e derivados</b>	<b>731.927</b>	<b>671.967</b>	<b>721.795</b>	<b>933.965</b>	<b>998.650</b>	<b>1.099.249</b>
Soja e derivados	52.518	34.543	18.804	7.051	26.552	2.355
Milho	50.849	18.665	20.296	37.171	23.145	30.386
Trigo	98.701	60.400	100.224	117.205	101.484	70.798
Arroz	1.989	4.460	6.964	3.464	7.053	7.381
Malte	77.976	99.268	35.009	1.343	1.362	1.842
Outros cereais, grãos e prod de moagem	72.005	89.110	40.375	56.625	28.545	31.107
Óleos e gorduras vegetais	73.792	76.147	80.964	123.423	113.307	138.451
Fumo	2.086	2.267	3.021	8.018	10.004	20.496
Uva	14.421	11.542	14.469	19.443	24.352	23.151
Maçã	7.444	6.567	8.211	15.345	10.199	18.796
Pera	21.460	22.399	26.131	27.935	244	166
Ameixa	11.645	9.234	8.993	10.977	12.920	16.068
Outras frutas frescas ou secas	19.980	10.155	21.800	33.253	78.606	71.693
Gomas e resinas	21.902	20.110	7.469	2.435	2.536	3.786
Cebola	6.725	4.282	11.108	9.867	6.513	21.953
Alho	7.683	12.721	38.545	60.287	42.529	40.379
Outros produtos hortícolas	42.352	25.273	48.942	60.315	99.662	105.431
Batatas preparadas ou conservadas	18.434	27.454	43.709	64.464	78.068	90.246
Leveduras	2.189	1.690	2.838	5.333	4.499	1.805
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	3.354	3.055	5.243	7.636	22.694	13.816
Outros prod vegetais e da agroindústria	124.423	132.626	178.681	262.374	304.375	389.143
<b>Produto da indústria de papel e papelão</b>	<b>92.701</b>	<b>88.370</b>	<b>117.325</b>	<b>149.384</b>	<b>130.357</b>	<b>142.867</b>
Madeira e obras de madeiras	18.128	16.010	20.418	25.600	26.552	24.711
Papel e papelão	74.574	72.360	96.906	123.784	103.804	118.155
<b>Total do agronegócio</b>	<b>917.769</b>	<b>911.365</b>	<b>1.037.043</b>	<b>1.382.463</b>	<b>1.476.060</b>	<b>1.679.565</b>
<b>Total catarinense</b>	<b>7.940.724</b>	<b>7.283.252</b>	<b>11.974.291</b>	<b>14.847.049</b>	<b>14.550.221</b>	<b>14.778.889</b>

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Tabela 9/II. Valor bruto da produção dos principais produtos agropecuários - Santa Catarina - 2008-13

(mil R\$)

Produto	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Carne de frango	3.015.416	3.102.837	3.111.738	3.608.760	3.373.133	4.097.444
Leite	1.154.892	1.246.433	1.542.082	1.891.481	2.145.805	2.688.747
Carne suína	2.392.833	1.925.413	2.371.875	2.416.388	2.221.128	2.507.534
Fumo	1.276.598	1.499.628	1.591.222	1.297.418	1.413.661	1.761.207
Soja	675.967	725.681	730.264	1.031.549	877.642	1.449.428
Milho (grão)	1.553.831	1.114.245	939.801	1.445.497	1.153.163	1.392.252
Madeira em tora	862.290	1.061.807	1.224.721	1.301.558	1.316.939	1.251.092 <sup>1</sup>
Carne bovina	611.007	589.338	606.321	699.894	626.373	897.380
Arroz	571.385	593.365	539.982	389.611	574.108	650.039
Ovos de galinha	335.719	334.803	369.432	411.434	417.581	513.014
Maçã	449.798	394.692	440.017	407.764	434.205	451.522
Lenha	216.987	248.238	287.235	359.456	360.145	374.551 <sup>1</sup>
Feijão	362.227	217.180	208.446	164.253	228.956	331.626
Tomate	110.137	160.377	185.632	150.542	119.093	315.904
Banana	192.408	189.155	211.908	230.096	275.528	312.335
Cebola	243.354	237.056	416.157	223.136	300.627	284.142
Trigo	138.640	109.325	99.863	96.287	74.065	181.727
Mandioca	81.971	116.229	165.540	183.565	140.860	179.218
Batata-inglesa	68.174	107.185	95.106	72.407	62.602	95.061
Alho	30.726	54.468	99.483	54.624	118.477	86.882
Palmito	6.027	13.187	21.531	20.494	50.455	86.721
Uva	57.649	80.485	77.090	60.327	62.488	83.311
Cana-de-açúcar	54.442	95.665	40.466	57.709	65.029	74.366
Erva-mate	26.059	25.268	25.684	26.561	22.034	37.458 <sup>1</sup>
Mel de abelha	17.661	20.255	21.900	22.391	27.870	30.930
Pêssego	22.339	4.996	13.787	20.019	27.982	27.405
Batata-doce	21.621	8.616	23.324	22.028	23.177	25.195
Maracujá	3.299	3.326	4.197	5.745	5.077	25.047
Laranja	31.659	28.705	24.875	19.556	18.529	19.928
Melancia	18.467	6.530	15.953	16.450	18.538	18.357
Aveia	...	3.210	3.705	5.096	7.962	16.734
Pera	3.205	734	4.801	7.546	9.603	9.073
Carvão vegetal	7.340	6.499	7.076	7.128	7.854	8.090 <sup>1</sup>
Ovos de codorna	6.071	7.656	6.713	7.113	7.426	7.265
Tangerina	2.562	2.140	4.379	4.022	5.032	7.230
Caqui	3.442	3.028	4.449	4.620	3.043	4.653
Pinhão	2.527	2.668	3.038	2.785	3.874	3.487 <sup>1</sup>
Cevada	1.481	1.589	3.562	4.316	6.309	3.113
Amendoim	75	4.528	1.441	1.249	1.348	1.393

<sup>(1)</sup> Estimativa: Epagri/Cepa.

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal, Pesquisa Pecuária Municipal e Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura e Epagri/Cepa (carnes de frango, bovina e suína).

# Preços Agrícolas

Tabela 10/II. Preços médios mensais dos produtos vegetais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2012-14

Ano/mês		Milho (sc 60 kg)	Soja (sc 60 kg)	Feijão preto (sc 60 kg)		Feijão carioca (sc 60 kg)		Arroz Irrigado (sc 50 kg)	Trigo intermediário (sc 60 kg)	Trigo Superior (sc 60 kg)
		Chapecó	Chapecó	Chapecó	Canoinhas	Chapecó	Joaçaba	SC	SC	SC
2012	Jan.	25,46	42,92	105,83	97,08	139,17	108,33	23,91	22,25	24,00
	Fev.	25,28	43,86	93,89	96,67	126,11	138,33	25,58	22,25	24,00
	Mar.	24,27	48,75	86,59	90,00	127,27	160,45	24,85	22,25	24,00
	Abr.	23,21	52,68	90,00	92,86	160,00	183,00	25,35	22,86	24,79
	Mai	22,38	55,36	98,33	94,77	146,67	185,00	26,02	24,40	25,95
	Jun.	22,05	58,11	115,79	106,32	142,11	140,00	26,34	24,97	26,47
	Jul.	25,73	66,25	110,45	110,00	100,00	109,09	26,97	26,00	27,50
	Ago.	28,72	72,57	110,00	110,00	100,00	100,00	28,84	27,33	28,83
	Set.	27,55	75,16	110,00	110,00	100,00	140,00	33,09	28,87	30,25
	Out.	27,95	70,85	110,00	110,00	100,00	140,00	34,64	29,83	31,38
	Nov.	29,84	69,32	110,00	110,00	100,00	140,00	34,67	32,05	33,21
	Dez.	29,86	69,46	117,50	110,00	121,43	140,00	34,53	33,50	34,36
2013	Jan.	28,35	61,03	122,65	116,25	145,88	144,09	31,10	35,00	36,94
	Fev.	27,06	57,38	127,81	119,38	165,00	...	30,67	36,06	38,30
	Mar.	24,17	54,26	130,00	129,47	152,11	196,67	30,68	35,50	36,67
	Abr.	21,34	51,45	130,23	130,00	169,55	218,41	30,67	34,95	36,30
	Mai	21,95	53,43	141,00	133,50	195,50	205,00	31,26	35,50	36,67
	Jun.	22,40	59,70	142,50	139,44	145,00	...	31,67	35,50	36,90
	Jul.	21,59	60,17	140,00	141,33	140,00	...	31,67	35,50	37,33
	Ago.	21,36	59,45	140,00	...	121,36	...	31,67	37,55	39,13
	Set.	22,43	63,79	140,00	...	103,33	...	31,67	41,98	44,04
	Out.	21,83	64,50	140,00	...	94,50	...	31,59	42,31	44,88
	Nov.	23,62	66,48	127,62	...	85,24	...	31,55	40,05	42,17
	Dez. <sup>1</sup>	23,56	68,75	120,00	...	76,88	...	31,85	37,24	40,36
2014	Jan.	22,15	62,35	127,39	132,92	74,74	80,00	...	...	...
	Fev.	22,83	63,18	120,00	126,25	74,85	99,50	34,73	37,07	39,76
	Mar.	24,86	64,67	127,22	125,71	80,00	130,00	33,65	37,11	38,41
	Abr.	24,85	63,53	134,71	132,93	75,59	128,42	33,29	38,12	39,51
	Mai	23,33	62,58	112,25	122,75	70,56	85,56	33,36	38,39	39,93
	Jun.	22,29	61,87	85,94	94,74	70,00	80,00	33,58	38,00	39,67
	Jul.	21,18	57,40	88,75	90,00	70,00	80,00	33,56	34,02	36,81
	Ago.	21,45	56,90	90,00	90,00	70,00	70,00	33,57	28,90	31,27
	Set.	21,14	54,49	90,00	88,75	...	70,00	33,61	27,42	29,53
	Out.	21,15	56,10	90,00	89,09	...	70,00	33,61	26,00	28,69

(continua)

(continuação)

Ano/mês		Cebola (p/pagto 35 dias) (sc 20 kg)	Batata não lavada especial e primeira (sc 50 kg)	Alho tipo 5 (kg)	Farinha de mandioca grossa (sc 50 kg)	Mandioca (t)	Banana- -caturra (cx 20 a 22 kg)	Banana-prata (cx 20 a 22 kg)	Fumo TO2 (kg)
		Rio do Sul	SC	Joaçaba	Região Sul	SC	Região Norte	Região Sul	SC
2012	Jan.	12,00	16,63	1,65	...	...	8,89	...	6,18
	Fev.	15,94	19,00	1,55	41,05	...	8,92	13,68	6,37
	Mar.	14,95	...	2,20	42,00	...	8,84	14,07	6,37
	Abr.	16,94	...	2,50	39,53	...	12,07	14,90	6,37
	Mai	21,73	...	1,90	39,00	184,29	13,00	15,16	6,37
	Jun.	...	..	1,00	38,42	180,63	11,74	14,00	6,37
	Jul.	...	...	...	37,00	181,09	...	14,91	6,37
	Ago.	...	...	...	37,39	178,41	...	16,00	6,37
	Set.	...	...	...	42,89	181,63	...	16,00	6,37
	Out.	...	...	...	48,95	180,00	4,15	14,11	6,37
	Nov.	14,79	...	...	54,37	...	3,39	9,95	6,18
	Dez.	15,57	...	4,50	61,57	...	3,00	9,50	6,18
2013	Jan.	21,78	32,25	4,09	...	...	3,00	...	6,64
	Fev.	27,65	44,13	...	69,00	...	3,00	12,06	6,82
	Mar.	36,84	...	4,80	69,84	...	4,16	14,58	6,82
	Abr.	36,38	...	5,04	72,91	322,50	9,23	16,50	6,82
	Mai	...	...	5,50	73,80	318,83	8,72	17,00	6,82
	Jun.	...	...	5,50	70,32	276,89	8,58	17,89	6,82
	Jul.	...	...	5,50	67,35	268,37	10,43	19,00	6,99
	Ago.	...	...	...	68,55	271,02	9,18	19,00	6,99
	Set.	...	...	...	72,19	270,00	14,02	17,90	6,99
	Out.	...	...	...	76,90	...	15,76	16,80	6,99
	Nov.	8,57	...	...	83,30	...	11,75	14,45	6,99
	Dez. <sup>1</sup>	9,93	...	3,50	87,07	...	10,00	9,00	6,99
2014	Jan.	16,00	...	4,00	88,00	...	9,29	14,00	...
	Fev.	16,30	28,67	4,00	87,00	...	6,05	17,55	7,20
	Mar.	16,00	29,78	5,00	84,95	...	13,14	18,05	7,41
	Abr.	17,00	29,57	4,00	81,00	300,00	18,50	19,85	7,41
	Mai	18,95	35,00	3,97	72,80	283,33	15,00	20,15	7,41
	Jun.	...	37,21	3,80	51,89	263,89	9,56	20,32	7,41
	Jul.	...	...	3,80	43,65	245,08	9,80	21,00	7,41
	Ago.	...	...	3,80	41,48	240,30	8,60	21,05	7,41
	Set.	...	...	...	41,32	239,47	8,79	19,41	...
Out.	...	...	...	41,32	...	9095	13,09	...	

<sup>(1)</sup> Os preços médios de dezembro foram calculados até o dia 20/12/2013. Na praça de Chapecó até o dia 12/12/2013. Trigo - Preço de mercado nas regiões de São Miguel do Oeste, Joaçaba e Canoinhas. Fonte: Epagri/Cepa.



**Tabela 11/II. Programa de Garantia de Preços Mínimos para Santa Catarina - Safras 2014/15-2015/16**

<b>Produto</b>	<b>Unidade</b>	<b>Preço Mínimo</b>	<b>Período de vigência</b>
Alho nobre	kg	3,84	Jul./14-Jun./15
Arroz longo fino em casca	50 kg	27,25	Fev./15-Jan./16
Arroz longo em casca	50 kg	22,68	Fev./15-Jan./16
Farinha de mandioca	50 kg	41,50	Jan./15-Dez./15
Fécula de mandioca	50 kg	51,00	Jan./15-Dez/15
Milho	60 kg	17,67	Jan./15-Dez./15
Raiz de mandioca	t	170,00	Jan./15-Dez./15
Soja	60 kg	26,38	Jan./15-Dez./15
Sorgo	60 kg	15,33	Jan./15-Dez./15
Uva	kg	0,63	Jan./14-Dez./14

Fonte: Conab.

Tabela 12/II. Calendário Agrícola de Santa Catarina

Produto	Fase	Mês											
		Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Alho	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Arroz	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Banana	Plantio												
	Comerc.												
Batata	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Cebola	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Feijão 1º Safra	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Feijão 2º Safra	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Fumo	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Mandioca	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Milho	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Soja	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Trigo	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Tomate	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Maçã	Colheita												
	Comerc.												

 Maior concentração.  
 Menor concentração.

Fonte: Epagri/Cepa.



# Anexo I

## Conceitos

**Consumo aparente de fertilizantes** - Quantidade de fertilizantes fornecida pela indústria, ainda que não tenha sido totalmente aplicada na lavoura, uma vez que parte deste volume pode encontrar-se estocada e desperdiçada.

**Microrregião geográfica (MRG)** - Regionalização criada mediante a resolução PR nº 51, de 31/7/89, que aprova a divisão do Brasil em meso e microrregiões geográficas. Constituem áreas individualizadas, em cada estado, que apresentam formas de organização do espaço com identidade regional, definidas pelas seguintes dimensões: processo social como determinante, quadro natural como condicionante e rede de comunicação e de lugares como elementos de articulação espacial. O estado de Santa Catarina divide-se em 20 microrregiões e seis mesorregiões.

**Pessoal ocupado** - Pessoas que, em caráter permanente ou eventual, exercem ocupação remunerada ou não, diretamente ligadas a atividades desenvolvidas no estabelecimento.

**População residente** - Constituída pelas pessoas moradoras no domicílio.

**População rural** - População recenseada fora dos limites da área urbana, inclusive nos aglomerados rurais (povoados, arraiais, etc).

**População urbana** - Pessoas recenseadas nas cidades, vilas e áreas urbanas isoladas, conforme delimitação das respectivas prefeituras municipais.

**Preços médios ponderados** - Média dos preços mensais recebidos pelo produtor, ponderados pelas quantidades mensais comercializadas ao longo do ano.

**Produção** - Resultado da atividade econômica desenvolvida pelo estabelecimento em dado período, medida em termos de quantidade.

**Produção extrativa vegetal** - Produção de produtos vegetais obtida de espécies florestais nativas.

**Produto** - Resultado de qualquer atividade específica.

**Produto Interno Bruto (PIB)** - Medida, em unidade monetária, do fluxo total de bens e serviços finais produzidos pelo sistema econômico, em determinado período. Corresponde, portanto, ao Valor Bruto da Produção menos o consumo intermediário.

**Setor terciário** - Campo de ação que compreende basicamente o comércio de mercadorias, transporte, comunicações, prestação de serviços, atividades sociais e administração pública.

**Situação de domicílio** - Classificação da população segundo a localização do domicílio nas áreas urbanas ou rurais, definidas por lei municipal.

**Valor Bruto da Produção (VBP)** - Produto resultante da multiplicação da quantidade produzida pelo preço médio ao produtor, independente de terem ou não as mercadorias chegado ao mercado formal.

## Fontes consultadas

Abiec - [www.abiec.com.br](http://www.abiec.com.br)  
Abiove - [www.abiove.org.br](http://www.abiove.org.br)  
Abipecs - [www.abipecs.com.br](http://www.abipecs.com.br)  
Abraf - [www.abraf.org.br](http://www.abraf.org.br)  
Afubra - [www.afubra.com.br](http://www.afubra.com.br)  
Anfavea - [www.anfavea.com.br](http://www.anfavea.com.br)  
Banco Central do Brasil - <http://www.bcb.gov.br>  
Bracelpa - [www.bracelpa.org.br](http://www.bracelpa.org.br)  
Cepea/Esalq/USP - [www.cepea.esalq.usp.br/leite](http://www.cepea.esalq.usp.br/leite)  
Conab - [www.conab.gov.br](http://www.conab.gov.br)  
Embrapa - [www.embrapa.br](http://www.embrapa.br)  
FAO - [www.fao.org](http://www.fao.org)  
FGV - [www.portal.fgv.br](http://www.portal.fgv.br)  
IBGE - [www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas](http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas)  
MDIC/Secex - Sistema Aliceweb – [www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br](http://www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br)  
OIV - [www.oiv.int](http://www.oiv.int)  
Usda - [www.usda.gov](http://www.usda.gov)

## Lista de figuras

### - Parte I

#### Políticas Públicas para o Meio Rural Catarinense

1. Evolução dos recursos destinados ao PAA no Brasil - 2003-14 .....	17
--	----

#### Desempenho da produção vegetal

##### Alho

1. Consumo aparente no Brasil, % conforme a origem - 2013 .....	28
2. Alhos das classes 5, 6 e 7 – Preços médios nominais recebidos pelos produtores de Santa Catarina – Jan./08 a Jul./14 .....	29

##### Arroz

1. Evolução do preço do arroz (sc 50 kg) em Santa Catarina - 1972 a 2014.....	35
---	----

##### Banana

1. As frutas mais produzidas no mundo (mil t) - 2012 .....	37
--	----

##### Cebola

1. Desempenho da produção brasileira - Safras 2009/13 .....	47
2. Evolução da produtividade no Brasil - Safras 2009/13 .....	48
3. Desempenho da produção catarinense - Safras 2009/13 .....	49
4. Evolução da área colhida em Santa Catarina - Safras 2009/13 .....	50
5. Preços médios mensais recebidos pelos produtores de Santa Catarina - Safras 2011/12-2013/14 .....	51

##### Maçã

1. Países maiores consumidores (kg/hab./ano) - 2011 .....	68
2. Preços médios anuais no atacado - Brasil -2009-14 .....	70
3. Valor das exportações e importações brasileiras - 2009-14.....	72

##### Mandioca

1. Exportações em US\$ 1.000 de fécula, colas, dextrina e outros amidos modificados - Brasil – 2009-14.....	76
2. Raiz de mandioca – Preços médios anuais recebidos pelos produtores - Santa Catarina (R\$/t) - 2009-14 .....	78
3. Derivados - Preços médios anuais no atacado (R\$/kg) - Santa Catarina – 2009-14 .....	78

##### Milho

1. Evolução do preço internacional e dos estoques - 2009-13.....	81
2. Índice de produtividade da produção - Santa Catarina e microrregiões selecionadas - 2003-13 .....	85
3. Equivalência de preços mensais entre soja e milho - 2013-14.....	85
4. Equivalência de preços entre milho e principais insumos - 2011-14 .....	86

##### Soja

1. Preço médio mensal - Santa Catarina - 2009-14 .....	92
2. Equivalência dos preços de milho e soja e áreas destinadas a essas culturas - 2009-14 .....	92

#### Desempenho da produção animal

##### Carne bovina

1. Rebanho bovino de corte - Distribuição em Santa Catarina - 2012 .....	118
--	-----

##### Carne de frango

1. Frango de corte - Distribuição da produção por microrregião - Brasil - 2012 .....	125
2. Frango de corte - Evolução no abate – Brasil – 2006-13 .....	126
3. Frango vivo - Evolução dos preços - Santa Catarina – 2013-14.....	129
4. Frango vivo - Quantidade necessário para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2014 .....	130

## Carne suína

1. Distribuição do rebanho por estado e mesorregião geográfica – Brasil - 2012 .....	135
2. Evolução dos preços pagos por quilo de peso vivo - Santa Catarina - 2012-14 .....	139
3. Quantidade necessária para adquirir um saco de milho - Santa Catarina – 2013-14 .....	140

## Leite

1. Leite em oó integral - Cotação média mensal, posto na Nova Zelândia – 2012-14 .....	144
2. Consumos aparente - Brasil – 2000-13.....	146
3. Lácteos - Saldo da balança comercial brasileira – 1997-2013 .....	147
4. Lácteos - Importação e exportação brasileira – 2013-14 .....	147
5. Leite resfriado - Preço médio anual pago ao produtor brasileiro (preço bruto com frete e INSS incluso ) – 2003-14.....	148
6. Quantidade diária captada pelas indústrias catarinenses – 2012-14.....	149
7. Leite ao produtor - Preço médio anual, posto na indústria – Santa Catarina – 1995-2013 .....	150
8. Leite resfriado - Preço médio mensal e preço médio anual, posto na propriedade – Santa Catarina – 2010-14.....	151
9. Leite padrão - Preço de referência e preço de mercado – Santa Catarina – 2013-14.....	152

## Desempenho da aquicultura catarinense

### Piscicultura de água doce

1. Evolução da produção - Santa Catarina - 1993-2013 .....	153
2. Distribuição dos principais peixes produzidos – Santa Catarina – 2013 .....	154
3. Resumo da cadeia produtiva - SC - 2014 .....	155

### Desempenho do setor florestal

1. Celulose tipo NBSK e BHKP - Evolução dos preços na Europa - Dez./05-Dez./13.....	161
2. Móveis de madeira - Valor das exportações brasileiras – 2000-13 .....	167
3. Produtos florestais - Participação das exportações no total das exportações catarinenses (%) - 1993-2013 .....	173

### Análise climática do Estado de Santa Catarina

1. Evolução da anomalia da temperatura de superfície do mar (TSM) – jul./2012 a jul./2014 .....	174
2. Anomalias dos totais mensais de precipitação (mm) em relação à média histórica – Santa Catarina - jan./2013 a jun./2014 .....	175
3. Excesso/deficiência hídrica (mm) decendial para nove estações meteorológicas – Santa Catarina - jan./2013 a jun./2014 .....	176

# Lista de tabelas

## - Parte I

### Resenha da Síntese anual da Agricultura de Santa Catarina - 2013-2014

1. Participação das mesorregiões na área de feijão, milho e soja - Santa Catarina - 200 e 2012 .....	8
--	---

### Políticas públicas dirigidas ao meio rural catarinense

1. Resumo das ações da SAR em execução em 2014 .....	20
--	----

### Crédito rural

1. Aplicação do crédito rural total e via Pronaf – Brasil - 2003-12 .....	21
2. Aplicação do crédito rural total e via Pronaf – Santa Catarina - 2003-12 .....	22
3. Aplicação do crédito rural por atividade – Brasil - 2003-12 .....	22
4. Aplicação do crédito rural por atividade – Santa Catarina - 2003-12.....	23
5. Aplicação do crédito rural por finalidade – Brasil - 2003-12 .....	23
6. Aplicação do crédito rural por finalidade – Santa Catarina - 2003-12.....	24

### Desempenho da produção vegetal

#### Alho

1. Mundo e principais países – Área e produção – Safras 2008/12 .....	25
2. Área colhida e quantidade produzida – América do Sul – Safras 2008/12.....	26
3. Área plantada e produção – Brasil e por estado – Safra 2010/14.....	27
4. Importação brasileira segundo os principais fornecedores – 2009-13 .....	28
5. Área plantada e quantidade produzida – Santa Catarina e principais municípios – Safras 2010/14 .....	29

#### Arroz

1. Arroz beneficiado – Produção e principais países produtores – Safras 2010/11-2014/15 .....	31
2. Arroz beneficiado – Balanço de oferta e demanda mundial – Safras 2010/11-2014/15 .....	32
3. Arroz em casca – Brasil e principais estados produtores – Safras 2009/10-2013/14 .....	33
4. Arroz em casca – Balanço de oferta e demanda - Brasil – Safras 2009/10-2013/14.....	33
5. Área plantada e produção, por microrregião geográfica de Santa Catarina – Safras 2009/10-2013/14 .....	34

#### Banana

1. Quantidade produzida – Mundo e principais países – Safras 2008/12 .....	38
2. Os maiores rendimentos mundiais – 2008-12.....	39
3. Consumo per capita por Continente – 2008-11 .....	39
4. Área colhida, produção e rendimento – Brasil e principais estados produtores – Safras 2010/14 .....	41
5. Principais mercados compradores – Brasil - 2009-14 .....	42
6. Preço mensal no produtor – Santa Catarina – 2009-14 .....	43
7. Preço mensal no atacado – Santa Catarina – 2009-14 .....	44
8. Exportação por estado da Federação – 2009-14.....	45

#### Cebola

1. Área colhida, produção e rendimento dos principais estados produtores – Safras 2011/13 .....	47
---	----

#### Feijão

1. Produção mundial – Safras 2007/08-2011/12 .....	52
2. Maiores países consumidores – 2007-11 .....	53
3. Principais países exportadores e total mundial - 2007-11 .....	53
4. Principais países importadores e total mundial - 2007-11 .....	54
5. Área plantada, produção e rendimento médio - Brasil - Safras 2009/10-2013/14 .....	54

6. Principais estados produtores - Safras – 2009/10-2013/14 .....	55
7. Importação brasileira por país de origem - 2010-14 .....	56
8. Balanço de oferta/demanda – Brasil – Safras 2009/10-2013/14 .....	56
9. Área plantada, produção e rendimento médio – Santa Catarina – Safras 2009/10-2013/14 .....	57
10. Área, produção e rendimento por microrregião geográfica – Santa Catarina – Safras 2010/11-2012/13 .....	58
11. Feijão-preto - Preço médio mensal - Santa Catarina - 2010-14 .....	58
12. Feijão-carioca - Preço médio mensal - Santa Catarina - 2010-14 .....	59

### Fumo

1. Principais países produtores e total mundial - 2008-12 .....	60
2. Principais países exportadores - 2007-11 .....	61
3. Principais países importadores - 2007-11 .....	61
4. Número de fumicultores – Brasil – Safras 2009/10-2013/14 .....	62
5. Área, produção e rendimento - Brasil - Safras 2009/10-2013/14 .....	62
6. Comparativo das safras dos estados da Região Sul do Brasil - Safras 2011/14 .....	63
7. Quantidade produzida e exportada – Brasil – 2009-14 .....	63
8. Área, produção e rendimento – Santa Catarina – Safras 2009/10-2013/14 .....	63
9. Comparativo de safras, segundo as micro e mesorregiões de Santa Catarina - Safras 2011/12-2013/14 .....	64
10. Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil, por tipo - Safras 2009/10-2013/14 .....	65
11. Preço médio recebido pelos produtores dos estados do Sul do Brasil - Safras 2009/10-2013/14 .....	65
12. Exportações brasileira e catarinense - 2009-14 .....	65
13. Exportações catarinenses, por país de destino - 2010-13 .....	66

### Maçã

1. Produção, exportação e importação – Mundial e principais países – 2011 e 2012 .....	67
2. Safra do Brasil e dos principais estados – 2009/10-2013/14 .....	69
3. Maçã e sucos – Exportações brasileiras - 2009-jul./2014 .....	70
4. Principais destinos das exportações brasileiras – 2009-jul./2014 .....	71
5. Maçã e sucos - Importações brasileiras - 2009-jul./2014 .....	71

### Mandioca

1. Safra mundial e principais países – 2007/08-2011/12 .....	73
2. Exportações mundiais de fécula e farinha – 2007-11 .....	74
3. Importações mundiais de fécula e farinha – 2007-11 .....	74
4. Raiz de mandioca – Safra do Brasil e principais estados – 2009/10-2013/14 .....	75
5. Raiz de mandioca – Safra de Santa Catarina por microrregião geográfica – 2009/10-2012/13 .....	77

### Milho

1. Principais países produtores e exportadores – Safras 2009/10-2012/13 .....	80
2. Principais importadores mundiais – Safras 2009/10-2013/14 .....	80
3. Oferta e demanda mundial e de países selecionados – Safras 2012/13-2013/14 .....	81
4. Área plantada e quantidade produzida do Brasil e dos principais estados produtores – Safras 2008/09-2012/13 .....	82
5. Valor das exportações brasileiras por países de destino – 2010-13 .....	83
6. Consumo no Brasil – Safras 2009/10-2013/14 .....	83
7. Área plantada e quantidade produzida de Santa Catarina e microrregiões – Safras 2008/09-2012/13 .....	84
8. Preços médios mensais aos produtores e no mercado atacadista - Santa Catarina - 2012-14 .....	86

### Soja

1. Principais países produtores, exportadores e importadores – Safras 2009/10-2013/14 .....	88
2. Estoque final e área plantada dos países selecionados – Safras 2010/11-2014/15 .....	88
3. Farelo de soja – Produção e consumo dos principais países – Safras 2010/11-2014/15 .....	88
4. Óleo de soja – Produção e consumo dos principais países – Safras 2010/11-2014/15 .....	89
5. Área plantada, quantidade produzida e rendimento do Brasil e principais estados produtores – Safras 2010/11-2013/14 .....	90
6. Soja e derivados – Balanço de oferta e demanda nacional – 2009-14 .....	90
7. Óleo de soja – Capacidade instalada da indústria de óleos vegetais por estado – 2011-13 .....	91
8. Soja e derivados – Exportações brasileiras – 2009-14 .....	91

9. Área plantada e quantidade produzida no Estado e microrregiões – Safras 2008/09-2012/13 .....	93
10. Soja e derivados – Exportações catarinenses por países de destino – 2009-13.....	94

### Tomate

1. Comparativo da safra mundial e dos principais países - 2009/10–2011/12 .....	95
2. Comparativo de safras por continente - 2009/10–2011/12.....	96
3. Comparativo de safras da América do Sul - 2009/10–2011/12.....	96
4. Comércio mundial por tipo – Safras 2008/09-2010/11.....	96
5. Comparativo de safras do Brasil e principais estados – 2011/12-2013/14 .....	97
6. Comparativo de safras de Santa Catarina – 2009/10-2013/14 .....	98
7. Comparativo de safras das principais microrregiões de SC – 2010/11-2012/13.....	98
8. Preço aos produtores da microrregião de Joaçaba – 2010-14 .....	98
9. Preço no atacado da microrregião de Joaçaba – 2010-14 .....	99

### Trigo

1. Produção mundial e dos principais países produtores - Safras 2010/11-2014/15.....	100
2. Balanço mundial de oferta e demanda - Safras 2010/11-2014/15 .....	101
3. Trigo e seus derivados - Principais países exportadores - 2007-11 .....	101
4. Principais países consumidores - 2007-11.....	102
5. Trigo e seus derivados - Principais países importadores - 2007-11.....	102
6. Comparativo das safras - Brasil - 2010/14.....	103
7. Safras dos principais estados produtores e do Brasil – 2012/14.....	103
8. Oferta e demanda brasileiras - Safras 2010/14.....	104
9. Trigo em grão - Quantidade importada pelo Brasil - Safras 2009/10-2013/14 .....	104
10. Farinha de trigo - Quantidade importada pelo Brasil - Safras 2009/10-2013/14.....	105
11. Comparativo das safras de Santa Catarina - 2010/14 .....	105
12. Comparativo de safras, segundo as microrregiões de Santa Catarina - 2012/14.....	106
13 - Preços médios aos produtores de Santa Catarina - 2010-14 .....	106

### Uva e Vinho

1. Área plantada de videiras e vinhos produzidos por país – 2012-13.....	109
2. Exportações de vinhos engarrafados – Janeiro a junho de 2014 .....	110
3. Uva - Área e produção dos principais estados e do Brasil – 2013-14.....	111
4. Vinhos e sucos produzidos em Santa Catarina – 2010-14.....	112

## Desempenho da produção animal

### Carne bovina

1. Produção mundial– 2010-14 .....	113
2. Consumo mundial – 2010-14 .....	114
3. Importações mundiais – 2010-14.....	114
4. Exportações mundiais – 2010-14 .....	115
5. Evolução do rebanho bovino brasileiro – 2008-12.....	116
6. Balanço de oferta e demanda - Brasil – 2010-13 .....	116
7. Carne bovina - Exportação do Brasil segundo os principais destinos – 2010-14.....	117
8. Carne bovina - Principais produtos exportados – Brasil – 2013 .....	117
9. Rebanho bovino catarinense, por faixa etária, sexo e aptidão – 2013 .....	117
10. Abate segundo as regiões de origem e destino do rebanho – SC – 2013 .....	119
11. Bovinos abatidos por destino – Santa Catarina - 2013.....	119
12. Bovinos abatidos por aptidão e sistema de inspeção – SC – 2013.....	120
13. Bovinos abatidos por faixa etária e sistema de inspeção – SC – 2013 .....	120
14. Bovinos abatidos por faixa etária e aptidão – SC – 2013.....	120
15. Carne bovina - Oferta em Santa Catarina – 2013.....	121
16. Estado de origem da carne bovina comprada por Santa Catarina – 2013 .....	121
17. Carne bovina - Origem das importações catarinenses – 2013 .....	121



18. Carne bovina - Destino das exportações catarinenses – 2013 .....	122
19. Boi gordo - Preços médios ao produtor – Santa Catarina – 2010-13 .....	122

### Carne de frango

1. Produção mundial – 2010-14 .....	123
2. Consumo mundial – 2010-14 .....	124
3. Principais países exportadores – 2010-14 .....	124
4. Principais países importadores – 2010-14 .....	125
5. Produção de carne de frango – Brasil - 2010-14 .....	126
6. Pintos alojados e produção – Brasil – 2010-13 .....	127
7. Principais países importadores do frango brasileiro – 2010-13 .....	127
8. Frango de corte - Efetivo de rebanho - Santa Catarina – 2006-2012 .....	128
9. Exportação de carne de frango – Total brasileiro e principais estados – 2013 .....	128
10. Frango de corte - Custo de produção em diferentes sistemas – Santa Catarina - 2014 .....	129

### Carne suína

1. Produção por país – 2010-14 .....	131
2. Consumo doméstico por país – 2010-14 .....	132
3. Importação mundial – 2010-14 .....	133
4. Países maiores exportadores mundiais – 2010-14 .....	133
5. Efetivo do rebanho por Grande Região do Brasil – 2008-12 .....	134
6. Produção do Brasil e dos principais estados – 2004-13 .....	135
7. Oferta e demanda – Brasil – 2004-13 .....	136
8. Produtos suínos - Exportações brasileiras – 2009-13 .....	136
9. Exportações de carne suína frescas/refrigeradas/congeladas – Brasil - 2009-13 .....	137
10. Produção de carne suína - Brasil e Santa Catarina – 2004-13 .....	137
11. Rebanho suíno - Efetivo por mesorregião geográfica – Santa Catarina – 1990 e 2012 .....	138
12. Produtos suínos - Exportações catarinenses – 2009-13 .....	138
13. Exportações de carne suína frescas/refrigeradas/congeladas – Santa Catarina - 2009-13 .....	139

### Leite

1. Produção mundial – 2010-14 .....	141
2. Produção mundial, segundo os principais blocos econômicos ou países produtores – 2010-14 .....	142
3. Lácteos - Exportação mundial, segundo os principais blocos econômicos ou países exportadores – 2013-14 .....	142
4. Lácteos - Importação mundial, segundo os principais blocos econômicos ou países importadores – 2013-14 .....	143
5. Leite de vaca - Produção e consumo nos países selecionados – 2010-14 .....	143
6. Número de vacas ordenhadas e produção de leite no Brasil e nos estados – 2011-12 .....	145
7. Quantidade adquirida pelas indústrias no Brasil e nos principais estados produtores – 2009-13 .....	146
8. Produção nas microrregiões geográficas - Santa Catarina – 2010-13 .....	149
9. Resumo dos resultados operacionais dos custos de produção do Conseleite/SC – 2013-14 .....	150
10. Leite resfriado - Preço médio nominal ao produtor, nas principais regiões produtoras - Santa Catarina – 2013-14 .....	151

## Desempenho da aquicultura catarinense

### Maricultura

1. Molusco – Evolução da produção - Santa Catarina – 2008-13 .....	156
2. Estimativa de valor da produção - Santa Catarina - 2013 .....	156

### Desempenho do setor florestal

1. Indústria florestal - Importância no mundo e principais países - 2011 .....	157
2. Madeira em toras para uso industrial - Produção mundial, segundo os principais países - 2009-13 .....	158
3. Celulose de mercado - Produção mundial, segundo os principais países – 2009-13 .....	158
4. Papel e cartões - Produção mundial, segundo os principais países – 2009-13 .....	159
5. Produtos florestais - Valor das exportações mundiais, segundo os principais países – 2009-13 .....	159
6. Produtos florestais - Valor das importações mundiais, segundo os principais países – 2009-13 .....	160

7. Setor florestal - Número de empresas e empregados formais - Brasil – 2011-12.....	161
8. Pinus e eucalipto - Área plantada – Brasil - 2011-12.....	162
9. Silvicultura - Valor da produção – Brasil – 2008-12.....	163
10. Produção brasileira das principais matérias-primas de origem florestal – 2008-12.....	163
11. Madeira serrada - Produção, consumo e exportação – Brasil – 2006-12.....	164
12. Compensados - Produção, consumo e exportação – Brasil – 2006-12.....	164
13. Portas, molduras e pisos de madeira - Produção e exportação – Brasil – 2006-12.....	165
14. Painéis de madeira - Capacidade nominal instalada e produção - Brasil – 2010-12.....	166
15. Painéis de madeira - Produção, importação, exportação e consumo interno - Brasil – 2012-13.....	166
16. Papel e celulose - Produção, importação, exportação e consumo interno - Brasil – 2012-13.....	168
17. Setor florestal - Número de empresas e empregados formais – Santa Catarina – 2011-12.....	169
18. Silvicultura - Valor da produção – Santa Catarina – 2008-12.....	169
19. Produção dos principais produtos florestais – Santa Catarina – 2008-12.....	170
20. Preço médio de insumos e fatores de produção florestal – Santa Catarina - 2009-14.....	171
21. Preço médio de produtos e matérias-primas florestais – Santa Catarina - 2010-14.....	171
22. Madeira de pinus e eucalipto - Preços médios para processamento mecânico - 2011-14.....	172
23. Produtos florestais - Valor das exportações – Santa Catarina – 2008-13.....	173

#### Análise climática do Estado de Santa Catarina

1. Número médio anual de geadas esperado (Massignam e Dittrich, 1998) e ocorrido nos anos de 2013 e 2014 (até junho) em estações meteorológicas - Santa Catarina.....	177
---	-----

## Lista de tabelas - Parte II

### Divisão do território catarinense e população

1/II. Santa Catarina - Área territorial e população residente por situação do domicílio - 2000, 2010 e 2013 ..... 179

### Informações econômicas da agropecuária

2/II. Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais - Santa Catarina  
- Safras 2012/13 e 2012/13 ..... 188

3/II. Oferta e demanda de carnes - Santa Catarina - 2012-13..... 189

4/II. Número de estabelecimentos produtores e vendedores, por atividade - Santa Catarina - 2006 ..... 189

5/II. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo - Santa Catarina - 2005-13 ..... 189

6/II. Valor das exportações de produtos do agronegócio e total catarinense - 2008-13 ..... 190

7/II. Valor das exportações catarinense e brasileira e participação de Santa Catarina no Brasil - 2013..... 191

8/II. Valor das importações de produtos do agronegócio e total catarinense - 2008-13..... 192

9/II. Valor bruto da produção dos principais produtos da agropecuária - Santa Catarina - 2008-13 ..... 193

### Preços agrícolas

10/II. Preços médios mensais dos produtos vegetais recebidos pelos produtores em Santa Catarina - 2012-14.... 194

11/II. Programa de Garantia de Preços Mínimos para Santa Catarina - Safras 2014/15-2015/16..... 196

12/II. Calendário Agrícola de Santa Catarina..... 197

## Índice remissivo

Agricultura familiar, 11-12  
Alho, 25-30  
Área territorial, 179-187  
Arroz, 31-35  
Balanço de oferta e demanda, 188-189  
Banana, 37-45  
Calendário Agrícola de Santa Catarina, 197  
Carne bovina, 113-122  
Carne de frango, 123-130  
Carne suína, 131-140  
Cebola, 46-51  
Crédito rural, 21-24  
Exportação do agronegócio, 190-191  
Feijão, 52-59  
Fumo, 60-66  
Importação do agronegócio, 192-193  
Leite, 141-152  
Maçã, 67-72  
Mandioca, 73-78  
Máquinas agrícolas, 189  
Maricultura, 156  
Milho, 79-86  
Piscicultura de água doce, 153-155  
Políticas públicas, 13-19  
População residente, 179-187  
População rural, 179-187  
População urbana, 179-187  
Preços mínimos, 196  
Preços recebidos pelos agricultores, 194-195  
Produção animal, 113-156  
Produção florestal, 157-178  
Produção vegetal, 25-111  
Soja, 87-94  
Tomate, 95-99  
Trigo, 100-106  
Uva, 108-111  
Vinho, 108-111



**FAPESC**

FUNDAÇÃO DE AMPARO À  
PESQUISA E INOVAÇÃO DO  
ESTADO DE SANTA CATARINA